

UFRRJ

**INSTITUTO DE EDUCAÇÃO/ INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO, CONTEXTOS
CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS POPULARES**

TESE

**Rota de Fuga: a literatura como caminho de formação do professor-
pesquisador retirante**

ANA CLARA DOS SANTOS ROHEM

2023



UFRRJ

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO / INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO,
CONTEXTOS CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS POPULARES**

**ROTA DE FUGA: A LITERATURA COMO CAMINHO DE FORMAÇÃO DO
PROFESSOR-PESQUISADOR RETIRANTE**

ANA CLARA DOS SANTOS ROHEM

Sob a Orientação do Professor
Carlos Roberto de Carvalho

Tese submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Doutora em Educação**, no Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares, Área de Concentração em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares.

Seropédica/Nova Iguaçu, RJ
Fevereiro de 2023

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Biblioteca Central / Seção de Processamento Técnico

Ficha catalográfica elaborada
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

R737r Rohem, Ana Clara dos Santos , 1984-
Rota de Fuga: a literatura como caminho de formação
do professor-pesquisador retirante / Ana Clara dos
Santos Rohem. - Seropédica; Nova Iguaçu, 2023.
237 f.: il.

Orientador: Carlos Roberto de Carvalho.
Tese(Doutorado). -- Universidade Federal Rural do Rio
de Janeiro, Programa de Pós-graduação em Educação,
Contextos Contemporâneos e Demandas Populares, 2023.

1. Pedagogia. 2. Formação. 3. Literatura. 4. Fuga.
5. Retirada. I. Carvalho, Carlos Roberto de, 1950-,
orient. II Universidade Federal Rural do Rio de
Janeiro. Programa de Pós-graduação em Educação,
Contextos Contemporâneos e Demandas Populares III.
Título.

"O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001"

"This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001"



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO, CONTEXTOS
CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS POPULARES**



TERMO Nº 459 / 2023 - PPGEDUC (12.28.01.00.00.00.20)

Nº do Protocolo: 23083.026571/2023-00

Seropédica-RJ, 28 de abril de 2023.

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO/INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO, CONTEXTOS CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS
POPULARES**

ANA CLARA DOS SANTOS ROHEM

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de **Doutora**, no Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares. Área de Concentração em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares.

TESE APROVADA EM 14/02/2023

Membros da banca:

CARLOS ROBERTO DE CARVALHO. Dr. UFRRJ (Orientador/Presidente da Banca).

ADRIANA CARVALHO LOPES. Dra. UFRRJ (Examinadora Interna).

LUIZ RODRIGUES RUFINO JUNIOR. Dr. CEFET/RJ (Examinador Externo à Instituição).

MAILSA CARLA PINTO PASSOS. Dra. UERJ (Examinadora Externa à Instituição).

RITA MARISA RIBES PEREIRA . Dra. UERJ (Examinadora Externa à Instituição).

(Assinado digitalmente em 04/05/2023 14:09)

ADRIANA CARVALHO LOPES
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
DeptES (12.28.01.00.00.86)
Matrícula: 1285421

(Assinado digitalmente em 02/05/2023 11:02)

CARLOS ROBERTO DE CARVALHO
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
DeptES (12.28.01.00.00.86)
Matrícula: 1607701

(Assinado digitalmente em 30/04/2023 09:06)

Luiz Rodrigues Rufino Junior
ASSINANTE EXTERNO
CPF: 115.428.007-14

(Assinado digitalmente em 08/05/2023 19:13)

RITA MARISA RIBES PEREIRA
ASSINANTE EXTERNO
CPF: 440.719.810-91

(Assinado digitalmente em 05/05/2023 15:44)

MAILSA CARLA PINTO PASSOS
ASSINANTE EXTERNO
CPF: 770.289.617-53

*À Maria José dos Santos, minha avó,
retirante nordestina, que, assim como muitas
Marias, impregnou o sudeste brasileiro com seus
saberes e coragem;*

*À Albina dos Santos Rohem, minha mãe,
que, retirando-se tão precocemente deste mundo,
ensinou-me com a canção Maria, Maria de Milton
Nascimento: “Quem traz no corpo a marca/
Maria, Maria mistura a dor e alegria”.*

AGRADECIMENTOS

Agradecer é quase como fazer uma prece, mas não guarda em si o mistério sobrenatural do pretense endereçamento das palavras de gratidão. Fazer uma prece para um Ser Supremo, criador de todas as coisas, soberano sobre todo o mundo, há de guardar a mesma força da gratidão que se manifesta no reconhecimento da impossibilidade de se existir longe de um projeto coletivo?

Agradecer é ter o que e a quem agradecer.

Gratidão primeira às noites insones – companheiras de criação; gratidão aos silêncios essenciais ao ato criativo e aos ruídos que, sempre necessários, anunciaram que o mundo continua sempre existindo, apesar de mim; gratidão por cada narrativa que me encontrou; por cada mosca que, zumbindo em meus ouvidos, deu-me possibilidades outras de pensar; gratidão pelas aranhas tecedeiras, pacientes em seu ofício de tecer por horas a fio e assim mostraram-me que a escrita é, antes de tudo, um exercício que exige muita paciência;

Gratidão a este universo que, em seu miudinho, mostrou-me a grandeza da amizade, do amor, da importância de boas palavras de incentivos nas horas não tão boas; da beleza das palavras alegres nas horas felizes; da escuta descompromissada nas horas em que tudo o que se precisa é falar para organizar os sentidos e os pensamentos. Gratidão a cada amiga que se fez presente nesta caminhada – Priscilla, Lilian, Renata, Beth, Suelen, Sandra, Andreza (in memoriam), Alexia, Bárbara, Flávio – e todos os outros que de uma maneira ou de outra colaboraram para que a entrega desta tese fosse possível.

Gratidão maior à minha família, meu pequeno núcleo familiar que, ao longo destes anos apoiaram-me, tranquilizaram-me e incentivaram-me aos estudos, compreendendo inúmeras ausências – Ana Luisa, filha amada desta e de outras vidas; Alexandre Araújo, companheiro de todas as horas e Ana Clara Garnier, filha nascida no coração.

Agradeço a toda ancestralidade que tem se encarregado de me sustentar; agradeço às minhas ancestrais pela força e sabedoria; agradeço à espiritualidade que se encarregou de trazer para perto de mim as pessoas necessárias para a elaboração desta tese – Carlos Roberto, Beto, meu orientador e Exu encarnado; os companheiros do grupo de pesquisa Teatro da palavra; Lucas Gusmão, responsáveis por cada ilustração presente nesta tese e todas e todos os professores doutores que participaram da avaliação deste trabalho.

Gratidão não finda é nunca! Chegamos até aqui! Axé!

RESUMO

ROHEM, Clara. **Rota de Fuga: a literatura como caminho de formação do professor- pesquisador retirante**. 2023. 237p. Tese (Doutorado em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares). Instituto de Educação/Instituto Multidisciplinar, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica/Nova Iguaçu, RJ, 2023.

Neste trabalho tratamos das questões concernentes a importância da arte, em especial da literatura, para a formação humana, tomando como pressuposto o entrelaçamento indissociável entre arte, vida e conhecimento. Quem quiser encontrá-lo na parte há de só compreendê-lo no todo e vice-versa. Falamos, portanto, sempre no âmbito destas três esferas (arte, vida e conhecimento). Esferas em/ nas/ pelas quais habitamos o mundo – este buraco sem fundo, abismo sem chão, adornado por nuvens como na pintura de Guignard. O mundo é a linguagem, inocente ou culpada, não importa de qual modo: a linguagem é a morada do ser. O ser de cada humano fala: fala na linguagem que fala nele. A fala é a matéria de quem fala. Daí nasce a estratégia, a metodologia de trabalho: ouvir o apelo da fala; prestar atenção as narrativas de situações cotidianas referentes ao trabalho educativo, que englobam desde a própria formação do professor-pesquisador, até as diversas questões voltadas ao fazer pedagógico em sala de aula. É no fazer metodológico desta pesquisa que surge a construção de uma Rota de Fuga, entendido, por hora, como o espaço de conflito entre os variados papéis sociais que somos levadas a assumir e as estratégias de (sobre)vivências que vão sendo criadas no caminho da formação. Estas estratégias, aqui, são sempre principiadas na arte, sobretudo a literária. A literatura é então um lugar amplo de saber que pode “borrar” os limites entre a realidade, o tempo e a produção capital. Cada sujeito em sua relação com o mundo e, portanto, com a cultura (principalmente a cultura local) encontra (mesmo inconscientemente) a sua Rota de Fuga. Ao assumirmos como aporte primeiro para esta pesquisa a denominada *Literatura das Secas*, colocamo-nos ante a ideia que pretende a arte como um excedente do capital, na medida em que a ela é destinada o lugar do ócio e da improdutividade. A partir das experiências narradas (muitas vezes a experiência de si) e das análises das mesmas (partindo de leitura de diversas obras literárias) e, buscando também a contribuição da história e da filosofia, percebe-se que uma Rota de Fuga é o que faz o sujeito apropriar-se de si e transbordar-se para além das fronteiras do Ser, do Estar e do Saber. A partir deste pressuposto, faz-se urgente uma pedagogia que abarque as mais diversas formas de arte como constituinte real e indispensável à formação dos sujeitos; uma pedagogia que valde que fugir é, em grande medida, viver.

Palavras chaves: Pedagogia; Retirada; Fuga; Literatura; Arte; Conhecimento.

ABSTRACT

ROHEM, Clara. **Escape Route: literature as a way of training and self-training and the construction of the identity of the retiring teacher.** 2023. 237p. Thesis (Doctorate in Education, Contemporary Contexts and Popular Demands). Instituto de Educação/Instituto Multidisciplinar, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica/Nova Iguaçu, RJ, 2023.

In this work, we deal with questions concerning the importance of art, especially literature, for human development, taking as an assumption the inseparable interweaving between art, life and knowledge. Anyone who wants to find it in the part must only understand it in the whole and vice versa. We therefore always speak within the scope of these three spheres (art, life and knowledge). Spheres in/in/by which we inhabit the world – this bottomless hole, groundless abyss, adorned by clouds as in Guignard's painting. The world is language, innocent or guilty, no matter which way: language is the abode of being. The being of each human being speaks: he speaks in the language that speaks in him. Speech is the matter of the speaker. Hence the strategy, the work methodology: listen to the call of speech; pay attention to the narratives of everyday situations related to educational work, which range from the teacher-researcher's own training to the various issues related to pedagogical work in the classroom. It is in the methodological work of this research that the construction of an Escape Route arises, understood, for now, as the space of conflict between the various social roles that we are led to assume and the strategies of (over)experiences that are created along the way of training. These strategies, here, are always initiated in art, especially in literature. Literature is therefore a wide place of knowledge that can “blur” the limits between reality, time and capital production. Each subject in his relationship with the world and, therefore, with the culture (mainly the local culture) finds (even unconsciously) his Escape Route. By assuming the so-called Drought Literature as the first contribution to this research, we place ourselves before the idea that art is intended as a surplus of capital, insofar as it is destined to be the place of idleness and unproductivity. Based on the narrated experiences (often the experience of oneself) and their analysis (based on the reading of several literary works) and, also seeking the contribution of history and philosophy, it is clear that an Escape Route is what it makes the subject appropriate himself and overflow beyond the borders of Being, Being and Knowing. Based on this assumption, there is an urgent need for a pedagogy that encompasses the most diverse forms of art as a real and indispensable constituent for the formation of subjects; a pedagogy that validates that escaping is, to a large extent, living.

Key words: Pedagogy; Withdrawal; Escape; Literature; Art; Knowledge

Pequenos bilhetes para uma Rota de fuga – ou: Sumário.

Prólogo.	13
Da fuga dos Sertões aos Oásis dos encontros entre vida, arte e conhecimento.	19
O encontro.	20
A escrita, o conselho de uma amiga	24
Pode o invisível falar?	25
O sujeito do pensamento e da linguagem	28
O tempo.....	30
Arkhé e decolonialidade	31
Literatura e ancestralidade.....	33
Pensar griot	34
As encruzilhadas da fuga	35
Evocação.....	37
O ritual da fuga.....	38
Nascer já é caminhar: o ofício do poeta.	40
“Em certo lugar da Mancha”	40
A mala.....	41
A morte.....	47
A banalidade.....	49
Morte, linguagem e sobrevivência	52
A mulher fugitiva	56
Da necessidade de fugir.....	59
Fugitiva ou retirante?	60
O sentimento do retirante.....	62
As minorias	64
Deus e o diabo	67

Caça ao tesouro	72
A história única.....	78
A descoberta.....	80
A revolta	81
Coração mistura amores. Tudo cabe: diálogo sobre fuga, literatura e o ofício do pensar e escrever.....	85
O Tatu.....	86
As memórias.....	89
Diálogos: o mundo.....	93
Narrativas sobre a fuga.....	96
Literatura e verdade	101
Travessia e liberdade.....	103
(...) Estes meninos da seca são tão milagrosos que às vezes escapam.....	109
As acontecências	110
A aranha que a criança vê.....	112
As teias dos olhos.	114
A percepção infantil.....	115
A estratégia da criança	118
Um incidente cruel	120
A fala e seus atos	121
Criação e sobrevivência	123
A coragem de atravessar Os Sertões: a literatura e seu contexto	125
Conhecer Os Sertões	126
O que pode a literatura	128
A Arquitetônica.....	130
As moscas	132
A mosca e a fuga.....	135
Algumas possibilidades.....	136

O Homem e o homúnculo.....	138
Pensamento e conhecimento	143
Outros zumbidos	145
O fenômeno da existência	145
A Bagaceira: pensamentos sobre Pedagogia e Retirância.	148
O pensamento que principia.	149
A Educação e suas entrelinhas.....	151
A moenda da Educação	153
Os processos.....	154
O sensível	157
O Sentido do Retirante	159
A Retirância	162
O que pode a Retirância	166
Vila dos Confins: das etecéteras e reticências na vida e na pesquisa.	169
A chegada à Vila dos Confins	170
Sentir a Vila.....	171
Uma memória agradável	172
O fugitivo-retirante.....	174
Os incômodos da caminhada.....	175
A Linguagem	177
Os reencontros	180
A palavra.....	183
A autoria.....	185
Outra Mulher chega à Vila	187
A Trovadora.	189
O Ser artístico.	191
Vida, Arte e Conhecimento.....	193
Memória, Arte e formação	195

Os entraves das pesquisas	198
Olhar para si	203
O artista docente	205
Reconhecer-se em outras	209
As possibilidades do pensar.....	211
Depois dos Confins: o reencontro com o poeta.....	218
O compromisso ético.....	219
O (re)encontro.....	223
A voz do poeta.....	225
De volta ao início	231
Referências:.....	233

ε // // // • ROTA DE FUGA: • // // // 3



A LITERATURA COMO CAMINHO DE
FORMAÇÃO DO PROFESSOR-PESQUISADOR RETIRANTE

(Todas as imagens presentes neste trabalho foram feitas pelo estudante de pintura da UFRJ
Lucas Gusmão.)

Prólogo

“Deixa-te levar pela criança que foste” – O livro dos Conselhos.

Suponhamos que aceitemos este conselho. Aonde iremos chegar? Se acaso neste aqui e agora deixar me levar, eu mesma, pela Clara menina, Clara criança, Clara que chora ao ser chamada pelos colegas galhofeiros de “Ana Clara da gema”, mas também pela Clara que gargalha com coisas tão inúteis e inventáveis e fantasticamente heroicas e fantasiosas e maravilhosas...

Em que lugar estou ou estaria? De que lugar falo ou falaria para vocês que tão generosamente abriram-se para ouvir as coisas que porventura ainda não tenham sido ditas nas muitas páginas que sei: foram cuidadosamente lidas, analisadas e – quero crer: sentidas (que tanto a Clara que agora fala tanto quanto a Clara menina que outrora fui deseja das palavras, antes de qualquer coisa, sentimento).

Portanto o que este prólogo pretende agora é falar não da tese em si, posto que o que nela está escrito poderá ser devidamente analisado e oportunamente transfixado pelas considerações de cada um que acaso se depare com o referido texto.

O que este prólogo pretende então é fazer uma espécie de “abertura de caminhos” para tudo o que virá; pretende-se um “padê” que faça cocriar as bênçãos daqueles que gosto de tratar por “meus mais velhos” – especificamente tomando este texto como apresentação aos membros que, por ocasião da defesa do trabalho que se segue, compuseram a banca que se pôs em diálogo e análise da pesquisa entregue.

Pensar em cada membro presente como “meu mais velho” é também deixar-me levar pela criança que fui; pela criança que aprendeu (e gostou) de “tomar a bênção” aos mais velhos, aos mais experientes; reverenciar aqueles e aquelas que vieram antes de mim e desbravaram caminhos nos quais pude eu mesma caminhar – ainda que de maneiras outras. É necessário tomar a bênção aos mais velhos – ou “a bença”, como ensinou-me Vó.

Com isso gostaria efetivamente de começar esta fala pedindo bença a Exu”, dono da comunicação e das boas trocas; peço também o Axé dos Orixás: a meu velho Oxalufã, que me socorra em sabedoria; a poderosa Iansã: que me traga a força do búfalo e a leveza da borboleta; à mamãe Oxum: que eu possa ser abençoada com boas palavras; saúdo ainda e agradeço a toda falange dos Pretos Velhos (salve, Pai Joaquim!); a todos os Caboclos (okê

senhor Rompe Nuvem!) e a todas as crianças encantadas (Oni bejada, Maria da Mata!). Saúdo e agradeço a todas as entidades que sei: nunca me faltaram nos momentos cruciais de criação.

Em seguida, respeitosamente toma a bença às minhas ancestrais: A bença; A meu amigo querido, meu parceiro de criação, de angústia e de riso; ao companheiro das muitas palavras de desimportância ou não; aquele convencionalmente a burocracia faz com que eu chame por Orientador Carlos Roberto de Carvalho – mas que para mim, no profundo das coisas, sempre será “Beto”; ou Dom Quixote; ou Sr. Doutor; ou o necessário Sr. Poeta... a você, meu querido Beto: a bença.

Peço igualmente a bença a cada mais velha e mais velho presente; á vocês que, dentro das muitas (im)possibilidades, desbravaram caminhos na vida e na pesquisa que possibilitaram que a criança que fui (e que sonhou ser) chegasse até aqui. É então com a devida reverência que tomo a bença a prof^a Dr^a Adriana; a prof^a Dr^a Mailsa; prof^a Dr^a Rita e ao prof^a Dr^o Rufino. A bença a cada um.

Tomar a bença sempre significou muito para a criança que fui: significava algo de poderoso e mágico; criava em minha cabeça e em meu coração um sentimento de proteção; entregava-me uma misteriosa força (que eu ainda não sabia, mas sentia: era o Axé, potência) para atravessar os dias maus e também as noites insones e mau dormidas.

Diriam muitos psicanalistas (a grande maioria, acho) que tudo trata-se da infância (talvez por isso o apontamento do Livro dos Conselhos faça agora tanto sentido e figura como frase inicial desta fala). É necessário sempre retornar à criança que fomos... para lembrar ou esquecer? Não se sabe. O caminho e a intencionalidade de cada um é o que dirá!

Certo que de psicanálise não entendo. Mas procuro entender da criança. Nem sempre da criança que fui; nem sempre da criança que vejo, ouço e convivo, mas, inúmeras vezes, da criança que poderia ter sido. Foi na impossibilidade, muitas vezes, deste ser criança a qual é ofertada o banquete da experiência infantil afetuosa e heurística, que a criança que fui aos poucos foi entendendo que o que poderia ter sido, se não é, busca e encontra outras maneiras de ser.

E foi assim que a criança que fui teceu; foi assim que a Clara menina encontrou o tecido que sempre lhe possibilitou existir e haver; foi assim que a literatura entrou na história, na minha história; foi sempre pela e na literatura que a Clara menina foi tornando-se mulher, mãe, professora, pesquisadora e, agora, ao final deste ciclo, entende-se também e finalmente como escritora.

Escrever será então mais que comunicar. Será retalho, agulha e linha para tecer uma grande colcha que não mais abriga e esconde a Clara mulher, tal qual como fazia com a Clara

menina, mas uma colcha que, estando sempre à vista dos olhos, lembra a todo tempo que é preciso deixar se levar pela criança: senão pela criança que fui, ao menos pela criança que vejo.

Talvez tenha sido esta a primeira grande questão que atravessou a feitura desta tese: um encontro real, profundo e, por isso mesmo conflituoso, com a criança. Encontrar-me com a criança que fui era de novo reviver os espaços e sensações por vezes não tão boas da infância; era sentir medo e angústia; mas era também reencontrar Nega Lisa e Nega Sarará: personagens criadas por mim e por uma grande amiga da infância, Mariana, Nana; personagens que me acompanharam por toda vida escolar.

Foi reencontrando estas duas personagens e também sempre atravessada pelas leituras literárias e, nestes últimos meses mais especificamente no encontro com grandes obras, como: Grande Sertão: Veredas; Os Sertões; O Quinze; Vidas Secas; Morte e Vida Severina e Vila dos Confins, que surge a personagem “A Fugitiva”.

É esta personagem que, ao mesmo tempo em que é tecida, tece, na vida e na pesquisa, a grande colcha capaz de aquecer, cobrir e descobrir cada palavra, (muitas vezes posta à prova de mim mesma), que desvelou-se no texto final desta tese.

Palavras minhas; palavras outras e alheias; palavras de Graciliano, Raquel de Queirós, Euclides da Cunha, João Guimarães, João Cabral, Mário Palmério; mas também palavras há muito encarnadas de Machado, Saramago, Clarice, Ana Maria, Jacques Prévèrt, Fernando Pessoa, Florbela Espanca; palavras potentes de Ana Beatriz Nascimento, Muniz Sodré, Lélia Gonzales, Conceição Evaristo, Luis Antônio Simas, Luiz Rufino, Bakhtin, Todorov, Certeau, Benjamin; palavras que lapidam de Carlos Roberto, de George, de Rosane e de todos os companheiros e companheiras do grupo de pesquisa Teatro da Palavra; palavras amorosas de Ana Luisa, Alexandre e Clarinha; palavras experientes de Thaiane e Etienne; palavras amigas (de colo) de Lilian, Priscila, Renata, Bete, Suelen, Bárbara, Verônica, Alexssia e Flávio; palavras silenciadas da menina Ketlen por um tiro, na porta da escola; mas também as palavras sempre vivas, encantadas e cheias de conhecimento das crianças que dividem comigo os cotidianos da escola: Isabella, Eloah, Gabriel, Davi, Alice, Lara, Miguel, Naylla, Lázaro... todas estas palavras com suas muitas cores, formas, texturas, ritmo, entonação e sentimento vão, polifonicamente habitando o mundo que é, que poderia e que poderá vir a ser.

O ofício da Fugitiva/Pesquisadora/Escritora foi então o compromisso de ecoar no texto final estas e muitas outras palavras de forma respeitosa, responsiva, arquitetônica, ética e estética. Aí reside a grande questão perseguida nesta pesquisa: reverberar cientificamente a potência dos textos literários e, inverter, talvez, a ordem comum a muitos textos acadêmicos.

Retirar a literatura somente das epígrafes e ilustrações e coloca-la como centralidade no processo do pensamento, da escrita e, por isso mesmo, do processo de aprendizagem, conhecimento e autoconhecimento.

Contudo, o que tentamos fazer com este texto não pretendeu-se e nem pretende-se modelo de coisa alguma justamente porque acreditamos que há muitas maneiras de existir e de pensar. O que intencionamos a entregar um texto que ora transparece ensaístico e ora assume contornos romanescos é, unicamente reivindicar também na Academia nossa própria maneira de existir e pensar.

O pensamento é livre; precisa ser livre para alicerçar a construção de si; o pensamento precisa de liberdade para colocar-nos em questão; o pensamento precisa de lugares em que possa existir, para que possa estruturar-se e chegar ao mundo eticamente. O pensamento não é único. É preciso anunciar contudo que, a liberdade de pensamento que aqui vamos defendendo, nada tem a ver com a “liberdade de expressão” reclamada por aqueles que têm saído aos montes dos porões da nossa História – aliás, esta foi mais uma questão que se colocou ao longo do tempo em que a escrita desta tese foi tecida: o compromisso inadiável como nosso tempo, com o tempo que coabitamos com pessoas que pretendem o extermínio de grupos, de pensamentos, de saberes e de culturas, escusando seus desejos sob a capa da moralidade cristã.

Buscamos portanto, anunciar também nesta escrita, o compromisso de registrar sob nossas próprias lentes, de modo poético-combatente-denunciativo, as tensões sociais nas quais nos vimos enredados. A isto também se propõe *A Fugitiva*: criar estratégias poéticas-combatentes-denunciativas. Esta é a estratégia metodológica que aparece desde o título da tese: *Rota de fuga: A literatura como caminho de formação do professor-pesquisador retirante*.

Uma rota de fuga na qual *A Fugitiva*, mesmo quando ainda não se sabia como tal e existia como *Nega Lisa*, esgueirou-se sempre pelo mundo escolar/acadêmico pela literatura; uma rota de fuga que não pretende tirar *A Fugitiva* do mundo, mas que a possibilite existir primeiramente pelas brechas e desvio dos perigos – pois como diria Riobaldo: viver é muito perigoso; mas uma rota que, uma vez que permita a quem foge atuar nestas brechas, vai também movimentando, junto a outras fugitivas que encontram suas próprias rotas de fuga, num movimento coletivo, mobiliza as estruturas do mundo mesmo e vai assim, muitas vezes, entoando a noção de aquilombamento para ocupar espaços há muito negados e usurpados de mulheres, pretos, pretas, migrantes, emigrantes, refugiados, população LGBTQIAP+ e todas e todos postos politicamente como minorias.

Neste ponto abre-se mais uma questão perseguida mas não concluída/resolvida que apareceu no texto. Foi na rota escolhida para a fuga. A Literatura das Secas e, retornando à criança que fui, que desvelou-se a figura da Retirante. Foi em “O Quinze”, “Vidas Secas” e “Morte e Vida Severina” que nos encontramos com muitos Raimundos, Fabianos, Sinhás Vitória, com meninos, meninas e Marias. Ali encontrei Vó Nêne, Vó Maria José; Ali encontrei Albina; ali reencontrei muitos contos ouvidos na infância; ali remontei imagens que nos pareciam ricas à construção de paisagens e pensamentos – como a mala, o tatu e seus buracos, a mosca, a aranha e, fundamentalmente, os Retirantes.

Este Retirante que muitas vezes não sabe para onde vai e que, só ele mesmo, em seu íntimo, sabe de onde vem; este retirante que movimenta-se entre as estruturas como pode, em busca de um devir; este retirante que, sempre em movimento, faz-se no pensar poeticamente a retirância (e com este pensar poético queremos sempre anuncia-lo: responsivamente). Retirância. Palavra inventada que não consta nos dicionários, mas que, para nós, transborda o sentido do que é borrar determinados contornos sociais, culturais e de produção de conhecimento já dados.

A tensão entre Fugitiva e Retirante, no entanto, ficou pelo caminho: quem foge/ se retira precisa identificar a hora de abandonar certas questões que entravam seu caminhar. Contudo, quem foge ou se retira sempre carrega consigo a esperança de retorna aquilo que abandonou. O fugitivo e o retirante, este segundo mais que o primeiro, faz-se também pelas lembranças do que deixou pelo caminho.

Então foi isto o que fizemos e que agora apresentamos aos presentes: percorremos um caminho de formação e autoformação, sempre tensionados entre muitas questões (muitas destas, como já apontadas nesta fala, quase nunca resolvidas, mas sempre eticamente demarcadas como “incômodos” que nos faz olhar para o pensamento, buraco de tatu, para as questões de gênero, para a infância, para a raça, para a classe, para a filosofia, para a História e para as Estórias – que ainda nem não sabemos se cabe nesta mala a divisão ou a unificação entre Histórias e Estórias... talvez, numa nova rota, esta mala se abra em encantamento e desejo de recuperação de tudo o que ficou pelo caminho e de tudo o que terminou no fundo da mala.

Termino anunciando a grande alegria que mora na sensação de fazer não o que foi possível, mas o que foi preciso: existir tal como sou. Acaso poderia eu haver longe de mim? Termino esta etapa que sonhei, ainda adolescente e estudante do Curso Normal em Nível Médio, consciente de que entrego a quem acaso se proponha a ler o que produzimos, a história de uma Fugitiva/Retirante que habita o mundo poeticamente; a história de uma

professora-pesquisadora-fugitiva-retirante que enxerga a possibilidade de fazer e de buscar sempre a educação da Retirância: uma educação que busque retirar-se sempre que necessário de determinados lugares, sobretudo daqueles impostos à massa por aqueles 1% que detém o poder (sobretudo de produção capital); entregamos em parceria, Beto e eu, um texto ai qual nos bastidores, acostumamo-nos a chamar de Obra, no entanto, sem vaidades ou pretensões, mas por seu caráter criativo e pelo compromisso (arriscado, porém necessário) de pensar sem corrimão e assim permitir que este texto se fizesse no mundo e pelo mundo como arte, vida e conhecimento, indissociavelmente.

Vou terminando pela necessidade de assim fazê-lo. Tanta “a bença” que pedi pelo caminho que fui mesmo sendo abençoada. Os deuses, os orixás, as entidades, o destino, as palavras, as pesquisas e os saberes dos meus mais velhos (pesquisadores e escritores que vieram antes de mim): cada qual me deu, certamente e à sua maneira, a bença para que os encontros necessários acontecessem.

Parecia impossível, mas chegamos até aqui, mãe! Parecia impossível, mas chegamos até aqui, filha! Chegamos até aqui, Beto, porque você sabia (e me fez saber, fazendo) que não era impossível: era apenas ser o que somos. Sou grata. Muito grata por nosso encontro. E chegamos! Em que lugar? Não sei! As senhoras e os senhores sabem?

Eeeeeehhhh.... que conversa de poeta às vezes parece conversa de malandro: não tem fim! Mas é como diria Riobaldo por entre suas Veredas: “*O real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe pra gente é no meio da travessia*”.

Agradeço a todas e todos pela escuta/leitura atenta e amiga. Estejam prontos para iniciar e percorrer suas próprias Rotas de Fuga.

Clara Rohem.

13/02/2023

Da fuga dos Sertões aos Oásis dos encontros entre vida, arte e conhecimento.



*“(...)Que eu não entendia de amizades,
no sistema de jagunços. Amigo era o braço, e o aço!”*

Rosa, Guimarães. Grande Sertão: Veredas. P. 196

Quem acaso se depare com este texto talvez se abra em espanto diante da grande bricolagem sobre a qual ele vai se fazendo, em retalhos de pequenos capítulos, de coisas pensadas aos bocadinhos, no decorrer da vida de uma professora mulher, mãe, amiga...

Em contato com alguns autores que tratam em suas obras sobre os sertões, e por isso, sobre a vida mesma, as questões que se apresentaram na feitura desta tese – a fuga, a retirância, a educação, a arte, a vida, a filosofia, a história e a literatura – se encontraram poeticamente também entre as encruzilhadas de identidade, raça, classe e gênero.

Naquele dia de um não sei quando, cujo onde e o como não me esqueço... naquele dia, à deriva, ia pelos corredores da universidade procurando um buraco, um ninho para pensar enquanto aguardava o início de uma aula. Um caminhante silencioso procurava o mesmo. Parou bem ali, perto dos ocos de meus olhos e dos buracos de meus ouvidos. Cumprimentamo-nos: primeiro com silêncios, depois com literatura. Ao observar o livro que segurava, lendo em sua capa “Grande Sertões”¹, brincou: *se veio para a literatura à procura de ciência, está no lugar errado*².

Éramos dois estrangeiros, dois retirantes recém-chegados à universidade. Ele como professor e eu como aluna. Ambos com suas malas, inicialmente recheadas de pensamentos silenciosos ou silenciados (?), depois com suas palavras, e, por fim, com afetos. Nos tornamos amigos para sempre.

Uma marca de nosso inesperado encontro foi, sem dúvida, nossa estranha dificuldade de nos concentrarmos numa coisa só. Frequentemente nossas conversas se espalhavam, e é assim até hoje. Como duas crianças curiosas vamos nos perdendo, nos encantando com as pequenas e novas descobertas que vão se desvelando nos diálogos, oriundos de todas coisas, não importam quais: insetos, livros, poemas, músicas, história, política, silêncios, coisas feias e belas, risos e ranger de dentes.

O fato é que tivemos a sensação naquele momento, ali, naquele corredor, que havíamos celebrado um encontro excepcional: algo que nos encheria de coragem para apostarmos, futuramente, (mas disso ainda não sabíamos), numa pesquisa rica de sentidos próprios, atravessada sempre pela fé na vida, no conhecimento e na arte. Coisas essas que, a nosso ver, só podem ser compreendidas pela linguagem: a linguagem de todas as linguagens. Acostumamo-nos a irmos construindo nosso pensamento assim, também a partir do compartilhamento de nossas viagens pela literatura.

E foi em Saramago, num de seus maravilhosos romances, que compreendemos mais a fundo o sentido de nosso encontro. Acontece que naquela obra Saramago que nos retrata a conversa entre o historiador e o revisor. Diz este para aquele: *em minha discreta opinião, senhor doutor, tudo que quanto não for vida é literatura. A história também. A história sobretudo, sem querer ofender*. O trecho é parte do diálogo entre Raimundo Silva e o historiador e autor da História do Cerco de Lisboa.

¹ Referência ao livro de João Guimarães Rosa

² O personagem faz referência em sua fala ao diálogo do livro O Cerco de Lisboa, de Saramago.

Raimundo era homem fiel respeitador das obras alheias, porém duvidoso do estilo dos historiadores cujo miúdo, o pormenor, não interessaria em nada. Raimundo era, pela ótica do senhor doutor, *uma interrogação com pernas e uma dúvida com braços abertos*. Foi desse tal Raimundo – atravessada também pelos encontros e conversas com meu amigo – que dei de teimar que aquilo que estava nos livros com os quais apreendera, sem querer ofender, era tudo, tudinho, literatura. A história, não era mentira, mas também não era vida real. A história, como retrucou o doutor historiador, foi vida real no tempo em que ainda não poderia chamar-se lhe história, mas Raimundo duvida disso, e retruca com ironia, as certezas, do senhor doutor. Mas Raimundo tem dúvidas quanto a isso: duvida dessa lógica da verdade histórica; duvida e pensa se o que de fato aconteceu foi o assim o “é da coisa”. Com fina ironia apõe-se as certezas do senhor doutor. É que Raimundo pensava de outro jeito, duvidoso (?): a história para ele é sempre contada, imaginada.

Raimundo pensava com cabeça de revisor: bastava não escrever muito. Apenas uma palavra – uma palavra à toa – para que tudo deixasse de ser dum jeito e passasse a outro. Raimundo gostava de contar pela ótica daqueles que a História assim, com “H” maiúsculo, diz serem os vencidos. Não, Raimundo nem não negava a História escrita com rigor e atenta aos documentos históricos. O que duvidava mesmo era do jeito do olhar do doutor – que escrevia a História com o “H” maiúsculo. Na opinião de Raimundo, este único jeito de contar os fatos produzia uma certa cegueira. De ouvir sempre da mesma maneira ficamos acostumados a visualizar somente as grandes paisagens; vamos encegucendo aos acontecimentos do miudinho das horas, aos fatos pequenos, geralmente negligenciados; aos fatos que também são gênese e que não só originam, mas que também sustém nossas lutas, nossas crenças verdadeiras.

Por que não é que todas as nossas crenças se baseiam em Estórias e Histórias que nos foram contadas? Interpretações. Quem conta aumenta um ponto! Duvido que não: às vezes põe, afirma; às vezes tira: invisibiliza, relativiza, nega. Fato é que a história nunca é neutra – tampouco, a vida. Precisamos então contar o que a História não conta, muitas vezes, por encontrar-se mais perto das águias do que das galinhas. É que as águias veem as grandes estruturas, mas nem sempre podem ver (apesar de sua excelente visão) os buracos de tatus. Talvez as galinhas possam enxergar estes buracos: ciscando as pequeninas coisas, os detritos esquecidos, o miúdo da vida, ficam ali, na beirinha dele. Talvez as galinhas não tenham a visão excelente das águias e será somente pela proximidade com o buraco de tatu que elas, as galinhas, possam perceber aquele lugar, saber de sua existência, e, quem sabe olhando para dentro do buraco, dando-se conta daquela escuridão, não possam também as galinhas se

despertarem à necessidade de enxergar para além do buraco e assim, buscando claridade, olhar para o céu e se darem conta da imensidão do mundo, da enormidade da vida – que é onde a história se faz enquanto é vida mesmo, um não objeto, linguagem.

Como fossem águia e galinha num intrigante e instigante diálogo entre dois homens comprometidos, cada qual por ofício e dever com a história “verdadeira” que passamos à literatura, borrando destarte as fronteiras entre arte, vida e ciência; que passamos a escrever-pensar-sem-corrimão a partir do vivido mesmo, para, assim, quiçá, contar com artes, histórias que se tecem e se destecem nas teias das minhas memórias. Memórias que chegam como tatus, a partir de ideias que se repartem em outras ideias, que vão sendo coriscadas no papel, formando frases, conforme o compromisso com a verdade factual tratadas com rigor científico, ético e sobretudo, poético.

Dizer deste encontro com este caminhante, (a quem posteriormente, acostumei-me a chamar orientador, amigo, Exu encarnado), é essencial para a anunciação do porquê esta tese se faz no sentido mesmo de quem se dispõe a caminhar, e vai assim, enveredando-se por vezes, por instâncias imateriais, mas nas quais percebemos que nossas existências não são vãs: denotam os sentidos de tudo aquilo que nos interpela, incomoda, incompleta.

Dizer deste sentimento de incompletude está diretamente atrelado também ao pensamento/sentimento de que existe no interior das instituições acadêmicas uma força estrutural que suplanta grande parte do corpo docente: não é raro observarmos que mesmo os professores que possuem as mais variadas experiências de vida, lutas e engajamentos sociais são levados/obrigados a atuar num jogo de negociação com o currículo, com a produção acadêmica, com os prazos, com as políticas públicas e outros fatores cotidianos e externos. Estas tensões já normatizadas e normalizadas no ambiente acadêmico iniciam por tensionar os docentes e terminam tencionando os discentes (aqui o recorte específico seria os alunos das licenciaturas). Posteriormente, uma vez atuando como docente (de maneira muitas vezes inconsciente), uma vez achatados pela força estrutural, estes repetem o ciclo e por vezes veem brotar o desejo de suplantar a existências das crianças nas escolas.

Não raras vezes ouvi professores questionando a forma como escrevia. Diziam que “este tipo de escrita só serve para contar estorinhas”. Em suma, minha escrita não teria validade no mundo acadêmico. É claro que também houve o contrário: muitos foram os professores que incentivaram que eu escrevesse, mas, em geral, estes também achavam que esta escrita poderia ser destinada somente a contos, romances e poesias. Então eu questionava. Na realidade eu *me* questionava. Eu tinha desejos de seguir na pesquisa, mas não sabia (ou não queria) “fazer diferente”. Até que aquele encontro se deu; até que houve um orientador

que acreditou nas infinitas possibilidades do pensamento e nas variadas formas de comunicar estes pensamentos.

A escrita, o conselho de uma amiga

Não raro ouvi professores questionando a forma de como escrevia. Diziam que “este tipo de escrita, a que eu defendia, a literária, só servia para contar “estorinhas”. Destarte minha escrita não teria validade no mundo acadêmico? Essa foi a sentença e o desafio, que é também o sentido desta tese, qual seja aproximar a escrita acadêmica de outros gêneros de texto.

É claro que também houve o contrário. Muitos me incentivaram que eu escrevesse do “meu jeito”, mas também estes achavam que esse estilo deveria ser destinado somente aos contos, romances e poesias. Mas, como Raimundo, os interpelava: tem certeza, senhor doutor? Como Bartleby, o Escrivão, o homem que “prefere não”, de Herman Melville. ficava paralisada, mas me esforçava.

Lembro de certa vez ter participado, já na graduação em pedagogia, de um curso de extensão sobre letramento. Por ocasião do término do curso fez-se necessário entregar um trabalho escrito que consistia numa reflexão dos temas abordados no curso tomando como pressuposto o filme Narradores de Javé. Não lembro como seu deu a escrita de meu trabalho final, mas lembro exatamente de um longo discurso da professora diante da turma expondo meu trabalho e concluindo que ela me daria “nota para passar”, mas se, caso eu decidisse seguir em algum grupo de pesquisa, fazia-se urgente que eu passasse por um processo de “letramento acadêmico”. Era apenas um conselho de amiga, disse ela. Mesmo compreendendo as boas intenções e os juízos, preferi não o fazer. Mas como tudo na vida tem um jeito, dá-se um jeito! Sempre haverá alguém? Não sei se sempre. Mas o fato é que houve! E fora, justamente aquele amigo, cujo encontro se deu despreziosamente no corredor, que assumira as riscos – da amizade, mas também do fazer ciência com a linguagem.

Não poderia, portanto, deixar de trazer, logo de início, estas reflexões que partem da escolha de uma escrita que sei, faz-se peculiar às circunstâncias da escrita de uma tese. Apesar dos riscos, desde então percebi que, mais que uma polêmica estilística, era uma

questão de sobrevivência; entendi também que a questão da minha escrita não acadêmica era um fator de desarmonia e de conflito entre mim e o ambiente acadêmico.

Os primeiros períodos da graduação foram recheados de disciplinas sobre os pensamentos filosóficos e de igual modo, de História da Educação. Participando destas aulas não foi difícil perceber a que tipo de escrita o tal letramento acadêmico se referia: uma escrita padronizada não só no estilo, mas também dentro de um pensamento que fazia referência sempre aos mesmos autores consagrados pela crítica educativa. No topo da lista estavam, inicialmente, o pensamento filosófico aristotélico e platônico e, mais adiante, o pensamento de Kant, Locke, Rousseau, entre outros.

Eu precisava compreender o distanciamento das coisas, das palavras, das escritas; precisava compreender por que isto não podia ser aquilo e por que aquilo não poderia ser isto. Era urgente encontrar um ponto de equilíbrio: caso contrário não poderia haver, para mim, caminhos de pesquisa algum. Foi difícil, dolorido. Até que em Saramago encontrei Raimundo - neste meu conflito ele foi a solução: Tudo o que não é vida é literatura - até a história, sem querer ofender.

Pode o invisível falar?

O desejo de prosseguir com os estudos foi aos poucos se apagando... mesmo assim ia seguindo, tentando escrever em busca de uma aceitação. Nesta busca por aceitação e na briga pelo espaço acadêmico, a escrita que antes era refúgio foi tornando-se aprisionamento. E para não descampar de mim, me retirei.

E neste cerceamento de liberdade de comunicação do pensamento através da escrita, que, o cientificismo acadêmico, sobretudo na área das ciências humanas, nos convoca há muito a uma escrita “de fora”, considerando e atribuindo aos seres humanos uma única razão possível, a partir de um único ponto de vista³.

Colocar-se “de fora” seria então esvaziar-se para não macular o “objeto de estudo”. Interrogo-me então: a quem interessa a invisibilidade de alguém diante do mundo? Interessa-

³ Sodré, Muniz. 2017, p. 13

me igualmente perguntar: a quem originalmente fora endereçada esta invisibilidade? Porque é certo que há os que não estão e não ficarão, em nenhuma hipótese, invisíveis.

Faz-se necessário também dizer que a invisibilidade da qual trato aqui tem, prioritariamente, endereçamento de cor. Refere-se ao negro – no Brasil e no mundo. No Brasil, a história escravocrata iniciou este processo de invisibilização que teve continuidade na tentativa forçada do embranquecimento através da “miscigenação” e da abolição da escravatura.

Depois, na impossibilidade da utilização da violência física, esta invisibilidade tornou-se ainda mais “sutil” do que a própria violência simbólica⁴: passou a agir no imaginário cultural apoiado no racismo que vem sendo balizado desde o início da escravidão. E se agora podemos pensar e escrever sobre estas coisas; e se os trabalhos acadêmicos e as histórias que a História nem sempre contavam, tem aparecido cada vez mais nas temáticas acadêmicas, a literatura também o fez e faz.

A invisibilidade negra aparece como temática do livro de Ralph Ellison, intitulado *O Homem invisível* e publicado pela primeira vez em 1954:

Sou um homem invisível. Não, não sou um espectro como aqueles que assombravam Edgar Allan Poe; nem um ectoplasma do cinema de Hollywood. Sou um homem com substância, de carne e osso, fibras e líquidos, e talvez até se possa dizer que possuo uma mente. Sou invisível – compreende? – simplesmente porque as pessoas se recusam a me ver (...) Nem é minha invisibilidade exatamente uma questão de acidente bioquímico para minha epiderme. A invisibilidade a que me refiro decorre de uma disposição peculiar dos olhos daqueles com quem entro em contato. Uma questão de construção de sua visão interior, aqueles olhos com os quais olham a realidade através dos olhos físicos. Não estou reclamando, nem protestando. Algumas vezes é vantajoso não ser visto, embora na maioria das vezes, seja emocionalmente muito desgastante. Além disso, os de pouca visão estão constantemente tropeçando em você. (ELLISON, Ralph. 2020.p 436 – 440)

A discussão anunciada no romance de Ellison acontece por ocasião da entrada dos escravos no mercado de trabalho estadunidense e as situações de conflitos sociais que desenrolaram desde então. A “sacada” do romance de Ellison é partir da ideia de que a invisibilização de um Outro age socialmente *como forma de resolver a impossibilidade de bani-lo da sociedade*⁵.

⁴ Conceito cunhado pelo sociólogo Pierre Bourdieu.

⁵ Leite, Ilka Boaventura, 1991, p 15

A invisibilidade então não é um fim em si mesmo: age de forma socialmente excludente, negando assim o pertencimento social aos indivíduos negros nas mais variadas esferas da sociedade (trabalho, emprego, condições de moradia, lazer, etc) e, não obstante, questiona a racionalidade do indivíduo negro e por vezes, faz com que ele próprio se questione, ou, como registrou Ellison no já referido trecho de seu romance: *Sou um homem com substância, de carne e osso, fibras e líquidos, e talvez até se possa dizer que possuo uma mente.*

O projeto de invisibilização dos povos negros a partir da dominação europeia da região de África, poder-se-ia pensar ter origem no pensamento filosófico que emerge, 1) do sistema filosófico ateniense, que conferiu mudança de paradigma da filosofia grega que pensava o “bem da polis” à uma filosofia que deu suporte ao catecismo cristão a partir da mudança do termo *logos* (razão) para *Logos* (Filho de Deus)⁶. 2) nas invasões e domínios de territórios para criação de colônias e, 3) no poder dos colonizadores em converter os colonizados ao cristianismo a partir da visão do “modo como os europeus conhecem a si mesmos: ‘homens plenamente humanos’ e aos outros como ‘anthropos’, não tão homens”⁷. É este pensamento racionalista europeu que nega aos negros a “humanidade” e, por consequência, a faculdade de pensar:

A principal característica dos negros é que sua consciência ainda não atingiu a intuição de qualquer objetividade fixa, como deus, como leis, pelas quais o homem se encontraria com a própria vontade, e onde ele teria uma ideia geral de sua essência (...) o negro representa (...) o homem natural, selvagem e indomável. devemos nos livrar de toda reverência, de toda moralidade e de tudo o que chamamos sentimento, para realmente compreendê-lo. Neles, nada evoca a ideia do caráter humano. (HEGEL, apud LOPES, Nei; SIMAS, Luis Antônio. p. 50)

O pensamento racionalista europeu nega, assim, a possibilidade dos negros, produzirem filosofia – entendida aqui como “busca/produção de conhecimento”. Mais adiante, este pensamento levado à academia é a herança do que emerge no pensamento filosófico ocidental. É este o mesmo pensamento que sustenta (ou tenta a duras penas sustentar) a investida neokantiana que acaba por silenciar e ou apagar sujeitos a partir de enunciados de neutralidade que trazem implícitos a superioridade da ciência sobre os sujeitos. Este era o modelo científico que estava nas academias. E os negros? Onde estavam? Oras, a resposta é simples: estavam em “lugar nenhum”! Estavam ocupados buscando resolver o

⁶ Sodré, Muniz. 2017, p.11

⁷ Ibidem, p. 13

problema de sua invisibilidade; ocupados tentando organizarem-se sorrateiramente para não morrer. Os homens negros e as mulheres negras estavam ocupados demais brincando de serem “anthropos”.

Pensemos também, em última análise, que: se o negro não estava em lugar nenhum, muito menos encontrar-se-ia nas universidades. Então pensemos mais adiante: quando o povo preto conseguiu enfim anunciar sua chegada gradual aos cursos de níveis superiores (especificamente no Brasil), a história já havia sido contada vezes suficientes para que a ideia de que não existe racionalidade preta, persistisse. Então o currículo acadêmico que herdamos, cunhado na categoria filosófica dada como universal que se anunciou como a possibilidade de pensamento da razão (sobretudo científica), torna-se então um problema duplo para este sujeito preto que começa, enfim, a, mesmo invisível, ocupar os espaços outrora negados. O primeiro problema seria de ordem comum: a questão da Razão e do Ser e sua disposição na comunicação acadêmica e, depois, de ordem singular: as universidades começaram a “aceitar” os negros invisíveis. Mas então: o invisível pode ser visto? Como é que se torna visível? Ou, lembrando e parafraseando Gayatri Spivak⁸ : Pode o invisível falar?

O sujeito do pensamento e da linguagem

Então, mesmo com a “expansão” do pensamento filosófico europeu assinalada por Nietzsche e Heidegger, por exemplo; mesmo com o deslocamento da questão da *Razão* para a questão do *Ser*, manteve-se como estrutura a detenção do discurso filosófico que *tende a tornar-se pura ideologia a serviço das relações sociais de dominação*⁹. Ou seja, apesar desta guinada, ainda estava no centro das questões mais *o pensar* do que *o sujeito do pensamento*. De igual modo, em termos de espacialidade, todo o pensamento filosófico ainda encontrava ancoragem e validade na Europa, em detrimento de outras cosmovisões e filosofias asiáticas e africanas, por exemplo.

Não se trata de negar o conhecimento produzido pelos filósofos europeus que se dedicaram a pensar e a criar sistemas filosóficos e que, certamente, propiciaram que mesmo

⁸ Spivak, Gayatri, 2020.

⁹ Sodré, Muniz. 2017, p.30

estas reflexões que agora faço sejam possíveis; não poderia negar-lhes importância nem que isto fosse um desejo. Primeiramente porque não sou filósofa: sou apenas uma pedagoga demasiadamente tocada pela questão da linguagem e que, por este motivo, foi levada hora ou outra ao contato com estes pensamentos filosóficos, e deles, tomou nota. Depois porque, em nenhuma hipótese posso negar minha história, minha caminhada e tudo o que me constitui.

Não posso negar a mulher embranquecida que fui; nem tampouco aquela que “viveu o evangelho” ao longo de muitos anos e que só depois de muito tempo avista possibilidades outras de si mesma através do encontro com o sagrado; como também, na vida acadêmica, não posso fingir que não tentei adequação a uma forma de escrita ou mesmo que encontrei e me encantei (e ainda me encanto) com o pensamento de Bakhtin e Todorov¹⁰. Todas estas coisas me constituem e todas elas agora apontam para um vir-a-ser. Não posso, portanto, negar os pensamentos que me sobrevêm e nem tudo o que resultou em minha forma de pensar. As abordagens sobre fenomenologia, por exemplo, se fazem presentes enquanto escrevo e quando decido sobre como escrever – e por mais que eu pense o fenômeno tal qual como ele é, não posso negar a consolidação da experiência fenomenológica em Husserl, Heidegger e Hanna Arendt, por exemplo.

É importante dizer, contudo, que de onde olho, “não negar” não significa em hipótese alguma “legitimar”. Ao contrário: a não negação é fruto de uma reflexão e, por isto mesmo, condição essencial para uma mudança de paradigma, pois, para não negar é necessário reconhecer por si a existência de um fenômeno qualquer: não negar o racismo e a homofobia, por exemplo, é uma condição para a busca de uma sociedade antirracista e anti-homofóbica.

Há que se perceber que mesmo a maneira como agimos em relação às nossas descobertas é limitante. Mudar determinadas práticas sociais gera muitas vezes inúmeras críticas. A mudança de olhar sobre um determinado fenômeno gera desconforto em quem está a volta do grupo que foi se modificando aos poucos. Por isso vivemos, ao menos no Brasil, o tempo do Mi-mi-mi¹¹: o grupo que sempre esteve confortável massacrando e insultando grupos historicamente expropriados de diversas maneiras, reclamam quando percebem que o grito dos sufocados começa a ecoar no entorno social. Esta “reclamação” é uma tentativa desesperada de manter determinados privilégios. Então podemos ouvir expressões como: “em

¹⁰ Mikhail Mikháilovitch Bakhtin foi um filósofo, filólogo, teórico de literatura e historiador da cultura russa; Tzvetan Todorov foi um filósofo e linguista búlgaro cujo as pesquisas voltaram-se também às Artes e a Linguagem .

¹¹ Expressão popular utilizada principalmente nas redes sociais como uma onomatopeia do choro. Expressão utilizada geralmente como tentativa de deslegitimar falas que se contraponham a pretensa ordem hegemônica.

minha infância sempre foi assim e ninguém morreu; em minha época é que a escola era boa: a gente chamava o Zezinho de caolho e não era bullying... Zezinho nunca tentou se matar por isso...”

Esta relação com o passado que se enuncia por muitos como “saudosista” encontra eco no desejo, no fundo, desta manutenção de poder. É em nome deste “saudosismo” que exaltam-se muitas formas de barbárie porque, entre o desejo da manutenção de poder de um grupo e o grito de não aceitação dos grupos outrora (e ainda) oprimidos existe um fosso sobre o qual desaguamos naturalmente: a concepção de tempo que ainda vigora em nossa cultura que é ainda a que relaciona-se ao tempo de Aristóteles, Einstein e também do cristianismo. Ou seja: consideramos o tempo como uma medida de movimento mais ou menos dada.

O tempo

Mas o que a não negação inaugura é, talvez, uma outra possibilidade de viver o tempo. Não negar subtrai então a linearidade temporal porque nos coloca um sentido de busca a partir de reflexões deste passado que ainda se repete. Neste sentido, existe uma outra ideia de temporalidade que pode ser entendida dentro de outra cosmovisão:

o tempo na visão africana tradicional é um fenômeno que se realiza em duas dimensões. A primeira é a dimensão que compreende todos os fatos que estão prestes a ocorrer, que estão ocorrendo ou acabam de ocorrer. A segunda é a dimensão que engloba todos os acontecimentos passados, que ligam o início das coisas ao presente desdobramento dos eventos no Universo (..) Assim é preciso acreditar na existência simultânea do passado, do presente e do futuro; e orientar o tempo dentro da harmonia destas três variantes. Porque o tempo linear, com horas, dias, meses e anos é também uma ilusão (Lopes, Nei. P.24)

O sentimento de pertença a um tempo que seja entendido de forma harmônica entre passado, presente e futuro é o que possibilita a sujeitos historicamente subalternizados e marginalizados, a criação de mecanismos para ocupar os espaços dos quais foram expurgados.

Estes mecanismos ocorrem a partir destes encontros dos quais vimos falando, pois, a partir deles, emergem as estratégias de enfrentamento do cotidiano. Saber-se pertencente a uma coletividade nos convoca a um posicionamento e informa-nos que é possível caminhar em direção àquilo que nos fora negado sob o discurso (ora velado, ora amplamente proferido) de que *as minorias não se dobrar à maioria*.¹²

Foi este sentimento de pertença que acabou por me informar que, embora fosse eu uma estrangeira na universidade, eu não era uma intrusa. Se, há um passo houve professores que duvidaram que minha escrita poderia de alguma forma oportunizar meu ingresso nos cursos de pós-graduação, noutro, houve, como já anunciei, aquele único (mas que, quero crer, reverbera também o sentimento de outros, em outros lugares) que acreditou ser possível fazer uma pesquisa e comunica-la a partir de uma escrita “menos letrada academicamente”. Em outras palavras, talvez fosse possível existir numa escrita “descolonizada” ou “decolonial”.

Arkhé e decolonialidade

Embora não haja ainda um consenso sobre os termos decolonialidade ou descolonialidade, como aponta Catherine Walsh¹³, o que importa aqui é mais o encaminhamento sobre como iremos pedagogicamente em direção a uma educação que valorize os diversos modos de fazer-dizer dos indivíduos, do que a terminologia ou mesmo a teorização em torno destes sujeitos que fazem e dizem – com ou sem permissão do que foi posto pela colonialidade. Embora esta estrutura colonial tente ao longo dos séculos “abafar” a existência destes indivíduos conferindo-lhes ora a invisibilidade, ora a morte epistêmica e muitas vezes a aniquilação de seus corpos, existe uma resistência que se faz, muitas vezes, a partir de uma desobediência epistêmica¹⁴.

¹² Fala do então presidente do Brasil, Jair Messias Bolsonaro em discurso para seus eleitores.

¹³ Professora e diretora do doutorado em Estudos Culturais da América Latina na Universidade Andina Simón Bolívar, sede do Equador, onde também dirige a Oficina Intercultural e a Cátedra de Estudos da Diáspora Afro-Andina

¹⁴ “(...)necessidade de ruptura política e epistêmica (...) assim como conhecimentos descolonializantes e decoloniais, etapas necessárias para imaginar e construir sociedades democráticas, justas e não-imperiais/coloniais”. Mignolo, D. Walter. Desobediência epistêmica, pensamento independente e liberdade decolonial. UFRJ. 2021. Disponível em: >>> <https://revistas.ufrj.br/revistax/article/view/78142/43060><<<

Uma vez que se traga a consciência este movimento de resistência que resultou e ainda resulta na aniquilação (física, cultural, moral e epistêmica) de muitos grupos, não é mais admissível que qualquer um de nós que de alguma forma se identifique dentro deste espectro social, uma vez ocupando espaços múltiplos de saber e poder mantenha-se na lógica da reprodução colonial, falando coisas e reproduzindo posturas esperadas para a manutenção do que aí está: a subalternização de homens e mulheres pretos e pretas, de sujeitos que se relacionam homo afetivamente, de pessoas que se identificam por diferentes gêneros e das crianças que são colocadas à margem de seus direitos como cidadãs (unicamente por não encontrarem um lugar de direito e por necessitarem da tutela desta sociedade que cada vez mais se organiza dentro de uma necropolítica).

É certo que partindo destes pensamentos decoloniais a investida nesta forma de comunicação acadêmica não é inaugural. Outros e outras pensaram e percorreram este caminho de inquietações muito antes que eu. Em nenhuma hipótese meu papel é o de inaugurar um pensamento ou uma forma de escrita. O que se coloca diante de mim e o que me proponho a fazer é situar minha palavra escrita e dizer dela sua origem, ou sua *Arkhé*. Mas escolho fazê-lo dentro de uma *Arkhé* africana, que

pode ser dita *igbá iwa axé*, em ioruba. Mas é ritualmente especificada pela palavra *axexê*, a cerimônia em que, por ocasião da morte de um membro da comunidade, são reverenciados os ancestrais, a origem das linhagens. Um poema laudatório (*oriki*) estatui: *Mo juba (saúdo e venero)/ Gbogbó àsèsè tinu ara (a todas as origens do corpo comum)/ Bibé bibé lo bi wa (nascimento do nascimento que traz a existência)*. SODRÉ, Muniz. 2020. P. 89

A *Arkhé* africana aqui aparece como um encontro com a ancestralidade fora e dentro do texto, e, por isto mesmo, nunca fora da pesquisa. E isto só pode ser porque coloco-me agora como esta mulher que, fugindo de determinados estereótipos, tem descoberto sua negritude – ainda que me saiba dentro das mais variadas discussões sobre colorismo¹⁵ e suas implicações sociais – a partir do encontro com o sagrado ancestral. (O texto do qual trato especificamente este assunto também compões esta tese, sob o título de *Estes meninos da seca são tão milagrosos que às vezes escapam*, mas achei necessário anuncia-lo aqui para trazer coesão ao pensamento). Então enquanto mulher, tocada e atravessada sempre pela literatura e

¹⁵ Segundo Francisco (2018), “O termo colorismo ou pigmentocracia foi desenvolvido por Alice Walker, no ensaio ‘If the Present Looks Like the Past, What Does the Future Look Like?’ (...), e, “Segundo o Oxford Dictionaries nomeia ‘um sistema de distinção social ou de classe baseado na cor da pele; uma sociedade baseada em tal sistema; o grupo dominante em tal sociedade’. Francisco, Mônica. Ensaios Filosóficos. Volume VXIII. 2018.

que descobriu-se negra e umbandista a despeito do apagamento de minha história no seio de uma família branca e evangélica protestante, não houve mais outra possibilidade além de uma afirmação literária e ancestral.

Literatura e ancestralidade

Esta ancestralidade invocada em minha vida cotidiana centra-se na figura materna. Primeiro na maternidade de minha avó, a quem descubro como uma “retirante” nordestina; depois na maternidade de minha mãe: mulher a quem há pouco tempo descobri negra e umbandista. Tendo atravessado o grande rio (forma como por vezes referimo-nos a passagem da matéria para o mundo espiritual ou, da vida para a morte, na tradição de alguns terreiros umbandistas) precocemente, ainda quando eu era bebê, Albina foi submetida ao apagamento de sua história e, entre muitas coisas, teve seu direito de ser minha “primeira ancestral” roubado. Depois porque, hoje, enquanto mãe me coloco no lugar de quem um dia será ancestral de alguém. Por isto o *oriki* faz tanto sentido:

saúdo e Venero
a todas as origens do corpo comum
nascimento do nascimento que traz a existência

A ancestralidade que carrego nunca deixou de existir. Ela “apenas” foi silenciada a partir do apagamento da história de minha mãe. Então, em verdade, sinto-me agora convocada ao não silenciamento e ao não apagamento de histórias e memórias que me constituem e, sinto-me convocada a isto não de “qualquer maneira”, mas de uma forma específica que pretende saudar os antepassados e afirmar das maneiras possíveis que

apenas viver, apenas ser indivíduo são contingências fracas
diante da necessidade existencial do *pertencimento* ao grupo
originário, de onde procedem os imperativos cosmológicos e
éticos (Sodré, Muniz. p. 90. Grifo do autor).

O que me convoca na vida cotidiana, em certo sentido, é o que também tem me convocado à escrita deste texto tal qual como ele vem se enunciando: o encontro com a Arkhé africana. Esta Arkhé que em seu escopo traz consigo a *potência* através da palavra *Axé*; esta Arkhé que *comunga com toda filosofia do sentido de reconstrução das formas de existência*¹⁶; esta Arkhé que não pode acontecer longe da coletividade já que estamos (ainda) frente a realidade de que existe um grupo que continua sofrendo violências simbólicas, culturais e territoriais. Esta é a Arkhé que nos informa contínuos: *na diáspora escrava, Arkhé é a própria continuidade do grupo. Origem e destino, Arkhé é Eskaton, como em Heráclito, a origem transmitida entre as gerações como uma latente mensagem imemorial*¹⁷

Pensar griot

Como tem se demonstrado até aqui, muitos dos pensamentos que hora fundamentam esta escrita estão situados nos pensamentos contidos no livro *Pensar Nagô* de Muniz Sodré. Para a escrita desta tese *eu escolhi pensar nagô*, e, a partir disso, pensar também *griot*. Pensar a partir da importância atribuída a oralidade por minha avó, mulher nordestina, contadora de histórias do Sertão; pensar griot como quem é capaz de ouvir a voz de cada personagem que leu nas literaturas do sertão; pensar griot, conferindo sentimento e profundo respeito ao conhecimento que emerge de todo aquele que atravessa seu próprio sertão;

A primeira implicação desta escolha é então o entrelaçamento de textos literários com os textos e teorias acadêmicas; a segunda implicação é a escolha de apresentação desta tese como um Ensaio, dividido em seis partes distintas que se complementam, porém. A terceira implicação seja, talvez, a mais dificultosa: “girar” o pensamento e olhar para os fenômenos do mundo sem negação. Não negar o mundo tal como ele é e não assumir como personagem principal a alcunha de herói que pretende desvelar, ao fim, a fórmula para a resolução dos problemas que ora ou outra venha se mostrando ao longo do texto. Não negar a existência do mundo tal como ele é, não pretender o heroísmo, mas também não deixar de apontar os caminhos e as estratégias para habitar o mundo mesmo: é este um exercício difícil e doloroso.

¹⁶ Sodré, Muniz. 2017, p.95

¹⁷ *Ibidem*, p.96. Grifo do autor.

Difícil por acostumamo-nos a um modo de pensar e doloroso porque romper com o modo de pensar implica em reviver os fenômenos do mundo de novo e de outra maneira.

As encruzilhadas da fuga

Pretendi pensar então um fenômeno que se apresenta como um *sintoma* de mundo: *a fuga*. Pensar não a partir de qualquer lugar; não do alto de uma colina; não de dentro de uma escola; não sentada nos bancos das universidades. Pretendi pensar enquanto fugitiva mesma; enquanto aquela que se ausenta de lugares, mas que está sempre em busca de outros, num devir. Pretendi pensar este fenômeno como aquela que atravessa, mas que se depara sempre e, coloca-se respeitosamente, numa *encruzilhada*. Desta *encruza* da qual se diz que

emerge como o tempo/espço das invenções cruzadas entre um imaginário em África e suas reverberações criativas, circunstanciais e inacabadas na diáspora. Essa potência, advinda da caoticidade diaspórica, similar ao caráter ontológico de Exu (Yangí), traz a potência do imaginário em África como uma força plástica, poética e mítica de inúmeras possibilidades de recriação. (Rufino, Luiz. 2019, p.28)

Peço licença ao dono desta encruzilhada e agradeço pelos caminhos ofertados; agradeço a cada Exu e Pombogira, por, através de sua força ancestral presentear com sua gargalhada e sua força aqueles que, assim como eu, desejam a cocriação; agradeço ao irmão mais velho que, antes de mim realizou seu *ebó epistêmico*¹⁸ e abriu assim, caminhos para que, com humildade, pudesse eu mesma oferecer este prefácio como um pequeno padê¹⁹ e seguir então dizendo do que tenho visto em cada ponta desta encruzilhada.

Vi um menino sentado na encruza
Perguntei o que que foi, perguntei, o que que faz
Vi um menino sentado na encruza

¹⁸ Rufino, Luiz. 2019.

¹⁹ Ritual presente em religiões de matriz africana que consiste em oferecer a Exu, ao início de uma cerimônia, alimentos. Dar de comer a Exu.

Perguntei o que que foi, perguntei, o que que faz

Eu vim aqui desmanchar feitiço
Mas pra Calunga eu já vou voltar
Eu vim aqui desmanchar feitiço
Mas pra Calunga eu já vou voltar

Vi um menino sentado na encruza
Perguntei o que que foi, perguntei, o que que faz
Vi um menino sentado na encruza
Perguntei o que que foi, perguntei, o que que faz

Eu sou Exu Mirim, e aprendi a trabalhar
Quem me ensinou, foi Seu Tranca Rua
O seu feitiço, eu vou quebrar

Vi um menino sentado na encruza
Perguntei o que que foi, perguntei, o que que faz
Vi um menino sentado na encruza
Perguntei o que que foi, perguntei, o que que faz

Quero um marafo pra beber
E um charuto pra fumar
O seu feitiço, eu mandei embora
Para nunca mais voltar

Vi um menino sentado na encruza
Perguntei o que que foi, perguntei, o que que faz
Vi um menino sentado na encruza
Perguntei o que que foi, perguntei, o que que faz

(Laroiê, Exu Mirim!)
Juliana D Passos e a Macumbaria

Exu é o caos. Exu, na umbanda tal qual como tenho conhecido, é a força da criação, da construção e do movimento que renova e que refaz aquilo que já era dado. E não por acaso Exu é, talvez, na umbanda, a figura mais demonizada pelo olhar cristão pois havia que se construir uma figura demoníaca em torno desta força que enuncia possibilidades de caminhos e que não permite inércia e acomodação; havia que se demonizar o conhecimento que é adquirido mas não é normatizado, pois *Exu é o ato criativo e responsável pelas dinâmicas que pluralizam o mundo, assim os caminhos que partem de seu radical de forma alguma podem se reivindicar como únicos*²⁰. Havia de ser ruim, perverso, maligno... mas Exu não se define e não se limita. Exu é a gargalhada que ecoa na noite; é a sabedoria que atravessa os mundos e os tempos; Exu é guardião, é festa e refazimento.

²⁰ Rufino, Luiz. 2019, p. 36

Evocação

Evoco em primeiro, nesta encruzilhada, muito especificamente os Exus Mirins, estes a quem podemos chamar *seres encantados da natureza provenientes da sétima dimensão à esquerda da que nós vivemos*²¹ (Saraceni, ano). Na doutrina de umbanda os Exus são seres de tal importância que *com Exu dizia-se que sem ele não se faz nada. Já com Exu Mirim, sem ele nem fazer nada é possível*²². Esta evocação se faz necessária para dizer que existe força, importância e criação na infância, e, conseqüentemente, no sujeito desta infância e é este sujeito que habita a infância o primeiro a chegar e a tomar conta da primeira ponta desta encruzilhada: a criança e, sobretudo, a criança que fui.

Na outra ponta da encruzilhada cumprimento a Pombogira. Esta mulher poderosa que bendiz seu destino e sua sorte; esta ancestral feminina de quem, no mundo patriarcal se diz: figura feminina de Exu, mas que, para além deste mundo binário, sabe-se como força majestosa; esta mulher que gargalha, que “bebe seu marafô e ainda faz o seu feitiço”, como muito bem canta-se em muitos terreiros para venerenciar estas entidades. Avisto então, nesta encruza, a presença das pombogiras: mulheres que vão se desassociando dos espectros sociais destinados à figura feminina; pombogiras (que um dia foram mulheres encarnadas) e que narram o fato de não terem sido mães e que, por isso, sofreram os mais variados tipos de violência; mulheres que autoafirmam a condição feminina, seus conhecimentos e enfrentamentos.

Quando em terra²³ as pombogiras, assim como os exus, utilizam seus conhecimentos para auxiliar aqueles que buscam caminhos e aconselhamentos; são “feiticeiras” livres que valorizam sua beleza: dançam, gargalham e sabem da força que tem. Este arquétipo feminino que as pombogiras trazem consigo interpelam a construção social da mulher que pretende aproximá-la da santa, da mãe imaculada, da submissa. Então é a figura feminina que ocupa a outra ponta desta encruzilhada.

²¹ Saraceni, Ruben. 2008.

²² Ibidem.

²³ Diz-se da entidade “incorporada” em um médium (cavalo) nas cerimônias e umbanda e candomblé.

Na outra abertura da encruzilhada avisto elementos para uma macumbaria. Estão ali dispostos uma pomba²⁴, uma tábua para riscar pontos²⁵ e variados objetos imagísticos para a evocação da *palavra*. A pomba apresenta-se para mim ora como lápis, caneta ou computador; a tábua aparece como um papel ou tela em branco; a palavra começa a encarnar, ora a partir do contato com algumas obras literárias que trazem consigo a temática da fuga e do fenômeno da Retirada, da marginalização dos sujeitos (sobretudo mulheres e crianças) e das estratégias de sobrevivência, ora através do contato com textos filosóficos, pedagógicos, científicos.

Estão dispostos à esta macumbaria as obras: Grande Sertão Veredas de João Guimarães Rosa²⁶; O Quinze, de Rachel de Queiróz; A Bagaceira, de José Américo d Almeida; Vidas Secas de Graciliano Ramos; Os Sertões, de Euclides da Cunha, Morte e Vida Severina de João Cabral de Melo Neto; Vila dos Confins de Mário Palmério. Fazem cruzeiro²⁷ com esta literatura o pensamento de: Muniz Sodré, Luiz Rufino, Duval Muniz, Beatriz Nascimento, Franco Cambi, Tzvetan Todorov, Mikail Bakhtin, Deleuze, Certeau, entre outros.

O ritual da fuga

O ritual iniciado então nesta encruzilhada pretende evocar o conhecimento que assume o compromisso inadiável de, a partir das experiências partilhadas vividas ou encarnadas, *dizer* (-se) até que possamos borrar as fronteiras estabelecidas do Ser, do Estar e do Saber.

Este ritual de macumbaria faz-se necessário pelo entendimento da urgência de assumir uma postura de autoria frente as pesquisas que abarque as mais diversas formas de consciência, conhecimento e fazer humano; e, paralelamente a isto, uma escrita que reivindique que *no mundo ainda não ocorreu nada definitivo, a última palavra do mundo e*

²⁴ Espécie de bastão de giz utilizado pelas entidades para riscar seus pontos;

²⁵ Espécie de assinatura de cada entidade, geralmente feita numa tábua de madeira.

²⁶ Grande Sertão Veredas não é um livro que trata especificamente do sertão nordestino e sim dos sertões das Gerais. Contudo, a escrita deste trabalho encontrou-se com a poesia de Guimarães Rosa.

²⁷ Rufino, Luiz, 2019

*sobre o mundo ainda não foi pronunciada, o mundo é aberto e livre, tudo ainda está por vir e sempre estará por vir*²⁸.

Pois bem não se esqueçam que estamos aqui numa encruzilhada aberta, com quatro pontas. Portanto, todo aquele que vive ou sabe da “cultura de santo”, sabe também que não há melhor lugar para se fazer um despacho²⁹ e deixar aquilo que nos tem sobrecarregado e pedir por caminhos mais leves, justos e felizes; ao caminhante, interessa o próprio caminho. Portanto, a última ponta desta encruzilhada estará sempre em aberto para que nela se faça da maneira mais encantada possível uma *rota de fuga e/ou um caminho para a Retirância*.

II.

²⁸ Bakhtin, 2008. P.167

²⁹ Tipo de oferenda geralmente feita em encruzilhadas.

Nascer já é caminhar³⁰: o ofício do poeta.



(...)

*era uma edição do vento,
que não vai às bibliotecas,
era uma edição incômoda,
a que se fecha a janela,
incômoda porque o vento
não censura mas libera.*

(João Cabral de Melo Neto. 2007, pg 70)

“Em certo lugar da Mancha”...³¹

Veja meu amigo, como inicia a conversa um certo Severino. Diz-se donde fora aquele encontro que, já nem sei: fora com o poeta mesmo? Encontrou-se com o poeta na voz do poema? Faz diferença? Talvez nem não. Pois que para quem rápido caminha e sente assim...

³⁰ Melo Neto. João Cabral de. O Rio, In: Morte e Vida Severina; e outros poemas. P.19

³¹ Referência ao poema Encontro com o Poeta de João Cabral de Melo Neto, encontrado no livro Morte e vida severina; e Outros Poemas.

uma necessidade de compartilhar os passos na estrada, um poeta de papel já espanta solidão.

O poeta nem não é sempre como uma edição do vento? Sempre ali... em torno do pensamento mesmo? Ou será o pensamento que é o vento, e faz o poeta sua edição? Edita com as palavras a forma como sente o vento passar; registra com sentimento a passagem do vento na paisagem que tocou? Ser uma edição do vento...neste aqui e agora. Incomoda? O vento mesmo? Há de sentir-se incômodo? Nem não... o vento existe como vento, e assim habita o mundo. Tal como o pensamento daquele que pensa como poeta, que assume o pensamento do poeta;

Existirá medida para o vento? Pois que, se sopra fraco, é brisa; se passa forte e rápido, é furacão. É a intensidade das coisas, meu amigo... Veja: o poeta não pode ser longe de seu pensamento mesmo, longe de sua interação através das palavras com o mundo. Mal há nisso? Há quem diga. Há quem queira. Poeta sempre na beira da estrada, esperando uma paisagem para narrar. Mas poeta pode também habitar o mundo que vai dentro; pode também dizer de coisas que são caras à formulação de pensamentos científicos – e, quando o faz, incomoda... Não será esta a função da arte? Incomodar?

Causa incômodo viver a arte assim, no entremeio das coisas? Há quem sinta. Há quem deseje censurar a liberdade do vento; a liberdade do pensamento; a liberdade das palavras... Veja aí, se não é esta também uma paisagem sobre a qual se demorar: o vento que vai assim, numa conversa entre dois poetas, liberando as palavras, sem censura? Palavras que contam o mundo tal como o olhar que o poeta vê; palavras que passam pelas janelas das bibliotecas e que, mesmo do lado de fora, anunciam sua presença com uivos e com o mexer das folhas das árvores... é assim que o vento que venta fora das bibliotecas também se faz presente dentro delas, e eventualmente, o vento que está fora das janelas rompe sua vedação: adentra, ainda que timidamente aquele espaço. De súbito, fecham a janela? Medo de que se misturem os papeis? Medo de que o vento misture os títulos? As obras? Seus lugares de importância?

Assim há de ser também com o pensamento do poeta? Janelas fechadas? Medo qual? Do pensamento do poeta revirar com a lógica da biblioteca? Da academia? Medo que principia sem razão: pensamento emaranhado também é caminho para pensar; pensamento que encontra outros é estrada de conhecer...

Por que é que assim me olhas com tal espanto? Há tanto esperamos este encontro e esta liberdade de pensar... Eh, saudade que principia na gente! Um abraço desses não dá conta de dizer deste tempo todo de caminhada! Veja você muito bem aí as condições desta mala: surrada. A alça já pende para um lado; o tecido já se desgastou: tivesse eu uma linha e uma agulha, teria feito o remendo que Vó ensinou. De ponto atrás: com paciência. Um ponto. Volta a agulha. Depois outro e assim vai até remendar por inteiro o rasgo. Não sou assim tão cuidadosa, portanto, que agulha e linha não trouxe. Também? Fazia diferença? Que a mala me acompanha e dela até tenho certo cuidado. Cuidado maior é de não a deixar assim, perder-se no caminho.

Que se faz muitas paradas enquanto vamos caminhando... você sabe, meu amigo: tomar fôlego, tanto quanto beber água é essencial para continuar. Pois que não se vai assim nestas veredas de passo único: vez em quando faz sol que precisa ver! Daí o jeito é encostar debaixo duma árvore ou aproveitar a sombra de uma barraca que às vezes se avista um pouco mais longe. Como a vontade de ver gente é muita, vale a pena esticar um pouco mais os passos e bater com jeito à porta. É uma alegria quando atendem! Daí que se principia tudo: um mundo novo, a partir de cada um. Neste encantamento de ouvir é que periga a mala se perder. E se o clima muda, assim, de repente, então... perigo grande para a mala. No desespero para se botar em caminhada antes da ventania entrar pelos olhos, periga mesmo da mala se esquecer... Pois que já não tive que voltar algumas vezes para buscar a mala? Se já!

Veja aí... olhe quanta poeira se desprende! Passe a mão não, que fica até com ranhura! Palavra! De ontem teve ventania. Era correr que só, e de olhos fechados. Verdade! Dor de terra nos olhos mexe muito com a gente... enche a gente de medo. Imagina, sem saber para onde se vai? Tropeça assim num buraco de tatu e faz o que? Tem... tem muito buraco de tatu por estas estradas. Tatu mesmo assim, nunca nem vi - acho que certa vez avistei de relance só a sombra de um rabo. Mas também não tenho certeza. Só sei que é buraco de tatu porque parei para olhar: buraco fundo, num sentido só. Ou é tatu ou é o diabo! Você já olhou um buraco de tatu? Faz um túnel que a gente acaba desconfiando e questionando: e esse bicho não pensa? É claro que pensa! Pensa como pode pensar. O pensamento do tatu não tem um outro sentido? (o sentido do pensamento do tatu deve ser escavar...). Imagino que o tatu cava o buraco é quando quer pensar... pensar no fundo das coisas...

Olhar dentro do buraco de tatu é uma investigação. Coisa que criança faz muito, assim, só por curiosidade. E sabe mais? A gente não pensa no buraco de tatu enquanto estamos fora da estrada. Buraco de tatu só preocupa é na caminhada mesmo. É uma

preocupação... não que eu possa cair num buraco desses e ser engolida. Acho que nem não é possível. É a coisa de não conferir importância. Tropeçar no buraco e não pensar sobre ele. Não é assim que a gente caminha na correria que a vida é? Tropeça e nem se demora... não dá nem tempo de avaliar o tropeço. É preciso seguir em frente. É por isso que a criança é extraordinária. Foge dessa ordem do não sentir no tropeço. A criança cai. Se demora. Chora. Volta para ralhar com a pedra donde tropeçou, com buraco donde enfiou o pé. A criança possui uma relação particular com o mundo porque vai ela mesma se percebendo talvez, como parte daquele mundo no total. O que principia na criança é a imaginação e a fé de poder estar em diálogo com os fenômenos do mundo.

Se demorar sobre os pequenos fenômenos da vida (ainda que cause dor, ou algum incômodo) é o que penso toda vez que vejo uma criança que chora diante de um tropeço, de uma queda, de um escorregão. Gente adulta é que tem pressa em não sentir: ser forte! Seguir em frente “apesar de”, afinal de contas, não há tempo para chorar, se lamentar: tempo é dinheiro! Para o homem Ordinário³² é preciso caminhar e não se demorar. A estrada está abarrotada de coisas a fazer, muito mato para carpir. O importante é não desperdiçar tempo olhando para o buraco do tatu, pois, quem olha para dentro do buraco mesmo, procura compreender o mundo do qual quase não se fala, mas que sabe-se: existe.

Investigar de forma a se demorar sobre as coisas enquanto vamos caminhando, carpindo mato, é o desafio para gente como eu – ousa a dizer: “gentes” como nós. Como é que se demora com toda esta ventania entupindo os olhos? Como que pensa assim sobre as coisas com o sol endurecendo a moleira da gente? Como que se demora sobre o buraco do tatu na preocupação de encontrar água para beber e um pedaço de pão para comer? O mundo tal como está foi arquitetado para que a gente não se demore em pensamento e para que todas nossas ações sejam para a parca manutenção da vida. Que jeito? Dar um jeito!

Posso dizer, meu amigo, que o jeito que dei foi: caminhar. E você muito bem sabe que a caminhada a qual me dispus não é assim, leve, nem bonita, nem sem preocupações. É caminhar, carpir mato e “dar um jeito” de pensar. Aqueles que me olham do outro lado da estrada; aqueles que passam por mim com suas máquinas de carpir; aqueles que eu avisto no alto de uma serra fazendo discursos que citam a vasta gama de conhecimentos adquiridos na biblioteca, riem de mim, muitas vezes. Quando por vezes algum deles se demora a trocar duas ou três palavras e se digna a perguntar: o que você está fazendo? Quando respondo: Estou tomando notas e pensando sobre os buracos de tatus. É este que “torce o nariz”.

³² Certeau, Michel de. A invenção do cotidiano. 1994.

Precisa ver: faz uma cara assim que varia entre “isso não vai dar em nada” e “coitada... é nisso que dá “deixar” essa gente caminhar por estas mesmas estradas...”

E olha: quem dera a estrada fosse a mesma! De cada lado da estrada, condições bem diferentes; para cada caminhante, uma estrada própria. Estes que passam por mim estão sempre à frente. Chegam antes. Quase sem arranhão. Não precisam carpir o mato enquanto caminham; podem tecer profundas observações sobre o céu; podem se demorar numa sombra ou outra; não se preocupam com o alimento de amanhã; o tempo criativo como aliado... E também não é que me “deixaram” caminhar. De jeito nenhum! E digo de onde posso. Digo deste eu que sintetiza em sua própria história o que acontece em muitas outras...às vezes um pouco mais, noutras um pouco menos... mas o fato é: nunca “deixaram”. Eu que que teimei. Nós que teimamos. Fomos caminhando por esta estrada, sem nenhuma garantia.

Entretanto, cá estamos nós! Estamos aqui. Estou aqui! Mesmo com pequenas possibilidades. Veja: tenho apenas esta mala de onde tiro meu pequeno bloco de notas e onde acomodo alguns poucos livros, um cantil para água, a única foto que tenho de minha mãe e, muito vivo em cada um destes objetos, a responsabilidade de sempre voltar para minha filha e a vontade de “deixar” para ela uma estrada em que se possa demorar mais em pensamento sobre os fenômenos apresentados, sem tanto carpir mato; uma estrada em que ela (e outras) possam colocar-se dignamente a caminhar, sem precisar fugir, como eu mesma agora faço.

Fujo. Você sabe. Sou eu mesma uma “edição do vento/ que não vai às bibliotecas”, mas nem por isso deixo de pensar. Penso mesmo enquanto caminho. Trago das bibliotecas as obras que assim pude ter contato; trago das bibliotecas a certeza da importância do adquirir/produzir conhecimento, mas, como uma edição de vento, apenas passo por elas. Não me demoro. Avisto muitas vezes, do lado de fora da janela aquele mundo maravilhoso que as bibliotecas habitam. Sonho muitas vezes. Imagine meu amigo: as demoradas conversas que teríamos, heim? Dentro da biblioteca, protegidos... sem estarmos assim expostos ao sol, a chuva, ao vento? Tardes inteiras sem carpir, deliciando-nos sobre o que diz a vasta literatura sobre como os tatus cavam seus buracos... talvez até despertasse em mim curiosidades “menos tolas”.

Mas, se isto não é possível, sigo em busca do “sim”. Fujo. Do limbo do não poder pensar; fujo e, quanto mais o faço, me pergunto: para que fugir? Do que fujo verdadeiramente? Fugir é colocar-se fora do mundo? Estas perguntas ainda não geraram assim, respostas claras – talvez nunca gerem. Por isso vou tomando nota de alguns pensamentos. As vezes em forma de palavras soltas; outras vezes em forma de citação;

outras vezes anotando trechos de conversas que vou tendo enquanto fujo/caminho. Se é o certo? Não sei. Mas é assim que posso existir. É assim que vou avançando a despeito de todo julgamento, inclusive, de mim mesma. É o vento na janela... E, como uma edição do vento que sopra sempre fora, reconheço também outros lugares, outros saberes... destes outros saberes que não “censuram mas liberam”.

Ajuda-me certas horas a pensar o mundo tal como ele é. O que dizer? O óbvio: o Mundo é redondo. Está por aí girando e acontecendo “apesar de”. Apesar dos terraplanistas, apesar do terror, apesar da barbárie, apesar de mim, de você e de todos nós. O mundo ainda é mundo e ainda gira em torno do sol, ainda gira em torno de si mesmo; ainda produz dias, noites, estações do ano. Ainda nos abriga e nos obriga a perceber cada vez mais os inconvenientes de nossa estadia na Terra.

Ainda me parece estranho pensar que habito uma casa com outros oito bilhões de pessoas: a você não? É estranho pensar que nesta casa tem tantos cômodos que jamais poderei percorrer todos eles e que jamais conhecerei em verdade todos os outros habitantes desta casa. Além disso, nos poucos lugares deste mundo em que pus meus pés, posso apenas sentir gratidão ou asco; dos lugares do mundo onde nunca pisei e que provavelmente nunca pisarei, posso apenas imaginar; posso também “estar lá” através dos olhos de outros, ou ainda, como um vento que sopra e canta nas gretas da janela. Vou produzindo pequenos sons, linguagem. Porque todo olhar é dotado de uma linguagem que conta (ou silencia) aquilo que vê. Veja o quanto se aprende sobre o que é o olhar. João Cabral de Melo Neto, este sobre quem agora me demoro em olhares e pensamentos, descreve em seu poema Fábula de João Brossa³³ a benção e a maldição de ser poeta:

João Brossa, poeta frugal,
que só come tomate e pão
que sobre papel de estiva
compõe versos de carvão,
nas feiras de Barcelona,
João Brossa, poeta buscão,
as sete caras do dado,
as cinco caras do cão,
antes buscava, João Brossa,

³³ Poema de João Cabral de Melo Neto encontrado no livro Morte e Vida Severina; e Outros poemas. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007

místico da aberração,
buscava encontrar nas feiras
sua poética sem-razão (...)

João Brossa era também como um certo Severino: vivendo a vida mesma, com suas dificuldades, acostumados a tomate e pão, mas ávidos pela busca de sentidos. João e Severino, mas também Marias, Albinas e Anas, buscando, cada qual à sua maneira sua poética – que haverá de ser mesmo, sem razão? Quem se dispõe a olhar com as lentes do poeta o mundo e a feira, há de enxergar muito mais e muito além:

(...) Mas porém como buscava
onde é o sol mais temporão,
pelo Clot, Hospitalet,
onde as vias de artesão,
por bairros onde as semanas
sobram da vara do pão
e o horário é mais comprido
que fio de tecelão,
acabou vendo, Joan Brossa,
que os verbos do catalão
tinham coisas por detrás,
eram só palavras, não. (...)

É preciso considerar que as palavras não são mesmo somente as palavras: são elas componentes primordiais da linguagem e carregam quase sempre “coisas por detrás”. Foram elas, as palavras, ao longo dos séculos, objetos de investigação ligando-se não só aos seus signos e significados, mas também a filosofia e a própria ciência da linguagem, talvez por seu caráter intrinsecamente social, em que o contexto em que é proferida (falada ou escrita) impacta diretamente em sua compreensão e uso.

Encontrar-se então com as palavras onde “o sol é mais temporão” e “por bairros onde as semanas/ sobram na vara do pão” não será o mesmo que encontrar-se com as palavras em regalos de sombra e água fresca e donde haja fartura sobre a mesa o mês inteiro... há um mundo sedo informado pelas palavras do poeta; um mundo desejoso por ser visto, contado vivido. Um mundo que é mesmo para cada um...

Ó e exercício de ver o mundo tal como ele *nos é*, e também tal como ele *nos é*

informado. Mas é também a decisão de: com quais lentes ver o mundo? Posso olhar para ele com mais de uma lente? Qual utilizar primeiro? O senhor não acha que esta decisão pressupõe certo tipo de coragem? Pois o mundo é único para cada um de nós, mas também é compartilhado em sua multiplicidade. Esta compreensão exige de cada um de nós a assunção de que somos seres limitados – pelo tempo, pela esfera social e, em última análise, pela morte (você vai ver, meu amigo, como o fantasma da morte habita meus pensamentos tal como o buraco de tatu...)

A morte

É a morte que nos informa a vida. Você também pensa assim? Que é a morte que regula a vida e esta regulação da vida através da morte nos é informada desde cedo? Aprendemos socialmente a temer a morte e, a partir disto, selecionamos a vida possível. Aprendemos a empregar ao mundo uma cautela que logo, transforma-se em medo: num medo paralisante e muitas vezes silenciador. É preciso talvez se demorar também sobre o que há por detrás da palavra morte... Sentença? Finitude? Desconhecimento? Saudade? Porque é que o poeta se debruça sobre a morte, meu deus?

Talvez por que ele sinta que morrer é não mais poder dizer do mundo e nem de si; morrer é calar; é deixar que outros digam de você e por você, ou, para aqueles que acreditam no sobrenatural (como eu acredito), morrer é esperar uma outra oportunidade de vida – porque é doloroso demais a ideia de nunca mais habitar o mundo da linguagem. Porque o que nos faz vivos é também a linguagem e não somente a matéria como somos levados a pensar, muitas vezes.

Por outro lado, a morte é o final de todo ser vivente. Esta ideia não traz assim, certa aproximação? Saber que toda matéria se acaba é mesmo na morte... que haverá para cada um seu final derradeiro:

E se somos Severinos
iguais em tudo na vida,
morremos de morte igual,

mesma morte severina:
que é a morte de que se morre
de velhice antes dos trinta,
de emboscada antes do vinte,
de fome um pouco por dia³⁴

Este pequeno trecho do poema me faz lembrar de uns caminhos por onde andei. Foi antes de eu me botar na estrada de mala na mão; antes, quando desejava me manter de longe das questões da infância – pois não foi? Houve este tempo. Queria enxergar o mundo longe da criança. Não por “raiva”, mas por pensar: tudo já foi dito e pensado sobre a criança, a infância, sua educação e etc. Era a presunção de inaugurar algo! Eu queria pensar o inédito. Mas aí o que é a vida? Uma nota. Algumas vezes, uma nota de pesar. E a gente enxerga nossa real afetação. E aceita nossas ignorâncias. E para de lutar contra si mesmo... mas então, a memória que trago desta nota de jornal é a seguinte:

Passava um pouco das 13 horas quando ouvimos tiros ao longe. Infelizmente esta é uma realidade com a qual a maioria de nós cariocas acostumamos a viver dia-a-dia. Era hora da entrada do turno da tarde na escola na qual trabalhava, como parte da equipe de direção. Verifiquei que não havia perigo iminente na área da escola, embora tivéssemos todos ouvido a rajada de tiros. Não demorou muito para a notícia chegar: uma criança de cinco anos fora baleada na porta de uma outra escola, no mesmo bairro em que trabalhava.

Acompanhamos angustiados os noticiários: a garota fora baleada enquanto rumava para a escola com sua mãe. Houve uma troca de tiros e a menina fora atingida, ali, na porta da escola, diante dos olhos da sua mãe, dos colegas de sala, dos professores. O horror. A morte. A mesma morte Severina em que se morre “de emboscada antes dos vinte”...

Se chamava Ketellen. Eu não a conhecia. Mas não importa: aquilo me feriu. É o que falávamos sobre a afetação daquilo que se passa com outros... Imaginei a agonia da criança e de sua mãe; imaginei as pessoas no entorno aguardando socorro; imaginei aquele corpinho miúdo ensanguentado. Imaginei a mãe. Imaginei a mãe. Imaginei a mãe! Imaginei Vó; imaginei minha mãe; imaginei enquanto mãe!

No outro dia recebemos a notícia que Ketellen não resistiu: morreu e compôs as notícias dos jornais cumprindo um papel estatístico. Não é triste que o destino de uma criança seja uma estatística de morte? Os jornais noticiaram que Ketellen *foi a sexta criança*

³⁴ Melo, João Cabral de. Morte e Vida Severina, 2009. P 96

*morta por bala perdida no Rio de Janeiro em 2019*³⁵. Ketellen deixava ali de ser uma criança única (como todas as crianças são); deixava de ser a filha da Jéssica e do Augusto e passara a ser a sexta criança cuja morte seria investigada junto às demais: Jenifer de 11 anos; Kauan Peixoto de 12 anos; Kauã Rozário de 11 anos; Kauê dos Santos de 11 anos e Ágatha Félix, de 8 anos. Todas estas crianças não eram mais gente diante dos noticiários: eram dados estatísticos, capa de jornal e chamada de matéria para a imprensa sensacionalista.

É preciso pensar por detrás e assim ir percebendo que o mais triste talvez não seja a consciência sobre as estatísticas, a mídia e o abandono do poder público; talvez não seja nem a cruel percepção de que todas estas crianças tinham algo em comum (além da infância interrompida): todas eram negras, pobres, estudantes de escolas públicas de bairros periféricos da cidade; o mais doloroso talvez seja perceber que a vida continua normalmente para quase todo mundo. Porque a vida sempre há de continuar para alguém, não é mesmo?

Mas eu sempre me ponho a pensar se quando alguém morre, principalmente quando uma criança morre – porque a morte de uma criança sempre foge à ordem natural das coisas – fico me perguntando se o mundo não para um bocadinho só; me pergunto se o dia continua sendo claro para a mãe que perdeu seu filho de maneira tão inesperada; me pergunto se o mundo não pode nos mostrar qual de seus cômodos é o mais seguro para sobrevivermos... pois não é isso que faz um Severino em sua retirada? Busca um lugar em que possa sobreviver?

A banalidade

É o que fazem os Severinos: pé na estrada, rumo à vida. Mas tão logo se depara com a morte – tal normal – ao longo da estrada mesma. E a promessa da vida vai aos poucos sendo minada pelo informe da morte. Mais que isso: pela banalização da morte. Diz o Severino quando ainda caminhava:

E vi todas as mortes
Em que esta gente vivia:

³⁵ Referência a manchete do jornal El país em 13/11/2019.

Vi a morte por crime,
Pingando a hora na vigia;
A morte por desastre,
Com seus gumes tão precisos,
Como um braço se corta,
Cortar bem rente muita vida;
Vi a morte por febre,
Precedida de seu assovio,
Consumir toda a carne
Com um fogo que por dentro é frio.
Ali não é morte
De planta que seca, ou de rio:
É morte que apodrece,
Ali natural, pelo visto³⁶

O homem que vê a morte assim, de tantas maneiras, vai sendo informado que o mundo não para. Acaba sendo informado também que a escola, parte do mundo, igualmente, não pode parar. Então, mais estarecida do que a notícia da morte de Ketellen recebi a notícia de que, no dia em que fora confirmada a morte da menina, a escola funcionou normalmente. É amigo... repito: no-di-a-em-que-fo-ra-com-fir-ma-da-a-mor-te-da-me-ni-na-a-es-co-la-fun-ci-o-nou-nor-mal-men-te!

A escola não ensina? O que é que se aprende com uma tragédia destas? Como a gente ensina as nossas crianças a banalizar a perda de alguém com quem se conviveu o ano todo? Como assim, imaginar que as crianças vão olhar para a carteira em que a Ketellen sentava e não vão sentir falta, e não vão perguntar e sentir? É o mesmo que dizer para a criança que se demora sobre o tropeço no buraco do tatu que não pode se demorar sobre a perda de alguém. Como podem achar que uma professora que conviveu com aquela criança o ano todo teria condições de entrar em sala de aula normalmente no dia em que recebe a notícia da morte de um de seus alunos?

Estão achando que nós somos feitos de que? Gente se faz com carne, osso, sangue, histórias, convivência e afetação; gente se faz na importância que se dá às coisas e aos outros; gente se faz de lágrimas. De tristeza. Professor é gente. Criança é gente! Aluno é, antes de tudo, gente (seja criança, adolescente ou adulto). Onde está a humanidade nas relações que estamos estabelecendo enquanto escola com a nossa comunidade no entorno?

³⁶ Melo Neto, João Cabral de. O Rio. In: Morte e Vida Severina; e outros poemas. P 36

Onde está a humanidade desta escola que abre as portas e não se preocupa com aquela mãe que naquele momento está desabrigada de seu mundo, que não tem para onde ir? Que foi levar a filha para a escola para mais um dia normal e de repente vê-se no IML reconhecendo o corpo da filha? Onde está nosso entendimento sobre a vida? Qual o nosso entendimento sobre vida e educação? Não viram o que viu Severino? Não viram que “Ali não é morte / de planta seca, ou de rio”?

Nem sei se era assim que eu pretendia falar desta história. Peço desculpas pelo tom exasperado, mas retornar a estas lembranças me fazem questionar os sentidos das coisas. Sobretudo porque, ainda tem outro “desenrolar”:

Eu já estava demasiadamente chateada pensando em toda esta ordem de coisas quando me lembrei que estávamos no “Mês da Consciência Negra” e a Coordenadoria Regional de Educação havia marcado para o dia 14 de novembro uma palestra sobre algum projeto bem sucedido dentro da temática. Esperei um e-mail de cancelamento da reunião, ou, pelo menos um adiamento. Esperei um telefonema. Mas ao contrário: enviaram um e-mail confirmando a reunião e solicitando a presença de um gestor da Unidade Escolar.

Contrariada, fui à reunião. Esperava que ao chegar lá fizessem alguma fala, um minidiscorso ou o pedido mínimo de um minuto de silêncio pela Ketellen. Esperei em vão. Nada. Nenhuma palavra. Ouvimos maravilhas sobre trabalhos realizados a partir do livro *Menina Bonita do laço de Fita* e sobre como uma professora loira de olhos azuis superou a dificuldade de dar aulas para um grupo de crianças negras na comunidade da Maré (acho). Ao final de tudo, na hora das perguntas, indaguei: as pessoas que ali estavam tinham conhecimento da morte de Ketellen? Silêncio sepulcral.

Então falei da minha insatisfação de estar discutindo de uma maneira quase superficial um assunto que deveria, ao menos naquele momento, estar sendo tratado numa esfera maior, discutindo com autoridades o caminho de tornar viável que as crianças negras consigam chegar à escola com segurança para então poder haver todos os desdobramentos acerca de reconhecimento, pertencimento e representatividade. Silêncio seguido de burburinho. Uma das organizadoras do encontro fez uma fala rápida lamentando o ocorrido e emendando com um “mas”...

Mas o que? Me diga, meu amigo? Mas o que?

Mas a vida continua para alguém. Tem sol. Tem chuva. Tem que dar um jeito. A escola tem que funcionar. Tem que ajeitar a merenda. Tem que prestar conta da verba. Tem que ver se o portão está em boas condições. Tem que limpar a caixa d’água. Tem que zerar a lista de espera da creche. Tem que ter planejamento. Tem que responder link. Tem que ir à

reuniões. Tem que levar e buscar expediente. Tem que ler e responder email. Tem que receber as crianças, mesmo que algumas delas estejam mortas na porta da escola.

Vê: não há beleza na morte. Mas pode haver incômodo. Afetação. Pode haver sempre um pensamento que nos faça retornar aos sentidos da vida mesma e questionar porque é que fazemos as coisas como fazemos; estes pensamentos podem nos fazer retornar ao início das coisas: seja em nossa própria vida, seja na história da humanidade. Retornando para mim, lembro que na infância a morte aparecia dentro da noite: eu tinha problemas para dormir por isso. Fui uma criança insone numa época em que não havia apelos de internet, joguinhos e vídeos super estimulantes; eu achava que só era possível morrer a noite: então fazia vigília. Depois disto não dormir a noite (ou pelo menos não a noite toda) tornou-se um hábito.

Foram nestas noites mal dormidas e, claro, lendo e ouvindo pessoas, que comecei a me questionar o que de mais nesta finitude anunciada pela morte me afetava. Hoje chego à conclusão que o que me apavora na morte é o *silenciamento* que dela advém.

Morte, linguagem e sobrevivência

Então a ideia de vida (linguagem) e morte (silenciamento) é o que não se apresenta a princípio, mas é o que subjaz a centralidade da questão. A linguagem é uma tentativa de permanência e sobrevivência. A linguagem se pretende sempre viva, e de fato o é: vai-se modificando é o fazer de seus interlocutores, enquanto vão estes mesmos utilizando-nas em seus cotidianos, inferindo-lhes diversos e, por vezes, novos usos. O que o poeta faz então? Não seria pensar e apresentar esta linguagem que pretende a salvação de si e a imortalidade? A salvação se daria pelo próprio ato de escrever; a imortalidade pela perpetuação do que fora escrito – vaidade? Desejo? Talvez. Mas pensando com o poeta vou assentando sobre o entendimento de que a vida está para a linguagem assim como a morte está para o silenciamento. Escrever então, para o poeta, seria uma tentativa de enganar a morte?

Em *Uma faca só lâmina (ou: serventia das ideias fixas)*, poema em que João Cabral dedica a Vinícius de Moraes, é interessante pensar desde o título, que a fixação em torno de uma ideia desdobra o pensamento no ato de fazer – aqui, especificamente, a ideia fixa é a

morte e o ato de fazer é a escrita. Fixar-se em torno de uma ideia não será também o ofício do pesquisador? O senhor vê... é mesmo tudo muito misturado.

Gosto de pensar sobre este poema porque me ajuda a compreender o que é a construção da escrita, o que é ser tomado de arroubo por uma ideia que precisa não mais estar encarnada: precisa existir, apesar do poeta. Diz:

Assim como uma bala
enterrada no corpo
fazendo mais espesso
um dos lados do morto;

assim como uma bala
do chumbo mais pesado,
no músculo de um homem
pesando-o mais de um lado;

qual bala que tivesse
um vivo mecanismo,
bala que possuísse
um coração ativo

igual ao de um relógio
submerso em algum corpo,
ou de um relógio vivo
e também revoltoso,

relógio que tivesse
o gume de uma faca
e toda a impiedade
de lâmina azulada;

assim como uma faca
que sem bolso ou bainha
se transformasse em parte
de vossa anatomia;

qual uma faca íntima
ou faca de uso interno,
habitando num corpo
como o próprio esqueleto

de um homem que tivesse,
e sempre, doloroso,
de homem que se ferisse
contra seus próprios ossos (...)

O que este poema me informa é que estas ideias fixas são como a bala, o relógio, a lâmina azulada e a faca “enterrada no corpo”: estão ali, já incômodas e sinalizam que não estão mais onde deveriam; anseiam por outro lugar. A palavra anseia por tornar-se linguagem. Dentro do poeta a palavra está morta. E o poeta com a palavra dentro de si também é morto: o poeta vive na/com as palavras e é com elas que habita o mundo. É também a partir desta relação que cria com o mundo através das palavras que entre em diálogo com outros e possibilita que estes outros também conheça, habite e incida sobre mundos diversos. É a linguagem se fazendo...

Na linguagem mora também um desejo além de dizer. Dizemos também para modificar, transformar, transmutar. Mais a frente, o poema diz:

Das mais surpreendentes
é a vida da tal faca:
faca, ou qualquer metáfora,
pode ser cultivada
(...)
(Que a vida dessa faca
se mede pelo avesso:
seja relógio ou bala,
ou seja a faca mesmo.)
(...)
Quando aquele que os sofre
trabalha com palavras,
são úteis o relógio,
a bala e, mais, a faca.
(...)

Quando o desejo de transformar o mundo encontra-se com a impossibilidade de realmente fazê-lo, a palavra que outrora fora encarnada mas que ganhou vida na linguagem, é agente deste desejo de transformação: vai informando o pensamento através das metáforas; vai informando um olhar do avesso; vai construindo outras lógicas de sentido para o poeta mesmo e para aqueles que por ventura se encontrem com estes pensamentos. Não nos esqueçamos de que a palavra é também ideológica...

Então entre o desejo de transformar o mundo e a ação possível dentro deste desejo de transformação, eu que, com minha mala pus os pés em pouquíssimos lugares do mundo – mas que, assim como outras, está sempre em caminhada e por isso vive mundos díspares cotidianamente, poderia perguntar: quais tensões encontramos para viver (e validar, principalmente no meio acadêmico) o mundo tal como temos visto e vivido? De certo que a linguagem é sim uma grande tensão. O que a linguagem pretende anunciar e o que de fato ela anuncia, dentro de seus *atos de fala*³⁷ é, ainda hoje, grande parte da *violência simbólica*³⁸ a que somos expostos. A palavra pode então ser agente também de marginalização e subalternização; a palavra pode ser usina; pode ser moenda. Observou também Severino enquanto ainda beirava O Rio:

A usina possui sempre
uma moenda de nome inglês;
o engenho, só terra
conhecida como massapê.
e o que não pode entrar
nas moendas de nome inglês
a usina vai moendo
com muitos outros meios de moer.
(...)

A moenda está sempre de frente aos Severinos e Severinas, exigindo destes que

³⁷ Teoria cunhada por J.L. Austin que trazia como proposta primeira de que “alguns enunciados não afirmam, mas performam aquilo que afirmam”. De maneira mais sucinta, a partir desta visão, “precisa-se, necessariamente considerar a visão performativa da linguagem como uma forma de agir sobre o mundo. É preciso, também, compreender que a separação entre sujeito e objeto não mais cabe a uma análise dos atos de fala (...) É preciso, então, buscar uma forma de desvendar o agir através do dizer através da consideração do uso real da linguagem, seus efeitos e suas consequências”. Arbo, Bueno.2020. P. 183-194

servam ao modelo inglês, colonial – e mesmo pós-colonial, no resquício que se fez de seus engenhos. Quando já não podem mais entrar, ou mesmo quando já não querem mais entrar “nas moendas de nome inglês/ a usina vai moendo/com muitos outros meios de moer”: nem sempre pela violência física, mas muitas vezes pela segregação, subalternização e marginalização dos espaços sociais que, muitas vezes se dá pela desqualificação de sua forma de se relacionar com o mundo através de sua linguagem e cultura.

Pode ser uma simples divagação, uma filosofia barata que parte de notinhas assim rabiscadas no canto de um caderno, mas quando começamos a pensar sobre a linguagem e suas implicações em nossas vidas cotidianas, criamos um sentimento de pertencimento e de conexão com outros, que, assim como nós, buscam uma forma de existência e em algum meio social. É assim que passamos a entender que os problemas que por hora não nos afetam também possuem importância à medida em que estão incidindo sobre outros, feito da mesma matéria que nós.

A mulher fugitiva

Eu sou feita de carne, meu amigo. Desta carne que às vezes fica trêmula frente às injustiças que sofre; desta carne que se vê muitas vezes exposta como mercadoria nos comerciais de roupas e cosméticos; desta carne que os cristãos dizem ter origem nas costelas de Adão. Sou feita desta carne que uma vez por mês exala o cheiro do cio e que, somente por isso, me expõe todos os dias do ano aos perigos de ser vista como presa diante dos instintos do falo masculino. Sou feita de *carne feminina* e foi esta identificação que primeiro me colocou no lugar de *fugitiva*.

Só é possível ser mulher em nossa sociedade, fugindo – não... não é exagero... vista minha carne de mulher! Se você é mulher, você lembra que na infância te ensinaram a sentar longe do coleguinha que te puxava o cabelo na escola; você sabe que foi orientada a usar shorts por baixo da saia e ainda assim, fechar as pernas dentro de casa como forma de “respeito” a seu pai, irmãos, primos e tios; na adolescência você foi orientada a atravessar a rua e não passar em frente ao bar ou ao prédio em obra, ambos cheios de homens que falam para você o que querem; você sabe que foi orientada a ter paciência com o namorado imaturo;

a não usar batom vermelho; não andar sozinha pelas ruas de madrugada; na vida adulta você foi orientada a esperar para ter filhos, pois eles são de responsabilidade inteiramente sua: “quem pariu os seus que embale”. No trabalho você deve não ser tão sincera quanto a seu currículo, afinal, seu chefe pode ficar intimidado com sua capacidade e te demitir; no casamento também não é bom que você vá mais longe que seu cônjuge: isso pode abrir um abismo cultural enorme entre vocês e será sua responsabilidade o fim do relacionamento.

Em todas estas sentenças, leia-se implícita (mas para mim explicitamente): fuja! Fuja das situações que causam mal estar em outros! Fuja das situações que te colocam em perigo! Fuja dos homens, mas, por favor: não seja lésbica. Fuja das roupas que “despertam desejos nos machos”, mas, por favor: não seja masculina! Fuja das histerias, se preciso, tome remédio, mas, por favor: não seja frígida! Fuja dos empregos em que você não pode dar conta de seus filhos, mas, por favor: não seja “só” dona de casa e mãe; fuja do estereótipo de Amélia, mas, por favor: tenha filhos!

Ouso pensar olhando o buraco do tatu: toda mulher é uma fugitiva. Senão porque aprendeu assim, a mulher foge da obrigação de fugir. Fugimos por entre estas sentenças; fugimos para não estarmos enquadradas neste lugar comum que nos foi dado. Mas o fato é que fugimos. Agora, a questão que se coloca é: o que fazer com esta tomada de consciência de que se habita este corpo “feito” para fugir? A saber que um corpo que foge é um corpo que experimenta primeiro a insegurança de habitar o corpo que habita; depois é um corpo que sabe a existência de um não-lugar no mundo e por isto está sempre em busca de um lugar possível, ainda que temporário; por fim, entre esta insegurança e este não-lugar, este corpo passa a habitar o mundo através desta consciência de não-pertencimento. Portanto, neste aqui e agora e provavelmente também no devir próximo, habito o mundo com esta consciência do feminino que me acomete.

No entanto, minhas experiências me fazem pensar que esta consciência não é algo presa a esta carne feminina, mas é algo que paira sobre minha carne e que se encontra com outras consciências que experimentam o mesmo não-lugar no mundo e, ao mesmo tempo, este lugar da insegurança. Ou não é a insegurança também uma marca desta sociedade pós-colonial em que vivemos? – aqui penso a pós-colonialidade na maneira mais simplória do termo: o que restou de nós após o processo de colonização sofrido. Então a consciência primeira de habitar um corpo que foge a partir do arquétipo do feminino é também atravessada por esta ideia de feminino que é balizada a partir do discurso patriarcal colonizador. Em *Duas Paisagens* o poeta com sua grande habilidade de pensar o mundo através do que leu e de recontar o mundo lido de outra maneira, versifica:

D'Ors em termos de mulher
(Teresa, *La Bem Plantada*)

descreveu da Catalunha
a lucidez sábia e clássica

e aquela sóbria harmonia,
aquela fácil medida
que, sem régua e sem compromisso
leva em si, funda e instintiva,

aprendida certamente
no ritmo feminino
de colinas e montanhas
que lá têm seios medidos.

em termos de uma mulher
não se conta é Pernambuco:
é um estado masculino
e de ossos à mostra, duro,

de todos, o mais distinto
de mulher ou prostituto,
mesmo de mulher virago
(como a Castilla de Burgos)

Lúcido não por cultura,
medido, mas não por ciência:
sua lucidez vem da fome
e a medida da carência,

e se preciso for um mito
para bem representa-lo
em vez de uma *Ben Plantada*
usa-se o Mal Adubado.

Estas duas paisagens divididas entre Catalunha e Pernambuco vão informando pelas

palavras do poeta os atravessamentos “em termos de ser mulher”. Atento aqui à metáfora do poema e não mais às suas questões políticas que subjazem o texto original (La Bem Plantada). Atento especificamente a alguns versos; atento-me à paisagem pernambucana, tomando-a também como todo Brasil. Em termos de ser mulher, não se conta: “é um estado masculino/ e de ossos à mostra, duro,” e, é nesta paisagem em que se afirma a condição de ser mulher.

É preciso perceber que esta condição de *ser mulher* está totalmente atravessada pela construção social de gênero que nos atravessa desde a colonialidade e que tem sua origem também na utilização da palavra, da linguagem; desta linguagem que nos chegou pela catequização dos povos originários e pelo apagamento de suas raízes culturais (e por isso também, da construção sobre os gêneros) e linguísticas. É necessário pensar que, seja qual for a “definição” de linguagem que hora pensamos, a mesma está situada dentro deste nicho de pós-colonialidade – ainda que a ela dispensemos tratamentos que se pretendem decoloniais (também de maneira simples): aquilo que pode ser pensado “fora” da colonialidade; de outra maneira; pela ótica dos que foram colonizados e não do colonizador.

Situar-me então neste imbróglio entre este “não-lugar” determinado pelo patriarcado colonial e também pós-colonial e essa tomada de consciência da imposição deste “não-lugar”, permite informar, primeiro a mim mesma e também ao Outro que, apesar de toda insegurança posta por toda subalternização, existe um movimento de resistência deste feminino que se afirma ao longo da história pela estratégia primeira de fugir das amarras que lhes são impostas.

Da necessidade de fugir

É preciso fugir. Foragir. Agir fora. Fora dos determinismos. É preciso entender a fuga não como uma categoria antagônica a coragem, mas como uma alternativa à marginalidade. Se sou posta à margem, que seja eu uma fugitiva desta marginalidade, que eu consiga agir fora desta margem, ainda que seja para borrar seus contornos.

Quando me assumo “fugitiva” sou também a “foragida”. Aquela que tenta “reparar” a ação de outros sobre sua história – que é também anterior a sua própria existência; quando me assumo foragida trago para perto novamente a dimensão do Outro. Este Outro que ganha contorno na colonização: O Outro é o colonizado. *O Outro proporciona os termos através dos*

*quais o sujeito colonizado fabrica sua identidade dependente*³⁹.

Sou aquela que foge inclusive desta construção do Outro que me pretende dependente e por isso submissa; aquela que foge, mas que ao longo da jornada em busca do Seu Lugar No Mundo não se permite estar à margem das coisas; aquela que toma nota do que viu, viveu, pensou, conheceu; pensamentos simples que atravessam a vida simples, de uma mulher simples, sem grandes experiências de viagens, sem grandes arroubos gastronômicos, sem grandiosidades:

Continuo divagando: se a tese é o que está entre o título e a nota de rodapé, a vida é o que está entre o amanhecer e anoitecer; entre o inverno e o verão; entre o Ser e o Ter; entre o sonhar e o viver; entre a tensão de ficar ou partir. Tem muita coisa na vida mesma... Tem inclusive uma tensão que gostaria de dizer também, que se apresentou enquanto fui tomando algumas notas e o pensamento que se foi fiando entre elas. É a tensão de ser fugitiva ou ser retirante? A primeira questão que se apresenta para mim é: carece definição? Se carecer, onde me encaixo?

Fugitiva ou retirante?

Esta tensão foi se apresentando enquanto ia eu mesma “fugindo” e parando, hora ou outra, nas paisagens de Morte e Vida Severina que conta, como o senhor já sabe, a “saga” do retirante Severino diante das secas que assolaram o Nordeste. Veja você: penso que o que me aproximou desta literatura foi mesmo este sentimento de caminhada; o sentimento de não poder mais habitar aquele lugar no mundo; de colocar-me em busca de outros lugares, talvez onde pudesse me sentir mais “segura”, “produtiva” e “acolhida”. Foi botar o pé no mundo e as narrativas se mostraram. Mexendo na mala saltou primeiro O Grande Sertão Veredas – que nem trata assim do Sertão Nordestino, mas me trouxe um sertão repleto de pensamentos, saberes e porquês. De certo modo, o jagunço Riobaldo levou-me diretamente ao Severino: ambos não se demoraram a falar sobre suas vidas mesmas, seus saberes e suas táticas de sobrevivência para aqueles com os quais cruzaram no caminho.

Em grande verdade, nem em Riobaldo, nem em Severino, se demora a temática sobre a fuga. Em Grande Sertão Veredas, em alguns poucos momentos, Riobaldo questiona-se

³⁹ Bonacci, Thomas. 2004, p 156.

sobre o sentimento da fuga – geralmente nos momentos de confronto entre os jagunços. Já em Morte e Vida Severina, o retirante Severino reconhecesse unicamente como tal: sabe-se retirante e não como fugitivo. Esta consciência do ser retirante é trazida para o leitor desde os subtítulos do poema: *O retirante explica ao leitor quem é e a que vai; O Retirante tem medo de se extraviar porque seu guia, o rio Capibaribe, cortou com o verão; Na casa a que o retirante chega estão cantando excelências para um defunto, enquanto um homem, do lado de fora, vai parodiando as palavras dos cantadores* e assim por diante.

Então, o que há de ter causado em mim esta dualidade entre fugir ou retirar? Talvez seja o mesmo princípio daquilo que já falamos quando abrimos em diálogo sobre a morte: a fixação. Mas aqui talvez não seja a fixação de um pensamento, mas de um sentimento. Que é também retomar o que já falamos sobre aquilo que podemos enxergar por de trás das palavras e de seus enunciados.

Inclino-me a pensar, portanto, que esta necessidade de descobrir-me fugitiva ou retirante se deu pelo *sentimento* que podemos dispensar sobre a figura do fugitivo ou do retirante em si. O senhor não acha que diante da linguagem usual acabamos por entender que aquele que foge está para o foragido da justiça, na ilegalidade? Criamos assim um julgamento mais ou menos moral em torno daquele que se declara fugitivo. No entanto, ao retirante, dispensamos um olhar quase “piedoso”, pois, nestas mesmas literaturas das quais hora ou outra venho tratando aqui neste ensaio, apresenta-se um estereótipo para o sujeito retirante: alguém degradado pela miséria, necessitado da benevolência daqueles que os vêm passar. É como se o fugitivo fosse aquele de quem se diz: marginal (com todo o carrego colonial desta palavra e o coloca no lugar da criminalidade) e o retirante fosse o marginalizado (daquele de quem se construiu a imagem de estar à margem dos bens sociais).

Mas vê, como a literatura mesmo informa que é tudo muito misturado? É a tensão da linguagem que vai se fazendo num contexto que se relaciona sempre com seu tempo...Fugir ou retirar? Qual relação tenho estabelecido com estas palavras que cada vez mais apresentam-se para mim como uma “alegoria”? Neste aqui e agora, envolta nestes sentimentos, penso que, o termo “retirante” relaciona-se com um tempo muito específico. Relaciona-se prioritariamente com o período das secas e está direcionado muito especificamente a estes “sertanejos” que saíam daquele espaço geográfico fadado à desertificação. De igual modo, o termo “fugitivo” é sempre atemporal e está relacionado a uma inadequação aos códigos sociais.

O sentimento do retirante

É possível pensar num retirante no tempo atual? Em outras regiões do país e do mundo? Começo a me inclinar a um pensamentozinho de que o retirante pode estar, agora, para um este *sentimento* do qual vimos falando – mas isso é só uma divagação. Daí que estes pensamentos vão chegando, tomando contornos que nem são imutáveis: apresentam-se mesmo como uma borda pintada com uma espécie de tinta que estará sempre fresca, como que sempre desejosa de ser borrada; uma tinta da qual a linguagem “se utiliza” para estar sempre presente, no tempo mesmo em que fora anunciada. A linguagem, também por isso, guarda em si mesmo esta singular característica de, mesmo sendo capaz de enunciar coisas para a posteridade, o sentido do enunciado vai sempre sendo modificado. Por isso, a palavra “retirante” é a mesma; anuncia este “movimento” de partida e chegada, mas, o sentido do retirante é que se modifica de acordo com o tempo da linguagem.

Sou uma fugitiva/retirante? Uma retirante/fugitiva? Fugitiva? Retirante? Tensões da linguagem. Fugitiva ou retirante, mas não uma especialista em linguagem. Antes, uma mulher que se percebe em profunda afecção quando em contato com esta linguagem: sempre uma outra, a cada nova proposição que chega, a cada novo pensamento atravessado pela linguagem – sobretudo, a literária. De vez em quando em meus pensamentos aparecem também sujeitos que se debruçaram sobre a linguagem e a literatura; destes vou nutrindo grande admiração: ajudam-me a pensar cientificamente as muitas questões que vão se apresentando nos textos literários. Sobre estas tensões da linguagem, Todorov (2013), diz:

A narrativa se constitui na tensão de duas forças. Uma é a mudança, o inexorável curso dos acontecimentos, a interminável narrativa da “vida” (a história), onde cada instante se apresenta pela primeira e última vez. É o caos que a segunda força tenta organizar; ela procura dar-lhe um sentimento, introduzir uma ordem. (p.21)

Então, a tensão entre fuga ou retirância situa-se no curso dos acontecimentos narrativos – sejam das obras literárias com as quais fui mantendo contato, seja pelos acontecimentos da própria vida mesma. Esta tensão só poderá ser resolvida é no âmbito do sentimento de ebulição e organização (posterior) do caos destes mesmos acontecimentos. É a

relação da literatura com o mundo e dos sujeitos do mundo com a literatura; é a assunção de estratégias e maneiras de pensar – durante a fuga ou retirada. Alguém valida? Não sei.

Não sei se esta realidade que se apresenta para mim afeta outras pessoas que não vivem esta mesma realidade; Mas, se em todo caso não afetá-las, não posso eu mesma ignorar estas condições; não posso eu mesma, dizer sobre formas de fazer/viver a vida (e a pesquisa) numa abstração; não posso deixar de reconhecer que sou aquela que vai pensando mesmo é no miúdo das palavras, enquanto vai com o poeta percorrendo as margens e observando *O Rio*:

Outra vez ouço o trem
ao me aproximar de Carpina.
Vai passar na cidade,
vai pela chã, lá por cima.
Detém-se raramente,
pois que sempre está fugindo,
esquivando apressado
as coisas de seu caminho.
Diversa das dos trens
é a viagem que faz os rios:
convivem com as coisas
entre as quais vão fluindo;
demoram nos remansos
para descansar e dormir;
convivem com a gente
sem se apressar em fugir.

Olhando assim este poema, veja o senhor o que me ocorreu: se não há em mim uma decisão entre a identidade de fugitiva ou retirante, há uma diferença primordial para o uso das duas palavras. O poema me fez enxergar que fugir não está só para as pessoas: está também para objetos e seres inanimados. Uma bola pode fugir da mão de uma criança; a água foge por um vão; um som pode fugir da acústica; uma galinha pode fugir de seu galinheiro; um pássaro pode fugir de sua gaiola. Mas poderiam estas coisas e estes seres se retirar?

Quem se retira, se retira de algum lugar ou da presença de alguém; retirar pressupõem um “quem” enquanto que fugir pode pressupor também um “que” – algo pode fugir de minha compreensão, de minha alçada, de meu alcance. É certo que esta percepção não resolve a questão, pois fugir pode também estar relacionado a alguém, a alguma situação. É tudo muito

diverso... porém, talvez esta percepção vá aos poucos me informando que sou uma retirante que traçou uma rota de fuga: vou me retirando de determinados espaços na busca pela ocupação de outros, tendo como rota caminhos não convencionais para muitos, mas que, em última análise, permite que eu adentre entre espaços. Já dizia Riobaldo: é preciso tomar conta do Sertão adentro⁴⁰

As minorias

Veja, meu amigo: de formação sou professora. Aprendi desde o curso normal em nível médio técnicas de ensino. Coisas do tipo: como ensinar os meninos a ler, escrever e contar; didática no ensino de ciências e de história; psicologia infantil; análise de práticas pedagógicas. Na graduação, um pouco mais, um pouco menos, a estrutura era a mesma. Mas aí que está... a gente se debruça sobre estas coisas todas, em verdade, é pensando. Pensar é que é o ofício. Pois só pensando podemos questionar o que fazemos e porque fazemos como fazemos. Se não for assim, seguimos repetindo os modelos com os quais fomos ensinados, reproduzindo discursos e ações que sufocam, massacram e oprimem a grande parcela da população a qual a pequena parcela (que ora chamamos colonizador, ora chamamos elite) pretende subalternizada.

Meu amigo não acha desgastante dizer para seus iguais o tempo todo que “eles” são seus iguais? Tentar provar para “eles” que não são efetivamente “eles” mas que somos “nós”? O amigo já viu um milionário ter de convencer o outro milionário que ele realmente é milionário? Mas com que frequência, meu amigo, você vê um trabalhador tentar convencer um outro trabalhador que foi captado pelo discurso da elite que ele não é efetivamente elite? É o que estou dizendo... é muito desgastante. A gente fica marcando passo em torno do discurso... Daí que me pergunto: como foi que nos enfiámos neste buraco de tatu? Fico pensando, mas não vejo conclusão: é tudo muito misturado. Primeiro porque vamos aprendendo e ensinando dentro de determinadas tradições – a nossa está diretamente ligada ao homem colonial, portanto vamos repetindo pensamentos e por conseguintes ações que

⁴⁰ Referência a frase de João Guimarães Rosa no livro Grande Sertão: Veredas. No original: “A gente tem que sair do sertão. Mas só se sai do sertão é tomando conta dele adentro...” p.294 e 295

continuam atendendo as necessidades de um padrão racial (branco) heteronormativo e socialmente excludente; depois porque estas tradições continuam produzindo discursos que, quando começam a ser rechaçados, travestem-se de neologismos que encontram brechas no “novo tempo”. Ou seja: quando o discurso tradicional que dizia abertamente “racismo não existe” passou a ser combatido, travestiu-se de “mimimi” e assim, em tom mais ou menos recreativo, ganhou força. Reuniu novamente em torno de si milhares de pensamentos/ pessoas que desejam possuir o “micropoder” de continuar sendo racista. E vai assim, até que um se levanta e nem não se “esconde” mais atrás de uma palavra. “Um” se levanta e diz todo tipo de barbaridade tradicionalmente balizada. “Um” representa estes “milhões”. Confortavelmente, quando presidente eleito, diz: *as minorias têm que se curvar às maiorias*⁴¹.

Por isso, meu amigo, que fazer/viver a Educação neste país (quicá no mundo) é tão difícil. Não tem teoria que dê conta; não tem teoria que resolva. A tensão está por toda parte, inclusive nos discursos. Sinceramente não sei se alguma teoria, algum dia, dará cabo dos problemas da educação daquele dado momento, mas acredito que o pensamento pode nos dar indicativos de outras maneiras de enfrentar o que se coloca. O pensamento é, neste sentido, a construção de uma rota de fuga. Perceber que, mesmo que não haja solução para o total, pode haver estratégias para melhor viver o cotidiano e para colaborar com a construção de outros discursos que não sejam os tradicionais; talvez, mais que isso, buscar mecanismos de “alerta” que nos mobilizem frente ao reaparecimento de discursos já que já foram entendidos como socialmente não mais aceitos em nossa sociedade (como os discursos nazistas, por exemplo).

De onde vejo, a saída é pensar. Estar em busca de uma educação que valorize o pensamento e o sujeito do pensamento; uma educação que seja rica em várias formas de pensar; que valorize não só a aprendizagem que se possa medir com provas e conceitos, mas aquela que acontece na formulação de hipóteses e na busca por diferentes meios onde esta hipótese possa ser colocada à prova de si mesma; buscar uma educação em que não se baseie em uma única forma de pensar, mas em muitas, tantas quantas forem possíveis. Parece óbvio. Talvez seja. Mas não é sempre assim. O pensamento nesta sociedade da pressa vai se tornando secundário. Vamos sendo levados a pensar dentro de um único espectro; vamos nos acostumando a decifrar imagens e situações que já chegam prontas para nós. É por isso que além do pensamento científico, o pensamento que nos chega através da arte é igualmente importante. A arte nos possibilita pensar de outras maneiras, que não aquelas já dadas. O

⁴¹ Recorte retirado de um vídeo que está disponível no Canal Jair Bolsonaro, ex-presidente da República do Brasil. Fala proferida para seus apoiadores em discurso. Disponível na plataforma Youtube. <<https://www.youtube.com/watch?v=6cIkWMKeDhs>>

impacto diante de uma obra de arte, o esforço para sua “compreensão” é exercício de pensamento. Quando em contato com uma obra de arte (seja ela um quadro, uma escultura, uma música ou um livro) somos levados a pensar, a dar certo tipo de acabamento aquela obra. É a formação do pensamento que se vai fazendo. Mais que isso: a formação dentro de um ofício de pensar.

Uma andorinha só não faz verão; um filósofo não muda o mundo; uma teoria não resolve os problemas sobre os quais se debruça; uma professora não muda a educação. Mas um pensamento mexe com as estruturas do sujeito daquele pensamento e hora ou outra vira discurso que se encontra com outros pensamentos: ganha estrutura, força, contornos. Vai assim existindo e nos indicando maneiras de existir que nos pareçam mais felizes. Sim. Pois que é necessário estar feliz também, você não acha? O tortuoso, meu amigo, é que as vezes, tanto quanto o vento e o pensamento, a felicidade que principia nessa gente que, assim como eu, (como nós), insiste em ocupar determinados espaços, também é “uma edição incômoda/ a que se fecha a janela”. Por isso sigo minha viagem e tomo notas, pequeninas notas, para não esquecer daqueles e daquelas que vieram antes de mim; que enfrentaram coisas porque pensaram; que informaram para gente como eu e você, que as janelas do mundo se fecham diante do incômodo que causamos, quando entramos mesmo, é pela porta.

Espero te ver em breve, meu amigo.

III.

*"Esses capetas têm ideias" 42: o imaginário infantil a partir de
Vidas Secas.*

“Naquele tempo o mundo era ruim. Mas depois se consertara, para bem dizer, as coisas ruins não tinham existido”.

(Ramos, Graciliano. *Vidas Secas*, p. 57)

Deus e o diabo

O senhor veja... nem bem pegara o livro *Nossa Senhora de Paris*⁴³ em mãos e já foi toda aquela lenga-lenga do “não poder”. Dizia que era um livro herege. E o que uma criança entende de heresia? Bastava saber que daquilo, deus não se agradava. Então, todas as noites eu rezava ao deus cristão que não me castigasse mais. Eu seria uma boa menina: nada de travessuras, palavrões, leituras indesejáveis e anseios de vingança contra aqueles que me machucavam. Que a infância, o senhor sabe: é terra que às vezes jaz esquecida dentro da gente. Não se lembra bem como é. Quem sabe da infância não será mesmo a criança?

⁴² Ramos, Graciliano. *Vidas Secas*. Rio de Janeiro. Record, 2022. P. 18

⁴³ Hugo, Vitor. *Nossa senhora de Paris*.

Pois que, por ocasião da proibição da leitura de Nossa Senhora de Paris, interessou-me outro título: Vidas Secas. Ah... que coisa maravilhosa, o senhor não acha? Aquela história tão triste, mas que apresentava ali *uma* infância – pois que a infância há de “ser muitas”. Nem não sei se o que me aproximou de pronto daquela narrativa foi a história no todo ou se foi a cachorrinha Baleia e os dois meninos – o mais novo e o mais velho. Faz diferença? Mas o que gostaria de começar dizendo ao senhor é mesmo desta mania de pensar e de retornar assim há algumas obras que foram me encontrando ainda na meninice. Retomei então a leitura de Vidas Secas. Retornei assim, à infância.

Aquela infância que de certo modo aproximava-se muito dos dois meninos – e da cachorrinha Baleia; aquela infância que corria sempre em direção ao desejo de habitar um outro mundo que começava sempre na incompreensão das palavras. O senhor não acha que é mesmo coisa de criança andar por aí decifrando e inventando palavras? Pois que é. O menino mais velho mesmo:

Como não sabia falar direito, o menino balbuciava expressões complicadas, repetia as sílabas, imitava os berros dos animais, o barulho do vento, o som dos galhos que rangiam na caatinga, roçando-se. Agora tinha tido uma ideia de aprender uma palavra, com certeza importante porque figurava na conversa de sinhá Terta. Ia decorá-la e transmiti-la ao irmão e à cachorra. Baleia permaneceria indiferente, mas o irmão se admiraria, invejoso. (Ramos, Graciliano. P.57)

Aprender palavras novas não vai assim... dando uma sensação de pertencimento ao mundo na gente? Mais do que aprender as palavras é o sentimento de entender o significado delas no mundo que, talvez, nos tragam este sentimento de pertença. Pertencer... não é importante sentir-se pertencente? Acho. O senhor não?

O menino mais velho cismara com a palavra que ouvira, tal como cismeï com o livro que não pude ler. O mundo é proibido? Nossa Senhora de Paris era uma heresia... e que diabos era uma heresia? Talvez a palavra que o menino mais velho quisera aprender também o fosse:

- *Inferno, inferno.*⁴⁴

⁴⁴ Idem. P. 57.

Inferno seria também uma heresia? Então, durante os intermináveis castigos em que era posta a ler a bíblia, esforçava-me de todo coração para entender as palavras – que pareciam-me muito mais difíceis e talvez muito mais feias e cheias de contornos obscuros do que o título que dizia “Nossa Senhora de Paris”. Esforçava-me, sobretudo, para entender aquelas palavras que diziam de amor, de um deus que frequentemente punia aqueles que não o adorasse “de toda alma e coração”. Eu desejava saber adorar. Esforçava-me. Mesmo. Se o senhor estivesse em meu lugar, também não se esforçaria?

Ouvia constantemente que a grande virtude de uma mulher deveria ser a obediência. Obedeça! Obedeça! *Mestre, qual é o grande mandamento na Lei? Respondeu-lhe Jesus: Amarás o Senhor, teu Deus, de todo teu coração, de toda tua alma e de todo teu entendimento*⁴⁵. Mas acontece que o amor é um exercício difícil em situações de vulnerabilidade infantil. É difícil dispensar amor a um deus ao qual não se pode ver, nem tocar e nem conversar e ao qual seu único desejo é ser servido. Como amar a um deus que não me protegia? Então eu sofria porque não podia amar a deus de todo meu coração; eu não sabia ser como Jó⁴⁶ (e nem queria sê-lo); eu sofria ainda mais porque não conseguia em nenhuma hipótese *amar meu próximo como a mim mesma* como exige o segundo mandamento⁴⁷.

Conheci quase todas as histórias da bíblia. De algumas cheguei a gostar. Jonas, por exemplo, em minha imaginação, era uma espécie de Róbson Crusoé; Davi uma espécie de Dom Quixote; Débora uma cruel Joana D’arc; Caim e Abel brigavam como as irmãs da Cinderela; João contava histórias como Sherazad. Achava as histórias boas, mas ficava sempre penalizada com os finais que nunca eram felizes: sempre alguma morte ou alguma punição a um povo. À medida que ia conhecendo a literatura mundial, questionava a linguagem bíblica e as histórias “verdadeiras” que ela contava.

Mas eu seguia lendo a bíblia porque ela era um livro sempre disponível em casa e na casa dos parentes. A bíblia não era proibida como “Nossa Senhora de Paris” ou como “A Serra dos Meninos Pelados”, de Graciliano Ramos. Quem me mandava ler a bíblia pensava que eu seria doutrinada por ela e que aprenderia a ser uma “boa” menina; eram ingênuos e pensavam que ali, com a bíblia nas mãos eu aprenderia a *sempre reverenciar, nunca desobedecer*, como cantou Belchior. Mas por dentro eu ria porque conforme lia aquelas histórias eu também conhecia o Jesus que andava com os maltrapilhos, que multiplicava os

⁴⁵ Bíblia Sagrada, livro de Mateus, cap 22, 36-37.

⁴⁶ Na Bíblia Sagrada, Jó é apresentado como homem resignado que, apesar de todo sofrimento, este sempre disposto a servir a Deus e a perdoar aqueles que o faziam mal.

⁴⁷ Bíblia Sagrada, livro de Mateus, cap. 22, 33.

pães e os peixes para então dividi-los; Jesus que amava as Marias Madalenas e que atirava dos templos afora as moedas e excomungava o comércio feito em seu nome.

Eu não era capaz de amar aquele deus que era “fogo consumidor”, mas eu conseguia imaginar Jesus menino, brincando agarrado às saias de sua mãe Maria e então éramos duas crianças a brincar; conseguia admirar aquele homem que andava com os leprosos e a eles socorria; aquele homem que falava com palavras doces e serenas e se fazia entender, era alguém que valia a pena “conhecer”; aquele homem que transformava água em vinho para animar os convivas numa festa era um alquimista alegre e generoso. Deram-me a bíblia para que eu temesse o deus da espada, mas acabei conhecendo o amor que revoluciona. Jesus era revolucionário, e isso, por hora, me bastava.

Conforme eu ia crescendo, inúmeras foram as investidas em diferentes denominações: assembleias de deus de todo tipo; igrejas batistas; metodistas ortodoxas e wesleyana; presbiterianas; igreja da graça; da paz; da bola de neve. Conheci boas e más pessoas em cada lugar pelo qual passei e em todos os lugares tentei me encaixar. Tentei caminhar, como dizem, mas meus pés, definitivamente, não cabiam naqueles sapatos. Então eu era evangelizada. Oravam por mim; punham meu nome nas correntes de libertação; diziam que eu deveria carregar alguma maldição hereditária...

Onde vai, valente?
Você secou
Seus olhos insones secaram
Não veem brotar a relva que cresce livre e verde
Longe da tua cegueira
Seus ouvidos se fecharam a qualquer música
A qualquer som
Nem o bem, nem o mal
Pensam em ti
Ninguém te escolhe
Você pisa na terra, mas não a sente
Apenas pisa
Apenas vaga sobre o planeta
E já nem ouve as teclas do teu piano
Você está tão mirrado
Que nem o diabo te ambiciona
Não tem alma
Você é o oco, do oco, do oco
Do sem fim do mundo⁴⁸

Eu acreditei em tudo isso durante algum tempo. Me sentia culpada, suja, merecedora de toda sorte de punição. Eu era uma pecadora que não conseguia se livrar dos pecados. Eu pensava coisas fantasiosas e gostava das “coisas mundanas” como filmes, programas de TV infantil, dança e literatura. Ah, como eu gostava (e gosto) da tal literatura! Eu gostava da

⁴⁸ Canção “Carta de amor” de Paulo César Pinheiro, interpretada por Maria Bethânia.

coca-cola do diabo (e ainda gosto); achava lindo o batom vermelho de Jezabel: gostava de me pintar e brincar de ser gente grande.

Certa vez pintei as unhas na casa de uma colega. Ao chegar em casa peguei o batom vermelho, apanhei sorrateiramente uns óculos de algum adulto, segurei um lápis e fingi que era um cigarro. De frente para o espelho dei várias entrevistas do livro que havia lançado: as pessoas gostavam de me ouvir e, mais que isso: amavam as coisas que eu escrevia. Eu fazia poses e falava coisas bonitas... eu estava onde queria estar.

Mas aí fui interrompida. Um puxão no cabelo! Um tapa no rosto e esfregão nos lábios! Puta! Jezabel! Você, quando crescer não vai ser nada! Vai ser uma puta! Piranha! E essas unhas? Tire este esmalte! Tentei obedecer, engolindo o choro como mandavam. Procurei a acetona, o produto adequado para retirar os esmaltes. Não tinha. Fizeram-me tirar com álcool. Os dedos ficaram esfolados, mas não me doíam. Ali eu já não sentia dor: só vergonha por não ser uma menina decente. Diante do espelho vi as pessoas caçoando de mim. Jezabel! Jezabel! – elas gritavam e riam. Nenhum aplauso. Só ovos podres. Com algum esforço, apanhei meu lápis-cigarro, enfiei meus escritos embaixo do braço e dei as costas para aquilo tudo. Como Jezabel, caí da sacada, direto aos cachorros. Fui devorada pela culpa, pelo medo, pela vergonha e pelo futuro anunciado.

A bíblia que eu lia contava que a morte de Jezabel foi profetizada por Elias. Segundo contam as escrituras o que o homem falara acerca do futuro daquela mulher aconteceu tal e qual. Contam as escrituras que Elias profetizou que *também acerca de Jezabel falou o Senhor, dizendo: Os cães comerão a Jezabel junto ao antemuro de Jizreel*⁴⁹. *Então voltaram e contaram isso a Jeú, que disse: Cumpriu-se a palavra do Senhor, anunciada por meio do seu servo Elias, o tesbita: Num terreno em Jezreel cães devorarão a carne de Jezabel*⁵⁰.

Profeta é aquele que sabe do futuro. Geralmente um “servo” ou “serva” designados por deus para fazer revelações; alguém cujo a palavra tem o poder divino. Estava, pois, decretado: eu seria a puta. Este seria meu destino. Eu possuía algo ruim que deus não aprovava. Eu era demasiadamente humana, demasiadamente mulher, demasiadamente cheia de ideias.

Mas eu não tinha tempo a perder com as profecias. A vida era urgente e urrava em mim. Algo que eu ainda não sabia o que era me impelia ao além; alguém invisível me acalentava nas noites mal dormidas. Eu simplesmente sentia que não estava sozinha. Não importava mais se as pessoas em meu redor fingiam que não viam as coisas que me acontecia,

⁴⁹ Bíblia Sagrada. Livro I Reis, cap. 21, vers. 23.

⁵⁰ Bíblia Sagrada. Livro II Reis, cap 9, vers. 36.

ou se não tinham vontade (ou coragem) de interferir. Eu seguia a vida com uma estranha compreensão das coisas. Verdade ou fantasia? Uma personagem criada na infância? Vá saber! Quem sabe o que uma criança é...

Mas uma verdade digo ao senhor: nunca questioneei com revolta a morte de minha mãe e todo abandono e abuso pelo qual passei pela sua ausência. Sentia uma certa melancolia. Em minha memória ficavam sombras e contornos da filha que poderia ter sido, mas nunca da mãe “que não tive”. Ficavam rodeando em minha cabeça pensamentos do tipo: como ela era? Do que gostava? Como seria seu cheiro? Como seria receber um beijo de boa noite? Como seria se eu tivesse uma cama para correr no meio da noite quando acordasse apavorada por um sonho mau? O não saber nos leva a lugares diversos...

Caça ao tesouro

Minha infância inteira foi então baseada numa caça ao tesouro e ao mesmo tempo numa espera. Eu sempre procurei na casa das pessoas da família coisas que minha mãe poderia ter deixado escrita para mim. Nunca consegui perguntar diretamente a ninguém sobre aquela mulher tão próxima e ao mesmo tempo tão distante de mim porque as pessoas simplesmente me respondiam mal ou não falavam, mudavam de assunto. Logo entendi que deveria procurar onde pudesse, como pudesse. Mas nunca encontrei nada. Então, conforme os anos se passaram eu imaginei que algum dia, numa data muito especial, apareceria um guardião de um diário ou uma carta endereçada a mim por minha mãe.

Mas bem rápido percebi que eu não podia mais ficar gestando qualquer esperança de um dia encontrar alguma coisa escrita por ela. Eu tinha que deixar nascer este sentimento desolador que ela foi real e que decidi não me dizer nada sobre ela, por ela mesma. Aquele era meu desterro. Ela preferiu que eu crescesse com minhas suposições e com minhas batalhas para saber sobre ela; eu precisava eutanasiar toda a esperança que tinha de encontrar qualquer escrito dela endereçado a mim: anos de busca na casa de minha avó deram-me apenas um diário com seu nome na capa, uma caderneta de escola com o registro de suas presenças e ausências e mais nada. Uma visita na casa de uma tia, certa vez, me rendeu uma foto com uma dedicatória para a tia, quando ainda era jovem e certamente não imaginava seu destino. Ou

talvez imaginasse. A dedicatória dizia: “*ofereço esta fotografia como prova de amizade para quando o coração esquecer os olhos lembrar, Albina, 01/01/1974*”.

Esta fotografia chegou em minhas mãos em 2013, quando fiz uma viagem com minha avó para Aracaju. A fotografia fora dada por minha mãe a uma tia, ainda quando era adolescente. Antes desta, eu conhecia apenas duas fotografias de minha mãe: uma de sua formatura no Ensino Médio e uma outra em que ela me segurava numa cama; ela sentada, eu em pé, ainda bebê, com uns 9 meses de idade. Eu sempre amei a fotografia de sua formatura e sempre odiei a fotografia em que ela aparece comigo. Na primeira ela tinha o mundo todo pela frente; na segunda ela tinha apenas o desespero de ver-se indo embora e de ter de deixar a mim, tão pequena e indefesa, sozinha.

Não importava para ela se eu teria um pai por perto ou uma avó materna ao lado ou mesmo tias e tios que, teoricamente, no melhor de seus sonhos, me cobririam de amor. Ela não estaria ali e isso seria decretar minha solidão no mundo. Um filho está sempre só se a mãe não está – uma amiga pesquisadora, Priscilla Bezerra, certa vez me disse que o primeiro outro de qualquer criança é sempre a mãe. Me agarrei a esta sentença a vida toda para absolutamente odiar aquela foto. Eu precisava ver naquela foto seu olhar triste. Aquele olhar tinha a obrigação de ser triste, afinal, todas as mães que precisam despedir-se de seus filhos tão cedo, estão profundamente tristes. Mas então eu descobri recentemente; então precisei estar na estação de trem e deixa-la ir; precisei olhar bem nos olhos dela e ver que na verdade, não havia tristeza: havia a quase certeza que ela tinha feito o necessário e que o mais seria com a vida e comigo; Então quando olhei aquela fotografia novamente eu vi que o olhar triste era o meu. Eu é que estava triste; eu é que estava perdida e receosa; eu é que me via solitária porque os outros não se importariam se ela não estivesse; eu é que tinha certeza (e talvez por isso hoje eu desconfie tanto de qualquer certeza) que ela jamais partiria sem deixar algo escrito para mim. Eu tinha certeza!

Eu esperava qualquer coisa escrita, afinal de contas, fui criada numa sociedade escriturária que valida somente o que está escrito. Por isso o cristianismo é “A Verdade”; existe a bíblia (que é sagrada, dizem) que registra todas as coisas que são verdadeiras, dizem! Então eu só esperava que minha mãe tivesse me deixado algo escrito. Eu só poderia materializá-la a partir de alguma palavra assinada por ela. Então eu esperava.

Esperei ansiosamente a primeira menstruação e as explicações de como a vida seria diferente a partir dali, como colocar um absorvente ou mesmo como aliviar as cólicas; depois esperei os quinze anos. Tive certeza de que seria nesta data. Alguma tia apareceria com uma caixa embrulhada cuidadosamente e me faria um minidiscorso. Ela diria: sua mãe pediu que

eu te entregasse isso no dia em que completasse quinze anos. Ela passou dias escrevendo para você. Leia com atenção e amor...

Depois esperei que fosse no dia do casamento, com um discurso similar; depois esperei que fosse no nascimento da minha filha; depois esperei que fosse acontecer ao acaso, num dia comum, conforme a vontade do guardião. Conforme as hipóteses iam se esgotando, a vida ia seguindo. Eu ia lambendo minhas feridas, criando minhas personagens, escrevendo minhas poesias, descobrindo que a verdade que construí sobre a maternidade se aplicava somente a mim. Eu era então como a cachorrinha Baleia tentando entender o mundo e relacionar-se com ele mesmo nos momentos de perigo. Dizia que a cachorrinha *gostava de espojar-se ali: cobria-se de poeira, evitava as moscas e os mosquitos, e quando se levantava, tinha folhas secas e gravetos colados às feridas, era um bicho diferente dos outros* (p.84).

As histórias que eu lia e as personagens que criava faziam a mesma função que poeira para a Baleia: espantava os incômodos e, toda vez que eu retornava daquele lugar sob o qual me escondera tardes e noites sem fim, eu era diferente dos outros, mas principalmente, era já diferente para mim mesma. Digo ao senhor que estas primeiras fugas para a literatura me ampararam ao perceber a verdade que eu não queria, não sabia acreditar: minha mãe engravidou, adoeceu, pariu, morreu e não escreveu nenhuma palavra para mim. Ela se foi, sem olhar para trás e a fantasmagórica sempre fui eu. Chegou enfim o momento que eu queria sentir alguma revolta! Mas todos os pensamentos chegavam até mim como uma constatação. Eu só me sentia vazia.

Aos poucos fui entendendo que a escrita sempre fez sentido para mim, somente para mim. Sou eu quem acha um absurdo não dizer-se ao outro; sou eu quem pensa em escrever cartas para a filha para que ela saiba que eu estive ali ao lado dela; sou eu quem precisa fazer poesias para registrar o que desejo intimamente; sou eu quem precisa criar personagens para contar coisas difíceis que vivi ou para criar situações que adoraria ter vivido mas que aconteceu na verdade com uma amiga ou com o amigo da prima de uma amiga. Sou eu... mas seria somente eu? Toda criança andaré por aí tentando compreender o mundo à sua própria maneira? Em *Vidas Secas* “O Menino mais novo” também enfrentava suas desventuras.

É que o Menino mais novo queria também comunicar aos outros o mundo tal qual ele via. Certa vez admirava o pai que montava maestralmente (sob o olhar do Menino), numa égua. Depois da luta travada, Fabiano, o pai, tombara, mas mantera-se de pé. O Menino via no pai, naquele momento, a importância maior do mundo. Chamara a atenção da cachorrinha Baleia para o fato ocorrido, mas isto não interessava à cachorra; foi então através de seus gestos, comunicar à mãe, Sinhá Vitória, sobre aquele grande feito de Fabiano. A mãe

entretida em outros afazeres, limitou-se a dar-lhe um cascudo. O Menino mais novo apenas retirou-se zangado (...) achando o mundo todo ruim e insensato (p.46)

A criança vive o mundo, pensa e age sobre ele. Encontra suas próprias estratégias para compreendê-lo e habitá-lo de maneira mais harmônica. A criança cria um mundo próprio sem, no entanto, desprender-se do mundo mesmo. É a capacidade de jogar; é o brinquedo que se faz simbolicamente através das diferentes linguagens. É neste jogo entre o real e o imaginário que a criança vai avançando sobre o mundo, conferindo-lhe significação.

Mas o senhor sabe? Eu mesma, quando criança, não sabia estas coisas. Quer dizer: sabia mesmo era no Ser-Sendo, a maneira mais origina de ser. Criança, eu era também O Menino mais novo, capaz de deitar na esteira e sonhar um mundo completamente novo; eu era capaz de correlacionar os mundos; eu sabia que aqueles jogos e personagens que eu criava não eram reais o tempo todo, mas, naqueles momentos em que eu estava ali, envolta naquelas criações, aquele mundo era o mais fantástico e mais verdadeiro de todos! Pudessem eu habitá-lo para sempre... o faria? Talvez não. Pois o que denota a autoria da criança não haverá de ser esta capacidade de transitar e pensar sobre os mundos. A capacidade imaginativa da criança é, pois, uma linguagem. Modo pelo qual torna-se pertencente ao mundo das significações. Nesta relação com o brinquedo, com o jogo (e por isso com a linguagem que lhe é própria) expande seus sentidos sobre o mundo.

As histórias eram para mim o brinquedo mais impressionante. Eu era capaz de criar com ele e recriá-lo, sempre à minha própria maneira. Em algum momento houve a percepção que as histórias que lia foram escritas por alguém. Eu descobria ali a figura da escritora, do escritor. O senhor sabe? Penso que deve ter sido a partir desta descoberta que passei a pensar que a escrita é uma forma de entregar-se ao outro; passei a pensar que escrever é registrar um momento de modo mais profundo que a fotografia (que me perdoem os fotógrafos); escrever seria, então, poder dizer detalhadamente aquele momento registrado. Seria dizer simplesmente:

Filha,

Daqui de onde escrevo entra uma pequena luz pela janela. Uma ínfima luz que reflete diretamente em meus olhos e que, talvez, pelo registro do fotógrafo, deixem meus olhos mais tristes que os teus. Na verdade, minha pequena, ambos os olhos estão deveras tristes: os teus e os meus. Temos passado dias difíceis, dias em que a dor avança sobre mim e com ela o medo de me perder de você. O mundo lá fora é só um detalhe: importa apenas o que há aqui, agora.

Você vai crescer e eu não estarei aqui. Quero que me perdoe por isso. Simplesmente não posso ficar: há outras coisas a fazer em outros lugares e em outros tempos. Talvez demoremos um pouco a nos encontrarmos novamente e quero que saiba que isto é normal. Talvez, ainda quando criança, sonhe comigo, mas talvez depois pare de sonhar: isso também é normal. Com o passar do tempo não restará muita lembrança e nada disso fará sentido (afinal você só tem um ano! És tão pequenina!). Com o tempo você vai pensar que sonhou, que sentiu ou mesmo que me viu: mas serão apenas desejos. Nesta hora você precisará ser forte, muito forte, entendeu?

Você precisará ser forte muitas vezes: quando não te explicarem as coisas, quando te baterem (nunca abaixe a cabeça), quando tentarem tocar no seu corpo sem autorização: seja forte: não permita! As pessoas não vão acreditar em você, mas seja esperta: fuja, corra, acredite no seu instinto. Estude. Não deixe alguém dizer que você não vai conseguir; Seja forte, limpe o rosto: não tenha medo de lacraia: ela não vai estar de verdade na sua cama; pode dormir em paz: deus não mata crianças de madrugada; reze se quiser; pense em coisas grandes; questione; seja feliz; escove os dentes; seja uma boa menina.

Com amor,

Mamãe.



Da esquerda para a direita:
Albina e seus irmão durante a
infância. Arquivo de D. Maria,
mãe de Albina.



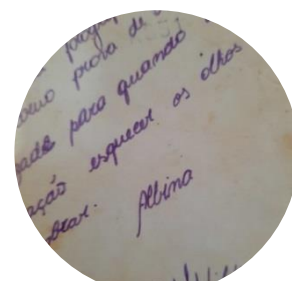
Foto de Albina
recebida durante a
viagem a Aracaju.
Arquivo pessoal



Formatura de Albina.
Arquivo pessoal.



Da esquerda para a direita:
Clara e Albina em 1985.
Arquivo Pessoal



Dedicatória em foto
feita por Albina
para tia. Arquivo
pessoal



Da esquerda para a direita:
Clara e Ana Luisa,
respectivamente filha e neta de
Albina em 2006. Arquivo
pessoal.



Da esquerda para a direita:
Clara e Ana Luisa. Em 2019.
Arquivo pessoal

Minha mãe tinha um câncer e, pelo avançar da doença, pelos idos dos anos oitenta e as limitações de tratamento próprios à época, não haveria jeito: a morte era eminente. Em minha cabeça demasiadamente cristã juvenil, isto era o motivo pelo qual ela deveria ter escrito algo endereçado a mim, afinal, ela tinha nos braços uma filha bebê e pelo corpo, a metástase. Os médicos suspenderam o tratamento e a mandaram de volta para casa. Não tinha jeito: ela morreria em breve. O que ela fez nos dias que se seguiram? Por que não escreveu um bilhete que fosse?

A história única.

Hoje, enquanto conto ao senhor estas coisas, rio de mim. Este exercício, bem como as coisas que contarei a seguir, me botam frente a realidade de que vivi, durante mais de trinta e cinco anos uma História Única, como nos alertou Chimamanda.

É impossível falar sobre a história única sem falar sobre poder. Existe uma palavra em igbo na qual sempre penso quando considero as estruturas de poder no mundo: nkali. É um substantivo que, em tradução livre, quer dizer “ser maior do que outro”. Assim como o mundo econômico e político, as histórias também são definidas pelo princípio de nkali: como elas são contadas, quem as conta, quando são contadas e quantas são contadas depende muito de poder. (p.12)

Cresci sob o poderoso mundo bíblico, cristão, heteronormativo, racista, entre outras coisas que acho que não vale a pena listar. É necessário, no entanto, dizer que este mundo exerceu sobre mim durante longos anos este poder que é *a habilidade não apenas de contar a história de outra pessoa, mas de fazer que ela seja sua história definitiva*⁵¹. (Chimamanda, p. 12)

E foi assim que eu cresci longe de minha negritude. Minha família paterna orientou-me a partir de uma perspectiva única. Cresci ouvindo que “tenho o cabelo bom e os traços

⁵¹ Adichie, Chimamanda Ngozi. O perigo de uma história única, 2019.

finos, graças a deus e ao sangue dos Rohems”. A origem alemã da família de meu pai trouxe para mim “A Redenção” de Cam: eu era a moreninha, embranquecida.

Frequentemente no seio familiar eu não possuía uma identidade racial. Em alguns momentos eu era “mais pro lado branco”; em outros momentos – geralmente não tão agradáveis, por exemplo, quando quebrava um copo na infância – “era o sangue nêgo! Afinal, passou de meio dia, é noite!”. E neste limiar fui existindo sem alguma identificação racial. Fui naturalizando determinados discursos; fui “fazendo por menos” e de tanto fazê-lo, quase deixei de existir.

Eu olhava as fotos de minha mãe e a via a típica “Moreninha”: Cabelos ondulados, lábios carnudos, pele amarronzada. Eu só via o retrato posto e não enxergava o que estava por trás; eu não pensava que ela era uma mulher imigrante nordestina, crescida longe do pai, criada numa favela em Duque de Caxias⁵²; eu ainda era incapaz de relacionar raça e classe, coisas que nem sempre aparecem nos retratos.

Tem coisas que não somos capazes de enxergar vendo uma fotografia. Tem coisas que não enxergamos diante do espelho se olhamos para ele sozinhas; tem coisas que é preciso estar frente ao espelho, junto com outras pessoas. E a vida se encarregou de me apresentar a bons companheiros de caminhada. Aonde? Nos espaços educativos.

Na escola, na universidade e na pós-graduação conheci pessoas que conheciam outras histórias além das que eu conhecia; conheci pessoas preocupadas em fazer uma educação antirracista; pessoas que lutavam (e lutam) pela desconstrução da história única; pessoas que compartilharam comigo seu processo de enegrecimento e me ajudaram a ir desconstruindo, ponto-a-ponto, as verdades únicas que me foram apresentadas.

Mas não foi “só” isso. Comecei esta conversa falando de minha relação com o deus cristão e de minha busca pela adequação a alguma religião; falei também que, estranhamente, não me sentia só; contei também que, em criança, ouvia muito que eu carregava comigo algum tipo de “maldição familiar”. Foi há bem pouco tempo que descobri que o que eles chamavam “maldição” era, na verdade, a escrita que procurei a vida inteira, mas não num papel. A escrita era ancestral. Impregnara-se em meu espírito, quando minha mãe batizou-me na umbanda.

O senhor veja o que a vida é... minha mãe é a mulher mais fantástica que eu *não* conheci! Eu registrei lá em cima a pergunta que eu sempre me fazia: o que minha mãe fez quando o médico a mandou para casa, dizendo que não havia mais o que fazer? Simples: *não*

⁵² Cidade da baixada Fluminense do Rio de Janeiro.

“perdeu” tempo escrevendo coisa alguma! Com o pouco tempo que lhe restava enfiou-se comigo nos braços num ônibus, provavelmente sozinha, e levou-me a um terreiro (longe de onde morava. Muito longe) *para batizar-me na umbanda.*

E a vida, meu amigo, que sempre se encarrega de apresentar os caminhos aqueles que se pretendem caminhantes, levou-me até o lugar onde me encontraria enfim, com a ancestralidade que sempre procurei. Chegara ao fim a caça ao tesouro. Não foi da maneira como imaginei; não foi por uma carta ou pela narrativa de alguém: foi através do espelho d’Oxum, debaixo das bênçãos de Pai Oxalá, em meio à ventania de Iansã que me vi enfim, a Clara negra, filha de Albina, mulher fantástica! Foi, enfim, naquele lugar de aprendizado sem igual, naquele terreiro que meu espírito gritou-me: Negra⁵³!

A descoberta

Foi ali naquele terreiro fazendo meu primeiro padê⁵⁴ e minhas primeiras firmezas que descobri quem sou. Enquanto aquelas mulheres do terreiro me orientavam nos afazeres, enquanto me explicavam o sentido das coisas, enquanto eu vivia todos aqueles processos ao lado de minha filha, sentia a pena do tempo reescrever minha história. A minha história única e irrepetível.

É preciso com urgência validar o lugar de conhecimento que é um terreiro. Ali habitam saberes que não podem ser apreendidos numa leitura ou palestra; ali a gente aprende na troca de energia, na escuta das mulheres, na escuta das entidades; ali a gente aprende sentindo as folhas tocando pelo corpo – e às vezes dói; a gente aprende com cada grão, com o banho gelado, com o toque do atabaque; ali a gente conhece um deus de amor, benevolente, que enviou e ainda envia os Orixás, as entidades e suas falanges em nosso socorro; ali a gente entende que o aprendizado pode ser alegre, colorido e cheiroso; ali, somente ali, vivendo cada passo, a gente aprende que todo sagrado é um mistério a ser desvendado e sobretudo, respeitado.

É necessário que nossa educação valorize com urgência a cultura da oralidade; é necessário educarmos nossas crianças para o entendimento que existe e sempre existiu mais

⁵³ Referência ao poema Gritaram-me Negra, de Vitória Santa Cruz.

⁵⁴ Elemento ritualístico dos cultos de umbanda

de uma história. Existem estórias que se desdobram em histórias únicas. É necessário valorizarmos ainda a capacidade criativa e imaginativa própria de infância. É igualmente importante uma educação que valorize o conhecimento “dessa gente que menstrua”, como bem escreveu Elisa Lucinda em seu poema; é importante para a construção de outros paradigmas a validação do conhecimento da mulher que conhece as folhas, que entende dos chás, que sabe as rezas e as histórias de seus antepassados; é necessário *não desmerecer o útero das mulheres*. É importante reconhecer a importância do útero que nos abrigou e mais que isso, a generosidade da mulher que, nos cedeu, seja como for, parte de seu corpo como casa.

Quando me vi na umbanda reconheci todas estas coisas. E então eu queria mais: desejei saber detalhes de meu batismo. Reiniciei minhas buscas: parentes próximos, vizinhos, tios distantes, comunidade em redes sociais de pessoas que poderiam ter conhecido minha mãe. Cheguei apenas a respostas genéricas. Em sua grande maioria as pessoas falavam que “minha mãe era muito reservada”. Faziam cara de surpresa quando eu falava do batismo na umbanda e tentavam “justificar”. Diziam que “ela fez isso no desespero porque diziam que ela poderia se salvar”; sustentavam a narrativa que ela “adoeceu por conta de uma obra de feitiçaria”; enfatizavam que “no final da vida ela se converteu e passava os dias agarrada à bíblia”. Falavam coisas para reforçar a única história que achavam possível me contar. Fora estas coisas, havia mais uma fala comum e fatídica em todas as narrativas: terminavam por dizer que “apesar do batismo na umbanda você também foi batizada na igreja católica”.

Eu já estava fortalecida o suficiente para rebater muitas destas falas, mas, quando fazia isto, não conseguia mais do que um constrangedor silêncio. Então, certo dia, resolvi buscar meu certificado de batismo da igreja católica. Minha intenção era ver a data e talvez, quem sabe, buscar alguns centros de umbanda do período em que eu pudesse ter sido batizada. Eu sentia uma necessidade absurda de conhecer mais sobre mim. Foi aí que, pela primeira vez, senti a tal da revolta que me fez certa falta ao longo da vida.

A revolta

Quando peguei o certificado de batismo me dei conta que me enfiaram na pia batismal *após a morte de minha mãe*. Isso mesmo, meu amigo! Exatos dois meses após minha mãe

deixar este plano, batizaram-me. Fiquei sem chão! Abria-se ali um grande buraco de tatu. Eu era engolida por ele. Não havia pensamento. Havia sentimento. Era o desterro total.

Por hora, não quero mais me colocar no lugar de filha. Aqui só cabe uma análise a partir do lugar de mulher-mãe que agora sou. Não consigo imaginar um desrespeito maior à duas histórias únicas, destas duas mulheres, mãe e filha. À mãe negaram sua fé, sua história, suas raízes; à filha, além de todas as outras coisas negadas à mãe, roubaram também a possibilidade de construção de memórias, de conforto e afetividade possível. Se a raça e classe andam juntas, tenho aprendido que maternidade e política também. Precisamos olhar para este fato

como um convite à reflexão e ao diálogo sobre as condições imputadas, e também aquelas retiradas, de nós mulheres quando assumimos socialmente o papel de mãe. Tal reflexão se constitui à medida que nos inclinamos a observar e problematizar cultural e politicamente as múltiplas vivências da maternidade que aí estão naturalizadas ao longo das gerações. Só assim, vejo alguma possibilidade para discutirmos e, talvez, superarmos o lugar comum “permitido” a nós mulheres em nossa sociedade que se formou sob uma base de orientação patriarcal e cristã, colocando as mulheres num lugar muito bem esquematizado de subalternização (BEZERRA, ano p. 15)

Aceitar o convite à esta reflexão nos coloca em direção a um enfrentamento diretamente ligado a construção feminina nesta sociedade ocidental em que vivemos; refere-se a tomada de consciência que os embates travados estão diretamente relacionados aos fatores políticos que vão, cada vez mais, apropriando-se de discursos de subalternização de gênero e classe através de bandeiras ideológicas pautadas ora na religião cristã ocidental, ora sob o discurso do poder patriarcal, que no fundo do buraco do tatu, ligam-se sempre, intimamente.

Seja como fosse, a recente descoberta trazia até mim um sentimento que, inicialmente, pensei ser a revolta nunca sentida. Demorando-me mais sobre o fato descoberto, fui percebendo que não era uma revolta. Não era ali um jagunço em Canudos⁵⁵. Não. Permanecia eu alternando-me entre as personagens de Vidas Secas. Eu era, ali, sinhá Vitória. Talvez estivesse eu, assim como aquela mulher, demasiadamente empolgada com a ideia de calçar os sapatos e dançar numa grande festa. A referência quase cruel deferida por Fabiano sobre o

⁵⁵ Referência ao livro Os Sertões, de José Euclides da Cunha.

fato dos sapatos não lhes servirem adequadamente *abrira-lhe uma ferida* (p.41). Então, o senhor já deve imaginar: não era a revolta. Era uma ferida aberta. De novo. E Outra vez.

Estas experiências que venho ao longo da vida acumulando frente a este “mergulho” na literatura, ao passo que possibilitam momentos de reflexão e percepção do mundo mesmo, também informam, no próprio fazer da vida que você pode correr, mas não pode se esconder. Posso correr sempre em direção à liberdade do pensar, mas poderei eu me esconder do mundo tal como ele é? Certo que não. E devo também advertir ao senhor que não é esta a intencionalidade. Habitar o mundo amparando-se pela arte, pela literatura é uma rota de fuga que aparecerá como uma estratégia de trilhar o mesmo caminho que outros, mas de uma maneira própria, singularizada pelo jogo da linguagem.

As experiências que venho cunhando, então, tanto com a leitura quanto com a escrita têm mostrado que existe sempre uma forma, única e singular (e, portanto, que refere-se sempre a um único sujeito, portanto de alguém, um “eu”) de relacionar-se com os muitos lugares do conhecimento. Dizer da minha escrita refere-se incisivamente à forma como a organizo, como a produzo e/ou estilizo; dizer de minhas leituras refere-se ao entrecruzar das experiências destas leituras mesmas com o mundo real, vivido. No entanto tratá-las como “minhas” não afasta as contribuições de outros, não torna sem efeito o entendimento de que, sendo a língua dialógica, é através dos discursos enunciados e lançados a outros, que a tecitura de sentidos projeta tais discursos como uma construção social (Bakhtin, 2016, p. 118).

Na literatura pude então reconhecer-me em outros. Pude através do jogo imaginativo criar estratégias para melhor viver a infância. Eu era então, novamente, O Menino mais Velho que pensava sobre as coisas do mundo. O Menino que passava do questionamento sobre o significado da palavra *inferno* e que se colocava a pensar, quase imediatamente sobre as estrelas na Terra. *Como era possível haver estrelas na Terra?* (p.59). Como não pudesse responder à questão que se colocara e sendo deslocado para a questão primeira, ainda pensando sobre o inferno, O Menino *entristeceu*. *Talvez Sinhá Vitória dissesse a verdade. O inferno deveria estar cheio de jararacas e suçuaranas, e as pessoas que moravam lá recebiam cocorotes, puxões de orelha e pancadas com bainha de faca.* (p.59)

Talvez o inferno seja para a criança o cocorote, o puxão de orelha, as pancadas com bainhas de faca, a negação de sua história, a carta que não chega. Mas talvez as estrelas sejam capazes de habitar a Terra; talvez as estrelas coexistam com o inferno. Talvez seja esta capacidade que a criança possui de enxergar o mundo apesar do mundo, a grande estratégia que se apresenta também na literatura: a possibilidade de enfrentar a vida de modos próprios a

partir da pertença da linguagem. Sem querer ofender, senhor doutor, talvez, seja esta descoberta que se dá desde a infância e que deverá (de algum modo) nos acompanhar ao longo da vida, a estratégia primeira que, se não salvará o mundo, salvará a cada um de nós, pela travessia do mundo mesmo.

Agradeço a gentileza da escuta.

IV

*Coração mistura amores. Tudo cabe⁵⁶: diálogo sobre fuga, literatura e o
ofício do pensar e escrever.*



*No dia em que eu fui embora fiquei sozinha com a mala na mão.
Era um sentimento de solitude. Mas era preciso coragem: partir? De onde? Pra onde?
No dia em que fui embora, avistei a ladeira. Subi com a mala.
Ladeira íngreme.
Fazia sol. Muito sol.
Chegava num lugar que nunca vira. E via também pessoas iguais a mim, com suas malas.
Mas aquelas pessoas já habitavam aquele lugar: disso eu já sabia.
O que eu não sabia era a profundidade daquele habitar...
Não se pode existir longe do que se é.*

⁵⁶ Grande Sertão Veredas. P. 204

O Tatu.

“Na vila a vaca vê tudo(...) E nada cabe na mala. A mala leva o tatu”, diria Ana Maria Machado. Diria eu que o tatu é bicho inquieto: escafrunchando feito fosse tatu-menino, abriu a mala e correu. Mas o que pode um tatu parado numa ladeira? Parado ele pode é nada! Mas conhecendo a si mesmo, pode ele virar uma bola e rolar ladeira abaixo!

E vai o tatu rolando de ré, feito bola sem rumo que menino não pode pegar. Perigo era o terreno baldio: tatu ali ficava perdido e fazia nada não – ou fazia um estrago! Vai saber? Bicho perdido é sempre ardiloso, já dizia minha avó.

Sabe? Minha avó dizia coisas assim, sem pé nem cabeça. Ou dizia que o importante é sempre ter a cabeça agarrada no pescoço: tomei então estes ditos por mania e segui contando as coisas assim, meio distribuídas entre a cabeça e o coração.

Foi de minha avó também que herdei a mania de andar por aí de mala na mão, para lá e para cá, procurando sempre um Não-Sei-Quê misterioso. Cada um com sua herança. Eu de mim só tenho esta. Aliás, estas heranças não palpáveis e não monetárias são uma forma de preparar a gente praquilo que a vida realmente é: um pequeno acumulado de coisas que se podem levar quando não se tem mais nada. Há mais uma coisa que estas heranças nos oferecem para além desse punhado que gosto de chamar “significativo emocional”. Acho que este tipo de herança nos permite desfrutar de sua grandiosidade enquanto o sujeito e futuro transmissor da herança ainda habita o mesmo tempo que nós. Por isso preciso reescrever e retomar o que disse no parágrafo anterior. Para ser mais honesta, talvez a coisa fique melhor se narrada assim:

E vai o tatu rolando de ré, feito bola sem rumo que menino não pode pegar. Perigo era o terreno baldio: tatu ali ficava perdido e fazia nada não – ou fazia um estrago! Vai saber? Bicho perdido é sempre ardiloso, é o que diz minha avó.

Sabe? Minha avó diz coisas assim. Coisas que para muitos podem parecer sem pé nem cabeça, mas que para mim fazem total sentido. Por exemplo: todas as vezes que falamos ao telefone e que lhe faço a clássica pergunta: como você está? A resposta vem certa: tudo bem, minha filha! Por aqui, tudo com a cabeça agarrada no pescoço! Esta brincadeira boba me informou desde sempre que tudo na vida tem jeito, que nada é imutável, que as situações passam, etc, etc, etc e que o importante na vida é sempre ter a cabeça agarrada no pescoço. Para mim, esta frase soa como: enquanto estamos vivas, há sempre um algo a fazer, um

caminho a descobrir, um recomeço eminente. Tomei então estes ditos por mania e segui contando as coisas assim, meio distribuídas entre a cabeça e o coração.

Ai, caminhos difíceis de seguir, estes das escritas que vão se fazendo apesar de nós! Pobre do narrador que tentar acompanhar o que se passa na vida, no coração e na cabeça da escritora que mal sabe o que vai se dar logo ali! O narrador por si vai assumindo então o (ir) real que se apresenta. Assume contornos e formas que horas são femininas, outrora sequer possui gênero; assume a figura do menino; tenta descrever para o leitor a paisagem, o tempo e o sentimento que urge e que ressoa dentro da mala e enquanto rola ladeira abaixo o tatu.

O que cada mala tem dentro, vai saber, não é mesmo? Cada qual é um infinito em si, mas encontra sua finitude nas coisas que lhes vão chegando, preenchendo com paciência ou inquietude seus espaços. Pois que um tatu na mala, faz seu esforço de nela caber... mas, do ponto de vista da mala, um tatu é algo perigoso de se carregar. Mas cuidemos com o perigoso de se carregar. Mas cuidemos que “viver é muito perigoso” e não há outra maneira de ser, não é mesmo?



Aconteceu então que o tatu perdeu o costume de na mala estar, e a mala por sua vez, acostumou-se aos remexos do tatu, posto que, quando ele se foi, sentiu-se sobremaneira vazia. Toda mala carrega consigo a ansiedade de um vazio à espreita. E todo ser vivente dentro da mala, ao perceber o mundo, há então de sentir vontade de sair e ver o mundo tal qual ele é. E é assim que a ansiedade que habita a mala toma contornos reais. Mas já dissemos que viver é algo perigoso? Sim, sim... o senhor já disse...

Vó também diz isso. Diz que há de se ter muito cuidado em cada esquina da vida. Há que se avançar sem muito confiar. Sabe como é: um olho na enxada e outro no milho, ou então, um olho no cuscuz e outro na chaleira... e assim vai-se vivendo.

Vó desistiu do sertão ainda criança. Achava difícil a vida sertaneja: era trabalho, cobra e medo de lobisomem; era dormir mal na esteira e acordar com pés descalços rumando pra roça, rezando a deus pra ter o “di cumer”. Aí que você veja o que decide um Tatu-Menino: rolar ladeira abaixo quando houver oportunidade...

“Há muita força no querer da gente” (acho que isso o senhor também já disse, mas gosto de repetir). Em menina Vó sentenciou que “aquilo lá não era vida”. Tinha medo de muita coisa, mas temia mesmo era a Boa Hora: ajudou sua mãe a pôr criança no mundo

diversas vezes. “as vezes ia de longe atrás de querosene para iluminar lampião e voltava correndo pra ver o menino nascer e amparar sua chegada no mundo. Era a roça. Mas era o mundo da gente, né, minha filha?”

Vó não disse, mas sinto que a cada menino chegado aumentava sua vontade de sair do sertão. Ah, o querer da gente... um passo de cada vez e o mundo vai girando feito moinho secando sal: devagarinho temperando a vida. E até bom que seja assim: sal de mais adoce terra, adoce gente, estorrica carne-de-sol.

Ainda criança, então, somente pela força de seu querer, pela temperança da vida e pela reza atendida, saiu do sertão para a cidade junto a seus pais. A vida continuava difícil, porém menos dolorosa. Ainda havia pobreza, mas agora havia um pouco de “instrução”: Ainda na cidade sergipana, foi ao colégio e aprendeu as letras. “Espie que ninguém lia melhor mais que eu! Eu de pequena sabia acentuar e ler as pausas todinhas! Coisa linda eu menina, lendo”.

E a vida que seguiu levou também a meninice. Veio a mocidade. O casamento. O que demais aconteceu depois do enlace, sabe-se muito bem não por que só não conta. Diz apenas que retomou a vontade de largar o “Norte”. Tinha três meninos, mas não podia mais ficar. “Disse pros meninos: fique aí com só que já, já, eu volto pra lhes buscar, viu? Mãe vai de avião de quatro motores que não periga cair: se falhar dois tem mais dois! Tudo por cuidado de voltar e pegar vocês. Cada vez que passar avião no céu pode acenar que eu de lá vou responder”.

Neste momento que a gente fica aperreada e perdida na história, não é mesmo? Não sei mais se a Só levava a Mala, se ela era feito Tatu ou se era a própria Mala que levava a Tatu-Mulher que um dia o Tatu-Menino sonhara. O senhor sabe?

A mala carregava então a mulher sertaneja e suas dores de partida, seus anseios de chegada e os sonhos retomados. A mala estava satisfeita: não era velha demais; estava firme; sabia-se fechar e proteger o que carregava dentro. Tinha uma etiqueta com endereço. Lhes faltavam as rodas, mas com fé em deus não faltariam mãos boas que lhes carregassem. O mais era com ela...

O Tatu-Mulher achava estranho voar céu acima: nunca foi carcará. Antes estava acostumada com a terra e com o calor dela adentro, com suas rachaduras e com as cascas dos pés por cima. Acostumada estava a ouvir as coisas abafadamente, lá do buraco que se escondia e que, generosamente, fazia resfriar um pouco o calor para as pedras. Tatu então acelerou o coração. Que tudo que é ser vivente tem um coração que acelera, ou não? Tatu queria chegar em terra firme de novo. Recomeçar seus buracos, mas, desta vez, resfriando

generosamente sementes que pudessem germinar e fazer grama para seus meninos andarem descalços.

A Mulher então trazia a mala.

Dentro da mala vinha um Tatu.

O Tatu trazia um colo vazio.

O vazio trazia o querer.

E o querer tem muita força...

As memórias.

Eu por mim deveria (ou pelo menos seria prudente querer) esquecer o passado e enterrar nele as coisas findas. Mas o que se acaba neste mundo mesmo é matéria e fica sempre o ofício do pensar. Então, só posso pensar que o que a gente é, está sempre ligado a permanência do que fica na memória depois que todas as coisas passam: é ela, a memória, o que habita a mala quando o tatu se vai. Penso então que o exercício de dizer das memórias é, talvez, o mais complexo dos fazeres de habitar o mundo, mas é, ao mesmo tempo, essencial para nele permanecer. O complicado da memória é que ela revira com a razão da gente, põe do avesso a atestação do mundo das luzes, ou, o que é científico se calcula também pela mala de cada um. E a mala segue cheia temendo o vazio ou quando vazia, anseia pelo cheio e quem se desloca com a mala na mão faz sempre um grande esforço de lembrar (ou esquecer) enquanto atravessa o estreito que a vida é.

Falo assim as coisas meio embaralhadas porque é assim que sei contar e imagino que mesmo assim o senhor me entenda... Prossigo? Que sim: vó não me disse de cheio estas coisas que agora conto. Não disse, mas penso que diria e se não diz é porque não encontra necessidade. Que Vó sabe que o que é mesmo necessário é o encanto-desencanto do pensar: por que é somente pensando como se pode viver o sertão é que se pode atravessá-lo. O senhor também não acha? Vó diz que o sertão era duro: “pouca água, pouco pão; alumiar só di cum lamparina: querosene valia pirilampo”. A noite no sertão durava dias...

De todas as memórias que trago do sertão que vó me deu, a mais potente é a do céu tecendo vaga-lumes: a lua generosamente iluminando menos para que os bichinhos se acendessem pelas frestas das portas para cumprir seu destino de acalmar os meninos com medo de lobisomem. É que a noite grande mexe com a imaginação de gente adulta, o que não há então de fazer com o pensamento do menino? E era sempre noite, debaixo da mangueira, sentada na soleira da pequenina casa que Vó contava coisas daquele sertão que nunca a abandonara e, foi assim que em criança conheci o sertão que trago na memória.

Todas as coisas têm um rosto (aqui, o rosto e o gosto de Vó). Um rosto. Um gosto. Sente? É manga! Tirada do pé. Sente? Não o cheiro da manga em si: mas do sol, que bate na folha; cheiro da seiva que escorre pelo pequeno talo da manga de-vez; sente o gosto da manga? Sente o cheiro? Agora tem leite: manga com leite. Vó disse:

- Menina! Não beba essa coisa porque manga com leite faz mal!

Mas eu bebia da manga com leite e sentia constantemente a culpa de assim fazer. Começava na culpa e terminava no medo. Medo por fim do que não se tem jeito; medo da morte. Sem tirar nem por. Medo de morrer deveria ser coisa que não acompanhava criança, o senhor não acha? Que criança deveria ter medo mesmo de lobisomem, faz mais sentido. Medo do que não se sabe que existe (mas se pensa que existe), é melhor. Medo do que nem não se vê. Que se a gente conservar na infância a capacidade de temer o que não se sabe, acho melhor. Essa coisa de temer o mundo e as coisas da vida encerram encantamento e aí como é que o mundo existe? No seco? No duro? Ah, não! Faz aqui um favor de deixar para as crianças o que se pode pensar.

Eu mesma, debaixo da mangueira, fui tatu-menino saracoteando torrão de terra junto com Vó. Um tatu cheirando o outro e a vida foi seguindo... não te parece melhor do que medo de morte por coisa boa da vida que é manga com leite? Tamanha crueldade dizer para criança que o bom da vida mata. Começa com a manga e o leite e termina com “cuidado com o ócio”. Ou não é que na vida mesmo se diz que o ócio para gente como nós, é proibido? É... gente como eu e você, que precisa trabalhar para a engrenagem do mundo do dinheiro não ficar engasgada. E a culpa de um momento ocioso? Não é assim que acontece? Ler um livro à toa, coisa boba, às vezes dá uma culpa danada na gente. Abandonar-se num livro ou numa boa história é adentrar num mundo de pensamentos: o mundo rio adentro, rio afora, rio abaixo... mas a quem interessa a correnteza do rio, se nem pensar livre a gente pode? É preciso o porquê. O motivo do pensar. Mas é para pensar enquanto se produz alguma coisa: cabeça vazia, o senhor já sabe: oficina do diabo! Então o que interessa pensar o cascalho do fundo do rio? E o que interessa pensar sobre os tatus e as crianças? Que proveito?

O que o senhor há de pensar que talvez disso nem se resolva nada. Ao que concordo: não tem resolução. O que aí está, assim é! Não resolvo nada com essa prosa. Mas de certo também não resolveria com outra. Porque veja: técnica e dizeres do modo de fazer, se tem muitas. Muita gente já disse o que era para ser feito; depois muita gente disse pra fazer a mesma coisa de outro modo; depois disseram pra jogar tudo fora e começar de novo. E cá estamos nós, num fazer-refazer eterno e constante. Vivendo. O cascalho do fundo do rio vai sentindo a vida-correnteza passando por cima, e vai se ajeitando aqui e acolá. A criança, tatu no mundo, dentro do buraco, vai sentindo passar por cima toda gente que já cresceu e esqueceu o que é ser tatu menino. Também se ajeita como pode. Mas no fundo vai pensando, criando maneiras de ser.

Mas voltando ao pé de manga, veja se não é memória feliz, esta de nós duas, Vó e eu, brincando no terreiro de terra batida no vespertino do dia? A gente rodando e cantando:

Lá em cima tem um tiroliroliro,
Lá embaixo tem um tirolioló!
Lá em cima tem um tiroliroliro,
Lá embaixo tem um tirolioló!
Juntaram-se os dois na esquina
E tocaram a concertina
E dançaram o Sol e o Dó!
Juntaram-se os dois na esquina
E tocaram a concertina
E dançaram o Sol e o Dó!⁵⁷

Por poder lhe contar estas coisas é que gosto da ciência do escrever. Coisa maravilhosa poder parir memórias como meninos chegando no mundo! Por isso penso que a escrita é feminina por essência: exige gestação, esforço e alguma dor para as palavras chegarem no mundo e, tal qual menino, anunciarem uma novidade, uma esperançazinha qualquer, o senhor não acha? Mas escrever com palavras é muito dificultoso... principalmente porque nem não se acompanha no papel o choro do menino, nem o barulho que o casco do tatu faz quando rola ladeira abaixo. Porque veja: os sons que escrevo com as palavras não revelam os granidos do menino de verdade: demonstram somente aquilo que fui capaz de ouvir e, com alguma habilidade, talvez, consegui descrever. Então, quando conto ao senhor do choro do menino, o senhor ouve o menino chorar. Mas não o menino que conto, não o meu

⁵⁷ Canção sertaneja que vó diz que fazia como “Parte” nas apresentações da escola.

menino: mas o menino que o senhor conheceu quando eu contei. Escrever com palavras é muito dificultoso, mas é então muito maravilhoso porque somente assim podem nascer outros meninos. Uma esperançazinha qualquer...

Queria eu que as palavras traduzissem o som da “Parte” que cantávamos lá no sertão, Vó e eu: lá em cima tem um tiroloroliro... laa lalá lalalá lalalóó ó... é um sonzinho bonito que só ouvindo! Um som que põe o corpo a dançar como numa ciranda: a gente girando, batendo os pés para frente e para trás e o barulhinho da terra triscando nas canelas. Depois a gargalhada aguda de Vó, que sempre termina dizendo: Viu, PreTinha? Viu como se cantava bunito nas Partes da escola?

Demorei a perceber a dificuldade que encontro ao escrever com palavras. (digo sempre escrever com palavras pois acredito que existem outras formas de escrever. Isso aprendi principalmente com as crianças). Mas aí está! É dificultoso porque, tendo eu aprendido que a escrita é o caminho para a verdade e para a eternização de ideias, encontrei-me num vazio sem fim quando percebi que não há como buscar exatidão na escrita porque ela não depende só de quem escreve: depende também de quem lê. Pois mesmo se escrevo algo só para mim e se guardo estes escritos durante dias ou anos, ao pegar aquele papel, ao lê-lo, será que lerei sempre da mesma maneira? As intensidades estarão sempre no mesmo lugar? Será sempre a mesma dor e o mesmo riso? Então penso que escrever é muito dificultoso porque não é sobre verdade ou sobre eternização: é sobre estar em diálogo – e não há nada mais dificultoso do que estar, verdadeiramente, em diálogo com um Outro (ainda que este outro seja eu, que vai se modificando no fazer da vida).

Sinto agora que bebi, nesta prosa toda com o senhor, mais um copo de manga com leite: falei de coisas que são de meu regalo e fui, rio abaixo, rio adentro, misturando tudo enquanto espero a canoa atravessar o rio. E há quem diga que isso não é bom... mas se morro disso, o senhor sabe?

Diálogos: o mundo

- *Como é que eu posso com este mundo? A vida é ingrata no macio de si; mas trantra a esperança mesmo no meio do fel do desespero. Ao que, este mundo é muito misturado...*⁵⁸

- E é! Muito misturado eu também penso que seja. Entre uma margem e a outra, corre um rio no meio e é preciso atravessar. Preciso assim, exato, não sei se é. Há quem fique na canoa... quem vai, que fique e nunca volte, ali: no longe perto dos olhos. Há quem vá para a Cidade Grande e nunca deixe para trás, por inteiro, o lobisomem que o perseguiu em criança, o chão de terra batida, o sotaque, a água chaleirando para o cuscuz ao amanhecer; há quem passe a vida inteira carregando um Sertão inteirinho dentro de si. E é este o sertão que eu habito com vó.

Podia dizer dele o que o senhor dizia de seu amor de ouro: que *Eu tinha recordações do cheiro dele. Mesmo no escuro, assim, eu tinha aquele fino das feições, que eu não podia divulgar, mas lembrava, referido, na fantasia da ideia*⁵⁹. Lembrar na fantasia da ideia também é memória. É que a memória não pode senão, outra coisa, que embaralhar os sentidos mesmos do que vimos recrudescendo: aquilo que encerra o sujeito na parte mais cruel e fragilizada da sua história; o sujeito encurralado no Não-Sei-O-Que-Fazer dos que foram aprisionados na lógica da vida que vai se fazendo.

Veja que Vó reviveu a história que vem sendo remoída e refabricada ao longo dos séculos por muitas mulheres negras: é a história de quem viu-se obrigada a sair de sua terra sem possibilidade de retorno. Que esta história é antiga e a gente sabe (embora não queiram que a gente anuncie o que sabe). Começa com gente acorrentando gente e atravessando Oceano pra tratar pior que Mula-manca; gente que que arrasta gente, mas finge que o arrastado não é gente mesmo: é sujeito primitivo, sem alma. Depois era gente brincando de heroína, anunciando que os bons tempos haviam chegado: liberdade! Mas a verdade era uma só. Ou, a verdade era a que o senhor glosava: *o diabo na rua, no meio do redemunho...*⁶⁰

Se o senhor pergunta, respondo que viver é mesmo muito misturado: é que a vida se faz no lastro das coisas que foram, mas não permanece a mesma. *Agora eles estavam arrumando o mundo de outra maneira. Tudo se media munição, e era fuzil e rifle se*

⁵⁸ Rosa, João Guimarães. Grande Sertão: Veredas. 19 ed – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. P. 237

⁵⁹ Ibidem, p.592

⁶⁰ Ibidem, p. 611

*experimentando. A guerra era de todos*⁶¹. As memórias do mundo (pelo menos as do mundo Ocidental) foram organizadas para rememorar o sujeito das correntes, sempre acorrentados, aprisionados; um sujeito eternamente subalternizado, sem história, aculturado, acovardado, cuja a única possibilidade era o *acovardamento da fuga*. Man-ga-com-le-i-te. Aquilo que não se deve...

A cultura Ocidental está cheia de histórias, parábolas e lendas que formulam e incidem em nossos corpos a ideia do fugitivo como covarde, a começar pela Bíblia (a palavra escrita que pretende, desde sempre, revelar a grande verdade). Talvez seja o livro mais difundido na cultura Ocidental e, talvez o livro que mais pretenda regular o ethos social dentro da lógica da obediência e subserviência. Vó adorava me contar estas histórias. Sabe muitas delas de cor e sempre fez questão de compartilhar seu conhecimento bíblico. É que Vó tem orientação cristã e carrega consigo a vontade da salvação feito patuá: “buscai o reino dos céus, minha filha...”.

Tem uma pureza na Vó que é algo de incrível e bonito de se ver quando ela conta as histórias: é a crença. Vó acredita em Adão e Eva da mesma forma que acredita nos lobisomens e na Mula-Sem-Cabeça. Tudo era verdade: o que os olhos dela viram, tem certeza; o que ela não viu, crê que outros olhos viram e por isso contaram. “Porque você veja, minha filha: se não fosse verdade umas coisas dessas, porque que haveriam de dizer, não é mesmo?”

Mas eu queria mesmo era traçar uma linha de raciocínio para que eu mesma pudesse entender como foi que me interessei assaz pela temática da fuga. Penso agora que a coisa toda começou ali, com as histórias de Vó. Veja: de primeiro era a história de Adão e Eva que deve ser bastante conhecida, não é mesmo? Aquela coisa de que comeram o fruto proibido e depois por vergonha se esconderam de deus. Esta história está lá no livro de Gênesis, aquele que conta o princípio das coisas... daí que penso que o mundo que começa já o faz na perspectiva da fuga já que esconder-se é também uma intenção do fugir; esconder-se para pensar, para criar maneiras de lidar com o que foi feito ou com o que se precisa fazer enquanto se calcula a rota de fuga.

Aí que vou construindo aos pouquinhos o que a fuga representa. De primeiro, desde este episódio, penso que a questão da fuga está atravessada pelo desejo de conhecer. Que não é mesmo muito difícil aceitar que tudo o que está no mundo não pode ser para nós? É... é bem verdade que Adão e Eva, assim como o senhor e eu também queriam *entender do medo e da*

⁶¹ Grande Sertão: Veredas. P. 589

*coragem, e de gã que empurra a gente pra fazer tantos atos, dar corpo ao suceder. O que induz a gente para más ações estranhas, é que a gente está pertinho do que é nosso, por direito, e não sabe, não sabe, não sabe!*⁶².

Tanto é assim que, ainda no livro de Gênesis Vó falava do homem de deus que foi Abraão. Diz que era um homem a quem deus prometera grande descendência, mesmo sendo ele casado com Sara, uma mulher que não podia gerar filhos. Então veja: era direito de Abraão, segundo a promessa de deus, ser pai, mas os anos iam se passando e Sara não gerava uma criança sequer. Ela, que sabia de sua infertilidade, entregou então a Abraão sua serva Agar para que esta pudesse lhe conceber um rebento. Assim foi feito. Mas certa feita, veja o senhor que Agar, ao conceber, cansada de ser maltratada por Sara, foge para o deserto. Mas, contava Vó (que a bíblia dizia, e diz mesmo) que ainda no deserto um anjo do senhor fora a encontro de Agar pedindo para que ela voltasse, justificando seu pedido a partir de seu ato de fuga:

5- E disse Abrão a Sarai: Eis que tua serva está na tua mão; faze-lhe o que bom é aos teus olhos. E afligiu-a Sarai, e *ela fugiu* de sua face. E o anjo do Senhor a achou junto a uma fonte de água no deserto, junto à fonte no caminho de Sur.

6- E disse: Agar, serva de Sarai, donde vens, e para onde vais? E ela disse: *Venho fugida da face de Sarai minha senhora.*

7- *Então lhe disse o anjo do SENHOR: Torna-te para tua senhora, e humilha-te debaixo de suas mãos.*

8- Disse-lhe mais o anjo do Senhor: Multiplicarei sobremaneira a tua descendência, que não será contada, por numerosa que será. (Bíblia Sagrada. Livro de Gênesis, 16:1 – 6)

Relembrando estas histórias, e agora mesmo pondo os olhos em leitura, penso mesmo com o senhor que *viver é um descuido prosseguido*⁶³. Penso também que o perigo maior de fugir é de ser obrigada a voltar ao estado de submissão e aprisionamento e buscar a vida por meio da esperança de uma promessa que se possa cumprir apenas pela lei divina. É como se o fugitivo estivesse sempre na eminência da humilhação e, pior: como se isto fosse justificável pela sua própria condição de fugitivo. Àquele que foge resta então aceitar abnegadamente o que o destino, ou deus, lhe reservou. Que não parece que é a lei divina que agarra os homens?

Tenho comigo que é assim porque, além do mais, das histórias da bíblia que Vó contava, a que mais me impressionava era a de Jonas. Foi também ele um grande fugitivo,

⁶² Grande Sertão: Veredas. P. 116

⁶³ Ibdem, p.86

(fracassado, é verdade), em sua tarefa de fugir. O que me encantava na história de Jonas era a magia do grande peixe que o engoliu e o manteve vivo para levá-lo ao destino do qual tentara fugir. Veja o que é a vida: um peixe! Um peixe! Um peixe e a vida (ou deus) te engole!

Narrativas sobre a fuga

- *Posso me esconder de mim?*⁶⁴

- Ah... o senhor sabe refazer os caminhos de um diálogo, não? Posso então pensar que a pergunta que agora o senhor me faz, lembrando do caso de Adão e Eva, encontra-se dentro da perspectiva da fuga. Posso? Mas se não posso, sei que a questão que o senhor coloca não aguarda uma escuta reativa que pretende ouvir para em seguida responder, mas espera antes uma escuta ativa, que se coloca em diálogo responsivamente com o que fora colocado em questão. Então me ajude a pensar se não é que até aqui todas estas histórias bíblicas das quais falávamos antes tratam a fuga como: a) uma atitude de desobediência a deus e por isso mesmo como algo que deve ser abominado; b) um ato de covardia e fraqueza pois é melhor se humilhar diante de uma situação e aguardar em deus a justiça e o galardão e c) apenas como um contratempo em sua própria história, pois os desígnios de deus precisam se cumprir e nada pode ser feito quanto a isso. Não existe livre arbítrio. É apenas o destino se fazendo...

Mas aí que surge uma outra narrativa bíblica em torno daqueles que tentam fugir. Um homem, em tese, conseguiu fugir. Este homem foi José. Contava Vó que José era homem formoso e fora levado ao Egito. Conquistou a confiança de seu Senhor, mas também despertou os olhares de sua Senhora. Todos os dias a mulher pedia-lhe que deitasse com ela, ao que certa vez, a mulher agarrou-lhe e José fugiu. Ficou porém, nas mãos da mulher a capa do servo. A Senhora enraivecida por ter sido desdenhada, pôs-se a gritar que José tentara tomá-la a força. E assim José foi preso.

Veja o senhor em sua sabedoria: Este episódio de José existe provavelmente para nos fazer refletir sobre a importância da retidão, de fugir dos desejos da carne e do corpo, ou como diz Vó: “fugir da aparência do mal”. Mas aí que penso contigo a nossa essência; daí que retomo sua pergunta: *posso me esconder de mim?* E aí completaria sua pergunta com mais

⁶⁴ Grande Sertão: Veredas. 2001. P. 439

outra: qual o preço a pagar por me esconder/ fugir de mim? O preço de José foram longos anos na cadeia, sendo liberto depois não pelo reconhecimento do “mal” que ele não fez, mas por receber a graça divina de decifrar e interpretar sonhos do faraó. Viver é negócio mesmo muito perigoso...

Assim como na bíblia (não sei nem se Vó não sabe, mas eu mesma soube depois por mania de gostar de ouvir e de ler histórias), a mitologia grega está cheia de histórias que nos ensinam (ou tentam ensinar) que não há como fugir: Pélias tentou fugir de seu destino enviando o sobrinho Jasão para missões que julgava impossíveis de serem realizadas, mas, o jovem as realizou, matou o tio e herdou o trono; Laio consultou o Oráculo e foi informado que seu filho Édipo o mataria, herdaria e reino e casaria com a própria mãe. Na tentativa de fugir de seu destino, resolve solicitar a um servo que amarre a criança pelos pés numa árvore para que morresse. Veja o que não é a vida... eu sei. O senhor já disse que é algo muito perigoso... e assim sendo, homem inteligente que o senhor é, já sabe que Édipo sobreviveu e cumpriu o destino anunciado pelo Oráculo, não é? Pois foi. Sem tirar nem por. Ou, como o senhor mesmo diz: *esta vida está cheia de ocultos caminhos. Se o senhor souber, sabe; não sabendo, não me entenderá*⁶⁵.

Entre as histórias bíblicas e as lendas gregas e seus “tratados” sobre a fuga, existem similaridades, mas também algumas diferenças. A semiótica em torno da ideia de fuga comunica sempre que haverá um ônus decorrente da ação de fugir. O senhor entende? São as coisas que estas histórias comunicam, as ideias que elas fazem rondar em nossos imaginários. Mas o senhor também não pensa que as lendas gregas em grande parte se diferem das histórias bíblicas pois colocam muito mais a impossibilidade de fugir num lugar mítico enquanto as histórias bíblicas as colocam dentro de um ethos social? É como se, ao ler as lendas gregas eu pudesse mais uma vez perguntar a mesma pergunta que você também se faz: *posso me esconder/fugir de mim?* E, ao ouvir a Vó narrando os contos bíblicos eu perguntasse: *fugir é errado?* Mas daí que se eu invertesse as questões? Se ao senhor eu perguntasse: *fugir é errado?* Nem resposta não que gosto de imaginar antes! Dirias:

“crime?... Crime não vejo. É o que acho, por mim é o que declaro: com a opinião dos outros não me assopro. Que crime? Veio guerrear, como nós também. Perdeu, pronto! A gente não é jagunços? A pois: jagunços com jagunços – aos peitos, papos. Isso é crime? (p. 282).

⁶⁵ Grande Sertão: Veredas, 2001, p. 170

Mas se eu perguntasse à Vó se posso fugir de mim creio, que ela responderia que a questão não é se posso fugir de mim, mas se posso fugir de deus. De deus, não do destino. Já vejo Vó com a bíblia na mão lendo salmos 139, 7-8: *Para onde poderia eu escapar do Teu Espírito? Para onde poderia fugir da Tua presença? Se eu subir aos céus, lá estás, se eu fizer minha cama na sepultura, também lá estás.*

Na verdade, as duas perguntas que poderia fazer ao senhor ou à Vó ou a qualquer um, não é fiel ao ponto da conversa. O crucial é perguntar mesmo: por que fugir? Ou melhor: por que fugir, se a fuga é em si algo tão dificultoso? Haverá uma resposta a esta pergunta? Talvez não uma só, mas muitas (ou mesmo nenhuma).

Maurice Blanchot responderia que fugir é um ato criativo: o sujeito que foge anseia pelo movimento da criação, de deixar para trás o mundo estável que para ele já é dado; é como lançar-se ao desconhecido, num barco, num rio, e ir atravessando de um lado a outro, ansiando pela margem que ainda nem não se vê. Ou como o senhor mesmo disse:

Eu atravesso as coisas – e no meio da travessia não vejo! – só estava era entretido na ideia dos lugares de saída e de chegada. Assaz o senhor sabe: a gente quer passar um rio a nado, e passa; mas vai dar na outra banda é num ponto muito mais embaixo, bem diverso do em que primeiro se pensou. Viver nem não é muito perigoso? (p.51)

Fugir é atravessar. É buscar paciência e compreensão durante a travessia; é a busca por si e por seu lugar no mundo. A fuga, nesta perspectiva não é então acovardamento, mas antes é a reflexão do mundo mesmo e do questionamento do mundo tal como ele é. Fugir é estar em constante movimento, é buscar afastar-se das coisas que nos fazem mal e ir incansavelmente ao encontro de algum Oásis; é escalar montanhas ou entrar sertão adentro e então arranhá-lo em meio ao caos; é lançar-se muitas vezes no abismo na (in)certeza que existe um lugar seguro e feliz, onde as coisas podem acontecer de forma digna para todos nós. O senhor também não pensa que a fuga é o caminho da Utopia de Galeno? Aquilo que nos faz caminhar?

Pois que fugir é sair do lugar estabelecido por outros para si e caminhar tantos passos quanto necessários para habitar o Seu Lugar no mundo. A fuga é o movimento que o sujeito faz para ocupar espaços que lhes foram negados, usurpados. Pois veja: quem foge, foge de algum lugar, de alguma situação; quem foge já se deu conta do perigo de ficar ou do aprisionamento a que fora submetido. Ou:

Partir, se evadir, é traçar uma linha. [...] A linha de fuga é uma desterritorialização. Os franceses não sabem bem o que é isso. É claro que eles fogem como todo mundo, mas eles pensam que fugir é sair do mundo, místico ou arte, ou então alguma coisa covarde, porque se escapa dos engajamentos e das responsabilidades. Fugir não é renunciar às ações, nada mais ativo que uma fuga. É o contrário do imaginário. É também fazer fugir, não necessariamente os outros, mas fazer alguma coisa fugir, fazer um sistema vazar como se fura um cano. [...] Fugir é traçar uma linha, linhas, toda uma cartografia. Só se descobre mundos através de uma longa fuga quebrada. (Deleuze, 1998 P. 49)

Quando a lógica do poder impera e torna a luta improvável e injusta, o enfrentamento possível é a fuga. Fugir é “fazer um sistema vazar como se fura um cano” e por isso é legítimo. O fugitivo é aquele que “não renuncia às ações” e que se põe ativo em busca do mundo possível; é aquele que não se contenta com o mundo que lhe fora dado. O fugitivo é aquele que ouviu (e entendeu) assim como você: *o mundo, meus filhos, é longe daqui!*⁶⁶. Ao que penso que quem foge não está em busca de esconder-se de si mesmo, antes, busca encontrar-se de outros modos, em outros lugares que lhes foram até então negados ou usurpados.

Reconheço ao senhor que sou aquela que corre. Sou A fugitiva porque venho de uma linhagem de mulheres que percebendo o mundo grande, entenderam que o mundo mesmo era longe dali, de onde estavam. Fujo então dos lugares a mim destinados. Fujo das certezas, das categorias de análises que insistem em enquadrar as pessoas como coisas que podem ser vistas como peças de museu; fujo de mim mesma nos momentos em que sou tomada pelo medo paralisante frente ao desconhecido; fujo dos estereótipos de mulher, mãe, professora, pesquisadora e tantos outros papéis sociais que vão nos sendo impregnados feitos naftalinas nas velhas roupas que não podemos nos desfazer. Por que não posso jogar estas roupas fora? porque sou obrigada a vestir o velho casaco furibundo da certeza? Eu quero fugir e reinventar as regras da existência, da minha própria existência: sentir o frio, o calor e a dor e depois poder contar tudo o que senti, vivi e vi, enquanto percorria os caminhos da reinvenção. E eu, que nada sei, só posso me reinventar na literatura. Entende? Nesta literatura que o senhor me apresenta neste aqui e agora.

Não há nada nessa literatura que possa estar isolada do mundo. Nada! O Sertão é o mundo, o senhor vê? E o mundo é, igualmente, todo um Sertão. Este mundo tão particular que

⁶⁶ Grande Sertão: Veredas. 2001, p 460

habita a cada um de nós, mas que não se encerra em nós: avança sobre as coisas do mundo mesmo e encontra outros, que também vivem suas experiências situadas num espaço-tempo que só pode ser compreendido quando pensado contextualizadamente ou mais: coletivamente. Eu sei. *Eu sei que isto que estou dizendo é dificultoso, muito entrançado. Mas o senhor vai avante. Invejo é a instrução que o senhor tem. Eu queria decifrar as coisas que são importantes*⁶⁷.

Queria poder dizer de tudo o que tenho aprendido e pensado nesta sua literatura o que Bakhtin (1997) já dizia em seus estudos sobre gêneros discursivos: o que é ver o mundo no dialogismo, na estrutura e estilos textuais. Isto que nos impulsiona a outros lugares numa linha de fuga literária e, ao mundo mesmo. Que a literatura não é o mundo? Pois que é! Um mundo tal qual se pode contar, e, você já sabe, já disse: “Contar é muito, muito dificultoso.”

Eu mesma comecei esta conversa contando de uma mulher que vinha de longe com uma mala na mão que dentro trazia um tatu que, percebendo o mundo, fugiu e rolou ladeira abaixo. Contar da mulher me fez lembrar a história de Vó, que contei assim, atravancadamente. E a história de Vó, por sua vez, me lembra a história de Mãe que nem vou contar agora não, mas que o senhor já deve saber, assim por indução, que a história de Mãe me faz lembrar minha própria história que é sempre este Isso Aí. Mas não é isso que é a vida mesmo? Um fio tecendo outro, uma história relembrando outra? Tudo meio interligado, sem separação?

O danado da gente é tentar separar. Talvez o mais agradável seja entender (e aceitar) o continuum das coisas. Que aí, eu mesma não precisava justificar meu fazer das coisas. Se assim fosse, escrever, talvez, se tornava menos dificultoso. Talvez assim não precisasse pensar de cheio sobre a fuga e os fugitivos, porque, talvez, não me identificasse como uma fugitiva.

⁶⁷ Grande Sertão: Veredas, 2001, p 116.

Literatura e verdade

- *Todos estão loucos, neste mundo? Porque a cabeça da gente é uma só, e as coisas que há e que estão para haver são demais de muitas, muito maiores, diferentes, e a gente tem necessidade de aumentar a cabeça, para o total*⁶⁸.

- Pois é isso que estamos tentando construir neste diálogo, e o senhor com sua sabedoria (que às vezes, por muitos, nem é vista como tal), muito bem já explicou: a cabeça da gente é uma só e o viver da gente está repleto de coisas demais de muitos e muito maiores e diferentes! Nós não nos encerramos numa faceta social. Imagine se assim fosse? O senhor, jagunço, poderia então tecer tantas ideias sobre o mundo? Eu, professora, poderia me aventurar no mundo dos pensamentos e da escrita?

Porque o mundo que separa quer nos dizer que o mundo do pensamento são para aqueles formados na tradição filosófica e que o mundo da escrita são para os escritores. Não sei bem o que é preciso para alguém ser considerado um escritor “de verdade”. Para mim a escrita em seu ofício e o compromisso do escrevente com a mesma, torna um ser comum num escritor. Es-cri-to-ra... olha como soa bonito e importante! Um título que não é para muitos! Porque o mundo que separa também mede quem merece seus títulos. É importante dizer que determinadas coisas são extraordinárias, dignas de sujeitos extraordinários, para que se possa manter um título e sua honraria.

Digo ao senhor: quando criança imaginei-me escritora. Mas não a escritora que agora sou. Escritora mesmo: destas que lançam livros que ganham prêmios e que depois estão na TV dando entrevistas importantes para pessoas igualmente importantes. Com o passar do tempo, fui criando em minha cabeça e em meu cotidiano (que acho: foi aumentando para o total) a escritora possível: aquela que escreve quando tem oportunidade e que dialoga com outros escritores a partir do que eles escreveram.

Isso quer dizer que passei, em primeiro, a escrever para as crianças que dividem comigo o espaço da sala de aula; depois, tomei por decisão trazer este estilo para as pesquisas acadêmicas, pois penso que a pesquisa está na vida e vice-versa. Mas, antes de pensar estas coisas, julguei que minha escolha era uma justificativa para somente fazer o possível. Sentia assim que era uma fugitiva. Assumi então essa alcunha.

Durante muito tempo a questão da fuga trazia então um peso imenso de culpa e vergonha. Sentia como se fosse uma eterna impostora; como se não pudesse ocupar os

⁶⁸ Grande Sertão: Veredas. 2001. P. 327

espaços aos quais ocupava. Ora! A literatura não tem compromisso com a verdade, então, como pode ser um fazer científico que não somente é atravessado pela literatura, mas que se pretende literário em essência, em sua linguagem e estética?

A linguagem literária é uma linguagem convencional em que a prova da verdade é impossível: a verdade é uma relação entre as palavras e as coisas que estas designam; ora, em literatura estas coisas não existem (...). É preciso igualmente evitar confundir o problema da verdade com o da representação: *só* a poesia recusa a representação, mas *toda* a literatura escapa à categoria do verdadeiro e do falso. (Todorov, 2010, p. 91. Grifos do autor)

A questão que se coloca então é que, teoricamente, a literatura não tem compromisso com a verdade, o que é oposto ao trabalho científico. Mas veja o senhor o que nos é advertido por Todorov: não devemos confundir o problema da verdade com o da representação. Pois, de onde vejo, que outro meio mais fantástico e maravilhoso pode haver de se representar o mundo senão pela literatura?

Aqueles que tiveram o prazer e o privilégio de conhecerem e se encantarem com a literatura conseguem enxergar o mundo mesmo, com suas agruras, pensamentos, delícias e questões. Contudo, utilizar o caminho literário para as “coisas sérias” da vida, constitui um grande problema: coloca o sujeito da escolha como aquele que *foge* das categorias de análises. Ora! Todos estão loucos neste mundo? Se o que, em certa medida, o que as categorias de análises se propõem é observar o mundo dado e a partir de tais dados alcançados propor certa contestação, constatação, intervenção ou, modificação, porque não se pode fazê-lo com literatura? O senhor observe o que encontrei nestas andanças de leitura. Oscar Wilde (apud Todorov, p. 66 literatura em perigo), escritor dos grandes, disse que “a função da literatura é criar, partindo do material bruto da existência real, um mundo novo que será mais maravilhoso, mais durável e mais verdadeiro do que o mundo visto pelos olhos do vulgo”. De certo que talvez o senhor me diga que este argumento não serve, visto que foi dado por um escritor. Posso até concordar, mas sigo adiante. Tento justificar, não para o senhor, pois sei que não carece, mas talvez para mim mesma que agora me debruço sobre esta escrita, com as palavras próprias de Todorov (2009):

Como a filosofia e as ciências humanas, a literatura é pensamento e conhecimento do mundo psíquico e social em que vivemos. A realidade que a literatura aspira compreender, é,

simplesmente (mas, ao mesmo tempo, nada é assim tão complexo), a experiência humana. (P. 77)

O senhor não acha que compreender a experiência humana é em grande medida o que todo ser humano faz em algum momento de sua existência? Seja pensando este todo maior e mais complexo, ou se perguntando na calada da noite: por que existo? Qual o sentido da vida? O que existe após a morte? Não acha? Há aqueles que perseguem a compreensão desta experiência por toda sua existência e, talvez, a estes possamos chamar filósofos. Mas existem os sujeitos ordinários (categoria na qual julgo me encaixar) que buscam esta compreensão em seu cotidiano mais comum e que são levados a certas reflexões quando em contato com a literatura.

Aí veja o senhor o tamanho deste engodo: na escola colocam-se os meninos para lerem grandes obras literárias; obrigam-nos a interpreta-las e mesmo decora-las para responder sobre sua importância para o mundo antigo, moderno, contemporâneo, pós isto e aquilo. Dá-se grande valor àquele que “lê bem” (lembre-se do que contei de Vó, que se orgulha desde sempre de saber ler bem direitinho todas as pausas). E depois, na hora do deus exista, no mundo do trabalho, na vida comum cotidiana, a literatura ou se destina aos literatos (que fazem dela um “meio de vida”), ou se destina ao ócio e diversão. Ao mesmo tempo, àqueles que leem muito e que conhecem grandes obras, é dada a alcunha de pessoa de muita cultura, conhecedora das artes e do mundo. O senhor percebe o que o mundo da separação faz? Busca encerrar cada um no lugar que lhe parece socialmente mais propício, em certa medida para manter o mundo tal como ele é: muito para poucos. Pouco para muitos.

Travessia e liberdade

*- Tem uma verdade que se carece de aprender, do encoberto, e que ninguém não ensina: o bêco para a liberdade se fazer (...) a vida não é cousa terrível?*⁶⁹

⁶⁹ Grande Sertão: Veredas. 2001. P. 323

- Como poderia eu não lhe dar a mais fina atenção diante destes dizeres tão assertivos que me colocam a pensar? “o bêco para a liberdade se fazer”... uma ruela, rua estreita, por vezes sem saída. É no sem saída que a gente decide fugir, não é? É no sem saída que a gente enxerga o beco e vai por ele mesmo, fazendo a travessia necessária para o Vir-A-Ser que a fuga intenta. A fuga é então um entrelugar, posto que, por mais que se intencione um ponto de chegada, não havendo certeza do que será mesmo este ponto, o pensamento do fugitivo emerge é na travessia, no beco, enquanto espera (e age) para a liberdade se fazer. Não por acaso que a história de libertação dos povos negros africanos escravizados no Brasil inicia-se com o movimento de autolibertação, com organizações de fuga, com este fazer/pensar que ocorre *desde a travessia do Atlântico* (Nascimento, Beatriz, 1989).

Mas veja o senhor o misturado que a vida é... começa no Atlântico, passa pelo Sertão, e onde termina? Nem não se sabe. Mas como íamos falando, o pensamento fugitivo não se importa de veras com a chegada: antes, ele almeja um mundo diferente com o que ele vive; por vezes, o que o fugitivo quer é apenas retomar parte daquilo que ele traz em sua memória: é a experiência do desterro. Estar longe de sua terra, dos lugares onde nos constituímos primeiro como sujeitos no mundo, é talvez das experiências mais dolorosas a que alguém pode ser submetido ou mesmo, submeter-se. Pois penso, assim, sem ingenuidade, que há diferença no fazer da experiência do desterro, mas penso que não há diferença no sentir/viver o desterro. Pense o senhor na experiência afrodiáspórica: homens e mulheres negros e negras, acorrentados, arrastados para longe de sua terra, sem a possibilidade de retorno. Resta a saudade e a vontade de viver sua experiência humana, talvez, tal como ela era: sua cultura, seus cultos, sua vida cotidiana. Pense também o senhor a experiência do sertanejo: sentir ameaçada a sobrevivência e ver-se impelido a buscar outros lugares: abrir mão de sua cultura, “sua gente”, sua vida cotidiana. São duas experiências de desterro e uma dor comum: habitar a memória de um outro espaço/tempo.

É importante dizer desta experiência da memória no desterro tanto quanto dizer da experiência da travessia na fuga; Pois que se a gente pensar, como muito bem o senhor já disse, viver é realmente muito misturado: um fugitivo, na travessia, com suas memórias; ou: as memórias levam alguém à travessia e surge assim, um fugitivo; ou ainda: a travessia de um fugitivo tecendo memórias... Não é mesmo muito misturado o sentido das coisas? Por isso é importante dizer destas memórias. Da memória, principalmente, que acontece no corpo, somente no corpo, quando não se tem mais nada para levar. Que é no corpo (muitas vezes oprimido por um sistema social) que habita a coragem para se dispor em travessia, feito fugitivo. Como senhor mesmo disse: *Que coragem – é o que o coração bate; se não, bate*

*falso. Travessia – do sertão – a toda travessia*⁷⁰. Talvez, por estas coisas mesmas, seja tão importante dizer desta experiência da memória que, mesmo não documentada, o corpo carrega. Esta memória que encarnada, é capaz de refazer sentidos.

[...] memórias ancoradas em experiências dos que só têm no corpo e em suas formas de comunicação heranças de seus antepassados e marcas de suas histórias. Em contínuos desteros, sem construídas séries documentais, vivendo e transmitindo heranças em performances, recursos linguísticos e artísticos, povos africanos pluralizam nosso alcance de acervos históricos, monumentos e patrimônios audiovisuais, situando a necessária arqueologia de saberes orais, a ser enunciada e valorizada (ANTONACCI, 2013, p. 17).

As marcas da história, ali, encarnadas, no jeito de falar, de amarrar o lenço no cabelo como quem ainda vai para o roçado; as marcas da história, encarnada na maneira de pilar e coar o café; de fazer cuscuz, apoia-lo num pratinho de ágata e come-lo, fazendo bolinhos com a mão; marcas da história, que, encarnadas através das memórias, comunicam ao longe, aos outros, que “você” não é dali, mas que também o aproxima de outros, dos seus iguais. É como o senhor diz: Travessia – do sertão – a toda travessia! Esta ideia de travessia, como temos pensado até aqui não acontece longe/fora da memória, pois é ela quem

conjuga, de uma só vez, as possibilidades históricas existentes no tecido social e as tendências e motivações subjetivas que empurram os atores históricos para um outro lugar. É no cruzamento da objetividade e da subjetividade que alguma coisa de diferente pode advir. A travessia se ocupa dos devires, das excrescências e das exuberâncias, ela diz de quais plurais uma determinada história é feita. (BIDIMA, 2002)

O senhor me diga então, com sua sabedoria, se talvez, mais importante ainda, seja dizer que estes pensamentos que agora chegam só podem ser a partir da assunção de pensar? Somente porque me coloquei em diálogo diante de tão fina literatura, esta a que o senhor me apresenta, posso pensar todas estas coisas. O senhor não acha que é importante assumirmos que pensar não é uma coisa qualquer? Pensar nem não é o mesmo que sair do sertão? É como o senhor mesmo disse: *a gente tem que sair do sertão! Mas só se sai do sertão é tomando*

⁷⁰ Grande Sertão: Veredas, 2001, p. 518

*conta dele adentro...*⁷¹ (p.285). Então é preciso pensar. E eu? Posso pensar com literatura? Que não é isso que o senhor faz? Pensar com literatura?

Pergunto ao senhor se posso pensar assim, mas me antecipo a advertência: só sei pensar assim! O senhor sabe: viver é muito misturado... ao que, se não pode ser assim, o pensamento, e se pensamos, por isto, logo existimos, não posso existir. Minha existência depende então de tua validação ao meu pensar? Então é mesmo como o senhor diz: *Viver... O senhor já sabe: viver é etcétera...*⁷²

Me perdoe essa prosa que oscila entre teu modo de dizer e o meu. É como o senhor mesmo diz: *contar seguido, alinhavado, só mesmo sendo as coisas de rasa importância*⁷³. Nós estamos indo é rio abaixo, no fundo, calcário, de onde cochicham as pedrinhas miúdas; estamos indo sertão adentro, procurando o tatu que foge. O senhor sabe se no sertão tem muito tatu? Me ocorreu que Vó nunca narrou encontro com tatu nenhum...O senhor também não disse de tatu. Ou disse? Faço agora grande esforço para lembrar de onde foi que o tatu surgiu na conversa... Ah, sim! Era um tatu que vinha na mala de uma mulher que atravessava seu sertão. O senhor veja o que faz o pensar da gente: um tatu pode fazer buraco para pensamento. Começa com uma mulher que atravessa, em fuga, com sua mala e chega numa ladeira que nem não se sabe mais. É o tatu rolando ladeira abaixo, e a gente atrás, com o fio de pensamento, tentando capturar o tatu. Para que? Não se sabe.

O senhor sabe quanto vale um tatu preso? Bicho preso, arredio, passa pelo mundo sem nem sentir. Tatu fica ali: triste, amuado... paradinho. Parado, mas pensando! Que o tatu também deve pensar com suas possibilidades, o senhor não acha? Feito eu, e o senhor, e toda a gente, que pensa mesmo com suas próprias possibilidades de pensar. O tatu talvez pense com seus instintos. Nós pensamos a partir de nossas experiências e temos, vez ou outra, a necessidade de falar destas experiências *desde dentro*. (CUNHA PAZ, 2019).

O que estamos falando aqui, então, é da necessidade de aumentar a cabeça para o total, como senhor já disse anteriormente; estamos aqui iniciando um diálogo sobre as múltiplas possibilidades de *um* processo formativo; estamos falando, o senhor e eu, e quem mais quiser se juntar à conversa, sobre como esses processos formativos acontecem *também e primordialmente* na subjetividade da experiência, que é *viagem, travessia e translação* (BIDIMA, 2002); o que estamos falando (e fazendo) aqui é contar das nossas experiências formativas a partir do encontro com a arte (neste caso, especificamente com a literatura);

⁷¹ Grande Sertão: Veredas, 2001, p. 285

⁷² Ibidem, p.110.

⁷³ Ibidem, p.115.

estamos também assumindo que o diálogo com a literatura é um caminho possível para construção de pensamentos que nos levem a incidir sobre o mundo. Que não é para isso que serve um pensamentozinho qualquer? Nos fazer pensar (e agir) nosso Ser-Estar no mundo?

O senhor veja: foi pensando sobre o sertão de Vó que despertei para minhas raízes, mas, foi conhecendo o seu *Grande Sertão: Veredas* que pude estar em diálogo e/ou elucidar minha autoidentificação como *fugitiva*; somente a partir do encontro destes dois grandes sertões percebi que a fuga (ao menos a minha, deste dizer desde dentro) está sempre relacionada à experiência do desterro. Em meu caso, posso dizer que vivi alguns desterrros metafóricos, mas, o primordial deles, foi, sem dúvidas, o desterro da experiência da infância, em todo seu entendimento. Foi, já na infância, que decidi fugir. O mundo, meu senhor, com certeza, era longe dali! Mas o senhor lembra que falamos que o que decide um tatu-menino, fica ali, matutando, matutando, matutando... até a possibilidade de ser? E criança nem é. Vai ser ainda, um dia. Mas o que faz enquanto o dia de ser não chega? Eu por mim decidi fugir. Para onde? Para a literatura.

E foi assim que atravessei a infância. Desta travessia trago memórias. Delas? Não conto muito. É o exercício: lembrar ou esquecer? Mas aí é que está a coisa toda... Quando pude “ser”, decidi retornar a infância: uma intrusa, sabe? Mas uma intrusa que sabe seu lugar e pede licença para entrar, e com sorte, ficar mais um pouco. Saudade da infância? Nem não tenho! Não senhor! Mas uma vontadezinha de “deixar” os meninos viverem sua infância... ah... isso me acompanha. E é para isso que valem meus pensamentos: o exercício de lembrar que a infância é uma experiência territorial. A infância é território habitado por pessoas que *já são* e que depois continuarão suas jornadas. A existência, para cada um, não é depois: é sempre agora.

A urgência da vida é para cada um, e a gente vai se fazendo, de desterro em desterro, travessia em travessia. E quem é que pode dizer o que a gente é? Ou, como o senhor também disse: *quem sabe direito o que uma pessoa é? Antes sendo: julgamento é sempre defeituoso (...⁷⁴)*. Mas o senhor sabe: o “mundo” necessita dizer da gente; tem que estar claro para o mundo o que a gente se tornou... e dessa necessidade, vivi (e vivo ainda) outra experiência de desterro: meu não lugar acadêmico. Sou então, a pedagoga que pensa e procura pautar seu fazer pedagógico a partir de seu processo formativo com a literatura e é este sentimento de desterritorialização que me coloca, uma vez mais, em travessia. Sempre atravessando, não é

⁷⁴ Grande Sertão: Veredas. 2001, p.285

mesmo? Não estou reclamando! Eu sei. O senhor já disse: *a liberdade é assim: movimentação*⁷⁵(p. 336)

Agradeço ao senhor a fineza e paciência de me explicar o Grande Sertão que a vida é: gente correndo, se antecipando quanto pode à frente e os jagunços atrás, coladinho, no calcanhar da gente! Agradeço ao senhor também por ouvir tão atentamente o sertão de Vó: uma escuta tão atenciosa que deixa a gente sem querer parar de falar! deus esteja! Penso que falo muito assim por desespero de não saber muito bem mais o que é real e o que é fantasia! Que para gente feito eu, as coisas são mesmo muito misturadas, como o senhor mesmo já advertiu diversas vezes... mas o que me leva adiante, Riobaldo, é ter aprendido com o senhor, entre muitas coisas, que *o real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para gente é no meio da travessia*⁷⁶. (p. 80)

Quem foge já entendeu que o mundo como é, não pode ser.

Agradecida pela escuta.

⁷⁵ Grande Sertão: Veredas, 2001, p.336

⁷⁶ Ibidem, p.80

V.

(...) Estes meninos da seca são tão milagrosos que às vezes escapam...⁷⁷



A palavra é como Pedra: se atirada
não tem volta⁷⁸

⁷⁷ Trecho de “O Quinze”, romance de Rachel de Queiroz, p. 112.

⁷⁸ Provérbio da África Austral – Zimbábue, Malauí, Suazilândia, África do Sul e vizinhanças. LOPES, NEI; SIMAS, LUIS ANTONIO. Filosofias africanas: uma introdução. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2020, p. 122.

As acontecências.

Queria contar agora desse suceder que é a vida da gente. Desta vida que nem não é tão larga de tresler, mas que acontece mesmo é no estreito dos acontecimentos, guardados hora no cotidiano, hora na memória. Pensava, por exemplo, inda há pouco, com Riobaldo umas coisinhas que variavam entre buracos, tatus e meninos de toda sorte; e fomos nós, buraco de tatu adentro, revirando as ideias e o coração da gente...

Mas aí, as dissemelhanças da vida, não é mesmo? Que me deparo agora com a senhora, cheia de outros dizeres do sertão (ou seriam os mesmos?) São as acontecências da vida! O que se há de fazer? Eu, por mim, sigo pensando, avançando com a senhora por estes outros sertões - que hão de ser os mesmos? Fico por mim, assim pensando, que o sertão é sempre o mesmo (deveras ser!), o que diverge é toda essa gente que o atravessa... Pensando bem, essa gente que o atravessa há de ser sempre a mesma? O que diferencia então, é a História? Acho que nem não. A História também parece sempre a mesma: gente fugindo da fome, que começa com a seca, mas não termina na seca: vai dar no outro canto donde a gente também se consome. Não é isso que se pode contar? (...) *Ande! Conte o que há de novo no sertão!*⁷⁹

Havia dantes a história de Vó – que já narrei assim com algumas etecéteras. Retirou-se. (Fugiu? Nem não sei). O novo dela era seu chegar, deixando primeiro os meninos para trás. Mas o que se havia de fazer? Era a precisão das coisas.

Malas no chão, queria já arrumar emprego. Sonhava quando menina ser professora. Diz que achava a coisa mais linda a professora na roça ensinando as letras, tomando a lição. Sonhava, sonhava, sonhava... mas tem sonho mesmo que parece bicho-de-pé: vive na gente, faz uma coceirinha danada, mas depois começa até a fazer mal e a gente precisa arranca-lo de onde está para então poder caminhar. Bem cedo no caminho Vó percebeu que não seria professora: arrancou assim seu “bicho-de-pé” para então seguir a caminhada. Quando na Cidade Grande sonhou o maior que pode dentro das possibilidades que tinha: “veja minha filha... eu tinha pouca instrução, mas lia e escrevia muito bem! Sempre fui muito educada e correta com as coisas. Então eu queria trabalhar em loja ou no mercado. Queria ser atendente, num sabe?” Vó sonhava com a carteira de trabalho assinada: “eu queria ter o que todo mundo tinha: direitos”.

⁷⁹ Trecho de “O Quinze”, romance de Rachel de Queiroz, p. 83.

Mas a senhora sabe, não sabe? O que a vida é. Imagine a senhora: Vó diz que chegava nos lugares, passava por todos os procedimentos para contratação, mas quando por fim apresentava a carteira de identidade e notavam que era casada, diziam que não tinham a vaga. “Uma vez eu falei pro moço: Oh, doutô! O sinhô acha que eu nasci ontem! Tinha a vaga! O senhor viu que eu sou casada e não tem mais? Como é que é isso aí? Conversa fiada, minha fia!”. E foi assim que Vó logo percebeu que mais um sonho não poderia ser. “A gente que vem caminhando não pode muita coisa. Sonhar só se pode com comida na mesa. Que jeito?”

Foi então que se repetiu o que a senhora já sabe. O que sobra para o retirante (para quem foge?). Aquela mesma coisa que a senhora também já contou: *O de que carecia era arranjar trabalho*⁸⁰. Uma companheira também retirante lhe ofereceu uma vaga como empregada doméstica na casa de uns amigos de seus patrões, onde era também empregada doméstica. Veja que se repetiu com vó o exato diálogo que a senhora contou:

- Eu sei, eu sei, é uma miséria! Mas você assim, compadre, tão fraco, lá aguenta um serviço bruto, pesado, que é só o que há para retirante?!

Ele alargou os braços, tristemente:

- A natureza da gente é que nem borracha... Havendo precisão, que jeito? Dá pra tudo...⁸¹

Trocasse neste diálogo o “compadre” por “comadre”, era igual, igual! Sem tirar nem pôr a história de Vó. Era a precisão de comer e depois trazer as crianças para perto de si (sabe-se lá as fomes que a gente tem!).

Mas veja a senhora porque assaz me interessa a temática do sertão: não é o romance da vida dura; não é um encantamento com o sofrimento – que disso já abri mão faz tempo. Que o sofrimento como narrativa de caminho para o merecimento também não é coisa que nos foi sendo ensinada para amansar a gente feito burro bravo? E depois, por que é sempre a mesma gente que tem que sofrer? Ou então é como a senhora disse: *Deus só nasceu pros ricos!*⁸²

O Sertão me interessa porque ele tem suas travessias. Assim como o tráfico e a escravidão mercantil dos povos de África tem em seu lastro a narrativa do escravizador que condicionam estes povos quase sempre como vítimas, sem brio e sem força de resistência, é somente através da perspectiva histórica a partir dos próprios sujeitos escravizados, *desde a travessia*, que vê-se a construção de sentidos próprios, não apenas de resignificação

⁸⁰ O Quinze, 2021, p. 105

⁸¹ Idem. P. 105

⁸² Idem p. 41

narrativa, mas de insurgência. Olhar para o Sertão, de igual modo, informa, a partir das narrativas das retirâncias dos sertanejos, *desde a travessia*, o “sobre-viver” à sua própria gente, à sua própria terra.

A aranha que a criança vê.

É mesmo assim olhar para o Sertão, a senhora não acha? Ficar pensando, ruminando o sentir das coisas, escavando feito Tatu. Ou, como a senhora diria: *só naquela aflição, naquela agonia de quem quer lutar e não pode*⁸³. Porque do meu lugar, o que posso fazer? Olhar para este sertão sem efetivamente habitá-lo, mas pensar sobre ele, sem aferir-lhe poesia ou doçura, mas encontrá-lo nas pessoas mesmas. Deixe-me tentar explicar da única maneira que talvez consiga. A senhora tenha bondade e paciência que a prosa se faz enraizando por solos de memória e vai brotando semente de gente, ainda criança, estirando os braços mirrados e os pés miúdos no tronco de uma grande árvore, fazendo força para subir e alcançar a copa frondosa de onde orvalham palavras repousadas em folhinhas bem verdes... donde, ao lado, as aranhas tecem as mais variadas teias e observam, de soslaio, a criança. E a criança também observa a aranha.

A senhora também não acha que o que uma criança observa não é coisa extraordinária? Quer dizer: a criança vê uma aranha pensa sobre ela e a reencontra, mesmo quando não há. Por assim dizer, fui a criança que viu a aranha. Não numa árvore, nem num canto de parede – antes fosse! Elas estavam nos olhos de Berenice. Aquele círculo empoeirado, tolerado apenas pelas pequeninas aranhas que subiam e desciam, fazendo suas geométricas teias, famintas e ansiosas por serem alimentadas.

As aranhas, na verdade, ainda estão lá: posso ver. Moram no olhar de Berenice e talvez sejam elas as responsáveis por manterem vivas as memórias daquele período: tecem-nas nos pequenos e firmes fios, similares aos olhares comuns lançados aos fios de seda. Se pudesse dar um conselho à senhora, diria que convém prestar atenção aos olhos de Berenice, pois só é possível vê-la olhando profundamente em seus olhos. Por um minuto esqueça seus

⁸³ O Quinze, 2021, p. 32

cabelos longos, ondulados e negros: eles não são capazes de conferir a importância de Berenice, nem sua beleza fria e cruel; também não confira importância neste momento aos seus lábios finos encaixados imperfeitamente em seu queixo pontiagudo - os lábios de Berenice também são importantes para que a senhora a conheça, mas dele tratarei ou tentarei descrever depois.

Atente-se, se possível, aos olhos: eram secos. Ou o que a senhora já conhece, como muito bem me contou sobre certa retirada: *na terra desolada não havia sequer uma folha seca*⁸⁴. Então a senhora já pode imaginar que aqueles olhos cumpriam a missão de anunciar que não havia possibilidade de terra arada: tudo era rachadura e torrão.

- *Retirar, sempre era melhor...*⁸⁵. Concordo com a senhora, mas de que jeito? A senhora diga! A infância tem lá suas coisas. A gente não é muito dependente quando criança? A senhora sabe destes desejos *de emigrar, de fugir, de viver numa terra melhor (...)*⁸⁶, mas ali, em criança, era só esperar o ano letivo acabar e pensar, como disse: *A seca também tem fim...*⁸⁷

Mas antes da seca acabar, seus olhos secos e tórridos traduziam perfeitamente o indizível da alma de Berenice – pois que todos nós devemos ter algo de indizível que somente os olhos comunicam ou tentam esconder, não é mesmo? Assim eram aqueles olhos: não havia neles outras características além de sua proeminente *secura*.

Seus olhos não eram fundos, nem grandes, nem claros, nem escuros, nem expressivos, nem nada: eles eram secos. A senhora sabe bem o horror que a seca é... Eles eram tão secos, tão secos, que nada florescia ali. Não havia cactos ou rosas do deserto capazes de brotar daquelas retinas; eram secos. Olhos secos. Acreditem: secos. Só isto. Acho triste que alguém tenha olhos tão secos, a senhora não? Mas, ao mesmo tempo, considero oportuno que, neste local tão árido, as aranhas consigam habitar... (Como também acho oportuno o Tatu que encontra uma ladeira... vai saber o que a vida é!)

Era oportuno porque, na verdade, os mais observadores podiam olhar para aqueles olhos secos e enxergar as pequenas aranhas tecedeiras, cantando como lavadeiras na beira do rio, dando continuidade a vida, apesar de todos os pesares. As aranhas ficavam ali a tecer e a cantar a cantiga que eu gostava de ouvir e ver nos finais de tarde na TV:

⁸⁴ O Quinze, p.75

⁸⁵ *Ibidem*, p.4

⁸⁶ *Ibidem* p, 54

⁸⁷ *Ibidem*, p. 81

“Estava a velha em seu lugar
Veio a mosca lhe fazer mal
A mosca na velha e a velha a fiar”

As teias dos olhos.

As aranhas moravam naqueles olhos e ali teciam. Teciam nos e através dos olhos da velha Berenice. Ali teciam, mas não se restringiam: lançavam-se para fora a qualquer pequeno descuido de Berenice ao fixar seus olhos nos olhos de outrem por mínimo que fosse o tempo. Naqueles mínimos instantes, as aranhas cantoras e tecedeiras dos olhos de Berenice lançavam longos fios que grudavam em outras retinas. Então as aranhas saltavam daqueles olhos. Para onde? Não se sabe. A senhora faz ideia? Elas simplesmente saltavam e da mesma forma como se faziam visíveis, desintegravam. Era como se não pudessem existir fora daquele ambiente seco dos olhos de Berenice. Devia ser como o “banzo” do sertanejo, ou, como a senhora disse, deveria ser como quando um retirante pensava em *seu isolamento na terra longínqua, no vácuo doloroso de afeições em que se iria debater o seu coração exilado*⁸⁸. Veja o que é o pensamento da gente... me ocorreu agora que até as aranhas sentem/evitam o sentimento do desterro...

Era triste que nem as aranhas aguentassem morar naqueles olhos. Mas era mais triste ainda quando as aranhas percebiam que estavam demasiadamente acostumadas àquele ambiente e que não conseguiriam viver fora e longe dele. Seria o sentimento de pertencimento? De súbito pensar nas aranhas dos olhos de Berenice me transportou novamente ao sentimento retirante que a senhora conta. Lembra? Como foi que a senhora disse?

- “Uma vontade obscura e incerta de ascender, de voar! Um desejo de se introduzir a grandes passos na imensa treva da noite, e a atravessar, e a romper, esquecido das lutas e trabalhos, e penetrar num vasto campo luminoso onde tudo fosse beleza, e harmonia e sossego. /Desejo de se integrar numa natureza diferente daquela que o cercava, de crescer, de subir, de bracejar num emaranhado de ramos, de se

⁸⁸ O Quinze, 2021, p.54

sentir envolto em grandes flores macias, de derramar seiva viva e forte que o incandescia e tonteava.”⁸⁹

Isto! Imagino que fosse assim também para as aranhas... E não é terrivelmente triste que alguém tenha os olhos tão inóspitos assim? Olhos que expurgam as aranhas como a seca expulsa os retirantes? Não é? A senhora vê como tudo se repete, se repete e se repete...? E a canção ainda ecoa...

Estava a mosca em seu lugar
Veio a aranha lhe fazer mal
A aranha na mosca, a mosca na velha
E a velha fiar

A percepção infantil

A velha Berenice estava sempre a fiar. Diga-se de passagem, Berenice nem deveria ser tão velha assim: minha percepção infantil certamente lhe atribuía mais idade do que realmente tinha. Além do mais, por cada ato ranzinza que cometia, dava-lhe, certamente, mais anos do que deveriam constar em sua certidão de nascimento. O cenário era realmente triste. Era triste também pensar a condição humana de Berenice: aquelas aranhas de pernas compridas andando de um lado para outro atrás de suas retinas, deveriam, lá no fundo, lhe causar certo incômodo... E a canção, todas as tardes...

Estava a aranha em seu lugar
Veio o rato lhe fazer mal
O rato na aranha, a aranha na mosca
A mosca na velha e a velha a fiar

Aquelas pernas finas das aranhas causavam incômodos, não dor. Uma mulher como Berenice não se incomoda com a dor alheia e, sendo assim, também não sofre. Berenice não se incomodava com a sequeidão de seus olhos. Para ela, não florescer era bom. Parece uma besteira romântica, mas a verdade é que é preciso solo fértil para as plantas e também para o

⁸⁹ O Quinze, p. 51

ser humano. Há que se florescer na primavera e depois esvaziar-se no outono, senão todos os dias são iguais... e quando a seca se acaba?

A medida em que Berenice não florescia, feito uma erva daninha, roubava de mim, criança, a possibilidade de florescer também. Penso que muitas crianças não florescia naquela sala de aula. Não por incapacidade. Não. Isto acontecia porque o solo de Berenice era duro demais, praticamente infértil e seco. Além do mais, a canção que ouvíamos na TV tratava de insetos repulsivos e não de flores.

Estava o rato em seu lugar

Veio o gato lhe fazer mal

O gato no rato, o rato na aranha

A aranha na mosca, a mosca na velha

E a velha a fiar

Trazendo à tona meu sentimento de infância, penso que para Berenice, as crianças daquela sala de aula estavam para os ratos assim como as moscas estavam para as aranhas na canção: as nojentas presas que lhes garantiam o sustento. Não era raro ouvi-la dizer que só aturava aquele monte de criança melequenta e piolhenta porque precisava de seu salário ao final do mês. “Vida maldita, sorte ingrata!”, diria ela. Ou, se ela tivesse conhecido a senhora e tivesse manias como eu de recontar o que viu/ouviu, poderia dizer que pensou em se retirar daquele imenso sertão que se transformara para ela a sala de aula, mas por contingências da vida, não conseguiu atravessar aquele sertão. Talvez até pensasse com a senhora que *a gente se acostuma à força...*⁹⁰. Penso que Berenice se acostumou; talvez tenha sentido a angústia da experiência do desterro... temeu e se perguntou *onde é que a gente vai viver, por esse mundo de Deus?*⁹¹

Ficou: convivendo com os ratos e suas aranhas. Contudo, ratos e aranhas sobrevivem no improvável: acostumam-se à cadeia alimentar e criam instintivamente estratégias de sobrevivência; penso que, bem medido e bem pesado, a disputa de território entre ratos e aranhas possui uma certa tensão, a senhora não acha? Porque veja: ambos sabem a hora de atacar e de se recolher; ambos reconhecem suas habilidades; ambos sabem como transitar de maneira quase imperceptível e mostram-se somente quando necessário ou inevitável... Mas a senhora não acha que, uma aranha bem instalada em sua teia pode mais do que os ratos fora do esgoto? A aranha acaso não está mais confortável? Não se sente mais protegida e, por isso mesmo, poderosa?

⁹⁰ O Quinze, 2021, p 70

⁹¹ Ibidem, p.37

Então esta era a estratégia de Berenice: comportava-se ela mesma como uma aranha e, do alto de sua teia, bem protegida, cuidava de nos manter como ratos longe da umidade dos esgotos, fazendo-nos acreditar que não havia mundo que não fosse seco como seus olhos. Cuidava de nos manter cada vez mais distante da “podridão” de nossos pensamentos, sobretudo daqueles mais imaginativos e férteis; punham-nos longe do submundo da brincadeira e da criação. Naquela sala de aula só conhecíamos o mundo seco que transparecia através de seus olhos.

Existíamos ali como ratos, repulsivos; existíamos como a senhora já disse: *naquela aflição, naquela agonia de quem quer lutar e não pode*. Éramos como ratos que foram despejados ali pelos gatos que já não se interessavam mais em brincar com eles. Os gatos, buscavam seus tempos de descanso e individualidade e, em casa, orientavam os ratos a obedecer a aranha: se ela sabia tecer e se ela conhecia o mundo, certamente sabia mais. A senhora ainda consegue pensar como uma criança pensa? Às vezes acho que ainda consigo. Que o pensamento da criança é cheio de sentimento. Então, pensar assim, exato como uma criança, não sei se lembro. Mas o que ainda reverbera cá dentro é o sentimento. A exata sensação de que ninguém se interessa pelos ratos enquanto estão sob controle, alimentados e acuados; os ratos só são um problema quando se apresentam, quando, por um descuido ou esquecimento, deixam rastros de sua presença indesejada.

Então a senhora veja: era por isso que Berenice não subestimava as crianças. Seus olhos adultos as viam como ratos (talvez lhes causassem até certo asco); seus olhos de aranha informavam-lhe que era prudente ter cuidado: um descuido e os ratos poderiam devorá-la. Mas aí é que está. Ela possuía uma única e poderosa arma, perfeita, que não deixava rastro; uma arma que consumia aos poucos. Matava a matéria não, mas consumia era o que tinha dentro: o pensar e a imaginação da gente. Berenice tinha um discurso que punha medo na gente e, não raras vezes, humilhava e fazia a mão da gente suar.

Penso que quando Berenice nos via enfim como crianças, tomava consciência súbita das aranhas que a habitavam e pensava: “assim como as aranhas, estes seres humanos minúsculos também são capazes de sobreviver se agarrados a um único fio”. E se, para as aranhas o fio era garantia da atração da presa para sua alimentação e manutenção de sua sobrevivência, para nós, crianças, o fio mantenedor deveria ser a imaginação e afeto. Convinha não deixar as crianças tecerem...

Estava a mulher em seu lugar

Veio a morte lhe fazer mal

A morte na mulher, a mulher no homem

O homem no boi, o boi na água
A água no fogo, o fogo no pau, o pau no cachorro
O cachorro no gato, o gato no rato
O rato na aranha, a aranha na mosca
A mosca na velha e a velha a fiar

A estratégia da criança

Mas contei à senhora todas estas coisas sobre Berenice para dizer-lhe na verdade de Nega Lisa e Nega Sarará: personagens que surgiram ali, naquela sala de aula na infância, para combater as aranhas e suas teias. Ambas seriam o fio imaginativo que, ao decorrer do processo transformava-se numa espécie de cordão umbilical que oxigenava uma possibilidade subversiva à existência. Nega Lisa e Nega Sarará seriam o carinho possível; a fresta de luz para cada cartaz colocado nas janelas para proibir a entrada do sol; as respostas imaginárias a cada castigo que impedia toda a turma de participar do recreio; seriam a fuga do cotidiano escolar estabelecido pela retina estéril da professora Berenice; seriam, em suma, a tentativa de enganar a morte do final da canção.

Ah, a morte... sempre espreitando, não é mesmo? Sempre no final das coisas, mas às vezes, também, no início. Porque veja: a senhora muito bem contou a história da família de retirantes, que, como todos os outros que se retiram, fogia da seca. Mas no fundo não era o problema da seca em si: era a questão da morte. Que como é que se vive em terra que nasce nada e nem água tem? É o que estou falando à senhora... a gente espera a morte no final, mas as vezes ela se apresenta já no início. A ideia da água faz o ser vivente atravessar o sertão, mas é a ideia da morte que sempre atravessa a vida, e, via de regra, todo mundo quer espichar um pouquinho mais sua existência.

A morte não é bonita de se ver. Não tem poesia na morte. Tem assim... uma tristezainha, sabe? Digo por que, quando criança, vi a morte chegar. Não pra mim (Deus esteja!), mas era mesmo como se fosse... a morte chegou lá em casa... já não lembro bem mais como foi. Mas ela esteve lá. Não lembro muito, mas sei que era triste, a morte. Muito tempo pensei também que fosse amarga - mas disso não tenho exata lembrança. Mas quando a

senhora disse da morte do menino Josias, daí então tive lembrança de gosto: manipeba. Não fora por uma manipeba que morrera o menino Josias? É o que estou pensando: a gente passa a vida tentando enganar a morte, mas num descuido, a morte também engana a gente.

Pois não foi o que ela fez ao menino Josias? Travestiu-se de mandioca, como outra raiz qualquer. Mas tinha veneno: era manipeba. O menino, coitado, danado com a fome, comeu a raiz inda crua. Então, a senhora que foi quem contou o caso, já sabe: foi só o desenganar da benzedeira e *a criança, com o cirro mais forte e mais rouco, ia-se acabando devagar, com a dureza e um tinido dum balão que vai espocar porque encheu demais.*⁹²

Às vezes me pergunto se não penso demais sobre a fuga porque não pensei demais na morte; imagino que há sempre uma propensão de quem pensa demais sobre a morte acabar por questionando demais a vida e, vez ou outra, a gente que está assim, pensando, se agarra num fio qualquer, como as aranhas. E aí vamos tecendo coisas, a senhora não acha? Fui tecendo essa teia aqui dentro, tentando encontrar o início, mas chegava sempre ao final, sem perceber. E o final não haverá de ser sempre a morte?

É certo que quando criança, para mim, a morte não passava como alegoria. Era sempre a morte do corpo e depois o medo do não saber, o medo da dor, em suma: o medo. E o que é que a gente faz quando sente medo e não tem como encarar aquilo que se teme? A gente foge – ou se retira? Existe diferença? (eu por mim ainda estou aqui pensando se há...). Mas o que fiquei pensando em primeiro é que fugir é quase sempre um *sintoma*. Para mim, sintoma do medo. É legítimo sentir medo? A senhora sabe? Em criança, sentia muito medo de morrer... tinha medo da morte entrar lá em casa de novo, e assim, travestida de noite, me enganasse e eu me deixasse ir. Você veja o que é a imaginação duma criança...

Então com o correr da vida (que já disse Riobaldo: embrulha tudo!) continuei pensando sobre a morte. Talvez, mais que isso, comecei a enxerga-la, sabe? Só que não era mais sobre “somente” a morte da matéria. Era mais. Era pensar sobre as pequenas mortes cotidianas. Aquelas coisas que vão acontecendo quase ao natural e vão matando um pouquinho da gente. Daí, não sei quando, mas comecei a pensar que, para surgir um adulto, por exemplo, tem que ir morrendo de pouco a pouco a criança que a gente é, não acha? É legítimo pensar assim? Dizendo assim, por dizer, parece até que estou fazendo condenação, não é? Falando assim de algo mau. Mas nem não é isso... é só um pensamento sobre a inteireza das coisas que se ligam por mais que queiramos manter distância entre elas. Eu, por mim, por exemplo, gostaria de manter tudo muito bem distante, se possível em caixinhas com

⁹² O Quinze, 2021, p.64

etiquetas (porque gosto de organização), mas a vida não é assim. O que se há de fazer? Aí as coisas vão se misturando e a gente vai falando sobre elas, a senhora não concorda? Falar sobre as coisas não resolvem as coisas mesmas, mas nos ajuda a pensar – e pensando a gente encontra meios de agir, ou mesmo de foragir: agir fora. Fora de imposições, de sistemas... Hoje quando lembro de Nega Lisa e Nega Sarará percebo que elas representavam, na verdade, o papel de foragidas. Ou melhor: Mariana e eu (que criamos as duas personagens), foragíamos com elas.

Um incidente cruel

Veja: certa vez, num final da tarde, Nana (Mariana) deu de cotovelo informando que precisava ir ao banheiro. Não tinha jeito: a vontade era imensa e não poderia mais aguardar até que a auto denominada “maquinista Berenice” parasse na próxima estação o “trem expresso sala de aula” – que assim fora por ela nomeado. O xixi escorreria antes entre suas pernas e isto era algo a ser evitado tanto quanto cair no vão entre o trem e a plataforma.

Embora eu tenha feito meu papel de melhor amiga informando que Berenice não perdoaria tamanha indolência de sua bexiga, Nana resolveu encher-se de coragem e levantar os dedos – motivo suficiente para despertar a fúria de Berenice-Lágrimas-de-Poeira. Inflamada por uma coragem ainda maior, Nana permitiu que sua voz ecoasse naquele silêncio estrondoso e informou: professora, preciso ir ao banheiro!

Não era de se esperar outra coisa de Berenice-Cara-de-Coruja: esbravejou um estridente não, acompanhado de muitas outras reclamações e humilhações. Quanto mais Berenice-Olho-de-Torrão reclamava, mais Nana coçava os cabelos crespos – até então bem presos por Zélia, sua mãe. Enquanto a professora espumava – aqui chegou a hora de narrar para a senhora os lábios de Berenice: finos e ressecados tanto quanto seus olhos traziam sempre no cantinho da boca uma espuma esbranquiçada e raivosa. Então, enquanto a boca espumava de raiva e gritava para toda a escola ouvir, Nana ia coçando a cabeça e retorcendo as pernas como quem já não aguenta mais. Enquanto Nana assim o fazia, as outras crianças riam (eu não: antes preocupava-me duplamente. Primeiro pelo xixi prestes a descer; depois com as consequências daquele ato heroico de Nana). Algumas crianças gargalhavam. Outras

apontavam, faziam chacota. E então, sufocada debaixo das gargalhadas das crianças também sufocadas por Berenice-Boca-Espumosa, Nana esboçou o que seria o primeiro traço de Nega Lisa: pôs-se a rir também; pôs-se a bagunçar o próprio cabelo e a fazer caretas: arrepiava o cabelo, girava, dava de língua e gargalhava.

Claramente intimidada pela inesperada atitude de Nana, Berenice-Olho-Seco, aos berros, para todos da escola ouvirem, sentenciou: VÁ LOGO AO BANHEIRO SUA NEGUINHA SARARÁ! E DEPOIS SIGA PARA A SECRETARIA! A senhora veja o que é que uma criança às vezes passa! Fica assim indefesa diante de um ataque racista desses! E ninguém fazia nada: podia chegar em casa contando; podia contar na direção da escola: nada era feito! Era o racismo! (e ainda é!). Mas a gente era criança (e criança o que é que pode?). A gente não tinha sido ensinada a assim, questionar uma coisa dessas... A gente só fazia o que era preciso pra passar um dia após o outro...

A fala e seus atos

Eu mesma cresci sem questionar na infância tanta coisa... Hoje olho para trás e vejo que, mesmo sendo uma pessoa negra de pele clara, ouvi coisas extremamente racistas dentro de minha própria casa. É que da parte do pai ainda não contei: família toda muito bem clara, de olhos esverdeados. Dizem que descendemos dos alemães. Aí a senhora já viu. Diziam para mim: “passou de meio dia é noite!”; “ainda bem que o cabelo é mais liso que o da mãe”; etc, etc, etc. Mas a senhora acha que eu pensava que isso era racismo? Não. Eu achava que era uma “brincadeira”; eu não entendia que este tipo de coisa era muito mais grave para as pessoas negras de pele mais escura; eu não sabia em criança que se morria por isso; eu não sabia que não se arrumava emprego por isso... a gente não era ensinado a pensar sobre estas coisas, e, assim, a senhora bem que me desculpe: mas ao ouvi-la esbravejar sobre *um moço branco andar se sujando com negras*⁹³, não posso deixar de por reparo e dizer que isso é bem racista! De sorte que os tempos são outros – a senhora há de dizer. Eu por mim, sigo a prosa, mesmo por que, agora andam por aí dizendo que “o mundo está chato” por que, ao mesmo

⁹³ O Quinze, 2021, p. 69

tempo que vemos pessoas com posturas racistas, igualmente temos nos levantado (muito de nós, donde me incluo) por uma educação antirracista desde a mais tenra idade.

Mas o fato é que, na minha infância, não foi assim. Ao passo que no episódio que contava (antes de abrir este grande parênteses que subjaz nas entrelinhas o racismo estrutural e o racismo recreativo), Nana correu aliviada até o banheiro. A turma retornou ao seu habitual estado de tristeza. Todos copiavam o infundável texto do quadro, indagando-se o que aconteceria depois. Tudo era incerto, exceto o ódio de Berenice-Cara-de-Caixaão.

O dia transcorreu e quando a aula enfim acabou fomos embora, Nana e eu, quase em silêncio durante todo o caminho. Não havia muito o que dizer, mas perguntei a Nana se ela não havia sentido raiva de ser chamada de Nega Sarará, porque, embora não tivéssemos tido ainda em nenhum lugar uma educação antirracista, como já disse, instintivamente talvez, aquilo não me parecia correto.

Nana não respondeu de imediato. Seguiu em silêncio e quase de cabeça baixa até a porta da vila onde morava. Quando nos despedimos, ela disse: sabe? É triste sim ser chamada de Nega Sarará porque todos riem dessas coisas. Mas sabe também? Hoje meu cabelo sarará me salvou. Por causa dele pude ir ao banheiro e depois ainda fiquei sentada na secretaria sem olhar para aquela Cara-de-Uva-Amassada. Então, no fim, eu me saí melhor. Se fosse você, nega do cabelo liso, teria feito xixi nas calças! NEGA DO CABELO LISO! NEGA DO CABELO LISO!

A senhora veja o que é a criança... veja a capacidade de lidar com a dor para seguir em frente. Imagine um adulto que é exposto assim, por exemplo, no ambiente de trabalho? Como é que ele reage? Como lida com essa dor, a senhora entende? Penso que Nana fez com aquela dor o possível: enveredou num caminho de fuga e deixou uma pista para que eu pudesse segui-la. A senhora percebe o que é a criança?

Naquele dia fui para casa rindo da comparação entre Nega Lisa e Nega Sarará; depois fui juntando os caquinhos de minhas memórias episódicas, ruminando o rosto daquela mulher que nos incitava ao sentimento de injustiça; juntava os apelidos dados clandestinamente à professora; lembrava os trejeitos de Nana durante o episódio do xixi e, sobretudo, considerava nossa amizade e o nome que me dera: Nega Lisa.

Criação e sobrevivência

Ali surgiram as personagens Nega Sarará e Nega Lisa. As duas eram uma resposta à Berenice-Cara-de-Cavalo. Elas eram livres: exploravam o mundo e combatiam as maldades dos adultos; eram valentes, cheias de qualidades e super poderes, mas também eram engraças e debochavam de si mesmas; Nega Sarará e Nega Lisa se, não nos salvaram, nos ajudaram a passar pelo que era, até então, o ano escolar mais difícil de nossas vidas.

Nega Lisa e Nega Sarará eram então o resultado de uma afetação de Berenice. Elas brotaram (vida) onde o “eu-criança” morria. Elas não só nasceram como resposta aos olhos secos de Berenice como também sobreviveram a eles porque eram feitas de um corpo quase etéreo: algo cósmico e grandioso que habita a garganta e a cabeça de cada criança que é obrigada a se calar. De vez em quando este algo inexplicável é trazido à tona, numa forma instintiva. A criança dá a luz aos seres que ela carrega e ela é em si mesma pai e mãe da criação... isso não surpreende a senhora?

Conto à senhora sobre estas duas personagens que habitaram minha infância porque elas dizem muito sobre o que foi preservado em mim desta escrita imaginativa e autoral que me acompanha desde quando já nem posso lembrar. Nega Sarará e Nega Lisa representaram na infância uma forma de resistir ao universo escolar (muito especificamente um micro universo, que, quero também registrar, não é comum, mas nem por isso deixou de existir e que temo, ainda exista pontualmente). Nossa resistência se dava então a partir de um jogo onde o poder que a professora invocava para impor as mais variadas sanções e castigos era obrigado a negociar com o micro poder que organizava e convocava todo grupo escolar; o que aquelas personagens provocavam era sutil, mas causava incômodo: ali, com desenhos, historietas e apelidos, havia explosão de risos.

A senhora precisava ver: os bilhetes eram passados clandestinamente; papéis eram colados nas portas dos banheiros; caretas eram feitas quando a professora se virava para escrever no quadro. Nega Lisa e Nega Sarará podiam dizer, escrever e pensar coisas que nós, ali, tão indefesos e solitários não podíamos. Estas personagens, desde suas construções, nos ajudaram, então, a habitar um mundo menos doloroso e, de igual modo, nos dava elementos pequeninos, mas valiosos, para vencer o cotidiano escolar.

De certa forma Nega Lisa e Sarará sempre me acompanharam. Depois daquela experiência descobri (primeiro intuitivamente e depois de forma mais consciente) que a autoria é um lugar de pertencimento e anunciação e isto implica numa batalha constante: não é só o que dizer, mas como dizer; não é só enunciar a palavra, mas a decisão de qual palavra

enunciar. Escrever assim, alinhavado, um ponto após o outro, tomei então por decisão que não poderia ser, que é como já anunciei o pensamento: não se pode existir longe do que se é.

E Berenice? Penso mesmo que fez o que pôde: existiu com suas aranhas... o que haveria de se fazer? Que jeito... é aquilo... a natureza da gente que dá pra tudo! Penso que ela mesma atravessou aquele ano escolar e no fim, respirou aliviada pela pausa merecida que foram aquelas férias escolares. Da parte de Nega Sarará e Nega Lisa não restou sobre Berenice nenhum rancor: era só o alívio de vê-la ali, na plataforma, prestes a entrar ela mesma num trem e partir para longe; era como fosse a senhora mesma, Dona Conceição, aliviada, por vislumbrar seu compadre Chico Bento embarcando para São Paulo: um misto de alívio e angústia. De minha parte, criança, cuidei de conseguir através de Nega Lisa e Nega Sarará o Bilhete Azul⁹⁴ para o embarque de Berenice naquele fantasmagórico trem cuja partida anunciava para nós a trégua daquela grande seca escolar. Aquele trem partindo era a mesma promessa de chuva, aguardada ansiosamente pela senhora, por Chico Bento, por Dona Inácia, por Vicente e por todos os retirantes aguerridos de *O Quinze...*⁹⁵

⁹⁴ Referência a passagem de *O Quinze*, 2021, p.117

⁹⁵ Livro de Rachel de Queiroz

VI

A coragem de atravessar Os Sertões⁹⁶: a literatura e seu contexto



O Sertanejo é, antes de tudo, um forte. (Os sertões, p. 68)

⁹⁶ Cunha, Euclides da. Os Sertões. Jandira, São Paulo: Principis, 2020.

Conhecer Os Sertões

*O caso é original e verídico.*⁹⁷

Pois é isto que digo ao senhor, a despeito de toda desconfiança! Há pormenores na vida que não reclamam para si fatualidade ou realismo. Antes pedem originalidade – que também não é algo a se dizer, extraordinário: é antes, algo que, visto por outro ponto, suscita outras narrativas. A outridade da narrativa há de esbarrar assim, na veracidade dos fatos? O caso é original, verídico, mas também desperta assim certa curiosidade.

Conta o narrador de *Os Sertões* a ininteligível batalha do exército brasileiro contra a população ignota de Canudos. Veja que andavam por aqueles sertões desconhecidos aquela pobre gente que sequer vigorava em qualquer sentido censitário à época. Se os sertões não existiam, aquela gente, que dirá! Fora o expedicionário (mais tarde narrador deste enredo cheio de espantosos ruídos e assombrosos acontecimentos) que, a partir de sua habilidade jornalística mas, sobretudo literária, “apresenta” ao Brasil o que é também a gênese do povo brasileiro: os sertões e seus sertanejos. O sertão existia – por teimosia de haver. Descreve o expedicionário acerca daquele mundo desconhecido:

“no dizer expressivo dos matutos: arbúsculos quase sem pega sobre a terra escassa, enredados de esgalhos de onde irrompem, solitários, cereus rígidos e salientes, dando ao conjunto a aparência de uma margem de desertos. E os facies daquele sertão inóspito vai-se esboçando, lenta e impressionadoramente...” (p.12, grifo do autor).

Do mesmo modo como apresentava aquela terra, fazia-se necessário dizer também daquela gente. E assim o fez. Digo ao senhor que, algumas passagens causam estranheza pela separação e mesmo pela subjugação das raças, no entanto, apesar de claramente atravessado pelo entendimento (ou falta de entendimento) sobre racialização próprios à época, o autor, apesar disto, assume a responsabilidade de entregar sua narrativa como uma denúncia ao que se passara em Canudos. Diz a nota preliminar, datada de 1901: *Aquela campanha lembra um refluxo para o passado. E foi, na significação integral da palavra, um crime. Denunciemo-lo*⁹⁸.

⁹⁷ Os Sertões, 2020, P 136

⁹⁸ Ibidem, p. 06

O caso original e verídico. Um crime. Uma barbárie. Uma atrocidade que foi possível, em grande medida, pela invisibilidade daquela gente que fora massacrada, frente ao próprio regionalismo; daquela gente que fora apresentada ao grande público brasileiro como um povo que *se estabeleceu desde o alvorecer da nossa história um farto povoamento, em que sobressaía o aborígine amalgamando-se ao branco e ao negro, sem que estes se avolumassem ao ponto de dirimir a sua influência inegável.*⁹⁹; um povo que é apresentado de forma em que se vejam quase perdidos diante do julgamento público entre miseráveis, heróis, loucos ou bestializados; um povo de que se diz surgir uma “classe” específica de homem, diferente das demais, graças a “mestiçagem”. Diz o expedicionário, num subcapítulo que chamou de “Um parêntese irritante”:

“A mistura de raças mui diversas é, na maioria dos casos, prejudicial (...) A mestiçagem extremada é um retrocesso. O indo-europeu, o negro e o brasílio-guarani ou o tapuia exprimem estádios evolutivos que se fronteiam, e o cruzamento, sobre obliterar as qualidades preeminentes do primeiro, é um estimulante à revivescência dos atributos primitivos dos últimos. De sorte que o mestiço – traço de união entre as raças, breve existência individual em que se comprimem esforços seculares – é quase sempre, um desequilibrado (...) E o mestiço – o mulato, mamaluco ou cafuz –, menos que um intermediário, é um decaído, sem a energia física dos ascendentes selvagens, sem a altitude intelectual dos ancestrais superiores. Contrastando com a fecundidade que acaso possuía, ele revela casos de hibridez moral extraordinários: espíritos fulgurantes, às vezes, mais frágeis, irrequietos, inconstantes, deslumbrando um momento e extinguindo-se prestes, feridos pela fatalidade das leis biológicas, chumbados ao plano inferior das raças menos favorecida” (p. 64 e 65)

É desta “mestiçagem” que nasce o sujeito sertanejo. É esta população que vai se criando pelo sertão e que, mais tarde, vem a formar a sociedade de modos tão próprios, particulares e incompreensíveis que recebeu por nome, Canudos; estes eram os *outros brasileiros* que agora os brasileiros conheciam: uma gente que, talvez, nem fosse gente mesma; que habitavam uma terra que talvez nem fosse terra mesma; uma gente fantasma, numa terra deserta e desertificada ainda mais pela barbárie que se pretendeu denunciada pelo expedicionário. Dizia ele daquele lugarejo e da gente que o habitou:

⁹⁹ Os Sertões. 2020, p 62.

Canudos, velha fazenda de gado à beira do Vaza-Barris, era, em 1890, uma tapera de cerca de cinquenta capuabas de pau a pique. Já em 1876, segundo o testemunho de um sacerdote, que ali fora, como tantos outros, nomeadamente o vigário de Cumbe, em visita espiritual às gentes de todo despeadas da terra, lá se aglomerava, agregada à fazenda então ainda florescente, população suspeita e ociosa, ‘armada até os dentes’ e ‘cuja ocupação quase exclusiva, consistia em beber aguardente e pitar uns esquisitos cachimbos de barro em canudos de metro de extensão’, de tubos geralmente fornecidos pelas solanáceas (*canudos-de-pito*), vicejantes em grande cópia à beira do rio. (p.107)

Confesso ao senhor: conhecer assim, esta gente, também não conhecia. De ouvir assim, falar, “por cima”, numa aula ou outra na escola, até não digo que não. Mas o mundo abriu-se em total espanto quando encontrei-me com Os Sertões. Um sentimento de não saber o que nós somos, o que fomos e o que ainda estamos sendo – em certa medida. Um desejo profundo que esta “campanha de Canudos” nunca mais venha a ser. Além do mais, vale ainda a reflexão sobre as comunicações que vamos fazendo acerca de nosso próprio tempo: Euclides da Cunha – que ali encarnara o expedicionário – debruçava-se sobre a escrita não só como jornalista, geólogo, historiador e pesquisador: mas também como um escritor que deu contornos expressivos à narrativa, desdobrando-a de forma a fazer certo mapeamento não só sobre o massacre ocorrido em Canudos, mas também sobre o regionalismo nordestino (tal como ele viu e sentiu, atravessado por suas vivências, suas crenças, conhecimentos, conceitos e preconceitos).

O que pode a literatura

Foi por estes caminhos literários que pude, pela primeira vez, compreender melhor parte de nossa história; compreender como alguns conceitos e mesmo estereótipos vão se formando e se fixando como verdade ao longo do tempo; foi em contato com esta literatura que pude conferir real importância das histórias populares para a formação dos grupos sociais.

Esta percepção última se deu quando, em contato com a curiosa imagem de Antônio Conselheiro, pela narrativa do expedicionário, percebi que a tarefa de contar e a escolha de como fazê-lo perpassa sempre pela decisão do que e de quem ouvir. A figura de Antônio Conselheiro foi então alvo de diferentes narrativas, rodeadas por diferentes revezes e apreciada de diferentes maneiras ao longo da história. O Conselheiro chega para o leitor na história antes mesmo de assim sê-lo; chega para o leitor quando ainda se chamava Antônio Vicente Mendes Maciel. Dizia que fora

(...) adolescente tranquilo e tímido, sem o entusiasmo feliz dos que seguem as primeiras escaladas da vida; retraído, avesso à troça, raro deixando a casa de negócio do pai, em Quixeramobim, de todo entregue aos misteres de caixeiro consciencioso, deixando passar e desaparecer vazia a quadra triunfal dos vinte anos. (p.94)

Depois disso imagino que o senhor já saiba: o expedicionário trazia ali a tal figura de Antônio Conselheiro. Reunia os relatos do que ouvira de todas as gentes e de que lera em máximas fontes; imprimia também, vez ou outra, suas considerações, que transpareciam quase sempre era na linguagem literária. Foi assim que adentrei Os Sertões; foi assim que conheci O Conselheiro e por ele criei certa complacência. Ora, não seria ele também uma interrogação com pernas? Teria ele sido compreendido, mesmo por nosso admirável expedicionário? A veracidade das coisas há de serem medidas por sua originalidade? Pois que Antônio Conselheiro era também original. Talvez sua originalidade o tornasse ininteligível para aqueles aos quais pedia esmola e, esta mesma originalidade lhe conferisse o mais alto grau de confiabilidade para aqueles com os quais dividia a esmola, a tábua, o pouco pão ou mesmo, os prosaicos conselhos.

“E surgia na Bahia o anacoreta sombrio, cabelos crescidos até os ombros, barba inculta e longa; face escaveirada; olhar fulgurante, monstruoso, dentro de um hábito azul de brim americano; abordoado ao clássico bastão em que se apoia o passo tardo dos peregrinos... (...) Tornou-se logo alguma coisa se fantástico ou mal-assombrado para aquelas gentes simples. Ao abeirar-se das rancharias dos tropeiros aquele velho singular, de pouco mais de trinta anos, fazia que cessassem os improvisos e as violas festivas. Era natural. Ele surdia – esquálido e macerado – dentro do hábito escorrido, sem relevos, mudo, como uma sombra, das chapadas, povoadas de duendes.

Passava, buscando outros lugares, deixando absortos os matutos supersticiosos. Dominava-os, por fim, sem querer (...) O evangelizador surgiu, monstruoso, mas autômato. Aquele dominador foi um títere. Agiu passivo, como uma sombra. Mas essa condensava o obscurantismo de três raças. E cresceu tanto que se projetou na História...” (p.96 e 97)

Dizer de Antônio Conselheiro nesta nossa conversa vale mais para pensarmos o que é a construção de uma narrativa e a comunicação de uma personagem, mais do que a análise do fato e do sujeito histórico em si. Como sujeito da história, tal como disse o expedicionário, O Conselheiro cresceu tanto que projetou-se na história, de maneira que os livros de história do Brasil (tendo havido a descoberta dos sertões e dos sertanejos) já fizeram seu mapeamento habitual: etnografias, julgamentos éticos, estéticos e mesmo psicológicos; mas, o que gostaria de conversar com o senhor é mais sobre como a narrativa escolhida pelo expedicionário para anunciar tão misterioso personagem e tão peculiar paisagem, deu ferramentas para o leitor construir a sua própria Canudos, a despeito de toda fatalidade.

O expedicionário utiliza seus conhecimentos jornalísticos, geográficos, históricos e científicos para compor sua narrativa literária. Haverá certamente quem diga o contrário: que haverá o jornalista, geógrafo e historiador utilizados seus conhecimentos literários para construir uma narrativa jornalística-literária e assim apresentar *Os Sertões* para o grande público. Mas, quem sabe o que veio primeiro? Quem sabe o que uma pessoa é? Quem sabe como os conhecimentos dialogam dentro de si? O senhor não acha que as palavras, assim como os acontecimentos e, portanto, as narrativas, não se limitam dentro de uma única significação? Bakhtin (1997, p.153) nos diz que *o contexto real de valores que dá sentido à obra do autor nunca coincide com o contexto estritamente literário, e menos ainda se este é entendido de um modo real-material*; então é como Riobaldo já dizia: tudo muito misturado...

A Arquitetônica

A literatura está mesmo atravessada pelos sentidos do mundo e não pode ser pensada fora dele. Há de se considerar a literatura como uma linguagem de mundo e como tal

expressará significações quando em contato com este todo real-material (mas também ficcional, fantástico, grotesco, etc). É portanto original, mas nem por isso deixa de ser verídico: caberá ao leitor em contato com tal literatura e a partir de seus conhecimentos de mundo, de fatos, de suas afetações, curiosidades, capacidade imaginativa e investigativa, dar também “acabamento” à obra. É a Arquitetônica (Bakhtin, 1997) se fazendo.

O expedicionário foi brilhante! Com grande destreza entregou uma trilha cheia de detalhes para o leitor. Veja o senhor o que pode ser a Arquitetônica: desde a escolha da personagem narradora (o expedicionário), delinea-se já o que é a obra. Os Sertões é um mapa. Um mapa para que o leitor possa chegar a Canudos; possa conhecer A terra, O homem e por fim A luta daquele lugarejo que, ganhando contornos literários (para além da História) tornou-se, por que não dizer, lendário.

Há outra coisa que gostaria de pensar com o senhor: que a Arquitetônica de tal maneira abriga a obra que possibilita que enquanto leitores, sintamos, vejamos e mesmo ouçamos aquilo que não está expresso nas linhas narrativas. Talvez seja ela a responsável por nos transportar para dentro da Estória de forma a “viver” o drama, a alegria, os sucessos e as agruras ali narradas; na Arquitetônica encontramos espaços para “nos movimentarmos” na obra; é ela quem nos informam as paisagens, os cenários e o tempo; é ela que abriga as personagens; é ela que convida o leitor a habitar a obra.

Não me furto a habitar a obra enquanto a leio. Fico ali, embevecida em cada ato; percorro cada beco; observo cada rosto de cada personagem; toco-lhes as vestes; sinto por vezes sua fome e sua sede; ouço os barulhos das bombas; sorrio com as ironias; espanto-me frente a crueldade; emociono-me diante dos atos que julgo, essenciais à vida humana; interrogo-me as possibilidades de sucesso de cada investida; retorno páginas para averiguar se não seria possível outro caminho, outra escolha; de igual modo, discuto com o herói; interpelo o autor; confundo-o por vezes com o narrador – posto que nem sempre são os mesmos; sobretudo, ocupo brechas e me faço presente por inteiro na narrativa. Explico.

Não quero contar ao senhor toda a história de Canudos tal como fora contada em Os Sertões. Nem se faz necessário, eu sei. Mas é mister que volte a dizer de meu espanto frente a esta obra... Estive eu mesma embaralhada em meio aos jagunços; fui eu mesma a mulher audaciosa que respondeu ao general e fui também a senhora que respondeu “sei não senhor!”; fui eu a fugir entre as caatingas; fui eu entre a população curiosa frente o retorno dos soldados expedição após expedição; fui eu quem viu e ouviu cada mosca não anunciada pelo expedicionário.

Ora! Veja o senhor! Naquela terra devastada, tomada pela extrema pobreza, pelo sol escaldante e pelas parcas (ou nenhuma) condição de higiene, não haveria de ter moscas? Pois elas, as moscas, me acompanharam quase em cada página do livro – tirando ali os gravíssimos entreveiros em que se ouviam as bombas a explodir a quilômetros e em que a poeira cegavam os olhos e colavam-se aos cabelos das mulheres, chapéus dos jagunços e boinas dos soldados. Em todos os outros momentos elas zumbiam; incomodavam; atrapalhavam (ou ajudavam) soldados e jagunços na hora de definir a mira nas baionetas, rifles e Krupps; estavam à espreita dos muitos corpos abatidos em combate, que por vezes iam-se empilhando, até formar uma trincheira. Foi observando e ouvindo o zumbir das moscas que habitei a passagem a seguir, contada pelo expedicionário:

Foi o que aconteceu a ser conquistado um casebre, depois de tenazmente defendido. Os soldados invadiram-no atumultuadamente. E depararam um monte de cadáveres; seis ou oito, caídos uns sobre os outros, abarrecendo a entrada. Não se impressionaram com o quadro. Enveredaram pelos cômodos escuros. Mas receberam em cheio, pelas costas, partindo daquela pilha de trapos sanguinolentos, um tiro. Voltando-se, pasmos, detonou-lhes outro, à queima-roupa, de frente. Sopitando o espanto, comprimidos na saleta estreita, viram então saltar e fugir o lutador fantástico, que adotara o estratagema profanador, batendo-se por trás de uma trincheira de mortos... (p. 332)



As moscas

Do ponto de vista da leitora, cujo a generosidade do autor entrega uma cena rica de sonoridade sem, no entanto, precisar anunciá-la com palavras, o acabamento ao qual sou impelida mostra, sobre aquela pilha de seis ou oito mortos, dezenas de moscas. Os soldados adentram o casebre quase felizes, sussurrando em fartura de ironia a frase entoada pelo então coronel Moreira César: *Vamos almoçar em Canudos!*¹⁰⁰. Enfim era chegada a hora daquele

¹⁰⁰ Os Sertões, 2021, p.187

almoço que fora cancelado tantas vezes pelas astúcias daqueles bandos de jagunços que tinham por arma principal o conhecimento daqueles desertos; os soldados traziam consigo certo desprezo: uma pilha – até pequena para seus gostos – daquela jagunçada rebelde. As moscas zuniam entre os mortos. Vez ou outra lambiam os sulcos daquelas faces que confundiam-se entre si: todos mestiços, iguais. Não importava para as moscas sobre qual cadáver pousar... Como se uma mosca confundisse o local de pouso, voou em direção aos soldados que, com dificuldade de enxergar aquele ser tão incômodo e pequenino em virtude da escuridão daquele cômodo, espantou-lhe com as mãos, e iam-se retirando. Naquele momento, são atingidos em cheio, pelas costas, por um tiro. Voltando-se, pasmos, detonou-lhes outro, à queima-roupa, de frente. Um jagunço aproveitando-se da imprudência fortuita da mosca, age com tamanha destreza que toma se susto aqueles soldados, que, combalidos, viram então saltar e fugir o lutador fantástico, que adotara o estratagema profanador, batendo-se por trás de uma trincheira de mortos, e confundindo-se, ele mesmo, com as moscas...

Um texto sempre nos leva há algum lugar; sempre nos convida ao diálogo com a obra; sempre nos coloca em diálogo com o mundo mesmo, com nossas afetações, nossos conhecimentos e ignorâncias. Digo ao senhor que tudo o que posso saber e ignorar está situado neste pequeno espaço de tempo entre o nascimento e a morte. Nada há fora deste espaço senão a consciência do que nos acontece como experiência pensada do que nos passa. Neste aqui e agora da experiência deste diálogo, repousa sobre a mesa tudo o que o senhor pode ver: cadernos de anotações, canetas e alguns livros sobre os variados sertões... e esta mosca. Uma mosca que insiste em dispersar meu pensamento, azucrinando meus ouvidos com seu zumzumzum infinito. Ela parece bastante satisfeita em seu êxito de levar para longe meus pensamentos.

A pequena mosca, provavelmente saída da cena descrita de *Os Sertões*, pousa agora sobre outro livro, exatamente sobre onde aparece escrita a palavra filosofia. Ali, tão pequena, move suas minúsculas patas como que esfregando-as e caçoando de mim por entender coisas que ainda não posso. Tão minúscula e irritantemente conhecedora dos espaços caçoava de mim. Ri-se de mim, A Mosca. Eu ainda não posso rir. Não consigo decidir o que fazer diante dela. Ignorar-lhe a existência? Observa-la e a tentar aprender com seus movimentos de exploração do ambiente? Ou tentar esmagá-la? Eis diante de mim algumas possibilidades em relação A Mosca. Eis algumas possibilidades reais de experiência baseadas em cálculos. Qual o próximo movimento? Quem agirá primeiro: A Mosca ou eu? Será que ela calcula seus movimentos tal como eu, como se ambas estivéssemos movendo peças num tabuleiro?

Num reflexo único, espanto-lhe com a mão (tal qual haverá feito aquele soldado). Ela voa e retorna ao objeto mais alto sobre a mesa: a garrafa de café. De lá me observa profundamente, e eu também a ela. Estou agora paralisada. Decido pela observação consciente. A Mosca, parece-me, somente sobrevive. Talvez, através de seus instintos, busca lugares onde possa sentir-se protegida, não para sempre, mas em cada instante, em cada nocivo instante de sua pequena-longa jornada de estadia sobre a Terra.

Tornamos o planeta um lugar insípido para as moscas. Obrigamo-las a viver esguiando-se de nossa presença hostil e ameaçadora. Às moscas também não enfiamos goela abaixo uma dualidade? Não olhamos para ela e nos perguntamos se pretende fugir ou ficar? Se é dotada de coragem ou covardia? Fugir entrega à Mosca o status de covardia? Ficar confere-lhe a medalha de coragem? O mundo é tomado de sentidos e isso se dá pela Linguagem, não só observada aqui pelo que é falado ou escrito, mas como todo signo e significante capaz de comunicar uma intencionalidade: uma atitude, um gesto, uma simbologia. O azucrinar da Mosca em meus ouvidos, levando o pensamento para a incessante questão que há muito me atormenta acerca da fuga e da retirada, leva-me novamente ao expedicionário e algumas passagens em que trata diretamente da fuga. Vejamos.

A primeira passagem que gostaria de relembrar discorre sobre a seca. Diz ali que *o sertanejo adivinha-a e prefixa-a graças ao ritmo singular com que se desencadeia o flagelo. Entretanto não foge logo (...)*¹⁰¹; A segunda passagem que gostaria de tratar fala sobre O Conselheiro e algumas lendas surgidas em torno de sua peculiar figura: *fugira, então, na mesma hora apavorado, doido, abandonando tudo, ao acaso, pelos sertões em fora...*¹⁰²; mais a frente, narra o primeiro combate entre os soldados e os jagunços, numa ocasião em que os primeiros foram surpreendidos pela inicial fuga de uma “população em massa”. De sorte que estavam alarmados, pois, *Mal se distendeu às pressas, dirigida por um sargento, incorreta linda de atiradores. Porque os jagunços lá chegaram logo, de volta com os fugitivos*¹⁰³; adiante ainda, o expedicionário contemporiza a ação dos jagunços: *por outro lado, por mais original que seja o método combatente dos matutos – guerrilheiros impalpáveis dentro da tática estonteadora da fuga! – rola todo neste círculo único.*¹⁰⁴.

¹⁰¹ Os Sertões, 2020, p. 78

¹⁰² Ibidem p, 98

¹⁰³ Ibidem, p.137

¹⁰⁴ Ibidem, p. 140

A mosca e a fuga

Estas passagens podem nos ajudar a pensar os enigmas da fuga. Pois veja: em primeiro lugar, quando o expedicionário trata da fuga em relação ao homem sertanejo e a seca, fugir é mais ou menos uma condição, um último ato. Algo ao que se recorre quando não se encontra outra possibilidade; não é um desejo real. No segundo caso, a fuga relaciona-se intimamente com a construção social de fatos e narrativas que suscitam julgamentos: fugir relaciona-se ao medo, em geral, das sanções que podem ser aplicadas diante da infração de uma regra ou conduta; na terceira passagem que tomamos como exemplo, fugir aparece como a possibilidade de sair do perigo e retornar para auxiliar os seus iguais numa luta e, no mesmo sentido, o último período elencado apresenta a fuga enquanto estratégia de sobrevivência e enfrentamento.

Estes são apenas algumas passagens nas quais pude ouvir A Mosca zumbir em meus ouvidos. Existem inúmeras outras ao longo da obra, mas o fato é: a fuga é parte da vida e como tal, apresenta-se para nós diante de algumas situações. Talvez seja impossível denotar um único sentido; talvez não seja possível conferir-lhe antagonismo próprio ou sinônimos: será situação à situação que a fuga se mostrará como fenômeno e, como tal, poderá ser avaliada, vivida, sentida, somente naquele contexto. É a linguagem se fazendo através dos zumbidos imprevisíveis...

Enquanto penso, enquanto escrevo, ou mesmo enquanto estou aqui, neste diálogo com o senhor, entre muitas coisas, me encontro com A Mosca. Um encontro não dado, não planejado, mas sempre provável, embora não considerado comumente como tal. Um encontro que não está no horizonte das coisas precisa ser considerado como um encontro consigo mesmo, o senhor não acha? É necessário reconhecer-se naquele outro do encontro. Não reconhecer-se somente no outro que é nosso igual, mas em toda possibilidade que o encontro nos traz de pensar e viver a experiência do pensamento. Então, neste caso, eu sou A Mosca. Pairando em torno de mim mesma em busca da mínima garantia de existência, buscando a “ciência da experiência da consciência”.

Mas que consciência posso ter eu enquanto Mosca? A resposta é pequena e sem maiores análises semióticas: nenhuma. Posso apenas ter consciência deste encontro e buscar superar a *oposição entre o realismo e o idealismo, entre o sujeito e o objeto, a consciência e o mundo* (Marcondes, Danilo. 2004,p. 258). Posso, a partir deste encontro dado e encarnado

trazer à tona que *toda consciência é consciência de alguma coisa; a consciência se caracteriza exatamente pela intencionalidade, pela visada intencional que a dirige sempre a um objeto determinado* (Ibdem). Existe, portanto, uma intencionalidade a ser considerada em nossa investigação acerca do mundo que busca *explicitar as estruturas implícitas da experiência humana do real, revelando o sentido dessa experiência através de uma análise da consciência em sua relação com o real* (Ibdem, p. 257). E não poderá esta consciência transparecer quando em contato com a literatura?

Eu, enquanto a outra da Mosca, não posso senão colocar-me em direção e em diálogo com este outro que é real, que vive o mundo real tal qual suas próprias possibilidades. Posso colocar-me como uma sujeita que *não abandona o vigor do pensar* (Carneiro, Emmanuel, p. 51). Não posso, portanto, transmutar-me na mosca, mas, dialeticamente posso habitar o mesmo tempo-espaço que A Mosca e refletir as coisas que se dão a partir deste encontro. Posso somente refletir que A Mosca inesperada me afeta e que, nesta mesma perspectiva, somos nós também a mosca que afeta inesperadamente outros, através de encontros não dados.

Algumas possibilidades

Há que se validar a potência dos encontros. Não é possível ser a mesma pessoa após os encontros vividos conscientemente. Tudo é, portanto, um exercício de consciência e, diametralmente, o esforço de pensar o encontro. Um encontro com uma Mosca numa tarde de verão pode ser a tomada de consciência do tanto que se ignora do ponto de vista de uma mosca que paira tranquilamente sobre livros adormecidos numa mesa; pode ser a tomada de consciência que qualquer que seja a narrativa de um encontro, haverá sempre a predominância daquele que pode falar e daquele que consegue ser ouvido em detrimento do outro que seguirá ao longo da história silenciado e objetificado.

Haverá importância no esforço empregado para a comunicação do pensamento, principalmente através da palavra escrita? Por mais fenomenológica e dialética que se pretenda uma abordagem haverá sempre a vista de um ponto que, por mais polifônico que seja, colocará sempre em evidência as experiências do real do sujeito que a comunica. Mas

isto não significa dizer que não devemos voltar nossos pensamentos e intencionalidades à construção arquitetônica da obra. Ao contrário: assumir uma postura responsiva também frente a totalidade da escrita pode significar para o leitor a diferença da fuga; pode significar ficar ou abandonar o texto; fugir de uma parte específica, avançar e depois retornar; fugir daquele assunto tratado mas ser capaz de pensar sobre ele e identificar incômodos em relação ao tema.

Poderia aqui me desculpar por estes pensamentos por vezes tão misturados, mas fazê-lo seria tal qual ignorar a existência da Mosca: inútil. Sempre haverá um zumbido informando outras possibilidades. É possível que eu esteja ainda, demasiadamente afetada pelas últimas leituras e discussões em torno de *Os Sertões*; é possível que esta afetação esteja agora transbordando como forma desenfreada apontamentos de todas as ordens; é possível que todas estas coisas sejam repensadas a partir de um outro ponto; mas em realidade, neste momento só encontro esta medida real: debruçar-me sobre estas palavras como quem se esgueira do olhar multifocal da Mosca e como quem caminha para dentro e além de si. Caminhar para dentro e além de si. Um exercício que ainda nos é penoso, mas talvez não o seja para A Mosca.

Estudos científicos dão conta que uma minúscula mosca possui a incrível faculdade de identificar qualquer mínimo deslocamento de ar ao redor de seu corpo, bem como qualquer insignificante mudança no ambiente. Suas asas membranosas e potentes garantem-lhe o voo rápido, dando-lhes a possibilidade de fugir de maneira quase insuperável ao movimento humano. E lá se vai A Mosca: talvez, reunindo todos seus esforços mais íntimos, voa para longe, para além de si.

Existe uma outra questão em torno da Mosca que não posso deixar de pensar: Indo A Mosca para longe e sendo A Mosca, em tese, livre e possuindo ela faculdades sensoriais incríveis, como posso eu ter certeza que A Mosca que me observa por sobre a garrafa de café é a mesma que outrora repousava sobre o livro? Fato: não posso ter certeza.

A “frequência crítica de luz vacilante” é basicamente a definição do pensamento de cálculo que define a velocidade com que as imagens são processadas pelo cérebro. *Pensamento de cálculo* valiosíssimo, mas que não pode haver sem o *pensamento de sentido*. O que isto quer dizer? Que sempre haverá uma relatividade de tempo entre os seres, principalmente de diferentes espécies. Trocando em miúdos, quero explicar que não posso ter certeza que A Mosca que agora me ronda é a mesma de minutos atrás porque, de acordo com inúmeros experimentos feitos, As Moscas (quaisquer moscas) enxergam o mundo de maneira muito mais lenta que eu, simples humana – e que o senhor também, admita!

À primeira leitura parece-nos que “enxergar o mundo em câmara lenta” é uma desvantagem. Mas, ao contrário: empregando sentido, retornando à leitura e demorando-se um pouco mais sobre o assunto, percebemos que a habilidade da mosca enxergar o mundo de maneira mais lenta, dá-lhe a vantagem de estar sempre antecipada aos nossos gestos e intenções. Habitamos, pois, o mesmo mundo, a mesma Era cronológica, mas o tempo entre mim e A Mosca é relativo.

Existe, portanto, mais algo que podemos acrescentar neste diálogo a partir deste encontro inesperado com A Mosca: há que se demorar sobre as coisas e esforçar-se, vez ou outra, para ver o mundo mais vagarosamente. Gostaria aqui de pensar juntamente ao senhor o ofício do pesquisador... Este também não deve ser o exercício de uma pesquisa? Demorar-se um pouco mais numa questão, pensando sobre ela até que se esgote ou que sejam esgotadas nossas possibilidades de pensar?

Não sei se o pensar se acaba ou se simplesmente cruza as fronteiras invisíveis do saber e do ignorar. O senhor sabe? Talvez seja o pensamento (e mais especificamente o pensamento do sentido) a única faceta que aproxime as pessoas das Moscas: a capacidade temporal e espacial de *fugir*. Porque talvez seja o pensamento do sentido um fugitivo tal qual às moscas são das mãos humanas; o pensamento do sentido talvez procure fugir à lógica dada e recusa as armadilhas de aprisionamento: pensar o sentido das coisas requer desejo de liberdade. Mas a fuga caminhará sempre no sentido da liberdade?

Mais um caso original e verídico:

O Homem e o homúnculo.

Os jornais e a TV davam notícias sobre um homem incomum: possuía uma grande habilidade de dizer coisas que as massas gostavam de ouvir. Postura bruta, adquirida num passado que suscitava suas lendas. Para uns, passado inglório, cheio de inconsistências. Para outros, por aqueles que foram cativados por seus discursos que variavam entre a crueldade e loucura, aquele era o passado de um herói. Surgira convenientemente numa época em que poderosos da indústria, do mercado e do agronegócio sentiam-se incomodados com a minúscula mobilidade que a classe trabalhadora e pobre conseguira em certos anos idos,

durante um governo que se pretendia um pouco mais voltado às causas sociais que atingiam estas classes. Aquele homem era a sombra de um passado ditatorial e fascista. Ele existia. Esteve ali, o tempo todo, figurando entre os políticos legitimamente eleitos por anos. Mas em verdade, até então, existira como um fantasma, esperando a hora exata de mostrar-se àquela parcela do povo que já mostrava sinais de identificação com aqueles pensamentos sombrios que ele sabia muito bem camuflar sob uma bandeira moralista.

Houve grande arquitetura: era a hora de saírem das sombras! O primeiro passo foi a destituição do poder da primeira mulher que chegara a ser chefe daquele grande Estado. Num processo cheio de parcialidade, fora condenada aquela mulher não só a perda daquele importante cargo, mas também a injúrias, chacotas, alegações misóginas, apontamentos morais inverídicos e injustificáveis. A Mulher, resignada, entregou seu cargo de cabeça erguida: não esmoreceu e como uma feiticeira, como última palavra, anunciou: nós voltaremos!

Enquanto tudo isso ocorria apenas como um pano de fundo para a tomada do poder de maneira antidemocrática – pois aqueles fantasmas já haviam entendido que não o conseguiriam fazê-lo através do voto popular – outra luta era travada. Não era necessário apenas tirar aquela mulher daquele lugar: era necessário sobretudo acabar com aquela origem; era necessário voltar ainda ao Chefe de Estado anterior. Foi grande a agitação. Maiores ainda foram os esforços para impedir que este homem, aclamado pela grande maioria da população como o melhor Presidente da república que aquele país já viu, não pudesse sequer concorrer as próximas eleições. Ele não poderia concorrer em hipótese alguma! Seria certa a sua vitória.

Aquele homem desagradara as elites: de origem popular, trabalhadora e nordestina, era desde sua gênese, um insurreto! Carregava no sangue certo heroísmo que devotava-se quase sempre a seu próprio passado... era a origem das coisas. Era o que o expedicionário dizia sobre aquele outro caso original e verídico, mas que encontra eco na História: *o heroísmo tem nos sertões, para todo o sempre, perdidas, tragédias espantosas. Não há revivê-las ou episodiá-las. Surgem de uma luta que ninguém descreve – a insurreição da terra contra o homem*¹⁰⁵. Era, portanto, desejoso de vencer lutas que não eram descritas ou travadas por quase ninguém; desejava que seu povo não revivesse certas tragédias; sonhava que aquele povo tivesse com sua própria terra uma relação de pertença mais justa e digna.

Em determinado momento, O Homem sabia que seria condenado por crimes que não cometera: aqueles que julgavam o processo diziam midiaticamente que se não havia provas,

¹⁰⁵ Os Sertões, 2020, p. 80

havia convicção; O Homem sabia que seria condenado. E foi. Poderia dizer ao senhor que, no dia em que houve “a expedição” para buscar O Homem e prendê-lo, o povo lá estava: aplaudindo e apoiando aquele que, apesar de qualquer coisa, decidira ficar. Decidiu assim, nas palavras do expedicionário: *ficar, a despeito de tudo, era o recurso supremo e único*¹⁰⁶. A imagem é histórica: O Homem saindo sobre os ombros do povo para cumprir aquela sentença que de verdadeira só carregava a frase proferida pelo próprio Homem: *“a partir de agora, se me prenderem, eu viro herói. Se me matarem, viro mártir. E se me deixarem solto, viro presidente de novo”*.

O Homem foi preso. Durante quinhentos e oitenta dias, lá esteve e nunca pensou em fugir ou em negociar. Tinha, como ele mesmo disse, uma obsessão por provar sua inocência; queria sair de cabeça erguida e pelos braços do povo, da mesma maneira como entrou. Neste período acumularam-se as perdas. Da prisão recebeu a notícia da morte de sua esposa, de seu irmão, de seu neto; manteve-se firme porém, com o apoio popular, que ao longo dos dias, manifestava-se em favor de sua soltura. E os anos seguiram. Chegaram as eleições.

Era a hora do fantasma transformar-se em homúnculo: era pequeno e vil; escondia-se sob gritos e palavras de baixo calão; ofendia mulheres, indígenas, negros, LGBTQIA+, quilombolas e todas as gentes que existiam, apesar de sua vontade. Mas o homúnculo também fazia sentirem-se representadas muitas pessoas em seus discursos de ódio, em sua pequenez. E o homúnculo tornou-se presidente de uma grande nação; fez tremular a bandeira sob a égide “Deus, Pátria e Família”; escolheu homúnculos à sua semelhança para ocupar cargos importantes; tripudiou da morte de seiscentos mil compatriotas; levou aquele país novamente em direção à fome e desinformação. Encontrou eco, mas também encontrou resistência: o passado, o presente e a luta. É a sombra do passado sempre à espreita, desejando as conquistas daqueles, cujo expedicionário chamaria de “vencidos”. E nestes recuos sociais, o que contou nosso narrador encaixa-se perfeitamente:

Há nas sociedades retrocessos atávicos notáveis; e entre nós os dias revoltosos da República tinham imprimido, sobretudo na mocidade militar, um lirismo patriótico que lhe desequilibrara todo o estado emocional, desvairando-a e arrebatando-a em idealizações de iluminados. A luta pela República, e contra seus imaginários inimigos, era uma cruzada. (p. 270)

¹⁰⁶ Os Sertões, 2020, p. 258

O homúnculo desejava este retrocesso. Iniciava uma cruzada. Queria viver o que o expedicionário chamou de *lirismo patriótico*; juntou em torno de si uma multidão desvairada e arrebatada em torno de idealizações que realmente se pautavam numa luta contra inimigos imaginários e, o principal deles, era o comunismo. Vociferavam contra o comunismo, contra o aborto, contra uma certa ideologia de gênero; exaltavam generais torturadores; defendiam a intervenção militar; o fim das Instâncias Superiores do país. Arrastou seus seguidores, fanáticos, incrédulos mesmo frente ao que se podia ver. Transpareciam as palavras do expedicionário: *é difícil traçar no fenômeno alinha divisória entre as tendências pessoais e as tendências coletivas: a vida resumida do homem é um capítulo instantâneo da vida de sua sociedade...*¹⁰⁷

Mas o senhor lembra das palavras da Mulher? Lembra-se que ela avisou: nós voltaremos? Então enquanto tudo isso se passava O Homem lutava por sua liberdade. Mais que isso: lutava por sua dignidade. E o tempo chegou. O Homem estava livre. Estava na luta! Estava novamente nos braços e nas intenções de voto do povo. O Homem estava gigante! Casou-se novamente. Sua companheira trazia também como marca o desejo de estar em diálogo com aquele povo. Foram à luta: O Homem, A Mulher, A Companheira, os apoiadores e o povo!

Enfim chegaram as eleições. Um país dividido. O medo estampado no rosto de alguns. Medo não de perder a batalha, mas de permanecer e caminhar ainda mais profundamente em direção à Idade das Sombras... A batalha foi árdua, mas pelo voto do povo O Homem voltou! Cumpriu-se a mandigaria da Mulher! Estavam de volta!

O homúnculo, acostumado a vociferar, calou-se longos dias. Escondeu-se. Seus apoiadores, numa espécie de delírio coletivo, viviam um mundo de conspirações das mais variadas: acreditavam que as eleições foram fraudulentas; depois acreditaram que haveria um golpe militar; adiante, acreditaram até numa intervenção alienígena. Aglutinaram-se nas portas dos quartéis. Muitos abandonaram seus empregos e suas famílias. Esperaram dias a fio por uma única palavra do homúnculo. Quando por fim este apareceu, pronunciou-se evasivamente. Trazia uma expressão que em nada fazia lembrar o homúnculo de outrora... ia transformando-se em fantasma novamente, por desejo de assim sê-lo.

É que o homúnculo temia a prisão. Sabia que inevitavelmente, este seria seu fim. Então, durante aqueles longos dias que ocorreram entre a vitória eleitoral e a posse do Homem, o homúnculo começou a pensar sua estratégia de fuga. Não era uma fuga gloriosa.

¹⁰⁷ Os Sertões, 2020, p.89

Era a fuga do covarde; era o desespero de um homúnculo que sabia: em breve seria um foragido da justiça comum, pois perderia seu foro privilegiado. O homúnculo, indigno do cargo que ocupara durante quatro anos, não dignou-se a reconhecer a derrota; negou-se a passar o cargo em cerimônia oficial; negou-se a entregar ao Homem a faixa presidencial que simbolizava a passagem democrática do cargo da presidência. E seus apoiadores fanáticos, permaneceram criando teorias baseadas em notícias falsas. Aproprio-me novamente das palavras do expedicionário: *o fanatismo não tem limites e assim é que, sem medo de erro, e firmado em fatos, posso afirmar que adoram-no, como fosse um Deus vivo.*¹⁰⁸

Foi quando, às vésperas da grande festa e cerimônia de posse do Homem, o homúnculo abandonou o país. Fugiu. Se havia os fanáticos, havia também a parte de seus apoiadores que ficaram desapontados. Começavam a entender que talvez o homúnculo nunca estivesse realmente comprometido com causa além da própria e *tonto de pavor, o povo ingênuo perdeu, em momentos, as crenças que o haviam empolgado*¹⁰⁹. O homúnculo fugia. Os apoiadores retiravam-se.

Veja o senhor: eis aí um momento em que tão claro fica que o que denota a definição de fuga e retirância é o contexto; o que denota como a fuga pode ser sentida e entendida é a sua empregabilidade; é a atitude do sujeito frente o ato da fuga e o contexto sobre o qual o sujeito decide pela fuga, é que vai fazer diferença sobre o julgamento acerca do ato de fugir. O senhor já sabe que esta conversa vai se atravessando pelos zumbidos... então preciso tomar cuidado para não interromper antes da hora a História sobre A Mulher, O Homem e o homúnculo. Vejamos.

O homúnculo saiu do país com sua família – certamente por buscar um exílio político, quem sabe? Mas O Homem... Ah! Este estava ávido por reassumir a presidência daquele país! O povo em festa! Contando os dias! Havia animosidade também... claro! E muita notícia mentirosa estimulada pelo próprio homúnculo. Mas chegado o dia da cerimônia... o senhor precisava ver! Coisa linda, de emocionar! O povo cantava, brincava, sorria! Era música, era dança, era poesia e festa! Conto ao senhor o primordial:

Quando chegada a hora da passagem simbólica do cargo através da faixa presidencial, caminharam em direção àquela simbólica casa do povo, subindo aquela extensa rampa: O Homem e sua Companheira; o vice do Homem também com sua companheira, e o mais importante: o povo! Estava o povo ali representado por um menino negro; um rapaz portador de deficiência; um metalúrgico; um cacique; uma mulher cozinheira; uma mulher negra

¹⁰⁸ Os Sertões, 2020, p 104

¹⁰⁹ Ibidem, p. 162

militante da causa antirracista; um professor e um artesão. Como se não bastasse, caminhou por aquela rampa histórica uma cachorrinha adotada pelo Homem e sua Companheira. Foi lindo de se ver... Era como fossem os próprios sertões subindo a rampa; era toda aquela diversidade; era a força que se anuncia pelo expedicionário: *O sertanejo é, antes de tudo, um forte*¹¹⁰. Era a esperança de dias menos sombrios; era a resposta que nem sempre os vencidos realmente os são; era como fosse, de maneira mais afortunada, a própria Canudos que *não se rendeu*¹¹¹.

Pensamento e conhecimento

Nesta conversa que muito vai se alongando, é provável que o senhor agora me ouça e imagine que pensamentos surgidos apenas como uma ilustração de algo. Em verdade assento aqui que não: longas e atentas foram as leituras sobre as palavras do expedicionário que acabaram por imbricarem-se com outros pensamentos. Enquanto avanço neste diálogo (com o senhor, mas também comigo mesma), sinto como se estivesse esgotando o pensar e vou me sentindo cada vez mais próxima de um beco sem saída. Então eu faço um esforço e analiso que não é uma verdade que há um esgotamento de pensamento, há apenas uma finitude de informações que possuo sobre o assunto que falo ou escrevo. O senhor não acha que estamos demasiadamente acostumados à ideia que *informação é igual a pensamento* e que *conhecimento é o mesmo que saber*? Fomos acostumados a pensar as coisas dentro de suas categorias utilitárias. Deste modo o pensamento (informação) esgota-se (mais ou menos) rapidamente. É a mosca zumbindo no ouvido o tempo inteiro...

No que se refere ao conhecimento científico sobre as moscas, por exemplo, eu disse bem pouco (ou quase nada) e já não tenho mais o que dizer. No meio da coisa toda, pensando sobre a suposta coragem ou covardia da Mosca entre a decisão de ficar ou fugir, lembrei-me da história do Homem e do homúnculo. Não havia conhecimentos maiores sobre a mosca. Talvez eu possa acrescentar umas poucas coisas que ouvi ou li, como: moscas vivem pouco

¹¹⁰ Os Sertões, 2020, p.68

¹¹¹ Ibidem, p 352

(se relativizado a outros insetos e mesmo ao homem), é um inseto que possui um par de asas membranosas e que algumas espécies podem gerar até 160 ovos em seu ciclo vital. Acabou-se meu pensamento-informação sobre as moscas. Aqui jaz, portanto, um pensamento-informação em quatro linhas.

Contudo, é no pensamento do sentido que observamos que o que se *sabe* não é o que se *conhece*. É somente no pensamento do sentido que podemos viver para além das linhas de um texto. Por exemplo, no pensamento anterior, em pouquíssimas palavras dei cabo de tudo o que *sei* sobre as moscas, mas não está nele o que *conheci* das moscas a partir de meu encontro com A Mosca. Conhecer, portanto, é uma experiência muito mais profunda do que saber, porque acontece através do encontro com aquilo que se põe em contato.

Estou certa de que conheci A Mosca porque a olhei, porque a enxerguei tal como ela se apresentou a mim: como uma interlocutora de conhecimento, mesmo resguardando-se a relatividade de ação e percepção sobre o mundo entre nós. Vivi uma experiência de conhecimento porque permiti que A Mosca me afetasse para além do que sabia a priori sobre ela. Neste sentido, vivi com A Mosca *uma experiência radical de não-saber* (Carneiro, Leão, 1991).

O senhor sabe, o pensamento que atravessa as fronteiras do saber e da informação conhece coisas e vai além das coisas que conhece. O pensamento que atravessa fronteiras cria e emprega ao mundo outros sentidos. Qual haveria de ser a função primeira do pensamento que não a criação? Talvez resida aí a diferença primordial de afetação provocada entre mim e A Mosca em nosso encontro: como mulher que viu A Mosca tenho consciência do que vi. Suponho que A Mosca que me viu, mulher, não tenha consciência deste encontro e, portanto, o viveu, provavelmente, com a mesma intensidade que vive seus encontros com a folha, com a mesa, com o livro, com a garrafa de café ou com o lixo. Para A Mosca, talvez, a única diferença entre mim e todos os outros objetos citados é que eles, os objetos, lhes sejam mais proveitosos, pois lhes garantem a sobrevivência nutritiva. Eu, por outro lado, represento-lhe apenas o perigo iminente da morte, ao qual seu instinto e super habilidades já citadas, a fazem evitar.

É preciso evitar os perigos da morte, sobretudo, da morte do pensamento. É através da criação que o pensamento vive. Tendo eu esgotado as informações sobre A Mosca, deparo-me novamente com pensamentos outros sobre ela.

Outros zumbidos

O escritor Gustavo Melo Czekster encontrou-se com A Mosca. Em seu livro de contos O Homem Despedaçado, dedica-se a descrever “um mundo de moscas”. Neste mundo vislumbrado por Czekster houve um pesquisador chamado Anton López que dedicou toda sua vida a conhecer o mundo das moscas. Anton tinha uma teoria de que “para cada pessoa no mundo, existe um número de moscas correspondente ao seu número de células”. Além disso, as moscas poderiam ser comparadas com deuses, pois elas, as moscas, foram quem criaram os homens. Após publicar seus estudos, Anton então refugiou-se na floresta e certo dia desapareceu. Há sobre ele um único relato não confirmado que haveria deixado um “diário intitulado Compendium muscarum” e que, além disso, havia a seguinte frase rabiscada no chão: *Os homens são o delírio das moscas, que não passam de uma ilusão dos homens*¹¹². Delírio e ilusão que perpassam através do tempo...

Digo ao senhor que as moscas estão por aí existindo e despertando os olhares há muito. Veja como começa: *“Uma praça em Argos. Uma estátua de Júpiter, deus das moscas e da morte, com os olhos revirados e com o rosto manchado de sangue”*. Assim inicia Sartre sua versão do drama de Eurípedes. A peça intitulada “As Moscas” estreou em 1943 no “Theatré de Lá Cité, em Paris. Retomando o mito de Orestes (que, segundo a mitologia grega foi quem salvou sua cidade natal, Argos, do castigo dos deuses que infringiram sobre a região a presença das moscas que viviam a incomodar seus habitantes) Sartre busca discutir a liberdade e a responsabilidade humana, fazendo assim uma alegoria sobre a invasão da França sobre a Alemanha fascista de Hitler.

O fenômeno da existência.

Longe de mim qualquer comparação entre os pensamentos sobre A Mosca. Busquei estes pensamentos que, gosto de chamar, pensamentos de informação, unicamente porque,

¹¹² O Homem despedaçado, 2019, p.13

como disse, vi e ouvi a mosca em *Os Sertões*. Encontrei-me com ela, mesmo em sua ausência. Então, quando lhe digo estas coisas, quero apenas registrar que A Mosca existe tal e qual para cada ser humano que, ao se deparar com ela, pensa sobre o fenômeno que é existir. A. Existência. É. Um. Fenômeno. Que. Precisa. Ser. Pensado. Existe um fenômeno ainda latente em mim: a fuga que quase sempre se esbarra na questão da Coragem. A Mosca ainda zumbe por aqui reclamando seu lugar heroico que se dá, unicamente, pela certeza que tem da capacidade de fugir. Escapar; escapulir; esgueirar; partir; afastar; distanciar; abandonar; zarpar: ao menor sinal de perigo, com qualquer um destes sinônimos, A Mosca sai. A Mosca é então covarde ou é dotada de coragem? A mulher que foge para si e que passa a conhecer-se a partir deste movimento e que assume seu modo de pensar age com covardia ou faz-se corajosa em sua decisão? Conseguiremos então pensar a fuga como um fenômeno inerente a estrutura da vida ou estaremos sempre em volta dos julgamentos de valores? Nem não sei. O senhor sabe?

Uma passagem dolorosa de *Os Sertões*, no entanto, retorna ao pensamento. Dizia ali dos prisioneiros de Canudos. Conto ao senhor tal qual fez o expedicionário:

(...) Notou-se apenas, sem que se explicasse a singularidade, que entre eles não surgia um único homem feito. Os vencidos, varonilmente ladeados de escoltas, eram frágeis: meia dúzia de mulheres tendo ao colo crianças engelhadas como fetos, seguidas dos filhos maiores, de seis a dez anos (...). Um espetáculo triste (...). Um dos pequenos – franzino e cambaleante – trazia à cabeça, ocultando-a inteiramente, porque descia até os ombros, um velho quepe reiúno, apanhado no caminho. O quepe, largo e grande demais, oscilava grotescamente, a cada passo, sobre o busto esmirrado que ele encobria por um terço. E alguns espectadores tiveram a coragem singular de rir. A criança alçou o rosto, procurando vê-los. Os risos extinguiram-se: a boca era uma chaga aberta de lado a lado por um tiro! (p.301)

Nesta exata passagem, procuro pela Mosca. Já não a encontro. Retorno às páginas anteriores de *Os Sertões*. Não sou mais capaz de vê-las ali. A coragem dos que riram daquela cena, espantaram-nas com seus risos. A Mosca, certamente, visita agora outros como eu e outros diferentes de mim; A Mosca retirou-se daquela cena. Talvez tenha ela adentrado por outros sertões e encontrado tal qual os jagunços, a caatinga. Embrenhou-se ali. Fugiu, envergonhada pela coragem dos que riram.

Além do mais, sou eu mesma A Mosca, e os jagunços, e o expedicionário. O senhor não se ofenda com tanto pensar, assim, avolumado e bagunçado. Mas sou eu a fugitiva, interrogada em demasia pela imagem que vou criando para mim mesma a partir das escolhas que vou fazendo sobre fugir por estes sertões adentro; sobre a escolha de como dizer sobre estes sertões da vida mesma; vou como uma mosca pequena e talvez incômoda entre as caatingas – estas que são um amontoado de plantas à primeira vista ferozes, com seus galhos espinhosos e seus emaranhados por vezes intransponíveis. Mas estas também que são grandiosas aliadas aqueles que conseguem perceber sua paisagem e sobretudo respeitá-la;

Para ir terminando esta prosa que já se alonga em demasia, quero só mais uma vez voltar ao expedicionário e ao que dizia sobre a caatinga. Dizia ele que os jagunços sabiam dela se favorecer e que, via de regra, a estratégia de fugacidade dos jagunços por ela adentro, garantiu que a peleja de Canudos perdurasse por um ano, dando muitas vezes, para aqueles a quem chama de vencidos, a alcunha (e o assombro) de vencedor. Conta o expedicionário:

Ao passo que as caatingas são um aliado incorruptível do sertanejo em revolta. Entram também de certo modo na luta. Armam-se para o combate; agridem. Trançam-se impenetráveis, ante o forasteiro, mas abrem-se em trilhas multívias, para o matuto que ali nasceu e cresceu. E o jagunço faz-se o guerrilheiro-tugue, intangível... As caatingas não o escondem, apenas amparam-no. (p.141)

Digo ao senhor: mosca, jagunço ou fugitiva, o que impacta sobre a coragem é mesmo a caatinga. Coragem para adentrar; coragem de recuar; sou a fugitiva que fez da literatura sua própria caatinga; sempre meu primeiro recurso de pensar e habitar o mundo; por vezes, uma trilha difícil de seguir, mas assim como os jagunços, sei que a caatinga não me esconde: ampara-me.

Agradeço ao senhor a fineza da atenção....

VII.

A Bagaceira¹¹³: pensamentos sobre Pedagogia e Retirância.



¹¹³ A Bagaceira. Almeida, José Américo de. 45ª ed. – Rio de Janeiro: José Olympio, 2017.

O pensamento que principia.

Ehhh que a vida vem assim trazendo seus pequenos/grandes fenômenos e a prosa que passa por nós vai também nos fazendo pensar. Que eu não olhava para estas coisas todas da infância e da educação e das mulheres e das pessoas e dos bichos e da vida, e pensava assim, amiúde, onde é que elas se encontravam. Se encontravam? Tivessem as coisas uma explicação em separado, valia mais. Dava menos trabalho a gente, o senhor não acha?

Que é trabalhoso o ofício do pensar. Trabalhoso e doloroso. Veja que ficar pensando a partir das narrativas dos outros está sempre a nos apresentar um não-sei-quê nunca visto antes. Isto não nos causa assim um espanto? De repente a gente olha assim para a vida com *Uns olhos espasmódicos de pânico, assombrados de si próprios*¹¹⁴. Eu mesma, pensando agora nestes olhos espasmódicos, é o mesmo que voltar aos olhos de Berenice... e como é que não há de doer uma coisa dessas? Dói... mas a bem da verdade acho que dói mesmo não é neste eu de agora: há de doer no Eu criança que agora adormece, quase em paz. Acorda só de quando em quando por susto de trovão.

Trovão é o grito da chuva, o senhor não acha? E quem não se assusta com um grito quando no mundo adormecido jaz um silêncio? Trovão assusta, mas não faz raiva na gente. É o mesmo que gritar no mundo: necessário de vez em quando. Necessária é a chuva. Necessário é o grito que espanta o silêncio do mundo. Se assim não fosse, um mundo quieto seria um mundo sem espantos. Um mundo onde sempre e para sempre os *Párias da bagaceira, vítimas de uma emperrada organização do trabalho e de uma dependência que os desumanizava, eram os mais insensíveis aos martírios da retirada*¹¹⁵, e, se ninguém grita sobre uma coisa dessas, como é que faz? Segue como o caboclo, *levando os cacarecos num braçado e 400 anos de servilismo na massa do sangue*¹¹⁶?

A gente grita é no incômodo, na necessidade de espantar os silêncios imputados a gente; o grito é necessário para que o novo chegue no mundo: assim é com a chuva, assim é pra uma mulher que pari e põe no mundo o novo que é a criança. Mas as vezes eu penso que a gente grita muito em pensamento: não deixa o grito/criança chegar no mundo. É assim às vezes por medo: castigo de maldade chega às vezes por nome de educação. Ou não é? E se for

¹¹⁴ A Bagaceira, 2017, p. 86

¹¹⁵ Ibidem, p. 87

¹¹⁶ Ibidem, p.93

“para essa gente bagaceira” então... creio em deus pai! É todo tipo de absurdo. Ou não foi assim com o outro caboclo, coitado? Plantou o aipim. Na fome, achou de pegar (aquilo que ele mesmo havia plantado!) e foi tomado como “furto”. Na hora de pegar exemplo, o feitor mandou que lambuzasse *o traseiro de mel de furo* e assentasse *no formigueiro*¹¹⁷. Suplicando clemência ao feitor, este resolveu mudar o castigo: *trinta lamboradas. E, ali mesmo, uma, duas três... logo na terceira, o caboclo grunhia e mijou-se*¹¹⁸. Veja o que conta: grunhiu. Mijou-se. Gritos? Não se ouviu. Mas imagino que tenha gritado por dentro, ou mesmo depois, em suas horas de solidão a carpir cana. Vai saber?

A passagem do caboclo nestas memórias contadas (que o senhor bem já deve conhecer) é bem pequena, mas me pôs espanto de pensar. Primeiro porque era o feitor mesmo um pária, sem se perceber uma vítima da organização do trabalho e sob a dependência de alguém o desumanizava; era este feitor que castigava um homem a quem não era permitido, mesmo na fome intensa, usufruir daquilo que ele mesmo havia produzido; era a “correção” de um “delito” de forma violenta, desumana, cruel. O maior espanto é que a história real/factual está cheia de situações iguais, iguais. E como é que se vê uma coisa dessas e não se diz coisa alguma? Veja: já não reclamo o gritar, mas ao menos o dizer...

É necessário ter quem diga. É certo que há sempre que se colocar em questão quem está dizendo e trazer para a vista o ponto de quem o diz. Questionar o lado das coisas. Tem um lado! Claro que tem! Ou o senhor acha que o coronel está do mesmo lado que o feitor? Que o feitor está do mesmo lado do caboclo? Qual o quê? Periga bem mesmo o feitor fantasiar a amizade do coronel: matar e morrer por ele... mas o coronel faz o que pelo feitor? Joga-lhe as migalhas, quando muito. O caboclo também pode tomar feição pelo feitor e botar-lhe panos quentes pelas lamboradas proferidas. Vê se não é? Que a gente que é assim pobre, é ensinado em criança a perdoar a dor causada: dar a outra face; perdoar 70 X 7! Mas o coronel perdoa quem? Se afeiçoa a quem? Aos gados, a terra, ao dinheiro... e que morramos todos! Que o coronel também foi ensinado o seu lugar de mandos e desmandos... o que demasia nessa gente é a vontade de ter mais e só para si.

¹¹⁷ A Bagaceira, 2017, p.105

¹¹⁸ Ibidem, p. 106

A Educação e suas entrelinhas

Então acontece que penso sobre a educação quando leio estas coisas. E que para quem tem manias de pensar, não precisa estar tudo anunciado. A gente lê as entrelinhas, percebe as paisagens e escolhe um personagem para encarnar e seguir na história. A gente escolhe um lado, por aproximação – bom... pelo menos deveria ser. Posso eu encarnar o coronel? Penso que poder assim exato até posso, mas não devo – visto que minhas experiências de vida me aproximam mais do caboclo (que graças a deus pra feitor não nasci!). Então o que principia em mim é a dor do caboclo. Mais ainda dos caboclinhos, que remetem assim aquele Eu que adormece e acorda só de vez em quando com grito de trovão.

Coisa de criança temer o trovão, fazer arte, fingir de conta. Coisas que vão se apagando. Coisas que nos vão apagando, apagando, apagando... até sumir quase por completo. Em criança, é normal que se cresça *de cambulhada com os moleques da bagaceira*¹¹⁹. As crianças também não percebem que existe “um lado”, mas é diferente: o universo infantil ainda não foi tomado pelas relações de trabalho, entende? Então, com o “apagar” da infância, ficam só as paisagens, as memórias, os sentidos da infância mesma. Ficam também, quase exatos, os sentidos deste *apagamento*. Recorda-se, no fundo (e talvez principalmente) *da violenta transição destes hábitos de liberdade*¹²⁰.

Tran-si-ci-o-nar. Transicionar. Veja aí, que palavra espichada. Não dá não um sentido de coisa que se espicha? Parece coisa de menino que estica bem a perna para pular um buraco de tatu bem grande que surgiu de repente a sua frente. (Tenho as vezes mania de pensar as imagens das palavras. Coisa minha). Mas vai-se então fazendo a transição. Que não é isso que a educação faz? Transiciona o sujeito. Primeiro de casa para a escola; depois nos modos próprios de ser e estar na escola; depois, nos modos de ser e estar em comunidade; depois no modo de estar no trabalho, e assim vai. E a gente vê se apagando muito da gente mesmo neste processo.

Veja, a criança que dantes estava assim, acostumada a viver livre com os outros moleques da bagaceira, guarda na vida adulta a memória de que *o colégio fora o viveiro com duzentos bicos comendo juntos no mesmo cocho e bebendo na mesma água. O corrupção que*

¹¹⁹ A Bagaceira, 2017, p.95

¹²⁰ Ibidem, p.96

*come mole sujando as penas do canário gentil. A patativa cantando com a araponga*¹²¹... isso há de lhe dizer alguma coisa? A mim, esta lembrança em específico, não diz um mal em si: que a escola tem de ser o espaço do coletivo, de colaboração. Então que a patativa cante com a araponga é coisa até bonita de se pensar. Ambas ali, mostrando uma para outra seu jeito de cantar... Coisa bonita mesmo! O corrupião que come mole e suja as penas do canário gentil, é a tensão da vida, que se pode resolver: o corrupião atento, pede desculpas, se compromete a ter mais atenção, e o canário, como de sua personalidade já anunciada, gentilmente, aceita; que duzentos bicos comam e bebam juntos, a gente faz assim, até a imagem de uma grande e feliz confraternização, não é?

Gostaria de, ingenuamente, levar até o fim esta visão lançada quase a esmo sobre a narrativa escolar esmiuçada anteriormente. Gostaria de acreditar realmente que aquela escola fora pensada para acolher as diferenças, proporcionar o bem-estar coletivo e possibilitar a autonomia para resolução de pequenos conflitos. Quer dizer: gostaria e, na verdade, na verdade, não gostaria tanto: ingenuidade demais põe a gente sempre debaixo do nariz do feitor e depois o que se faz? Aceita-se de bom grado as lamboradas? Não. É melhor então pensar a respeito. Ouvir o ser dizente. Ouvir destas mesmas memórias, donde se diz: *A disciplina constituía um sistema de inibições escusadas. Extraía-se a personalidade, como se extrai um dente podre. Era a forma, dois a dois, como animais jungidos*¹²². E daí então continuar pensando, questionando.

Que se coloca em questão não é se a escola é boa ou má. Lembrei agora de súbito o incomodo de uma criança com quem dividi, já como professora, a sala de aula. A grande questão da criança, todos os dias, ao final de cada aula era: Tia, a escola é de Deus? Veja o senhor o que a criança é... gente curiosa, sem medo de pôr perguntas no mundo e na cabeça da gente. Todo dia esta lenga. Até que certo dia devolvi com outra pergunta: “De quem haverá de ser a escola?”. A criança deu de ombros e foi fazer outra coisa. Dia seguinte, a mesma coisa. A criança então respondeu: a escola é de todo mundo? E assim então ficou sendo: a escola é de todos.

Que este imaginário entre deus e o diabo, céu e inferno, bem e mal, afasta um tanto a gente de pensar o profundo que é o buraco de um tatu, o senhor não acha? Não se trata de pensar se é bom ou mal. Trata-se de questionar por que as coisas são como são, entende? Não falei ainda pouco deste pensar que carrego comigo que a educação se presta a transições? E por que é assim? Para que as pessoas sirvam à sociedade, à lógica posta nas relações de

¹²¹ A Bagaceira, 2017, p.96

¹²² Ibidem , p.96.

trabalho, de dominação etc, etc, etc. Foi assim que se configurou neste mundo de meu deus: alguém, algum dia, conseguiu ficar de pé e entendeu então que todos poderiam assim fazê-lo; alguém descobriu como pôe fogo num toco e ensinou para outro alguém que ensinou para outro alguém... então penso que essa coisa de ensinar e aprender esteve sempre presente no mundo, o senhor não acha? Mesmo quando não havia o *como* ensinar, o *quê ensinar* já estava lá: as minúsculas aprendizagens cotidianas.

A moenda da Educação

Vê como o buraco de tatu é fundo? A gente vai virando tempo, aprimorando, revisitando, revendo as coisas e vai sentindo necessidade de nomear; sente depois uma necessidade de trazer conceito, dizer *para que serve* aquela coisa; depois a gente sente necessidade de colocar regras, normatizar, para que aquilo continue sendo feito, pensado, revirado, expandido. Que parece uma prosa à toa, esta que vamos levando, mas nem não é. Estou pensando é no que a educação faz com a gente e também no que é que a gente faz com a educação. Estou pensando assim nesta roda que gira, gira, gira e que não há de parar de girar é nunca!

Pois quando a primeira pessoa desta terra percebeu que ela era capaz de realizar alguns processos que ajudavam a manutenção da sua sobrevivência, pensou talvez, que aquelas coisas poderiam ser replicadas por pessoas (que julgava assim, de ver e perceber) iguais a ela. Estava inaugurada a educação no mundo! Depois, o senhor sabe: vieram as tecnologias. Desenhos, letras, número... linguagem tal como conhecemos hoje. Códigos (que não são somente os de comunicação, mas os de ética, conduta, moral, regulação de status quo...). É uma roda. E a gente ali: fazendo girar... lembra-se o senhor de Dagoberto, quando viu a moagem parada? O que fez? *amontoara a palha seca debaixo da barriga do chamurro empacado e tocara fogo. Queria ver se não puxava. Era pra amansar...*¹²³. Via de regra, é esta roda, a educação. O dono da moagem, com os olhos em cima, preocupado que a roda sempre gire para seu sentido, seus interesses. E vez ou outra o chamurro empaca... Não quer

¹²³ A Bagaceira, 2017, p. 145.

mais rodar naquele sentido, não quer mais fazer moer daquele jeito. Empaca e eventualmente pensa: porque tem que ser assim? E se fosse de outro jeito? E aí é o quê? Uma guerra...

Pois que Dagoberto ateou fogo embaixo do bicho vivo! Tamanha maldade... o bicho ali... resistindo. *Assado vivo, o boi teimoso soltava uns urros lamentosos e sacudia os chifres encorreados.*¹²⁴. Era a resistência do boi...Era a ideia que Dagoberto fazia de “educação”: amansar o boi, até que ele fizesse o que achava que tinha que fazer.

Assim foi que a educação foi sendo pensada: como modos de atender as demandas de determinadas sociedades ao longo dos tempos. Estas demandas têm a ver com o fenômeno de transmissão de conhecimento, de valores e de formação; tem a ver com a maneira que ocorrem estes fenômenos; tem a ver com os espaços e territórios onde ocorrem e, tem que ver, mais ainda, com os interesses dos envolvidos neste fenômeno. É a coisa do lado em que estamos... Ser Dagoberto ou o boi? Estar do lado do dono da moenda ou de quem puxa a moenda? É nesta tensão que a educação vai se fazendo, sabe?

Os processos

O pensamento é sempre um território de tensões, assim como é a vida em sociedade, o senhor não acha? É na tensão que os processos educativos se dão. Primeiro porque, a educação enquanto filosofia (e por isso mesmo como chave de pensamento) pressupõe recorrente reflexão sobre o mundo em que está inserida; depois porque, como já disse algumas vezes, reflete um eterno conflito de interesses. Foi assim antes da Grécia Antiga; foi assim durante. Foi assim depois.

O senhor veja: no pensamento grego, educar era a Paideia. Dizendo a grosso modo, educar a alma para a busca da verdade; já na Europa da Idade Média, educar estava relacionado a manutenção, em certa medida, ao pensamento teológico; já na Europa iluminista, intencionava-se educar para a razão; já o pensamento africano, partindo da filosofia de Orunmilá, educar tinha a ver com a produção do autoconhecimento... E é assim que ainda é: a moenda do mundo e vez ou outra, a gente empaca, porque, estes conceitos de educação, vistos assim, por cima como agora conto, não revelam seus buracos de tatus, suas

¹²⁴ A Bagaceira, 2017, p. 145

tensões. Que se a gente for questionando estes poucos movimentos, muito rapidamente, já podemos pensar: quem é que pode viver a educação contemplativa da alma para “reconhecimento” da verdade? A quem interessa uma educação que mantenha viva o pensamento teológico? Quem determina o que é razão? Como é validado em sociedade o autoconhecimento? O senhor vê? É muito diverso...

Mesmo porque até aqui estamos tratando somente das ideias que abarcam o processo educacional, mas em nossa sociedade, nesta sociedade que gostaria muito respeitosamente de dizer: da bagaceira (das relações de poder e de trabalho), todos estes pensamentos vão incorporando determinados fazeres e modos de educar. Veja o senhor mesmo o que se conta ainda sobre o chamurro: (...) *davam-lhe com o chiqueirador nas ventas que era a parte mais sensível*¹²⁵ ... não lhe parece, olhando assim para nossas próprias experiências e também para todas as outras que ouvimos, que, educar, ao menos nesta nossa sociedade bagaceira, tornou-se uma luta em torno da sensibilidade? Parece que para educar é necessário descobrir a sensibilidade do outro, não para que haja cuidado, mas justamente para recorrer em ataque.

Coisa muito dura esta que agora penso... sei bem. Mas é que penso nas crianças muitas vezes nestes processos. O sensível da criança é o brincar. E donde se “educa”? no “ataque” a esta parte sensível: a negativa da brincadeira. É mesmo muito diverso, sabe? É uma educação quase sempre baseada nas sanções e nas negativas: o que não se pode fazer e, caso seja feito, o castigo por infringir as regras. Mas é claro que as regras são necessárias para o convívio social, que não estou nem besta de imaginar que podemos viver assim, “sem freios” como os moleques que brincam de fazer de conta na bagaceira. Sei que não é assim e nem pode ser! Seria o mundo do caos. Mas o que salta sempre cá dentro (e dentro também do boi que empaca) é o pensamento de que as regras nem sempre são feitas para todos obedecerem. Está muito bem definido, desde sempre, a quem as regras servem. É como naquele ditado conhecido por aqui: manda quem pode, obedece quem tem juízo.

Mas de tanto ficar ali puxando a roda, o juízo falta – ou quem sabe, sobressalta? E aí, num ato de coragem ou de raiva extrema (vai saber a motivação de um ser vivente, ou de um grupo de seres viventes), o boi empaca. Que também a gente não pode ser besta de pensar que a gente vai fazer valer nosso pensamento e nossa vontade deixando a roda girar; a gente não pode ser ingênuo de pensar que, se a gente mesmo que está com a barriga queimando, não parar a roda, vão parar por nós. É a guerra, meu amigo. É a guerra...

¹²⁵ A Bagaceira, 2017, p. 145

Não se sai ileso de uma guerra. O chamurro, coitado, de certo pensava em desistir e meter-se a puxar a moenda. Lhe doía, *E às recuadas, ele torcia os quartos, num berreiro que já não era mugido, mas um uivo formidável. Todo o banguê rangia. E chegava-lhe ainda o ferrão para ir a ferro e fogo*¹²⁶. O senhor vê o que é o *ataque ao sensível*? Vê como causa dor? Então o que posso perguntar a mim mesma, e sempre o faço, é: a educação precisa doer? O que acontece com alguém que é educado na dor? Sobre o boizinho, disse que *quanto mais brutalizado, menos o chamurro acertava andar à roda. E chorava. Chorava, de verdade, com dois fios grossos escorrendo-lhe pelo focinho úmido.*¹²⁷ É possível uma educação que identifique a sensibilidade, mas, ao invés de ataca-la, a respeite e valorize?

Tem muito horror no mundo, o senhor não acha? Horror para quem vive, e as vezes para quem vê. Soledade mesmo, ficou horrorizada com a cena do boi na moenda... disse que

estava acostumada a ver bichos esfolados e esquartejados, o choro dos bezeros na ferra, os rebanhos carpindo-se no sangue fraterno, a rês levantando-se náfega das mucicas da vaquejada, as ossadas da seca... mas, não havia termo de comparação com este suplício novo dos mártires da almanjarra. Era a sorte dos bois sertanejos da bagaceira...¹²⁸

Esta era a sorte dos bois da bagaceira. Mas será esta a mesma sorte de todos os bois? Dos bois tratados à muito capim, sombra e água abundante, que vivem pelos pastos da Casa Grande? Pois que o senhor há de me dizer que a sorte de todo boi é a morte... ao que concordo. Mas o que diferencia não é a morte em si, mas a maneira como cada boi, cada menino, cada tatu, passa pela vida... acaso o horror da vida é para todos? Todos estão a carpir e a moer a cana?

Então estas passagens me ajudam a pensar a educação, sabe? Me ajudam a entender outros pensamentos que vieram antes. Por exemplo, Adorno, filósofo e sociólogo alemão, ao pensar para que se destina a educação, disse que a ela deveria existir como uma maneira para que o horror que foi Auschwitz não se repetisse... tem muito horror no mundo, o senhor não acha? Como podemos educar contra o horror? Não sei. Nem sei se algum dia alguém saberá, mas o que principia na gente é uma vontadezinha de pensar e, quem sabe, pensando, evitar que sigamos contribuindo para uma educação que ataca a sensibilidade e, por isto mesmo,

¹²⁶ A Bagaceira, 2017, p.145

¹²⁷ Ibdem, p.145

¹²⁸ Ibdem, p. 146

segue perpetuando o horror. Pois o senhor não pensa que, de tanto atacar a sensibilidade de alguém, uma hora a insensibilidade chega? E quem não sente a própria dor, como pode sentir a dor do outro? Esta é uma hipótese: quando a sensibilidade se em alguém, na ausência do sentir próprio, torna-se inconscientemente naquele que também ataca e apaga a sensibilidade do outro. É *ação- acomodação - reação*. Como diria Paulo Freire: quando a educação não liberta, o sonho do oprimido é então tornar-se opressor...

O sensível

Existe também outra hipótese que pode envolver o processo educativo que pretende o ataque/apagamento da sensibilidade: a perpetuação do horror não pelo ciclo de apagamento da sensibilidade pela *ação – acomodação - reação*, mas pela passividade de que pode resultar este processo. Pois veja, submetidos a dor, podemos seguir sentindo a dor e manter nossa posição ou podemos recuar, e voltar a fazer o que fora ordenado. Em qualquer um dos casos, o horror instaurado, produz marcas profundas que mobilizarão, futuramente, nossos modos de ser e estar no mundo. O boi, coitado, diz-se que *jungido aos canzís, ruminava, filosoficamente, com sua filosofia estoica. Limitava-se a abanar as orelhas, quando a canga repuxada nos arremessos da parelha lhe magoava o cachaço negro intumescido, talvez para refrescar a dor*¹²⁹. Assim também pode ser na gente, o senhor não acha? Ficar ali, ruminando o mal sofrido; ruminando de forma austera, impassível, limitando-se apenas a abanar as orelhas, enquanto suporta o inchaço causado pelo mal sofrido... e não fazer nada, porque acredita que não pode; porque fora ensinado que estava preso aos paus, à canga... Cresce assim e faz o que depois?

Eu não digo ao senhor, que pensar estas coisas é mesmo que adentrar o buraco do tatu? Que a gente nunca sabe onde é que o buraco do tatu vai dar... e quem é que se importa com isto, além do próprio tatu? O não saber não impede a caminhada, não é mesmo? Como é que se contava dos retirantes da bagaceira? Que *ninguém pergunta ao retirante donde vem nem para onde vai. É um homem que foge do seu destino. Corre do fogo para a lama*.¹³⁰ Talvez seja mesmo este o sentido deste pensar que aqui vamos inaugurando... o Sentido do

¹²⁹ A Bagaceira, 2017, p.145

¹³⁰ Ibidem, p. 107

Retirante. Este ser vivente que foge de seu destino, correndo do fogo para a lama, porém colocando-se em movimento, acreditando sempre num devir.

Aquele que se Retira sai “por este oco de mundo”, pois o mundo cheio, preenchido das coisas tal como estão, não lhe cabe mais. O Retirante é aquele então que faz borrar suas próprias fronteiras e que está disposto a se refazer do lado de lá – que ele nem não sabe onde é; o Retirante é aquele que se propõe (porque assim foi impelido) a recomeçar; o Retirante é uma estreia no mundo, é aquele que vai inaugurando o sentido de um corpo/pensamento no mundo. O Retirante. Da seca. Do Sertão. Do sem nome. Do sem destino. Do sem governo, mas nunca do sem *Sentido*. Que o Retirante é um sentente: aquele que sente a aproximação do desterro e, na caminhada, sente é o desterro mesmo. Neste sentir, carrega consigo significados muitas vezes invisíveis aqueles que, do lado de lá, o veem passar.

Penso novamente na Vó. Digo que era uma Retirante. Mas não se retirava assim de uma seca regional; não viveu a seca de 1898; não era como aqueles que foram *expulsos de seu paraíso por espadas de fogo*, mas, sem seu próprio sentido, era como aqueles que *iam ao acaso, em descaminhos, no arrastão dos maus fados*¹³¹. Não era esta Retirante a quem a História da Seca negligenciou a existência e que se viu existir pela literatura, quase caricata, repleta de inumanidades, mas que, ainda assim, existiu. Vó não era esta Retirante. Poderiam dizer que Vó foi uma emigrante, ao que resisto: Vó era, no sentido, uma Retirante, pois retirava-se das secas de si e sentia seu desterro. (...) *porque a gente também seca por dentro. Seca, fica tudo mirrado* (...) ¹³²

Mas o que é então o Sentido? Para Deleuze¹³³, embora a filosofia seja uma disciplina que se propõe a criação de conceitos, o Sentido seria como uma entidade não-existente, e está relacionado ao Acontecimento. Seria aquilo então que foge a certas proposições já dadas. O Sentido é o que se passa, é o que nos passa e por isso mesmo relaciona-se intimamente com a linguagem, a medida em que vamos tentando dizer destes acontecimentos. A linguagem seria assim, a proposição (a tentativa de nomear, de dizer) e o acontecimento seriam as coisas (aquilo do que dizemos). O Sentido seria tudo o que está nesta *fronteira* entre Linguagem e Acontecimento, e, justamente por ser algo fronteiro, o sentido não é algo fechado, acabado, rizomático: relaciona-se também com um devir e por isso mesmo está sempre em movimento.

¹³¹ A Bagaceira, 2017, p. 86.

¹³² *Ibidem*, p. 108

¹³³ DELEUZE, G. A lógica do sentido, 1998.

O Sentido do Retirante

Então, gostaria de seguir pensando com o senhor o Sentido do Retirante... este que aparece para nós, na literatura, como um corpo que passa sempre em movimento, num devir contínuo; um corpo anunciado, mas ainda assim negligenciado econômica, política e socialmente; este corpo ao qual, que, se não buscarmos sentido, será sempre um corpo, alheio aos sentimentos, pensamentos, e por isto mesmo, furtado as suas humanidades. Neste pensamento então, o Retirante inaugura o sentido de um corpo, mas também, pensamento no mundo; inaugura a ideia de homens e mulheres que, ao verem negadas as possibilidades de existência plena, lançam-se ao mundo desconhecido, num devir.

Veja, não é inaugural a mobilidade forçada ao que o Retirante é impelido. O nomadismo, o êxodo, a escravidão são presentes em nossa sociedade antes da roda, antes do fogo, antes do cristó ocidental. Penso mesmo, e digo ao senhor, que inaugural é a centralidade destes fenômenos no *sentimento*; é inaugural que o fenômeno da Retirada venha à tona inicialmente pela literatura; é inaugural que seja a literatura a conferir existência a estes fugitivos das secas que, ali, nos denominados romances das secas, receberam a proposição de Retirantes.

É tudo muito misturado... é o sentido do acontecimento. Veja: é a literatura que se ocupa do retirante, por isso o sentimento do retirante. Porque tudo que não há de ser vida, há mesmo de ser literatura. É o romanceado da coisa... que nem não é para ser bonito, mas antes, para ser suportável e, suportando, possamos olhar para coisa e pensar sobre ela. A arte, no entremeio da vida, é onde, muitas vezes, emerge o sentimento. Foi assim com a figura do Retirante retratado pela literatura: um ser humano vivendo sua degradação política e moral; aquele ser humano que ia perdendo sua humanidade na luta pela sobrevivência; aquele que disputava os detritos com os urubus; aquele de quem se diz da pele e do osso, mas nunca das lágrimas; aquele que está sempre a caminhar debaixo do sol de espadas de fogo, que busca nalguma planta um pouco de líquido para lhe molhar os lábios.

Mas, se estas descrições que ocupam ainda hoje o imaginário popular não somente em relação ao Retirante mas também em relação ao semiárido nordestino (e que também, via de regra, denota no senso comum esta mesma imagem a todo o Nordeste brasileiro), outras narrativas que acompanham estas mesmas descrições humanizam os retirantes e os diferenciam de outros emigrantes. São as narrativas do sentimento do desterro. Em nenhuma

outra literatura se vê tão forte e tão marcadamente os sentimentos em torno do êxodo. Quase não se descreve nas literaturas das secas os sentimentos dos Retirantes em torno de si mesmos; quase não se descreve ambições para o futuro que não seja o imediato: a comida, a água, a sombra e o repouso do amanhã. Dizia-se destes Retirantes:

Sem os fermentos da ambição que atormentam a natureza humana; sem os cuidados da previdência, numa vida de cada dia; sem imaginação que elaborasse pressentimentos mofinos; sobretudo, sem tempo em pensar em ser triste – essa gente tinha a fortuna de não se conhecer. As próprias dores físicas eram discretas, sem choro alto¹³⁴.

Nem não sei se é realmente “uma fortuna não se conhecer; sei menos ainda se realmente “essa gente não se conhecia”, mas o fato é que foi a partir de narrativas literárias como esta que construímos um imaginário em torno do Retirante.

O senhor perceba: o que se descreve é quase sempre esta relação com a sobrevivência imediata. Quando não, o foco narrativo volta-se à esperança neste devir que quase sempre relaciona-se ao passado: o sentimento de pertença, de regionalismo, como quando Valentim contou de sua retirada: *A gente sai por este mundo sem saber pra onde vai. Quanto mais anda, menos quer chegar. Porque, se fica, está de muda e tem pena de ficar. E, enquanto anda, pensa que vai voltar.*¹³⁵ Percebe então por que penso que o Retirante é um Sentido? É assim porque ele é um corpo/pensamento no mundo, inaugura sentidos próprios, que outros, alheios a esta experiência, não podem compreender.

Nesta passagem em que Valentim conta de sua retirada do sertão, segue um diálogo em que Lúcio (o menino para quem o colégio fora o viveiro com duzentos bicos comendo no mesmo cocho e bebendo na mesma água e que nunca tivera outras preocupações com a seca que não se relacionassem com a safra nas terras de sei pai, Dagoberto), pergunta: *Como é que se tem saudade dessa terra infernal?*. O senhor vê como o sentido só acontece mesmo quando em relação com o acontecimento? O que acontece a partir daí é nossa tentativa de dizer do fenômeno vivido, acontecido.

Dizer de nossas experiências é então fundamental para a busca do sentido que está sempre num aí, num devir, numa fronteira, entende? E às vezes, penso que a gente começa falando de nossas experiências a partir daquilo que aconteceu com outros. Por isso falo de Vó. A Retirante. A que tomou uma mala mais ou menos cheia ou mais ou menos vazia e se pôs a

¹³⁴ A Bagaceira, 2017, p.130

¹³⁵ Ibidem, p. 113.

atravessar o seu deserto. Também *ela saiu, aos emboléus, por este oco de mundo, deixando o mais mirim*¹³⁶. Deixara, na verdade, os três mirins, na promessa de retorno, não mais para habitar aquela terra que amava, mas que não lhe cabia mais; mas para buscar as três crianças para junto dela. Vó trazia consigo um sentimento diferente do ser retirante. Diz que sempre olha para o Sertão de sua infância com amor e saudade, mas como a saudade de quem viveu uma festa bonita e depois foi-se embora. A festa nunca mais será a mesma porque ela também já não é a mesma; sabe que a saudade que principia nela está no fundo do buraco do tatu e não na superfície¹³⁷ que é onde os acontecimentos se dão.

O senhor vê como é diverso o Retirante? Quanta coisa está ali? Coisas que nem conseguimos nomear; coisas que não conseguimos alcançar e dizer. Que o Retirante é também para aquele que o vê passar e o é igualmente para quem fica. Quem vê a cena duma mãe partindo aos emboléus e deixando o mais mirim para trás, também não se retira um pouco de algum lugar? Não se retira assim, metaforicamente, deste mundo que há de ser bom para todos? Não se retira assim, de um lugar que por vezes é quase sagrado, como sua própria infância? Penso que a gente sempre se retira de algum lugar quando se ouve dizer que

 aí, ela saiu, aos emboléus, por este oco de mundo, deixando o mais mirim. Era de arrepiar o cabelo. O bichinho corria pra mãe num berreiro de borrego enjeitado. E ela voltava do pátio. Enganava, prometia mundos e fundos (coitada! O que é que ela podia prometer?), e, era sair de novo, o menino se desgoelava, até ficar roxo, estatelado no chão. Depois andou caçando a mãe até dentro dos buracos de tatu. Ficou quase prejudicado. Quando se aperreia muito, dá pra perder a bola¹³⁸.

Coisa dura de se ver. O menino ali, se esgoelando. A mãe ali, fingindo forças que não tem... porque veja: o retirante não é aquele que foge ao primeiro sinal de desajuste e perigo. Não. É aquele que insiste; que pensa em ficar; que analisa as possibilidades; o Retirante, via de regra, é o último a sair. Se retira somente quando o poder público e deus e mesmo a esperança já saíram há tempos... é o que digo: o Retirante é um corpo/pensamento no mundo e por isso mesmo, movimentação.

¹³⁶ A Bagaceira, 2017, p. 111

¹³⁷ Deleuze. G, A lógica do sentido, 1998.

¹³⁸ A Bagaceira, 2017, p. 111.

A Retirância

A ideia de movimentação é tão presente e tão inerente ao Retirante que é também central para o que gostaria de chamar: *Retirância*. O que gostaria de pensar junto ao senhor, então, é, não mais o retirante em si, mas, partindo da ideia do sentido do retirante, pensar *a ação, ou a implicação desta ação* de retirar-se. A Retirância implica então num ato político: é a decisão de não mais habitar um mundo dado, determinado por outros; é colocar-se em caminhada junto a outros, seus iguais, em busca do devir; é portanto, reconhecer sua própria condição humana e perceber-se pertencente a um grupo capaz de estabelecer as mais variadas estratégias de sobreviver e, mais que isso, estabelecer outras lógicas sobre viver.

O que vamos pensando na Retirância é o enfrentamento do cotidiano, aquele que se faz na caminhada mesma: os encontros e as bricolagens ¹³⁹ necessárias à travessia do sertão – que já dissemos: é o deserto de cada um e que acaba por reverberar coletivamente a partir destes encontros. Se o retirante é um corpo/pensamento no mundo, a Retirância é uma *ideia de mundo* em que o enfrentamento se dá a medida em que se toma consciência da sua importância e da importância de seus iguais para manutenção da estrutura social, da colonialidade a que somos submetidos. O senhor veja que em nossa recente história de invasão colonial, por exemplo, os povos indígenas que aqui habitavam encontravam sua própria maneira de resistir. Dentro da grande diversidade destes povos, existiam grupos que enfrentavam os colonizadores na guerra; existiam grupos que se “aldeavam” e “conviviam” com os colonizadores e enfrentavam outras tensões com outros grupos étnicos indígenas e existiam os grupos que fugiam, se retiravam mato adentro, sertão afora em busca da manutenção de seus modos de vida, cultura, etc.

Mas o que a historiografia registrou durante muito tempo e qual foi a história que ouvimos sobre os povos indígenas? Chamados “índios”, muito provavelmente apoiados naqueles grupos aldeados, (por reconhecer talvez seus limites para o enfrentamento da guerra, da luta “armada”), crescemos ouvindo que os indígenas (os índios, como contavam os colonizadores) eram preguiçosos e por isso foi sendo “necessária” a substituição desta mão-de-obra “escrava” por negros arrastados do além-mar. Nesta mesma corrente historiográfica, os negros escravizados em África trazidos do além-Atlântico, receberam, inicialmente, a alcunha de fracos, daqueles que “se permitiram” escravizar e quando, posteriormente,

¹³⁹ Ver Certeau, 1980.

organizaram-se em fuga através dos quilombos, ficaram durante muito tempo, estigmatizados como covardes.

O que gostaria de pensar então, com estes dois rápidos exemplos, é: como é que este movimento de Retirância que se dá no interior e partir das tensões sociais e do reconhecimento profundo de possibilidades de enfrentamento, são capazes de garantir a manutenção de determinados grupos e, mais que isso, recriar os modos de existência que se pretenderam extinguidos para suplantar a lógica do colonizador. Ou seja: a Retirância que é, muitas vezes, retirar-se de uma lógica colonialista sob a ótica coletiva, a partir do reconhecimento de si como parte de uma coletividade, desestrutura as bases do poder estabelecido. É a tensão causada pela *ausência*. Não uma ausência que pressupõe (somente) um desaparecimento material (dos corpos), mas a ausência de subserviência, de docilização dos corpos¹⁴⁰, do silenciamento frente às violências sofridas, do apagamento das memórias e da ancestralidade. A Retirância se faz também nesta ausência que é combativa porque dentro de uma lógica social ocidental que opera com a ideia primeira de pessoas como “peças” de uma engrenagem (que serve ao capital), faz parar, ainda que temporariamente, a tal engrenagem... pois que aceito, inclusive, o argumento do senhor que este sistema opera com substituições, e que, portanto, assim como os indígenas foram sendo extinguidos e “substituídos” ao que se refere a escravização pelos negros, assim continua sendo no mundo dos forros: sempre um outro, no lugar daquele primeiro.

Contudo, fazer, ainda que temporariamente a engrenagem engasgar acrescenta ao jogo novas regras. Mexe com a estrutura do que estava dado, cristalizado; anuncia para aqueles que vem eternizando-se como “vencedores” que aqueles que eles julgam “derrotados” estão estabelecendo e reclamando modos de estar no jogo equanimemente; anuncia também que a narrativa sobre os “derrotados” não é totalmente real, visto que, partindo do ponto primeiro que o que se pretendeu sempre foi o extermínio de populações inteiras e/ou mesmo o epstemicídio destas populações, a manutenção destes grupos, bem como a recriação de seus modos de vida, já é em si, a derrota do colonizador (opressor) e a vitória do colonizado (oprimido).

O senhor entende onde quero chegar? A Retirância é o que está *entre*. É o que acontece, mais uma vez, na fronteira. A Retirância é o que está entre o real (aquilo que se vive agora, tal como se apresenta) e a utopia (o desejo deste ideal de vir a ser); a Retirância é o movimento que se faz nesta fronteira a partir do entendimento de que o passo dado por um

¹⁴⁰ Foucault, Michel. 1987

reverbera também no seu igual, por isto é um movimento coletivo, porque pressupõe primeiro, o reconhecimento de seu lugar no mundo, dentro de um determinado grupo social; pressupõe também o respeito pelas lutas travadas anteriormente pelos seus ancestrais; pressupõe ausências que sejam capazes de informar a discordância com o modus-operandi do mundo que pretende o extermínio da outridade: os que são marginalizados, desterrados, escravizados, racializados. Contudo, ausentar-se de um espaço (de uma situação, que seja) não é o mesmo que ausentar-se do mundo e ficar assim, como se diz, alienado. É ausentar-se daquele espaço e buscar os seus iguais para recriar modos de ser naquele espaço em que se esteve ausente. Seria talvez, me ajude o senhor a pensar se não é, o sentido do aquilombamento. Fugir, retira-se algumas vezes sozinho, mas com o sentido do coletivo, para então voltar-se novamente para a luta – que sempre é coletiva e demarca interesses sem deixar dúvidas.

O senhor não lembra, assim, por acaso, daquela gente da bagaceira? Aquela gente que *Nada tinham de seu: só possuíam, como costumavam dizer, a roupa do corpo*.¹⁴¹ Eram “essa gente”, mas também iam tomando consciência na Retirância que não era mais a mesma. Não era retirar-se do sertão do solo improdutivo por falta de água. Era também “essa gente” que, fazendo a engrenagem parar como podia, ia fazendo retirar a ideia de que aceitavam tudo pois *não tinham ideia de nada melhor (...) riam sem ter de quê: não cumprimentavam sem sorrir (...) Afinal, valia a pena viver, porque ninguém se matava. Não se dava o caso de um suicídio*¹⁴². Aí o senhor veja: a “Casa Grande” quer determinar em tudo a vida na bagaceira... até que se viva sem sorrir... ademais, querem apropriar-se deste modo de vida (da bagaceira) para continuar balizando o discurso e as práticas de violência contra essa gente (nossa gente) na conclusão de que, se ninguém se mata nas circunstâncias impostas, é porque vale a pena continuar vivendo do mesmo modo. Então, a Retirância se faz, muitas vezes, é no miúdo do cotidiano, é estabelecendo e forçando tréguas para então ganhar fôlego e subsistir até que se possa, efetivamente, existir. Como aconteceu no diálogo entre o patrãozinho Lúcio e o sertanejo João Troçulho. Diz assim:

Lúcio exortava João Troçulho ao trabalho:

- Por que não planta um quinguingu?

- Não se tem fuga, patrãozinho: é no eito todo o dia que Deus dá. Se fosse coisa que se tivesse tempo, mas é no rojão de inverno a verão. E a gente não tem ganância. O que adianta a gente se matar?

- É pra melhorar de vida.

¹⁴¹ A Bagaceira, 2017, p.178

¹⁴² Ibidem, p. 118

- Não viu Xinane? Xinane não era viverdor? Mas – cadê – no fim de conta, coisíssima nenhuma. O patrão toca da terra, sem se fazer por onde... De uma hora para outra, se está no oco do mundo. Amanhece aqui. Anoitece acolá.

- Tem a justiça.

- Agradeço! A gente é de fazer isso! Não vê que ninguém vai fazer mal ao senhor do engenho!

- Por que não endireita a casa, não tira as goteiras?

- Pro homem queimar? Quando bota pra fora e a gente não arriba logo, quer, no fim da conta, tocar fogo e... toca mesmo.

- E faz isso?

- De toda viagem.

- Por que não cria galinha?

- Pra raposa passar no papo? De que serve?

- Qual a parte que cabe ao lavrador?

- É coisa que eu não sei... Quem faz a conta é o homem.

A todas as outras perguntas, o cabra desconversava:

- Eu não sei...

Era o homem que não sabia nada – o instrumento inconsciente que tinha a enxada como membro principal.

Depois, passou a aprovar tudo com o estribilho de uma inflexão peculiar:

- Na, bom!...

E ainda afirmava:

- Não deixa de não ser...

Nenhum agenciava melhor sorte. Na área da fartura, na gleba munificente, propícia a todas as culturas, essa gente vegetativa, de uma passividade fatalista, afeita à lida de sol a sol, não plantava uma rama de batata à beira do rancho.

Lúcio indicava o exemplo do sertanejo:

- No roçado dele não canta cambonje. Chegou aqui cantando miséria; chegou apitando, com uma mão na frente, outra atrás, mas, se não bromar...¹⁴³

Então veja o senhor: João Troçulho retoma a historia de Xinane que, atordoado pela fome, tomou para si raízes do roçado em que havia trabalhado. Levou boas bordoadas e acabou encarcerado; e daí que começa a reflexão sobre os nossos lugares preestabelecidos no mundo: de que adianta a gente se matar? Melhorar de vida? Como? Trabalhando sem precedentes e estar sempre a mercê da conta que o homem faz no momento dos honorários? E diz-se que essa gente não pensa... Pensa sim, como pode. Ainda que o agente do pensamento seja a enxada, como membro principal; ainda que o pensamento se dê no eito, de verão a inverno, o senhor entende?

É daí onde surge a Retirância. Uma ausência, ainda que temporária. Retirar-se como pode do lugar da exploração. Parar a máquina, uma hora ou outra; deixar de criar as galinhas para a raposa; não plantar um roçado sequer na terra boa a beira do riacho da Casa Grande e fazer pensar: essa gente de uma passividade fatalista não faz mais? Não produz? Não ajeita uma goteira? Que o senhor não acha que por vezes o maior enfrentamento que se pode fazer é buscar maneiras de colocar o outro em seu próprio jogo? Mudar a partida? Poder assim, estabelecer uma regra ou outra do jogo que se joga? Que nem sempre o melhor enfrentamento

¹⁴³ A Bagaceira, 2017, p.178 e 179.

é o da guerra em si: às vezes “trazer” o outro para o diálogo e às vezes “forçar” com estratégias que haja “concessões” até que, no mundo ideal, as concessões não sejam mais necessárias... Ora... por favor, senhor... não podemos ser ingênuos! É preciso viver! O poder tal como é monopolizado no mundo nos engessa muitas vezes! A saída está, muitas vezes, na pequena trégua, nas concessões que permitem ao ser humano “comum” viver com mais ou menos dignidade... se não bromar... é ir girando com roda e tudo!

O que pode a Retirância

Estas pequenas Retirâncias de um grupo são capazes de mexer, torno a dizer, ainda que temporariamente, com as estruturas de poder. Volto à questão temporal pois penso que quem se retira, se retira de algum lugar, para então ocupar outros lugares; retira-se de um lugar, mas não do mundo mesmo. Ao contrário: muitas vezes assumir o lugar da Retirância é perceber-se como cidadão do mundo e, como tal, reivindicar lugares outros e ocupar assim diferentes lugares para viver, pensar, criar e existir. Portanto, penso que a Retirância é constante. É um continuum... nos retiramos muitas vezes, sem nem perceber; vamos encontrando estratégias de enfrentamento para cada batalha. Como é que se enfrenta um sistema inteiro, deus do céu? Às vezes ausentando-se do trabalho: é a greve; por vezes criando modos “alternativos” de comunidade: um quilombo; por vezes buscando meios mais harmônicos de incidir sobre o mundo: grupos que trabalham com a agricultura familiar, grupos que buscam a organização do mundo de maneira mais sustentável, por exemplo. Penso que cada um destes movimentos pressupõem uma forma de Retirância de algum lugar e uma busca por um ideal de mundo que convoca a outros, a pelo menos, pensarem e, ocasionalmente, estarem em diálogo sobre os sintomas, o porquê daquela retirada.

A Retirância é uma convocação ao pensamento. É uma conclamação a questionar porque determinados espaços estão sendo esvaziados; é chamar a casa grande para a percepção que a gente da bagaceira não vai consertar goteira para ser expulso para o oco de mundo; é informar que essa gente da bagaceira já percebeu que ninguém vai fazer mal ao senhor de engenho, mas que isso não significa ficar submetido ao próprio senhor do engenho. É fazer o engenho parar de rodar sempre no sentido do relógio que conta no pulso do patrão.

O senhor sabe? Não sei se já falei... eu por mim me meto nestes pensamentos – que são apenas construções que não se pretendem salvadoras de coisa alguma, mas que anunciam, talvez, algumas tensões de mundo – por pura mania de enxergar o mundo com outras lentes além das que me foram diplomadas. Digo diplomadas pois é isto muitas vezes que a formação para o trabalho faz conosco: a partir de um foco mais centralizado de estudo, ganhamos diplomadamente uma lente para ver o mundo e assim, pretensiosamente, incidir sobre ele. Pois que o senhor sabe: a lente que melhor me faz ver este mundão é a literatura. Contudo, sou professora de formação: “estudada” para atuar, agir, fazer no cotidiano escolar. Não possuo formação acadêmica na literatura nem na filosofia: sou uma simples pedagoga que se digna ao trabalho cotidiano com as crianças pequenas da educação infantil.

Mas veja o senhor o que o mundo é: arte, vida, conhecimento, ali, imbricados; o mundo é experiência, é o que pode ser para cada um. Pois como poderia eu enxergar um mundo que não habito? Enxergo assim, pelas memórias de outros, pelas histórias de outros. Eu mesma – também não sei se já disse – estive no Nordeste duas únicas vezes. Nunca, porém, no semiárido nordestino. E como é que vou tecendo assim este Ensaio que vai hora ou outra, tomando formas memorialistas? Por que a Retirância chegou para mim primeiro ancestralmente (com a história de Vó, de mãe e dos outros que vieram antes delas) e depois com o contato com esta literatura que, não sei se posso dizer “nordestina” mas que, de alguma forma, faz encarnar em mim o que poderia ser o pensamento de um retirante, entende? Encarnada deste pensamento/sentimento que me atravessou a partir destes encontros literários, olho para meu fazer cotidiano em sala de aula; começo a identificar os pequenos movimentos de Retirância do cotidiano; vou pensando o que poderia ser uma *Pedagogia da Retirância*.

Uma pedagogia que não se pretenda de uma única pessoa, que não esteja centrada numa única figura (geralmente do professor) mas que aconteça a partir do entendimento da pluralidade do espaço escolar; uma pedagogia que se perceba em movimento constante e que seja sempre afetada pela não aceitação do que vem sendo historicamente oferecido a esta gente da classe popular, da bagaceira; que se retire do lugar pretendidamente tecnocrata de organizadora e facilitadora de determinadas aprendizagens; uma pedagogia que, percebendo-se, no Brasil, maioritariamente praticadas por sujeitos oriundos das classe populares (visto que a grande maioria de pedagogos formados neste país tem seu recorte socioeconômico nas classes populares), esteja preocupada com a redistribuição do capital do conhecimento, ou seja: uma pedagogia que não se digne somente a agir dentro das problemáticas da formação humana já apontadas pelos pensamentos pedagógicos (principalmente a partir do séc. XVIII

quando houve profunda a transformação do entendimento da educação como instrumento de formação intelectual e moral para uma educação voltada para a formação do homem moderno, dotado de um espírito burguês)¹⁴⁴, mas que esteja consciente de seu papel ideológico, de promoção à equidade educacional; uma pedagogia que não aceite que aos filhos da bagaceira seja ofertada qualquer coisa; uma pedagogia que, ousado dizer, já existe e que acontece todos os dias nas salas de aulas de muitas classe populares Brasil afora, e que, por existir, sem nome ou com nomes anteriores a este que agora venho pensando, ressignificando, dando uma ótica literária - como a *Pedagogia do Oprimido* e *Pedagogia da Esperança*¹⁴⁵, ou, mais recentemente a *Pedagogia das Encruzilhadas*¹⁴⁶, incomoda as bases conservadoras e, por isso, vê-se muitas vezes desqualificada e questionada pelo grande Sistema Educacional, que, tal qual no séc. XVIII, pretende a manutenção da ordem burguesa.

Se é uma grande ousadia este pensar? Não sei. Mas se o retirante não ousa se movimentar, como pode recriar um mundo à sua maneira? O senhor não acha? Agradeço a fineza da atenção...

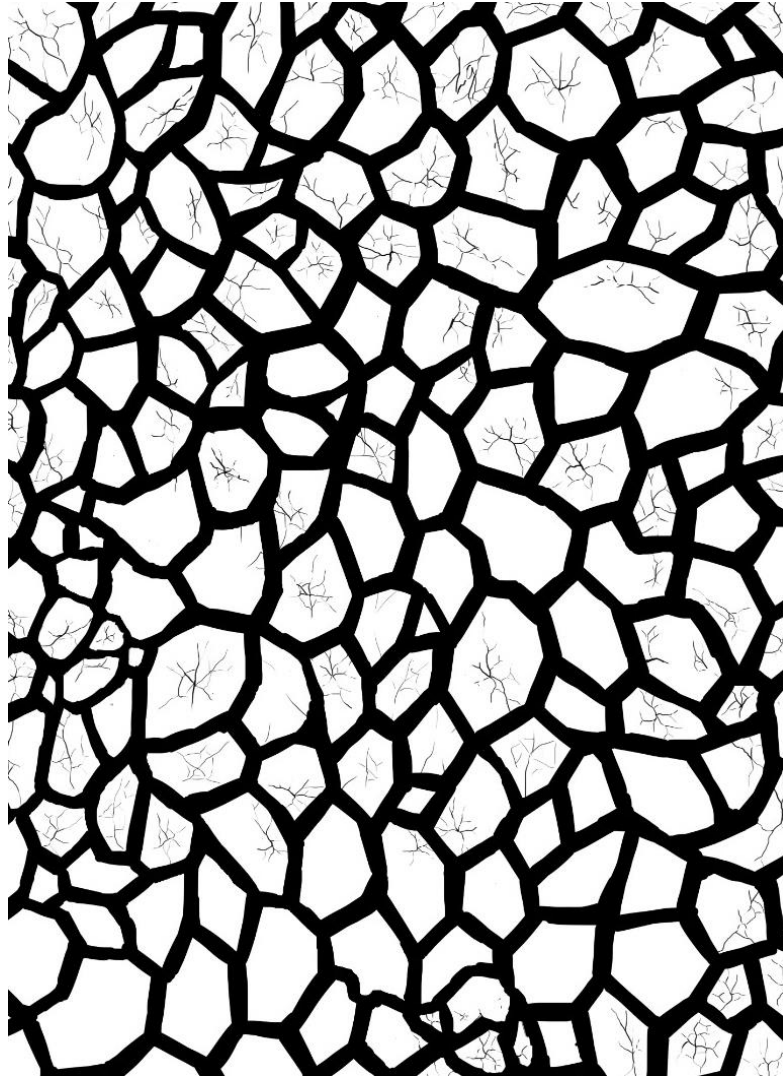
¹⁴⁴ Cambi, Franco. 1999

¹⁴⁵ Freire, Paulo. 1992

¹⁴⁶ Rufino, Luiz. 2019

VIII.

Vila dos Confins¹⁴⁷: das etecéteras e reticências na vida e na pesquisa.



¹⁴⁷ Palmério, Mário. Vila dos Confins, 11 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

A chegada à Vila dos Confins

Nem não sei avaliar se é perto ou se é longe a tal Vila dos Confins. Sapato gasto conta passo? E poeira acumulada na mala? Vale? Que o valor das coisas, fora do mundo capital, é mesmo muito subjetivo. Oh, praí, a entrada da Vila. Uma vila como muitas outras – diverge um aqui, outro acolá. Ou nem isso: a divergência está nos olhos de ver a Vila (que serão os olhos de ver a vida? Era mais fácil pensar junto... assim, em monólogo, é mais custoso... será?)

Melhor me demorar mais um pouco na entrada da Vila... Será que passa alguém? Sol pra mais de meio dia... Será hora da sesta? Tudo quieto, quieto. Causa assim um incômodo cá dentro este vento que sopra e não anuncia outra voz que não a minha mesma, que segue ecoando com um milhão de perguntas. Pensar junto era melhor, mas que jeito? A vida é para cada um... Eita, mala velha! Chegamos à Vila dos Confins. Lugar como outro qualquer do mundo, que há de guardar suas histórias em cada uma dessas ruelas. Na beira lá, daquele córrego... brincam crianças? Pescam? Escondem-se os peixes dos anzóis? Deve! Que tem vida pulsando por aí, ainda que não se veja. Debaixo lá, daquela árvore: lugar bom para pensar... será? Deve! Que pé de árvore é sempre bom amigo para recostar o corpo cansado e se demorar num pensamentozinho qualquer. E essa gente que vive por lá? Há de viver suas vidas comuns, produzindo conhecimentos comuns com suas táticas de viver comuns... será? Deve! Que toda gente vai vivendo e buscando formas de melhor viver e produz conhecimento, todos os dias.

A entrada da Vila dos Confins não possui grandes pompas: nem pórtico, nem placa. Sabe-se que chegou à vila por informações mais ou menos intuitivas. Mais ou menos porque Palmério, em sua literatura, deixou muito bem descrito um mapa; depois porque, a sola gasta do sapato e a poeira sobremaneira acumulada na mala entram em consonância com o sentimento de esgotamento do pensamento: tudo vai informando ao retirante que já é hora de estender a rede, pausar, reconhecer o novo território e então recomeçar. O pensamento sabe que chegou aos Confins: vai se demorando mais sobre a mesma palavra; vai se envergando mais sobre a mesma questão e vai desgastando mais o sujeito do pensamento.

O pensamento que chega aos Confins vai deixando certa angústia no sujeito do pensamento. Há sempre algumas questões: o que foi que eu não vi na caminhada? O que foi que eu não contei desta caminhada? Cabe insistir mais um pouco? Entrar na Vila dos

Confins? E assim, parada, nos Confins dos pensamentos, dá até uma certa cisma. Terá sido tudo abstração? É possível chegar aos Confins? *o fato é que o sertão dos Confins existe. E é um mundão largado de não acabar mais*¹⁴⁸. E o que é que faz agora? Com um pé na Vila dos Confins e o outro ainda na estrada; o pensamento dividido entre os Confins e os buracos de tatus; as palavras, parte desejosas de etecéteras, parte ansiosas por reticências; os sentidos, ora com saudade do Grande Sertão Veredas¹⁴⁹, ora curioso sobre as paisagens da Vila dos Confins... o sentido do retirante é também decidir.

Sentir a Vila.

*Nonada*¹⁵⁰. Os dois pés tocando o chão dos Confins. E é a primeira informação daquele chão arenoso: absortamente Nonada. Demora-se um pouco para entender que o final das coisas também nos faz voltar ao início. Devagarinho, a Vila vai pulsando e vai fazendo lembrar, estranhamente, coisas já passadas. O vento assobia como menino franzino, bem fraquinho e dá notícias que ali também é sertão. Vai levando o pensamento da gente de volta. Muito longe, como se do outro lado do córrego, a gente ouvisse a voz do moço (será do rio?) dizer: *sertão é onde o pensamento da gente se forma mais forte do que o poder do lugar*¹⁵¹. O sertão é outro, mas haverá de ser o mesmo? *E muita gente vivendo nos Confins. Gente boa, gente ruim, gente velha, gente nova: homens, mulheres, criançada. Gente igualzinha à de toda a parte, morando na roça e na cidade*¹⁵².

Faz sentido agora adentrar a Vila dos Confins. Encontrar com toda essa gente – que é nossa gente mesma. Buscar um rosto entre muitos. Mas a memória é falha e das notas que tomei, já não existem mais informações. É o rosto de uma mulher. Deve agora contar seus sessenta, setenta anos? Uma mulher que acreditou na literatura como um maravilhoso lugar de fuga nas salas de aula pelas quais passou; uma mulher que se retirou daquela educação que

¹⁴⁸ Vila dos Confins. 2019, P. 9

¹⁴⁹ Livro de João Guimarães Rosa

¹⁵⁰ Grande Sertão: Veredas. 2001, p. 23.

¹⁵¹ Grande Sertão: Veredas. 2001, p. 41.

¹⁵² Vila dos Confins. 2019, p 11.

olhava as crianças por cima; uma professora que se retirou dos currículos oficiais da escola e que, retirando-se, caminhou para a vida das crianças com as quais dividia a sala de aula.

Aula de português – ou seria redação? Seriam as duas? O fato é que naquelas aulas, numa produção de texto, aquela professora encantava e permitia-se encantar com as histórias, as escritas, os conhecimentos (seus e das crianças). Quanto tempo de se passou... esta lembrança andava perdida em seus borrões, mas, justamente, chegando aos Confins, apresenta-se o que era no início.

Uma sala de aula suburbana; escola pública. Parecia imensa: vozes ocupando toda a escola. Uma escada. Salas como todas as outras eram (e ainda são, muitas vezes): cadeiras, mesas, um quadro e muita gente. (Como eu queria a cabeça voltada para o total: detalhes ricos, rostos bem desenhados... mas só borrões se apresentam). Encontrarei esta escola na Vila dos Confins? A Vila ainda está silenciosa. Tanto melhor para o exercício de lembrar – barulho já basta o que vai dentro... será?

A Vila... quieta, quieta. E aquela sensação de que é possível encontrar a mulher sem rosto e sem nome que um dia percebeu a menina franzina e deslocada que andava sempre a rabiscar coisas durante as aulas. A Vila quieta... a sombra da árvore convidativa a recostar sobre a mala e fazer valer o momento ocioso e de silêncio tão raro para quem vive a tensão cotidiana de correr daqui para lá e trabalhar e sustentar e comer e pensar e sonhar... E a Vila dizendo: descanse, descanse... des- can- se...

Uma memória agradável

Quando a professora começou a entregar os textos corrigidos, a turma era a euforia de sempre: as notas foram boas? Então ela entrega aquele texto. Os borrões. Mas ela está abaixada em frente a carteira e diz coisas que não se pode compreender. Ela sorri e gesticula. Era uma preciosidade aquele texto. Ela pergunta se havia mais como aqueles e pede todos quanto houver. Um empréstimo. Interesse de correção. Uma felicidade para ela aquele encontro.

Textos entregues. Dias passados. Vida seguindo todos os dias. O borrão. A escola quase não se vê; nem colegas; nem travessuras no recreio. Por quê? Não se sabe. Talvez alguma coisa tenha acontecido naquele período e o subconsciente não permita lembrar de

mais nada além dos borrões. Que borrar alguns contornos também é tática para bem viver. Será? Então um dia surge a professora com uma alegria sem fim: entrega aquele bloco de coisas datilografadas – terá ela feito aquilo tudo no momento que deveria ser de seu lazer? O bloco simples, com as folhas milimetricamente grampeadas na lateral, trazia o título: Primeiros Poemas. Abaixo, o nome de uma criança. Aquela que andava pela escola quase em silêncio; aquela que acostumara-se a traduzir seus barulhos em palavras e que ainda não sabia que aquele fazer seria, para sempre, uma fuga.

Uma nuvem vai se arrastando pelo céu. Vai aumentando a sombra sobre a árvore. A Vila desperta num trovão: Acorde, acorde, a – cor- de! Na mala não se encontra o livreto dos Primeiros Poemas; na memória não se encontram registros do nome daquela mulher. Nonada! Bater de porta em porta nas casas do vilarejo? Será? Talvez seja este mesmo o sentido de tanto fugir/se retirar: borrar alguns contornos de si mesma para ser capaz de ocupar outros espaços e, uma vez naquele espaço, poder existir com seus borrões. Sabe-se, portanto, que se chegou aos Confins quando os borrões são mais presentes que os pensamentos límpidos. Talvez seja esta também uma característica que acompanha o fugitivo/retirante:

Quem viaja sozinho e a pé por essas largas das estradas boiadeiras cultiva distrações. O chão é muito, dilatadas são as horas. O andarilho inventa modas para poder matar o tempo e a distância: bota a cabeça a funcionar, imaginativa, e assim consegue vencer a canseira e a sem-graceza da pernada.¹⁵³

Então, talvez seja chegada a hora de desfazer a mala. Caminhada muita. Horas dilatadas, tanto, que assim também já dilataram as pupilas; talvez os borrões nas memórias sejam mais um lembrete do porquê caminhamos como este andarilho que inventa modas; talvez, vá chegando devagarinho, como estas mesmas nuvens que vão avançando sobre o céu, o entendimento de que a investida na arte como parte importante (e porque não dizer indissociável) para o fazer na vida, na educação e na pesquisa, esteja nesta dimensão: botar a cabeça a funcionar, imaginativa, para quem sabe, vencer a canseira que muitas vezes é o cotidiano. Ademais, a tensão que vem se colocando até aqui, reside grande parte ao que vimos construindo à contrapelo: entender a literatura como arte que não só é capaz de dialogar cientificamente com o mundo, mas também como possibilidade de comunicar o este mesmo pensamento científico. É a tensão/decisão do fugitivo-retirante.

¹⁵³ Vila dos Confins. 2019, P. 15.

O fugitivo-retirante

A Vila dos Confins, ainda silenciosa, permite, por hora, inclusive a decisão de assumir que não foi possível, até aqui, resolver o enigma: fugitivo ou retirante? Os dois fundiram-se, então, como uma única essência: o fugitivo-retirante. Aquele que se percebe sempre na tensão do devir; aquele que está sempre no sentido do caminhante; aquele que sabe-se sob constante julgamento, mas que decide partir ou ficar tomando como pressuposto aquilo que o constitui, o que lhe é caro, preciso, inadiável; que toma como ponto principal a própria vida, tal como se apresenta e tal como almeja que ela possa vir a ser.

O fugitivo-retirante está sempre atravessado por tudo aquilo que o constitui. A Vila dos Confins, quieta, quieta, permite-me um reencontro literário. Posso então retomar a leitura? “Quem viaja sozinho e a pé por essas largas estradas boiadeiras cultiva distrações...”, pois que não faz mal voltar à história de Wilde. Dizia Todorov que, quando Wilde estava prestes a ser preso, precisou decidir entre ficar ou partir. Era isso? Dizia:

A necessidade de reconhecimento público, portanto a interiorização das sanções vindas de fora, nos permite esclarecer outro grande enigma da vida de Wilde: a razão de fugir na véspera do processo. Com efeito, a partir de certo momento sua condenação se torna muito provável; ora, ele ainda está em liberdade. Seus amigos o pressionam para que parta para a França, local em que a homossexualidade não é penalizada da mesma maneira, onde ele tem numerosos amigos e sua obra é conhecida e respeitada. Pouco tempo depois, em circunstâncias semelhantes, Zola, depois de ter publicado seu panfleto *Eu acuso*, partirá rapidamente para Londres, a fim de fugir a sua condenação a um ano de prisão. Mas Wilde se recusa a fugir para Paris. Por quê? Em *De Profundis* ele procura culpabilizar Bosie e explica o fato de não ter partido em virtude das dívidas contraídas por este junto ao hotel: ‘sem essa nota de hotel eu teria partido quinta-feira de manhã para Paris’. Mas podemos duvidar da veracidade dessa explicação. No momento exato dos eventos, Wilde parece aproximar-se mais da verdadeira razão. ‘Decidi que era mais nobre e mais belo ficar. Poderíamos ter partido juntos, e eu não queria ser tratado como covarde ou desertor. Um nome falso, um disfarce, uma vida vigiada,

tudo isso não é para mim.’ Diz-se que a mãe de Wilde fez chegar aos ouvidos do filho que ela o preferia preso a evadido, mas, mesmo sem tal intervenção, a escolha de seu filho devia ser feita: fugir significava romper com o sistema de valores publicamente aceitos, o que ele não desejava – ou, ainda, não poderia fazê-lo. Assim, Wilde prefere a prisão ao exílio e à rejeição – não compreendendo de imediato que sofreria, de todo modo, tanto a prisão quanto a rejeição no exílio. Zola é salvo por seu orgulho: a sociedade pode em vão condená-lo, ele está certo de ter razão, mesmo sendo um só contra todos. Wilde se perde em virtude de sua vaidade: ele necessita da imagem lisonjeira que o público tem dele. (Todorov, Tzvetan, 2018. P. 63 – 64)

O sentido do fugitivo-retirante é sempre muito diverso. É tratar com o diabo! *Mas o demônio não precisa existir para haver*, como diria Riobaldo. E Emenda: – *a gente sabendo que ele não existe, aí é que ele toma conta de tudo*¹⁵⁴. Falta faz alguém para pensar junto... que a questão não se resolve é nunca! Fugir? Ficar? Retirar? Permanecer? Qual é o julgo da decisão? As questões são muitas. Portanto que não poderia se fazer de outro jeito, senão pela literatura. Como é que começou? Nonada. Pela falta de possibilidade de ser de outra maneira; Nonada. Num buraco fundo... na solidão. Nonada. Na necessidade de dizer o que não se pode; Nonada. Na certeza que o papel confidencia; Nonada. No desejo de conhecer e pensar o que não se pode. Nonada. Foi o exato começo e depois, as Veredas... E o diabo do julgamento seguido pela culpa. Como pode se existir longe do que se é?

Os incômodos da caminhada

Leva uma pernada bem larga para se chegar aos Confins. Corre-se o risco de perder-se de si mesmo. Deus esteja! Tem muito que justificar no caminho! Mas como é que faz para justificar o que há na própria vida? É o outro sentido do fugitivo-retirante: estar sempre sob vigilância e estar sempre vigilante. Quem decide retirar-se assume o risco do julgamento. Assume sua bagagem, sua mala, como teoria e pensamento, mas com isso, não afasta de si o

¹⁵⁴ Grande Sertão: Veredas, 2001, p. 76

pensamento de outrem: apenas olha (e assume) a responsabilidade do caminho que, dizem, errante.

Mas acontece que agora estou desconfortável. A Vila ainda se demora em quietude... Há muito o que dizer, mas, a quem? Além do mais, meu estilo é este: perder-se nas palavras e depois repetir. Repetir até que fique diferente (acho que já disse isso várias vezes). Estou desconfortável do meu não lugar de linguista; do meu não lugar de professora de português e literatura; do meu não lugar de escritora. É incômodo e assustador lançar-se num lugar desconhecido. É o sentido do fugitivo-retirante: decidir, escolher, apostar. Eu poderia, certamente ter escolhido a segurança de discutir algum assunto sobre educação infantil com um nicho claro de investigação, como “o brincar”, “as rotinas”, “o processo de aquisição de leitura e escrita”, entre outros assuntos (importantes, claro!); talvez fosse mais fácil ter clareza sobre as questões levantadas; talvez fosse mais confortável estar no lugar de pedagoga com o olhar de pedagoga, habilitada a falar sobre questões pedagógicas. Mas cá estou eu... carregando minha bagagem, nos Confins. E o que conta como bagagem? Conterá também aquilo de imaterial que se acumulou ao longo da vida? Quem valida esta bagagem-conhecimento?

Muitos rodeios até a Vila dos Confins. Meu estilo é rodear. É não saber. É estar consumida entre todas as coisas incompreensíveis; é estar só (incrivelmente só) e avançar com cuidado sobre o desconhecido. Meu estilo é fazer paralelos e refazer, até que faça sentido; meu estilo é esta confusão entre escritora e pedagoga, leitora e escritora entre pesquisadora e personagem. Sempre penso, portanto, que cada um de nós é em si mesmo uma grande personagem ao mesmo tempo em que é autor de sua própria história – e isso nada tem a ver com pensamento meritocrático. Antes penso mesmo é no diabo de existir como se é. A autoria é uma espécie de pacto consigo mesmo? *O pacto nenhum – negócio não feito. A prova minha, era que o Demônio mesmo sabe que ele não há, só por só, que carece de existência.*¹⁵⁵ A autoria é o demo ou pensar é com o diabo? E Wilde? Se decidisse fugir, qual seria sua história – não a vivida, mas a narrada por outros?

Pensando assim estas coisas, cá, adentrando a Vila dos Confins, de súbito, surge a consciência que toda esta retirância estava mesmo era no sentido do encontro com o diabo: aquilo que nos habita com tal potência que suplanta todo nosso querer-fazer-de-outro-modo. A luta de deus e do diabo na cabeça do sentente... que deus habita no esperado, do dado, no compreensível. E o diabo? Coisa para se botar de lado. Convém ignorar, fugir. A fuga então

¹⁵⁵ Grande Sertão: Veredas. 2001, p 485.

era esta: fugir do diabo de ser quem se é; mas aí que está: “Ao que fui, na encruzilhada, à meia noite, nas Veredas Mortas. Atravessei meus fantasmas? Assim mais eu pensei, esse sistema, assim eu menos penso”.¹⁵⁶ Qual seria o sentido de tanto retirar-se até chegar à Vila dos Confins e não pensar? Serventia alguma? Wilde por exemplo, tinha preocupação era com seu público leitor. Errado? Não se trata. Que denota respeito. Mas carece o sacrifício? *Enfim, cada um o que quer aprova, o senhor sabe: pão ou pães, é questão de opiniões...*¹⁵⁷

A Linguagem

Somos a personagem que pode abrigar ainda seus próprios cenários? Penso que somos as referências que temos da vida e as análises que podemos fazer desta também com suas representações artísticas. Para que serve a arte? Para que serve a literatura se não para podermos pensar, fazer, repetir e repetir até que tudo seja encarnado e que retorne ao mundo de maneiras diversas, capazes de, transpassando a esfera estática de sermos apenas receptores de pensamentos de outros, transformemo-nos, todavia, em autores. Estar em diálogo com o mundo a partir de sua própria essência e tocar o mundo com suas próprias digitais. Chegar então aos Confins, há de significar, reivindicar, literariamente nosso lugar no mundo e na vida.

Acostumamo-nos a pensar que a literatura está lá longe, como a grande utopia de Galeano: “está lá no horizonte, caminho dez passos, ela se afasta 10 passos”. Acostumamo-nos fatalmente a pensar que a literatura não é para todos. Dela dizemos: “é preciso saber bastante a língua na qual a referida literatura se faz para então poder opinar sobre ela ou mesmo vive-la, senti-la, com ela manter contato”. Daí que para alguns cria-se o mito de que falar sobre literatura é destinado a quem muito sabe da língua portuguesa, preferencialmente para os professores que estudaram português/literatura na faculdade.

Não. Não foi esta a literatura que sobre a qual destinei atenção e que me trouxe até aqui; não esta invenção que enfraquece a arte e imobiliza a possibilidade de criação e de percepção de mundo; Não esta literatura que é dissecada por especialistas e separada da vida cotidiana. Mas esta literatura que

¹⁵⁶ Grande Sertão: Veredas. 2001, p. 499

¹⁵⁷ Ibidem, p. 24

É um sistema de signos, um código, análogo aos outros sistemas significativos, tais como a língua articulada, as artes, as mitologias, as representações oníricas etc. Por outro lado, e nisso ela se distingue das outras artes, constrói-se com a ajuda de uma estrutura, isto é, a língua; é pois um sistema conotativo em segundo grau. Ao mesmo tempo a língua, que serve de matéria à formação das unidades do sistema literário, e que pertence, pois, pois segundo a terminologia segundo a terminologia hjelmsleviana, ao plano da expressão, não perde sua significação própria, seu conteúdo. É preciso, além disso, levar em conta as diferentes funções possíveis de uma mensagem, e não reduzir seu sentido as suas funções referencial e emotiva (...) Além disso, a literatura utiliza códigos sociais cuja análise não compete a um estudo literário. (Todorov, Tzvetan. 2008, p. 32)

- A literatura não é para todos! – Levariam esta certeza consigo, Fabiano e Sinhá Vitória, personagens de *Vidas Secas*¹⁵⁸. Conta-se ali que Seu Tomás da bolandeira era conhecido por todos como sábio homem pelas leituras que acumulara. Diz-se dele que “Seu Tomás da bolandeira falava bem, estragava os olhos em cima de jornais e livros (...)”¹⁵⁹, mas, para o bem da verdade, naquela situação em que se encontravam as personagens daquela trama, para todos, mesmo, era somente a seca. Contudo, até a maneira de passar por ela divergia – e muito. Era a questão social e econômica decidindo quem secaria primeiro.

O que se desenhava, portanto, sob o sol escaldante de *Vidas Secas* era uma batalha às claras sobre vida e morte, e, o que a linguagem fazia naquele cenário era reivindicar para si, durante aquelas primeiras cenas, a demarcação do lugar de poder de cada personagem:

Seu Tomás da bolandeira falava bem, estragava os olhos em cima de jornais e livros, mas não sabia mandar: pedia. Esquisitice um homem remediado ser cortês. Até o povo censurava aquelas maneiras. Mas todos obedeciam a ele. Ah! Quem disse que não obedeciam?¹⁶⁰.

A história que segue demarca muito bem que enquanto Seu Tomás da bolandeira era feito para mandar, Fabiano era feito de matéria de obediência. Vivia o escárnio, a miséria, as injustiças sociais. Era homem de pouco falar:

¹⁵⁸ Referência ao livro de Graciliano Ramos.

¹⁵⁹ *Vidas Secas*. 2022, p 21.

¹⁶⁰ *Ibidem*, p. 21

vivia longe dos homens e só se dava bem com animais. Os seus pés duros quebravam espinhos e não sentiam a quentura da terra. Montado, confundia-se com o cavalo, grudava-se a ele. E falava uma linguagem cantada, monossilábica e gutural, que o companheiro entendia. A pé, não se aguentava bem. Pendia para um lado, para outro lado, cambaio, torto e feio. Às vezes utilizava na relação com as pessoas a mesma língua com que se dirigia aos brutos – exclamações, onomatopeias. Na verdade falava pouco. Admirava as palavras compridas e difíceis da gente da cidade, tentava reproduzir algumas, em vão, mas sabia que elas eram inúteis e talvez perigosas.¹⁶¹

Fabiano tinha seus conhecimentos que não eram reconhecidos com tal, muitas vezes, nem mesmo por Sinhá Vitória, sua esposa. *Fabiano dava-se bem com a ignorância. Tinha o direito de saber? Tinha? Não tinha.*¹⁶² Este sentido é o que me persegue. Será? O que é o direito a saber... entender da vida, mas não encontrar valia alguma dos outros sobre este entendimento. É o diabo! Os olhos de quem vê, por dentro do buraco de tatu e percebe-se vez em quando, ser o tatu mesmo. Era assim também o Fabiano. Um tatu que, pensava: seria capaz de enternecer a todos diante da constância embrutecida de seus pensamentos; vislumbrava a possibilidade de ser-sendo, mas, em seus pensamentos mais profundos, pensava mesmo é que não era. E desejava ser.

Ainda tencionava correr mundo, ver terras, conhecer gente importante como seu Tomás da bolandeira. Era uma sorte ruim, mas Fabiano desejava brigar com ela, sentir-se com força para brigar com ela e vencê-la. Não queria morrer. Estava escondido no mato como tatu. Duro, lerdo como tatu. Mas um dia sairia da toca, andaria com a cabeça levantada, seria homem. – Um homem, Fabiano¹⁶³.

A linguagem nos informa: seres humanos. Dotados desta capacidade de se comunicar por palavras, sons, imagens, gestos... linguagem! E, a literatura, utilizando-se desta linguagem, tocada por ela e nela mesma submersa, possui um caráter de fruição correspondente ao fato de que ajuda a dar forma ao mundo, humanizando acontecimentos, trazendo consciências outras acerca da própria vida (vivida, pensada, pesada). Além do mais, Fabiano, dentro do que ele próprio julga ignorância, identifica e externa em seus pensamentos

¹⁶¹ Vidas Secas, 2022, p. 18.

¹⁶² Ibidem, p.20

¹⁶³ Ibidem, p. 22

o lugar social destinado a cada um não apenas pelo poder econômico, mas, prioritariamente, pelo contato e consumo da linguagem, sobretudo, literária. Pensava ele sobre a educação de seus filhos:

Indispensável os meninos entrarem no bom caminho, saberem cortar mandacaru para o gado, consertar cercas, amansar brabos. Precisavam ser duros, virar tatus. Senão calejassem, teriam o fim de Seu Tomás da bolandeira. Coitado. Para que lhe servia tanto livro, tanto jornal? Morrerá por causa do estômago doente e das pernas fracas.¹⁶⁴

Os reencontros

Chegar à Vila dos Confins e encontrar-se novamente com Vidas Secas... o que é a ironia da vida. Será? Chegar aos Confins e só então sentir-se *livre* para assumir-se como parte de um todo que investiga vida, arte e educação; sentir-se livre, porque houve enfim o entendimento de que *a formação do ser é uma formação livre. Nessa liberdade podemos comungar, no entanto não a podemos tolher com um ato de conhecimento (material)*¹⁶⁵; estar em diálogo com estas obras literárias e conferir-lhes, vez ou outra, pensamentos que também são científicos, pois demandaram investigação e interfaces entre diferentes sujeitos e conhecimentos; sentir-se livre, pois só depois de toda caminhada observa a real *simultaneidade do vivenciamento da arte e do estudo da ciência. Não se pode fragmentá-los, mas eles passam nem sempre simultaneamente por diferentes estágios e graus.*¹⁶⁶; livre, pois houve também o entendimento de que *eu vivo em um mundo de palavras do outro. E toda minha vida é uma orientação nesse mundo; é reação às palavras do outro (uma reação infinitamente diversificada)*

A liberdade do ser-sendo. A liberdade que também se encontra no pressuposto que uma obra deve sempre considerar que existirá um outro a completa-la: somente pode fazer sentido uma escrita quando um leitor a toma para si e a partir dela faz hiperlinks com a realidade. A partir daí, é a responsabilidade de, enquanto leitor, relacionar-se respeitosamente com a obra. Ao mesmo tempo, responsivamente, enquanto autor, considerar sobremaneira a

¹⁶⁴ Vidas Secas.2022, p. 23.

¹⁶⁵ Bakhtin, 2017, p.60

¹⁶⁶ Ibdem, p.41

existência e a plasticidade do leitor que por ventura encontrará com a obra. Não há acabamento artístico sem aquele que aprecia a arte; não há literatura sem o escritor, mas haverá sem leitores? É, portanto, fundamental a relação de respeito ao outro expressa no todo da Obra. Considerar que existe um outro capaz de ouvir, entender e entrar em diálogo com o todo exposto produzido é uma tarefa ética, responsável e responsiva (Bakhtin, 2017) a medida em que o autor (autora) se coloca em situação dialógica com seu Outro (leitor) desde a elaboração de sua escrita, da elaboração das personagens.

Ao minuciar tão ricamente os dramas das secas vividos por casa personagens, conferindo-lhes (e porque não dizer, algumas vezes acentuando) suas mazelas, o que os autores que acompanharam toda esta caminhada que aqui vai se registrando (e caminhando, quem sabe, para suas reticências) fizeram foi, entregar a seu expectador- leitor a possibilidade de viver a arte, jogar e pensar com e partir (d)ela. Ao adentrar nestas narrativas o leitor aventa a possibilidade de sonhá-la, vive-la e de, junto a ela, questionar a realidade ficcionada. Não subestimar o leitor... talvez seja esta também uma tarefa da autoria, pois, há uma incrível crueldade nesta subestimação do outro. Num contexto mais amplo, é ela quem reforça o lugar de subalternidade que ao longo dos séculos tem mantido a tradição literária e científica do mundo ocidentalizado. Esta subestimação liga-se não somente aos sujeitos subalternizados mas também ao próprio conceito de literatura e aos lugares a que (e a quem) esta se destina – como desenhado na tensão entre Tomás e Fabiano, de *Vidas Secas*.

E o que estamos fazendo aqui? Acreditando firmemente que *O que se destina a todos é a literatura e não os estudos literários*¹⁶⁷, portanto, o uso, a produção e o consumo da literatura não devem ser restritos aos que se debruçam sobre a literatura reclamando para ela um lugar na ciência, mediante, principalmente, ao espaço de crítica literária. De igual modo reforçar a ideia de que o lugar da literatura é o mesmo que o lugar dos estudos literários afasta a literatura de seu caráter cultural. Não podemos nos esquecer, nesta mesma ordem que *a literatura é parte inseparável da cultura, não pode ser entendida fora do contexto pleno de toda a cultura de uma época*¹⁶⁸.

Quando Fabiano é descrito por Graciliano Ramos, subjaz ali (não só nos trechos que por hora pude encontrar enquanto revirava a mala, mas por toda sua obra) a imagem do *grotesco*, aquela que assombra ou que é formada por *imagens ambivalente e contraditórias que parecem disformes, monstruosas e horrendas se consideradas do ponto de vista da*

¹⁶⁷ Todorov, Tzvetan. 2007, p.41

¹⁶⁸ Bakhtin, 2017, p.11

*estética clássica*¹⁶⁹. Contudo, podemos pensar a figura de Fabiano grotescamente não porque *evoca* em nós o pesar do que é incompreensivelmente feio (visto que de sua aparência conta-se apenas os maus-feitos pela fome e pela seca) , mas antes porque *evoca* em nós, leitores, um sentimento qualquer de estranhamento e incompreensão diante de suas atitudes e pensamentos e nos coloca, por este mesmo viés, em contato direto com a personagem. A *evocação* do outro é então parte fundamental para que haja um grotesco que possa ser descrito e avivado dentro da narrativa. Quando Graciliano “desenha” Fabiano para o leitor o adorna também com características que o fazem uma figura curiosamente simpática e quase frágil. Certa passagem, conta-se da prisão de Fabiano por um meter-se numa confusão com um “soldado amarelo”. Bem verdade que fora provocado e debaixo da pisa do soldado, desatinou e xingou-lhe a mãe. Quando levado à delegacia, foi preso e chegou à conclusão que somente o fora pois não sabia explicar-se, defender-se:

era bruto, sim senhor, nunca havia aprendido, não sabia explicar-se. Estava preso por isso? Como era? Então mete-se um homem na cadeia porque ele não sabe falar direito? Que mal fazia a brutalidade dele? Vivia trabalhando como escravo. Desentupia o bebedouro, consertava as cercas, curava os animais – aproveitara um casco de fazenda sem valor. Tudo em ordem, podiam ver. Tinha culpa de ser bruto? Quem tinha culpa?¹⁷⁰

Estes sentimentos que nos atravessam a partir da literatura, trazem também a dimensão de um contínuo “*apesar*”. Em certa medida quando deparamo-nos com figuras literariamente grotescas, fantásticas, irônicas e etc, envolvemo-nos com elas sobremaneira, *apesar* de sabermos que, muito provavelmente não teríamos com estas figuras o mesmo trato em nosso cotidiano real; *apesar* de muitas dessas figuras causarem-nos sentimentos que podem variar entre repulsa e angústia, por exemplo, enquanto lemos sua descrição (ou criamos esta figura a partir do que fora narrado), causam-nos também a necessidade de pensar não só o mundo da personagem, mas também o mundo encarnado, real, vivido. Estas figuras e carregam as narrativas de sentidos muitas vezes necessários para a compreensão e alargamento de nossa própria maneira de ser e estar no mundo.

Que outra relação pode haver com a literatura senão a da arte que tensiona e alarga o mundo diante de meus olhos e sentidos? Não há outra relação possível senão a de profunda

¹⁶⁹ Bakhtin. 2010, p.12

¹⁷⁰ Vidas Secas, 2022, p.33

honestidade e reciprocidade: Um ser-sendo que movimenta a vida cotidiana e porque não dizer, o fazer pedagógico? Há, portanto, que tensionar também o que temos muitas vezes feito como prática educativa que termina por separar sujeito/vida, criança/aluno, professor/pesquisador, cientificismo/literatura, escrita/produção literária, educação/arte e por fim: educação/vida.

A palavra

Chegar aos Confins e adentrar a Vila está para além de assumir uma identidade tocada pela literatura: é parte fundamental para o fazer desta escrita já que esta surge em meio as angústias existentes no campo educativo acerca das linguagens (escrita, falada, lida) e principalmente acerca da *ética* do ser que, reverbera enquanto a linguagem tece, como fio de Ariadne, as relações. Foi como uma pedagoga-pesquisadora-fugitiva apaixonada pela leitura e escrita que vi nascer intimamente o desejo de entender como acontece o processo de seleção do que é (será) narrado nos espaços educativos. O que merece compor o currículo escrito de uma escola? Quais descritores merecem ser selecionados para aparecer numa pesquisa? Qual linguagem deve ser utilizada para a escrita de uma tese? É possível um fazer-pensar literário? Alguém valida?

Retirar-se para aquilo no que se acredita. Colocar-se em caminhada. Encontrar outras vozes e saber que elas ecoam, ressoam; acreditar que o conhecimento de mundo pode partir também do conhecimento de si – e que talvez, em se tratando as ciências sociais, seja este o modo mais humanizado de pensar/construir conhecimentos. Conhecer e dizer o mundo enquanto segue-se à *procura da própria voz (do autor)*. *Personificar-se, tornar-se mais definido, tornar-se menor, mais limitado, mais tolo. Não ficar na tangente, irromper o círculo da vida, tornar-se gente entre as gentes.*¹⁷¹.

“Tornar-se gente entre as gentes” e deus e o diabo no meio de nós... a Vila se acordando, trazendo enfim seus ruídos... gentes? Quantas? *Corrutela de lugar, a Vila: a igreja, um punhado de casas de adobo e de telhas, e uma porção de ranchos de taipa e folha de buriti. Rua mesmo uma só: começando na igreja e terminando no cemitério, tal e qual a*

¹⁷¹ Bakhtin, 2017. P, 44.

vidinha do povo que mora lá".¹⁷² Já de passada pela igreja, ressoa assim, no cantar dos pássaros, a lembrança de um poeminha que que nem habita a mala, mas que também faz-se bagagem de memória do sentido das coisas:

No descomeço era o verbo
Só depois é que veio o delírio do verbo.
O delírio do verbo estava no começo, lá
onde a criança diz: Eu escuto a cor dos
passarinhos
A criança não sabe que o verbo escutar não
funciona para cor, mas para som.
Então se a criança muda a função de um
Verbo, ele delira.
E pois.
Em poesia que é voz de poeta, que é a voz
De fazer nascimentos –
O verbo tem que pegar delírio.
Manoel de Barros

Talvez fosse até mais fácil voltar definitivamente ao início das coisas, que o pensamento que vai se demorando em acabar, perde-se muito. Pensa-se na professora sem nome e sem rosto; pensa-se na decisão de Wilde; em Riobaldo; em Seu Tomás da bolandeira; em Fabiano. Pensa-se mesmo que já não pode-se mais pensar: já é *O pensamento que, como um peixe no aquário, choca-se com o fundo e as paredes, não pode ir além e mais fundo*¹⁷³. Trata-se então de assumirmos o borrão como possibilidade última de alargamento de pensamento – bem como assumimos o buraco do tatu, alegoricamente, como um lugar de pensamento que busca a essência do pensar; trata-se de perceber-se solitário em pensamento, mas entender que ele (o pensamento) não é monológico: estará sempre tocado pelos pensamentos e pelas falas de outros; o pensamento nos Confins sabe que

A procura da palavra é, de fato, procura da palavra precisamente não minha, mas de uma palavra maior que eu mesmo; é o intento de sair de minhas próprias palavras com as quais não consigo dizer nada de essencial. Eu mesmo posso ser apenas personagem, mas não autor primário. A procura da palavra pelo autor é, basicamente, procura do gênero e do estilo, procura da posição de autor. (Bakhtin, 2017, p.47)

¹⁷² Vila dos Confins, 2019, p. 19.

¹⁷³ Bakhtin, 2017, p. 68

A autoria

Procurar a autoria no texto, na palavra, na pesquisa, na vida. Que validar as nossas próprias vivências pela fala de outros é sempre muito desgastante. Será? Chegar aos confins das coisas é então assumir uma caminhada (de vida e pesquisa), não invalidando os conhecimentos anteriores, mas evidenciando que outros conhecimentos vão se apresentando no caminho, entram em diálogo, mas que muitas vezes, partem mesmo é do conhecimento de si.

As janelas das casas da Vila vão já se abrindo. O cheiro peculiar do café fresco vai invadindo não só a única rua da Vila dos Confins, mas também a memória. Estou aqui e desejo agora, apenas habitar meus pensamentos. Estes mesmos que vão se esgotando, mas que intuitivamente, espera um acontecimento qualquer - pois que a linguagem também habita o entendimento de que *o pensamento que procura abarcar o mundo, e o pensamento que sente a si mesmo no mundo (como parte deste) entende o mundo como acontecimento (e não como prontidão)*¹⁷⁴. É, pois, necessário aguardar um pouco mais. Caminhar pela única rua da Vila. Chegar ao cemitério, talvez. Enquanto o acontecimento de mundo não se precipita sobre a Vila, pensar. Fazer do pensamento mesmo casa agradável para visitas esporádicas. Visitar-me vez em quando e por um café à mesa adoçado com açúcar refinado – que adoçante sempre amarga no final e mascara o sabor das coisas – de mais a mais, diabetes é uma fatalidade de quem se farta com o doce da vida.

Quero ainda habitar meus pensamentos até saber dizê-los de outras maneiras: menos abobados e mais importantes. Dar-lhes o acabamento que se espera de quem avançou alguns degraus na escolarização e chegou, como uma fatalidade, ao doutoramento. Não. O que acabo de escrever é uma grande mentira. Quero mesmo é dizer das descobertas que faço enquanto penso sem talvez precisar justificar o tempo todo como foi que aquele ou este pensamento se construiu. Pensar com liberdade. Em todos os espaços. Dentro e fora de mim.

O pior aprisionamento é o do pensamento (afirmo aqui a minha verdade). Até o início de minha “jornada acadêmica” não sabia que era possível (e tão terrível) esta prisão. Mas agora sei e pasmem: não precisei fazer nenhuma pesquisa para sabê-lo. Fui sabendo no convívio com os colegas de turma e nas entrevistas íntimas que tenho feito comigo mesma ao longo de todos estes anos produzindo (ou tentando produzir) textos para publicação em anais e teses para conclusão de grau de pós-graduação. Aliás, não posso declarar que fui sabendo

¹⁷⁴ Bakhtin, 2017, p. 67.

como disse a pouco. O mais acertado é dizer que fui me submetendo – junto a tantos outros – a esta prisão.

Quero fazer o exercício de pensar unicamente como penso e transcrever aqui as coisas possíveis – que já não me iludo mais: nem todo pensamento (meu) poderá ser transcrito (por mim) tal como ele é. Estou demasiadamente acostumada ao autopolicimento para fazê-lo. Mais uma fatalidade – até aqui já contam três: 1) diabetes para quem prefere o doce das coisas; 2) o avanço nos estudos para alguns; 3) pensamento aprisionado, palavras policiadas. Nem bem inicio o desenvolvimento destas linhas e já me vem à conclusão de que pensar é o ato mais revolucionário de todos. Certamente não posso concluir isto sozinha. De certo que meus encontros, minhas leituras, minhas vivências levam-me a esta semi-conclusão (dizer e desdizer é a liberdade que agora me dou e, portanto, percebi que ainda é cedo demais para concluir).

Penso como posso. Talvez seja assim para todos. Penso a partir da sociedade em que vivo; penso a partir dos elementos que me foram fornecidos para pensar e isto não me parece uma fatalidade. Assim como também não me parece uma fatalidade os lugares destinados ao livre pensar: a poesia, a música, a dança, a expressão artística em geral - que em algum lugar haveremos de ser nosso próprio pensamento sem as amarras civilizatórias; que o “ópio do povo” é também necessário para a manutenção social. É justo, portanto, dizer aqui que não foi também uma fatalidade a escolha desta palavra para permear estas linhas: fora cuidadosamente designada para tal a partir da leitura de Nossa Senhora de Paris – outras destas notas que vamos tomando vida adentro, literatura afora. Encontramos aqui um empate. Três outras situações não fatalistas: 1) elementos sociais fornecidos a determinados grupos para pensar; 2) os lugares destinados ao livre pensar; 3) nossas escolhas de ponto de partida para a estruturação e comunicação do que temos pensado. Voltando à nota, diz Vitor Hugo:

Há alguns anos, ao visitar, ou, melhor dizendo, ao esquadrinhar Notre-Dame, o autor deste livro encontrou, num recanto obscuro de uma das torres, esta palavra gravada à mão na parede: FATALIDADE. Em maiúsculas gregas, negras de vetustez e muito profundamente talhadas na pedra, não sei que sinais próprios à caligrafia gótica marcados nas suas formas e nas suas atitudes, como que para revelar que fora uma mão da Idade Média que aí as escrevera, sobretudo o sentido lúgubre e fatal que encerram, chocaram vivamente o autor. Interrogou-se, procurou adivinhar qual podia ser a alma que não quisera abandonar este mundo sem deixar o estigma de crime ou de infelicidade na

fronteira da velha igreja. Depois caíram ou rasparam (já não sei bem o quê) a parede, a inscrição desapareceu. Porque é assim que se procede, faz em breve duzentos anos, com as maravilhosas igrejas da Idade Média. *As mutilações vêm-lhes de todo os lados, tanto de dentro como de fora.* O padre caia-as, o arquiteto raspa-as, depois vem o povo e demole-as. Assim, exceptuando a frágil recordação que o autor deste livro aqui lhe consagra, já nada resta hoje da palavra misteriosa gravada na sombria torre de Notre-Dame, nada do destino desconhecido que resumia tão melancolicamente. O homem que escreveu essa palavra sobre essa parede apagou-se, há vários séculos, do meio das gerações, a palavra apagou-se por sua vez da parede da igreja, a própria igreja se apagará em breve talvez da Terra. Foi sobre esta palavra que se fez este livro.”

Março de 1831”¹⁷⁵

Então estar só é o ofício de pensar e visitar as palavras. Sigo pensando nas palavras que por ventura se apagam... apagam mesmo? Como é que as palavras ficam ao longo dos séculos? Habitam em nós, a medida em que se encontram com outros. As palavras se modificam e podem até se apagar. Lembremos, contudo do poeta Drummond de Andrade que muito bem nos disse: “de tudo fica um pouco...”. Ficam seus sentidos que vão atravessando o tempo nas batalhas que os grupos travam para que elas possam sobreviver. É este o ofício também de pensar com as palavras: deixar que elas existam e que se contem através das muitas histórias que constituem o mundo. (Será uma fatalidade que, neste momento, a Vila vá se enchendo de sons? Serão chocalhos? Pandeiros? Vem vindo ali uma outra mulher e sua mala... Sons... e a Vila se enchendo... as janelas se abrindo.)

Outra Mulher chega à Vila

A mulher e sua mala. A mulher não sou eu... (acaso poderia ser?); E a mala? Não é a minha... mas acaso também poderia? A mulher então caminha com calma. Sorri. O vestido

¹⁷⁵ Hugo, Vitor. Nossa Senhora de Paris. grifo nosso

coloriiiiidooo confundindo asas de borboleta: é a alegria que chega devagar na Vila dos Confins. A mulher, a mala e a alegria abancam-se de frente à igreja. Sem nem pigarrear, com pandeiro na mão, a mulher canta:

“Oh de casa dê licença! Dê licença pra gente entrar! É que um mundaréu de histórias trouxe aqui para te contar!”¹⁷⁶

Os olhares atentos; as pessoas vão se chegando, fazendo círculo de frente à igreja. No primeiro degrau da escada a mulher apoia sua mala. Delicadamente, retira de dentro dela objetos e, magicamente, de cada objeto saem encantos. Vai a mulher mexendo os objetos e soltando palavras de encantamento. As palavras eram mais ou menos assim:

“Dizem que no passado, há muitos e muitos anos atrás, existiu um Jabuti que só se preocupava em colecionar sabedoria. Aquela tarefa lhe custou muitos e muitos anos. E um dia, examinando toda a sua coleção de saberes, ele chegou à conclusão que já tinha todo o conhecimento do mundo. O Jabuti então pegou um jarro beeeeeem grande e cuidadosamente colocou cada pecinha de sabedoria dentro desse jarro.

Mas depois... ele tinha um problema! Ele precisava encontrar um lugar seguro para guardar aquele seu jarro enorme! Como é que ele ia fazer isso? O Jabuti então pensou pensou, pensou... ai finalmente teve uma ideia! – já sei! Já sei o que vou fazer! Eu vou lá pro meio da floresta... eu vou procurar assim uma árvore beeeeeem alta colocar o meu jarro lá no alto da arvore! Ninguém nunca vai imaginar que lá no alto da arvore tem um jarro assim tão valioso!

Foi isso que o jabuti fez: ele pegou o jarro, pegou uma corda e saiu pela floresta. Quando ele finalmente encontrou uma árvore assim bem grande, ele pegou o jarro e a corda e amarrou o jarro assim na sua frente... na sua barriga e ele... ele... ele... foi tentar subir. Aí o Jabuti tentava assim subir para o lado, mas ele, ele... ele... ele tentava subir assim, mas ele não conseguia se movimentar direito porque o jarro assim, na sua frente, impedia seus movimentos e ele não conseguia chegar nem na metade do caminho...

Ai! mas ele não desistiu não! Ele tentou uma vez... e fracassou uma vez! Ele tentou a segunda vez... e fracassou a segunda vez. Ele tentou três vezes e fracassou todas as vezes!

¹⁷⁶ A apresentação é da professora, contadora de estórias, mestre em artes cênicas pela UNIRIO, professora de artes da SME-RJ, Thaian Leal. Thaian participou desta pesquisa compartilhando relatos de sua experiência como artista docente e aparece neste ensaio como a personagem *A Trovadora*.

Quando ele já estava cansado de tanto tentar, ele ouviu uma vozinha assim, fininha, falando com ele: - psiu! Psiu! Oi! Oi!

E quando ele olhou... ele viu um Jabutizinho pequenininho, um Jabutizinho criança que disse pra ele assim: - Porque você não tenta amarrar o jarro nas suas costas? Assim você vai conseguir subir!

Nessa hora, o Jabuti pensou que ele já tinha todo conhecimento do mundo mas ainda assim não era suficiente para ele executar uma tarefa tão simples que era subir numa árvore. E ele seguiu a dica do Jabutizinho: ele pegou o seu jarro enorme e amarrou nas suas costas, no seu casco e finalmente conseguiu subir. E nesse momento o Jabuti percebeu que não fazia sentido ele guardar todo aquele conhecimento só para ele porque ainda lhe faltava muitos outros saberes. O Jabuti pegou o jarro e o jogou lááááá de cima... E o jarro foi caiiiiiiiiiindo..... Caiu! Quebrou! O vento passou e espalhou cada pecinha de sabedoria pelo mundo inteiro! E dizem que é por isso que até hoje todos os povos e em todas as culturas do mundo há muitas formas de sabedorias; dizem também que ninguém é tão sábio que não possa aprender mais. E assim me contaram essa história lá da Nigéria, assim contei para vocês.”¹⁷⁷

A Trovadora.

A mulher que acabara de chegar na Vila dos Confins era *A Trovadora* e despertara em mim o desejo da escuta. A escuta atenta. A escuta que ensina, que alarga o mundo da gente por dentro. Uma escuta que nos expande e que nos mostra que os caminhos vão se cruzando; uma escuta que mostra que o conhecimento mora nos diversos fazeres. O que me coube foi apenas escutar... e assim ouvi mais um pouco:

“... Cada história é um universo por isso que o nome do nosso projeto é mundaréu... diz Paulo Freire que é necessário ler a palavra ver o texto e o contexto. Cada história é um mundo de possibilidades, um mundo de sonho, um mundo de encantamento e a partir desse

¹⁷⁷ Estória contada por Thaine Leal no projeto “Mundaréu de Histórias” disponível em >>> <https://www.youtube.com/@mundareudehistorias9341> <<< último acesso em 07/01/2023.

contato com as narrativas orais o indivíduo... ele consegue também ler criticamente o seu próprio mundo, né? ler criticamente o mundo ao redor...

Bom ... estou falando um pouco de mim: dessa minha trajetória. Eu acho que me entendo hoje enquanto uma mulher periférica (...) isso constitui a minha identidade. Então é preciso dizer que eu fui também uma criança que cresci na periferia do Rio (de janeiro)... isso tem algumas limitações, mas tem também muitas vantagens para uma criança. Minha família? Veio de Minas para o Rio - veio do interior de Minas para o Rio para tentar a vida ... era uma família muito pobre.

Estudo? Minha mãe foi terminar seus estudos já depois de adulta, já quando tinha filho; minhas tias também... então era uma família assim muito pobre que tinha muitas limitações de acesso às coisas. Então eu cresci também um pouco dentro desse ciclo: minha família não tinha (o que algum filósofo que eu não sei o nome vai dizer... ou ... eu acho que é um sociólogo? Não lembro... mas que fala sobre capital cultural. Acho que é o Bordier...) então minha família não tinha aquilo que falam: capital cultural. Minha família não tinha esse capital cultural. Não tínhamos acesso ao conhecimento acadêmico, ao teatro, a cinema, show ... então eu cresci também um pouco dentro dessa realidade (...)

Então a escola, por exemplo, era o um grande portal para outras coisas... fui a primeira vez ao teatro com uma escola; tive acesso à leitura, aos livros, dentro da escola; foi assim que tive acesso também ao teatro. O fazer teatral dentro da escola. Então a escola cumpriu ali um papel muito importante na minha vida (...) mas dessa importância, só fui me dar conta depois. Mas ao mesmo tempo, quando a gente pensa assim, o que que é o teatro? o que que são as de histórias? A gente pode ampliar também essa nossa ideia do que que é a arte, do que é o teatro e entender que também todos nós somos um pouco artistas, não é? Então, ao mesmo tempo que a gente não tinha esse acesso (na infância), eu também fui uma criança que brinquei muito! (...) brincava ali do faz de conta; brincava ali com as outras crianças do bairro, da rua... então a gente tinha essa experiência de socializar, das brincadeiras de roda (...)que isso também alimentava o meu imaginário, a minha criatividade. Acho que isso também foi muito importante, depois, na vida adulta (...)

Então ao mesmo tempo que a gente teve essas limitações (do capital cultural), dessas coisas, acho que tive também esse outro alimento - que era esse alimento ali, do convívio com as outras crianças; esse alimento da brincadeira; esse alimento da Terra, sabe? Esse alimento da natureza ... É que a gente morava numa casa que tinha um quintal beeeeeem grande assim. Acho que em alguns lugares hoje isso também não é tão comum ... eu vejo que os quintais estão diminuindo... as próprias moradias estão diminuindo. (é a coisa do

apartamento...). Então (na infância) eu tive um quintal assim, muito grande! Me lembra até o Manoel de Barros quando fala que “o meu quintal é maior que o mundo”. Talvez fosse mesmo que para mim o meu quintal fosse maior que o mundo! Era um quintal cheio de “fruta no pé”! (E não tinha muro! era servido às crianças!). E a gente passava pela cerca para ir um para a casa do outro...

Olha... minha mãe tinha uma piscina - comprou uma vez pra mim uma piscina de plástico. E aí no verão a gente passava tomando banho de piscina (... ehheh memória que vai longe!) Acho que isso tudo, como já falei, foi um alimento para minha para minha vida criativa. Era a infância se fazendo.”

O Ser artístico.

A Trovadora que chegara à Vila parecia ter poderes que não se podem imaginar. Parece até que lia a mente da gente por dentro dos olhos; parece até que raptava os sentidos da gente pelos ouvidos mesmos... A Trovadora ia trazendo para perto todo aquele pensamento de retirância: retirar-se dos espaços pré-determinados. Trazia para perto este sentimento a medida que falava de si; contava amiúde sua vida sem apagar a dimensão política do que é viver. Trazia consigo (e compartilhava com o mundo) a insatisfação da dificuldade de romper a fronteira do determinismo. Ia suscitando uma vontadinha de dizer muitas coisas... mas o pensamento que chegou aos confins volta-se aos ouvidos. A escuta. E as palavras que entram pelos buracos dos ouvidos não são assim como os tatus? Não se sabe... Antes que se possa divagar mais em pensamento, a narrativa da mulher traz aterra:

“Acho que todos nós somos contadores de histórias e ouvintes de histórias. E todos nós somos atores. Somos artistas - sobretudo na infância. Mas a contação de histórias enquanto uma linguagem artística apareceu em minha vida muito por conta do teatro... Comecei a fazer teatro na escola e fiquei completamente apaixonada! Assim: a gente diz que foi mordido pelo bichinho do teatro! Alguma coisa aconteceu que me envolveu muito: eu fiquei muito fascinada pela linguagem do teatro dentro da escola! Tinha uma professora - que não era professora de teatro (...) eu fui aluna da rede municipal ... então também a gente não tinha aulas de teatro (no currículo escolar). Mas tínhamos uma professora de sala de leitura

que fez um curso de teatro, um curso livre. Ela não era profissional (do teatro) mas resolveu ali compartilhar o conhecimento dela com os alunos da sala de leitura e fez uma oficina de teatro... e eu fiquei completamente encantada! Eu lembro! Lembro que um dos exercícios que ela fez era um exercício de contação de histórias. A gente tinha que escolher um livro e contar essa história que a gente leu do livro... foi um exercício de contação. Eu fiquei completamente apaixonada...

Mas depois saí dessa escola. Já em outra escola (no segundo segmento) tinha professor de teatro... então eu continuei fazendo teatro ali, na escola - mas também fui fazer cursinho livre de teatro. Quando eu falei com a minha mãe que eu queria fazer curso livre de teatro... Bom... fui fazendo teatro. Até que em algum momento ela (minha mãe) viu que era isso o que eu queria enquanto profissão: fazer teatro! Mas não sabíamos muito bem como que era isso de fazer teatro (...) Eu queria! Queria fazer teatro! Queria ir mas, não, não, não! Para mim não tinha essa “coisa” de ser contadora de histórias ou de ser professora de teatro! Eu nem entendia (não sabia) que se podia fazer uma faculdade para dar aula de teatro; eu também nem entendia que se poderia ser uma profissional de contação de histórias - porque a contação de histórias ainda não era uma linguagem para mim.”

O pensamento que salta, confuso, entre ouvir e intervir; ouvir e dialogar. Mas o pensamento só pensa: é preciso que as coisas estejam encarnadas em nós como linguagem? É preciso que as coisas aconteçam primeiro como linguagem? Nós somos, então, linguagem? E como que, com suas habilidades generosas de quem conta histórias e vai interagindo mesmo é com o pensamento da plateia, a mulher fez uma pausa média. Como se soubesse minhas interrogações, A Trovadora prosseguiu:

“Lembro que nessa época falei que queria fazer teatro. Foi um susto muito grande para minha mãe! Ela achou absurdo! Porque ela achava que não tinha como... que o teatro era só uma coisa de lazer e que não era uma profissão! E, se não era uma profissão, então não tinha como ser um profissional disso né? E minha família, como falei, nunca chegou à universidade. Minha família sempre aquela coisa: terminar o ensino médio e ponto! - Porque assim: as mulheres da minha família, na geração da minha mãe, nem o ensino médio conseguiam completar porque já tinham que trabalhar para ajudar em casa. Então elas foram terminar o ensino médio já com filhos, na fase adulta. A geração que veio depois era sempre aquela coisa: conseguir terminar o ensino médio, mas: terminou o ensino médio? Tinha que

arrumar um trabalho - no comércio, ou qualquer um para fazer de carteira assinada (que dava uma segurança) ...e também já ajudar (financeiramente) em casa.

Então meio que era essa lógica. O que rompeu com essa lógica? Quando falei que eu queria fazer o teatro! Foi! Foi conflito muito grande! Em casa éramos só eu minha mãe - minha mãe foi mãe solo, né? A gente brigou muito ... mas eu “peitei” assim, a ideia (de fazer teatro) e comecei a fazer. Como? Através de políticas públicas, já do Governo do PT. Foi assim que consegui entrar na universidade. Era uma universidade privada porque eu não consegui passar na universidade pública - na verdade eu nem tentei passar na universidade pública: eu não tinha horário para cursar na Universidade Pública porque a faculdade era o dia inteiro eu tinha (eu precisava!) trabalhar. Então o que eu consegui foi fazer uma faculdade à noite. O fato é: entrei na Universidade por causa do dos programas (educacionais) do (governo) PT.

O fato é que foi no ensino superior, quando e comecei a fazer licenciatura em teatro, somente aí é que fui entender que eu poderia ser um profissional naquilo, que eu poderia ser professora, inclusive. (Acho que eu estou me perdendo um pouco nas histórias ... mas espera aí que eu vou voltar)”

Vida, Arte e Conhecimento.

Necessidade alguma de linha reta? Que as histórias não são assim mesmo? Vão tomando conta de nós. As memórias... tão generosas em contar um mundo. Que se misture com a ficção? Vá lá! Que o mundo também não é um pouco dessas coisas que nem se sabe se viveu mesmo... Que tem tanta coisa que vivemos que nos aparece tão absurda... que mal há! Talvez seja este o lugar da literatura mesmo: misturar-se às memórias e assim compartilhar os conhecimentos dentro desta microesfera que, ecoando, reparte-se e agrega-se neste lugar macro que é o viver da gente... Contar histórias... o que deveras ser? Serve? Será que em algum momento a gente é ensinado a parar de contar e de ouvir histórias?

“Bom, agora entrando mais aí, nessa coisa da contação de histórias... na época em que eu estava quase entrando na faculdade, eu já estava ali também querendo me profissionalizar, querendo viver do teatro. Foi quando eu tive dois encontros muito potentes com a contação de

histórias - um foi quando eu estava trabalhando como animadora de festa infantil (eu comecei a trabalhar com 15 anos, animando festas). Então eu estava animando uma festa que acho que era num bar que tinha um espaço infantil – sabe assim? um bar super chique no Leblon? Então tinha um espaço infantil. A gente estava lá fazendo animação. De repente chegou uma contadora (de histórias) para se apresentar. Era a Ilana Pogrebinschi. Ela é uma grande contadora de histórias (até hoje!). Ela chegou para se apresentar. Chegou assim com uma mala, sabe? Uma mala que nem era uma mala cênica: era uma mala assim, de viagem. E aí ela montou um palquinho; da mala ela tirou um palquinho, uns bonecos e um violão. Então ela fez uma apresentação que durou, sei lá, uns 50 minutos. Eu fiquei completamente encantada com aquilo, com a simplicidade; com como aquelas histórias eram lindas! E aquilo me mobilizou! Eu fiquei, acho, que com o mesmo encantamento que eu tive lááááá quando comecei a fazer teatro na escola. Senti a mesma coisa, ali, naquela contação de histórias. Fiquei apaixonadíssima por aquele trabalho, sabe? A delicadeza dela... era tudo tão simples! E tudo ela carregava ali: numa mala! Então eu pensei: gente! Eu quero fazer isso também! Como é que faz isso?

Guardei essa memória e fiquei com essa vontade. Pouco tempo depois eu tive um outro encontro (ai... agora já não me lembro a diferença ... se foi no mesmo ano... se foi um ano depois... mas foi... bem, parece que foi bem perto assim, uma experiência da outra). Então conheci uma amiga que era contadora de histórias. Ela me levou no workshop da Bia Bedran - que eu já era super fã! Mas, da Bia Bedran, eu conhecia muito mais trabalho musical do que do que a contadora de histórias que ela é. Eu conhecia a contadora só assim, dos cd's (as histórias que ela gravava...). Neste workshop com a Bia Bedran eu estava ali... quase fazendo meus 18 anos... dos 17 para os 18 anos e estava nesse conflito com a minha mãe; a gente estava passando muitas situações em casa (que eram além da questão de ser atriz, de viver de teatro: eram outras questões pessoais que a gente enfrentou em casa). Mas aí, a Bia Bedran me contou uma história (quer dizer: ela contou uma história. Não somente para mim, mas parecia que ela estava falando comigo, sabe?). Ela contou uma história que era uma história de uma música dela, que dizia 'perdi o meu anel no mar, não pude mais encontrar...', mas, naquele dia, ela fez isso no formato de contação de histórias. Foi quando ela falou: 'tem coisas que as ondas levam e tem coisas que as ondas trazem'. Eu fiquei assim, muito mobilizada com a colocação dela. Muito mobilizada com a oficina dela. Senti que ela estava ali, naquele auditório, contando aquela história para mim! E foi aí que mais uma vez me acendeu essa coisa assim de querer ser contadora de histórias, de querer contar as histórias, porque eu achava aquilo muito lindo! eu achava aquilo um encantamento muito grande! Eu

queria fazer aquilo! Ali, mais uma vez, guardei aquela coisa: um dia eu vou também fazer isso!”

Memória, Arte e formação.

O que é que a arte pode fazer na formação de uma pessoa? Fico aqui pensando enquanto escuto A Trovadora que chegou à Vila dos Confins para seu ofício de contar histórias. Contou a história do Jabuti – que não pode ser entendida como nossa história mesma? Pensar como é que vamos fazer nossos conhecimentos chegarem a determinados lugares? Decidir o que fazer com aquilo que conhecemos? Pensar sobre como estes conhecimentos se espalham sobre o mundo e mesmo pensar se existe hierarquia de saberes?

As histórias que nos chegam, trazidas na memória, no corpo, dentro de malas ou de jarros, não serão também, em certa medida, a mobilização para o encontro da linguagem com que cada um se relacionará melhor com o mundo? Será ao acaso que as crianças se interessam tão mais pelas histórias que a maioria dos adultos? Ou será porque a criança possui essa capacidade de mobilização pelo encantamento que vamos perdendo ao longo do tempo com o endurecimento das demandas cotidianas da vida adulta? Questões que se abrem e se apresentam, mesmo quando nos confins... é neste ponto que a escuta torna-se elucidatória: demorar-se em ouvir, pensar e não precipitar-se ao fazer, falar. A experiência do outro como construção do conhecimento de si para a elaboração de um fazer no mundo que considere as diferentes práticas e saberes. Escutar e assim pensar como uma pessoa chega a ser o que se é. Contou A Trovadora acerca de si:

“Eu já estava na faculdade. Então eu falei assim: eu vou contar história! eu quero contar história! E aí eu mesma fiz meu próprio trabalho: minha primeira sessão de contação de histórias. Eu pesquisei ali algumas histórias que eu já conhecia: eu só contava 3 histórias. Mas foi com as histórias que eu comecei a trabalhar... mas eu lembro que eu fiz com muito cuidado, sabe? Eu peguei cada história, eu pesquisei como é que eu ia contar, qual a linguagem que eu iria utilizar... eu não tinha muito repertório de contação de histórias - tanto no sentido do repertório de contos, como repertório de performance. Porque pra mim, a referência que eu tinha era Ilana e a Bia Bedran (tanto que a minha contação no início - eu

acho que até hoje - tem muito disso: muito música). Então eu tocava (até hoje toco muito mal violão)... mas coloquei ali uma música no violão. E o pandeiro que eu comecei a aprender... e coloquei pandeiro também... então tinha muita música por causa da Bia Bedran e também tinha muito boneco, né? Que era uma referência da Ilana...

Então construí esses trabalhos (...) foi muito no intuitivo e, mesmo sem ter muito repertório, fiz com muito cuidado, sabe? Isso de pesquisar cada material... eu quis ensaiar cada história... e aí comecei a contar! Lembro que os dois primeiros lugares onde eu me apresentei (eu escolhi dois lugares para fazer a minha estreia) foram: uma praça pública (onde eu passei parte da minha infância, e em que a minha família ainda mora nesse lugar). Aí eu contei, ali na praça. Reuni as crianças e comecei: apresentei o meu trabalho. O segundo lugar foi na escola onde eu estudei, na escola onde eu comecei a fazer teatro. Era voltar lá, no lugar onde tudo começou...”

Voltar ao lugar onde as coisas começam... o desejo do retirante – que sabe da importância de seus começos e de suas referências. Voltar aos Confins... Sigo pensando enquanto A Trovadora conta:

“E aí depois eu também fiz uma contação num posto da Maré¹⁷⁸ que é um posto que eu vou até hoje. É um posto de saúde que tem um projeto lindo de contação de histórias que já acontece há treze ou quatorze anos... é uma coisa assim. Já tem mais de 10 anos que vou lá (contar histórias). Então eu comecei a entrar nesse lugar da contação de histórias: de cabeça! Comecei a pesquisar e comecei a amadurecer também enquanto contadora (de histórias). Lembro que teve um momento que eu fui para um festival de contação de histórias - que era um festival onde tinham contadores do Brasil inteiro. E ali eu vi pessoas do Brasil inteiro contando histórias... eu vi como é diverso; eu vi como é uma profissão. (...) muitas vezes a gente pensa assim, que a contação de histórias é um anexo do teatro, sabe? E o ator que também é contador de história é um “plus” do ator... não é assim! As pessoas (muitas pessoas) vivem só na contação de histórias. É o seu ofício principal!

Esses contadores - que apresentavam seus repertórios - traziam também ali o seu território, na sua forma de narrar as suas histórias. Então eu vi toda a diversidade desse Brasil imenso, sabe? E também toda a diversidade desses contadores de histórias, que contam também as histórias dos seus lugares; contam também as suas histórias... e aí, aquilo me

¹⁷⁸ Comunidade periférica da Zona Norte do Rio de Janeiro.

fascinou ainda mais! (...) aí, nessa época que eu já era contadora de histórias, que eu tinha me entendido contadora de histórias, na época em que fui nesse festival, eu também já era professora.

Assim que eu acabei a faculdade passei no concurso público para dar aula no Muniz¹⁷⁹ e teve uma coisa muito importante que eu acho que foi a minha descoberta de *artista docente*, de professora-contadora de histórias e professora-escutoras de histórias. Quando eu entrei para dar aula, lembro que foi muito difícil, foi muito desafiador, por muitas questões. Quem é professora sabe: são muitas aulas; uma carga horária muito pesada, sem estrutura... e aí eu não sabia o que fazer! Então comecei a contar histórias. Fui contando histórias ... e aí, em algum momento eu percebi que tinha uma certa diferença entre a professora e a contadora de histórias lá de fora... eu não entendia que as duas coisas se alimentavam, que eram meio que interdependentes; e aí, em algum momento (que eu acho que foi também muito por conta do mestrado, quando fui fazer mestrado em ensino de artes cênicas) fui pesquisar a contação de histórias na sala de aula. Essa era a minha pesquisa. Eu não tinha nem muito objeto: estava ali meio que... perdida! Eu só queria fazer algum negócio! (e que bom que aprovaram meu projeto, porque hoje eu vejo o meu projeto e falo: meu Deus! eu não me aprovaria! Mas aprovaram... gostaram da minha ideia...)”

Viver é mesmo muito diverso e misturado. Por isso mesmo, perigoso? Que um sentente vai sempre se sentindo como fraude; que a gente vai aprendendo a se sentir insuficiente, por comparação. A Trovadora que chegara a Vila dos Confins e contava assim sua própria história aprendera ao longo da vida a duvidar de si mesma; aprendera a desconsiderar seus pensamentos e suas construções. Talvez porque o modelo que vimos seguindo de educação e pesquisa define que um pesquisador trata com “objetos” bem definidos; trata com “objetivos” claros a serem comprovados ou refutados; trata, muitas vezes, de um saber de fora... os modelos que vimos apresentando de pesquisa, mesmo na área da educação, ainda pretendem, em sua grande maioria, o nivelamento: uma régua, que coloque o saber como um único grande saber.

E não importa o quanto falem nas Universidades, nas aulas para formação de professores, que cada sujeito é único e que, por isso, deve-se valorizar o conhecimento de cada um. Na hora do Deus esteja, de apresentar um projeto de pesquisa e principalmente a pesquisa em si, existe um modelo a ser seguido. Um modelo de linguagem e de escrita. E não

¹⁷⁹ Escola Municipal da Zona Oeste do município do Rio de Janeiro

se pode conhecer o mundo e contá-lo com outras linguagens? Mal algum? O rigor científico há de ser sempre o mesmo? Aliás... num mundo tão diverso, num mundo que já anuncia que não pode mais ser visto (e vivido) tal como foi até aqui, cabe o pensamento do rigor? O pensamento do cálculo? Que este pensamento é necessário muitas vezes, não vamos dizer que não seja... mas que ele seja o único aceitável, nem não sei... Volto à escuta atenta...

Os entraves das pesquisas

“Aí eu comecei a contar história e comecei a fazer o mestrado. No mestrado eu comecei a pesquisar a contação de histórias na sala de aula; comecei a pesquisar os alunos contando histórias. Então não era só eu mesma contadora de histórias, mas eram também esses alunos contando histórias, a gente investigando juntos a contação de histórias. Foi uma pesquisa assim... muito importante para mim. Mas hoje, quando vou ler a dissertação, eu vejo (...) eu tenho muitas críticas! Às vezes até entro em crise! Falo: não era isso que eu queria ter escrito! Acho que eu poderia ter feito uma coisa melhor...”

Neste ponto o pensamento inteiro volta-se para mim. O que é que não estamos conseguindo fazer para mudar o fato de que as múltiplas linguagens sejam sempre postas à prova? Para mudar o entendimento de que existe um único modo de fazer e comunicar uma pesquisa? Que tenhamos autocrítica, que amadureçamos e descubramos novas formas de fazer a mesma coisa, vá lá! É o caminho natural do conhecimento e do autoconhecimento. Mas que desconsideremos nossa capacidade de pensar; que adoecemos; que nos sintamos insuficientes, não é algo para colocarmos em questão? Se num país em que chegar à graduação é algo ainda muito restrito e que ainda demanda muitas lutas no campo de políticas sociais de acesso, os estudantes da pós-graduação (que é ainda infinitamente mais restrito) coloca-se à prova sua própria trajetória de construção e comunicação de saberes, o que pensar do que se tem exigido aos estudantes da educação básica? Se, como adultos, muitas vezes já inseridos no mercado de trabalho, sentimo-nos inseguros, infelizes, incapazes e insuficientes, o que não sente a criança que passa pela primeira vez pela experiência social da escola? O mundo é político, social, econômico... mas também não haverá de ser dos sentidos? Escuto, logo penso:

“Hoje vejo que a pesquisa não é só a dissertação em si: mas o todo que foi (é) a pesquisa em si; esse trabalho que desenvolvi junto com os alunos: a gente contar, investigar juntos a contação de histórias. E também... um pouco da minha descoberta de artista docente; de professora contadora de histórias; de alunos contadores e protagonistas das suas histórias. Isso fez toda diferença para eu entender o meu lugar; meu lugar ali, naquela sala de aula; meu lugar de artista. E enfim isso alimentou muito! Alimentou meu trabalho! Hoje eu entendo que eu sou isso: sou essa contadora de histórias e sou também essa artista docente, essa professora contadora, professora pesquisadora... e essas coisas são interdependentes. Eu tenho também o meu trabalho fora das salas de aula. Eu vou para os lugares... mas é o que eu faço fora da escola que também alimenta a minha prática em sala de aula. Então (...)”

Como dirá o personagem do Riobaldo (que é muito grandioso): é preciso ter a cabeça voltada para o total! Talvez, muito intuitivamente, eu já tivesse a certeza de que era preciso adentrar nos Confins. Esperar nos confins o que ali se apresentaria. Cheguei procurando uma professora sem rosto e sem nome, pelas memórias de um pequeno caderno de textos autorais que um dia foram cuidadosamente digitados por uma professora que me informou: seus pensamentos possuem validade. Você é suficiente.

Coisa boba entender que somos suficientes no mundo... será? Uma criança que vive sua vida diversa, sua infância diversa, seus conhecimentos diversos, há de sentir um alento em sentir-se assim... “bastante” para aquele mundo outro que é a escola. Num mundo em que as pessoas adoecem seus sentidos cada vez mais, em que é crescente a procura por medicamentos para regular as emoções; num mundo em que crescem os índices de automutilação e mesmo o suicídio entre crianças e adolescentes, não será hora de olharmos com mais cuidado para a forma como a educação vai se fazendo?

Talvez, frear o entendimento de que a educação é majoritariamente sobre aprendizado e domínio do uso da linguagem formal e seus aspectos; do domínio de fórmulas matemáticas, físicas e químicas; da capacidade de relacionar espacialidade e datas. Talvez, avançar sobre uma educação que valorize também os fazeres artísticos como expressão e autorregulação; de entender que os conhecimentos nos chegam e se acomodam em nós de maneiras diversas e que isso não desqualifica o conhecimento que se pretende científico: apenas possibilita que cada um trilhe um caminho para apreender.

Ouvir então A Trovadora é como ouvir a mim mesma, outra vez. É como ver ali, encarnado em outra pessoa uma parte de mim mesma. É ver-se representada nas angústias, nas incertezas, mas também nas possibilidades de fazer e acreditar nos caminhos de formação

e autoformação. É perceber que, por mais que exista a necessidade de validação de um determinado conhecimento por instituições de ensino, a formação que nos leva até estas instituições se dá também para além das avaliações que nos colocam dentro destes espaços; é perceber que a formação é também e sempre uma autoformação que tem a ver com as com as lutas políticas de acesso ao conhecimento que se dá, muitas vezes, principalmente para as populações periféricas, de acesso a cultura. Pensar estas coisas e seguir a escuta atenta... escutar tem fim?

“(...) falando nesse lugar de ser mulher pesquisadora... é uma coisa que me faz pensar. Traz muitas reflexões(...) o que essa coisa de furar bolhas. Eu acho que (...) a gente viver furando bolhas... eu me sinto assim: a pessoa que vive furando bolhas! E agora que eu tive Violeta (filha), eu fiquei pensando muito nessa coisa... que eu tenho uma relação também com a escrita... escrever a sua prática é muito legal! É muito legal que você dá uma consistência para o trabalho, e que ele te dá uma percepção sobre si mesmo... mas eu me vi assim (...) agora com a maternidade, um pouco impossibilitada de tentar um doutorado... com uma criança ainda bebê e trabalhando 40 horas... nessa vida louca!

É... sobre a pesquisa: o mestrado foi muito bom para mim. Foi uma experiência muito rica e me fortaleceu muito, assim, em diferentes níveis. Primeiro que, um dos meus sonhos, quando eu comecei a fazer teatro (eu entendi que isso era o que eu queria para minha vida), era fazer UNIRIO¹⁸⁰. Eu tinha um sonho de estudar na UNIRIO e não consegui entrar, por diversos fatores, e fui para uma faculdade privada - através de políticas públicas ali, do Governo Lula e Dilma. E sempre fiquei com esse sonho da UNIRIO e, ao mesmo tempo, tinha uma baixa autoestima também por não ter feito UNIRIO, sabe? Diante dos meus outros colegas de teatro.

Me formei numa universidade privada, mas queria ter feito o UNIRIO - que foi algo que depois eu resolvi. Resolvi. Enfim superei isso. E aí o mestrado foi a realização de um sonho, de entrar na universidade pública! De me sentir: “caramba”! Estou aqui! E hoje eu vejo que era eu que via a universidade pública como algo inalcançável; e hoje eu vejo que que é um espaço que nos pertence; que infelizmente a gente vive numa desigualdade tão grande, que nos tira esse lugar; que muitas vezes a universidade pública se torna o lugar das pessoas que tem mais grana, que tiveram acesso a educação privada e depois vai pra para a universidade pública. Acho que essa desigualdade nos afasta dessa universidade, que é nossa!

¹⁸⁰ Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

A universidade pública é nossa, e hoje eu entendo isso! Que é o meu lugar ali... é o meu lugar também!

Quando eu entrei no mestrado eu não sabia muito que eu queria. Eu lembro que eu tinha uma ideia, que era pesquisar a contação de histórias dentro da escola, mas não sabia muito o que fazer. Eu tinha pouquíssima experiência com a escrita acadêmica porque ao longo da minha graduação eu escrevi muito pouco. Fui muito pouco estimulada a escrever. Então eu não tinha nenhuma habilidade com a escrita acadêmica. E aí eu fui entrar para o mestrado e, primeiro, me via ali no lugar de: o que eu estou fazendo aqui? Como é que eu fui aprovada? Nisso... Bati muita cabeça! Mas eu tive uma orientadora muito especial (...) que é uma grande professora e que pesquisa a pedagogia teatral. Ela foi minha professora da graduação, lá na Estácio¹⁸¹. Uma pessoa muito generosa...

E aí, ela, com todo o carinho - que eu acho que é uma coisa que a gente tem que começar (começar não: já deveria ter começado!) a desconstruir essas relações abusivas entre professor e aluno, orientador e orientando... entre diretor de teatro e ator... há muitas relações abusivas nesse lugar, nesses lugares... eu acho que a gente tem que desconstruir isso, e minha orientadora foi uma pessoa totalmente acolhedora. Ela foi uma pessoa ali, que chegou junto comigo, que estava ali me amparando realmente, me apontando caminhos como um orientador acho que deve fazer...

E aí é o que que aconteceu na pesquisa? Eu relatei duas práticas de contação de histórias, uma no CIEP¹⁸² que eu trabalhava e a minha ideia, a princípio, era falar sobre os contos afros que eu já pesquisava junto com os alunos e que eu contava junto com os alunos (como eu falei: construindo junto com eles... às vezes só eles contavam; às vezes só eu contava; mas, muitas vezes, a gente conta junto). E aí, uma das práticas eu relatei desse CIEP que eu trabalhava e a outra era de uma escola que fica aqui no Cesarão¹⁸³, que eu acho que foi a parte mais amarradinha da minha dissertação - que foi o que se transformou num artigo, foi um exercício em sala de aula. Eles começaram a contar histórias do bairro deles, aqui do território... do Cesarão. E eu achei aquilo muito legal! Eu falei assim: vamos trabalhar isso! E aí, essa prática que inicialmente seriam os contos africanos, ela se tornou numa prática com as narrativas orais aqui do Cesarão, que foi algo que me mobilizou muito e que a gente, a partir disso, montou um espetáculo, apresentou na escola e virou essa parte da dissertação.

Esse relato de experiência que está na dissertação (que inclusive isso é algo que eu

¹⁸¹ Universidade Estácio de Sá. Instituição da rede privada de Ensino

¹⁸² CIEPs são Centros Integrados de Educação Pública, surgidos na década de 1980.

¹⁸³ Bairro de Santa Cruz, Zona Oeste do Rio de Janeiro.

quero levar para o doutorado, que eu continue investigando com os alunos essas histórias que são histórias que não fazem parte da história oficial e então quando você vai procurar, ali, na História, qual é a história de Santa Cruz, sempre vem aquela coisa do Império...da monarquia... da Princesa... e pouca coisa dessas comunidades periféricas). Então isso me interessou muito. Eu vi que isso era uma potência muito grande: narrar o seu território é narrar é também a si mesmo; é também ser contador da sua própria história, dessa história que não está nos livros; dessa história que não faz parte da história oficial. E aí eu comecei a investigar isso e aí, esse processo todo se deu né durante dois anos (que é o tempo do mestrado). Eu acho que é muito... é tudo muito rápido! Acho que o mestrado é muito rápido. São dois anos, mas, escrever mesmo, assim, se debruçar sobre a escrita, é mais ou menos um ano. Porque um ano você fica ali fazendo disciplina e meio que entendendo o que você vai fazer da vida até você se achar e começar de fato a escrever... então eu acho que é pouco tempo...

E pouco tempo também para a gente que trabalha né, 40 horas. E eu também tinha meu trabalho de artista nos finais de semana... e aí tinha que conciliar isso tudo. Então eu fui fazendo... eu fui fazendo.... fazendo.... fazendo... e chegou. Teve que publicar; e foi aprovado. E foi! E aí, depois de um tempo, quando eu fui ler a minha dissertação, teve uma época que eu fiquei muito em crise. Eu já tinha defendido a dissertação, eu já tinha passado e aí eu fui reler o trabalho: me deu uma crise profunda! Eu fiquei muito chateada porque houve muitos erros... houve muitas falhas. Eu comecei a não me orgulhar do trabalho que eu tinha feito porque, é isso: foi um trabalho feito nesse contexto.

E claro que eu acho que quem pega um trabalho para ler, não tem que pensar que a pessoa que escreveu aquela dissertação trabalha 40 horas, é artista e tudo mais; acho que não, né? você vê ali um trabalho. Você vai ler um trabalho; mas eu acho que depois de um tempo eu elaborei isso. Eu entendi que eu não posso fazer isso comigo mesma; entendi que eu preciso considerar isso, que eu não posso me tirar do contexto. Então falo assim: não! Eu fiz esse trabalho dentro desse contexto e furei muitas bolhas. Então é o que eu pude fazer de melhor. Aí conseguir fazer essa elaboração e entendi agora, que essa dissertação de mestrado não encerra ali.

Olhar para si

Eu acho que a minha pesquisa é muito bacana; eu acho que o que eu construí com os alunos, o que a gente construiu juntos é muito potente, é muito transformador, mobiliza. É importante, é necessário... mas a dissertação em si não é boa. Não acho que é bom. E faço essa autocrítica: não é bom o que eu escrevi. A minha dissertação não é boa, mas eu acho que uma pesquisa não se encerra na dissertação. Eu acho que a ideia do que foi gerado, o que aconteceu, é necessário.

Mas aí, o que é a vida... estes dias um artigo meu, que foi um resumo da minha dissertação, foi publicado num livro! (...) Fui ler. (...) E aí eu fiquei tão feliz... tão orgulhosa! Não só orgulhosa de mim, mas orgulhosa do trabalho dos alunos. É um trabalho que é tão árduo... ali num livro publicado! E é um trabalho que fala de contação de estórias, que fala sobre a contação de histórias na escola pública. Uma escola pública que é na periferia... então a gente pensa todos os atravessamentos que a gente tem; a gente pensa todos os esforços que a gente faz; a gente pensa tudo o que também dá errado e que aquilo ali (a contação de histórias) é uma brecha lúdica; aquele trabalho ali é uma brecha lúdica! Então aquilo me deu também um novo “respiro”, sabe?

Eu defendi minha dissertação em 2018 e o trabalho foi publicado agora (2022). E aí rever aquilo num livro... assim... me deu um respiro! Me deu novamente uma vontade de voltar para academia... para fazer essa escrita - inclusive fazer essa escrita (...) mais poética. Essa escrita que, claro, tem ali uma metodologia... até uma certa rigidez acadêmica... eu não sei se tem que ter uma rigidez... mas acho que... não sei! Vou pensar sobre isso (se tem ou não que ter uma certa rigidez... talvez uma disciplina. Uma disciplina tem que ter? Rigidez talvez não seja o nome...mas pode ser lúdico pode ser poético, né?)

Li um trabalho assim... de teatro. Um artigo que era assim: super poético... a gente pode fazer isso, né? Tem como fazer isso... então... é algo que... que eu quero. Voltar assim que eu puder... ir lá, furar mais essa bolha. (...) alguns autores da pedagogia do teatro, que são os autores que pensam o teatro num lugar do da formação humana, pessoas que pensam o teatro como um campo de conhecimento que pode ser experimentado não só pelo ator, por quem quer ser ator, mas por todas as pessoas, e, inclusive, pode estar nos espaços formativos como escola. Então esses autores pensam o teatro dessa forma e desenvolvem uma metodologia (...). Então esse termo, artista docente, eu não sei dizer com precisão qual foi o autor que cunhou esse termo... na verdade, eu nem sei se foi um termo criado especificamente por alguém, ou se foi algo que foi sendo construído...

E o que é esse artista docente? É o professor que ele está na sala de aula e ele não fica só no lugar de mediador; ele não fica só no lugar ali, de diretor ou de provocador: ele faz; ele cria junto com os alunos. O diretor, na verdade, também. Não é que o diretor não cria: mas é que esse ser criativo que não é “o cara” que vai ali ministrar uma aula somente. É o cara que vai ali, fazer junto; que vai criar junto. Eu costumo dizer para os meus alunos da licenciatura (que são os futuros professores de teatro, que vão atuar no Município, no Estado, na escola privada), que eu acho que a escola é um lugar ainda muito “careta”; um lugar assim... que é rígido. É um lugar “quadrado”. Um lugar que vai ali reproduzir muitas coisas de sua sociedade capitalista, que a gente vive. Dessa sociedade machista, racista, homofóbica...

É que uma escola está dentro desse contexto, e, muitas vezes, a escola não rompe com isso. Muitas vezes reproduz também, e, para além disso, as burocracias: todas as cobranças que vem “de cima pra baixo”. Essa relação não horizontal que o governo tem com quem está na escola, com quem está ali no chão da escola. Então, por todos esses motivos, acho que a escola, às vezes, é um lugar muito... muito rígido, sabe? E a gente que é artista, muitas vezes se sente muito sufocada dentro da escola, muito desanimada e muito desvalorizada.

E aí nesses momentos tenho que ver, como falei, essas brechas lúdicas - que é criar junto com eles (com os estudantes); contar a história junto com eles; fazer cenas junto com eles e não estar só ali no lugar de mediar, de pedir para que eles façam: mas a fazer junto.

Então, quando eu estou na sala de aula, não sempre, mas muitas vezes, eu estou também como artista. Porque... quer dizer: sempre estou como artista, mas muitas vezes (...) crio junto com eles. Então eu sou uma professora artista e sou uma artista professora. E o meu ofício de artista contadora de histórias, alimenta a minha prática em sala de aula e a minha prática de sala de aula alimenta a minha a minha prática de artista (que está, às vezes, fora da escola).

Voltando lá para os meus alunos de licenciatura... eu digo para eles assim: façam a escola ... (se a escola não consegue ser, mas façam vocês), façam a sala de aula de vocês um lugar criativo, um lugar que você cria junto; um lugar que você pensa a arte junto, porque se não, o sistema vai te engolir; porque senão, você vai ser aquele professor que chega na escola e assina o ponto e entrega um planejamento e acabou! Aí “lança” a nota e acabou! Aí muitos artistas que vão para a escola, adoecem na escola porque compram esse papel do professor que tem que dar nota; do professor que tem que cobrar o planejamento; do professor que tem a prova teórica. Isso para mim, que sou do teatro, não faz o menor sentido... não faz o menor sentido! O que que faz sentido é essa brecha que você vai ver uma cena que às vezes vai acontecer na sala, naquele momento, naquele dia conturbado, que você dá milhões de aulas e

que você já está exausto, alguém vai fazer uma cena que você fala: que cena “maneira”; ou você vai contar uma história junto com os alunos que vai falar: que momento legal, de escuta, de entrega coletiva...

A gente tem que se apegar, eu acho, que é com isso: o olhar do artista para a escola. Não ver o lugar ali que você vai só assinar o ponto, que você vai cumprir ali aquela carga horária de 26 tempos de aulas semanais - porque isso é muito rígido, isso é muito quadrado, e isso vai é minando a nossa criatividade... Porque (eu acho) que o sistema, ele está pronto para acabar com a criatividade... eu acho que a gente vive no numa estrutura que não permite você ser diferente, que não permite você ser criativo. E a própria escola vai tolhindo o aluno que tem um jeito diferente, que tem um jeito extrovertido, que tem um jeito mais criativo; vai tolhindo... não só a escola, mas também toda a sociedade.

Acho que o nosso papel está aí: nesse lugar de falar assim: não! vamos “pirar” aqui dentro, entendeu? Às vezes eu me sinto “isso” dentro da escola. É claro que isso não é fácil: ser a professora diferente... às vezes você é vista como a maluca! vai lá, a maluca! É a professora de teatro maluca... mas por que é isso? Porque a sociedade não está pronta para isso, né? Ela (a sociedade) vê o artista às vezes como esse cara que é “o maluco”, “o doidão”, “o não sei o quê”. Mas ao mesmo tempo que nos vê dessa forma, também tem uma certa admiração...

O artista docente

Então eu acho que o artista docente é a pessoa, é o professor, que não necessariamente precisa ser o professor de arte: pode ser qualquer outro professor. Mas é o docente que consegue ver poesia na escola; que consegue ver aquele espaço da sala de aula como um lugar poético; consegue ver essas brechas lúdicas.

Teve um dia que eu estava indo trabalhar e, no BRT¹⁸⁴ (transporte público) e aí eu estava num dia assim: “tão de saco cheio”... e entrou uma mulher. Ela entrou com uma maquiagem e com uma roupa super diferente. Com maquiagem vermelha. Ela pegou um caderno (que não tinha pauta). Eu meio que eu olhei assim... e ela começou a escrever. Eu

¹⁸⁴ Sistema rápido de ônibus (Bus Rapid Transit); transporte coletivo

acho que ela estava escrevendo uma poesia... eu acho que ela estava escrevendo sobre aquilo ali que ela estava vendo. Eu achei tão lindo aquilo! E aí eu comecei a escrever sobre a menina que estava escrevendo poesia no BRT. Eu falei: nossa! Que legal! A pessoa consegue entrar aqui no BRT e ver poesia aqui dentro... e aí, a partir disso, eu também vi a poesia e comecei a escrever. E aí eu acho (...) que esse exemplo serve, porque é isso: como ali dentro do BRT (que é um negócio assim, cansativo, cheio, lotado, não sei o quê), como é que você vai ver poesia ali dentro? como que você vai fazer poesia ali dentro?

Então acho que a escola é um pouco disso: porque a escola é cansativa, a escola é o lugar que às vezes a gente não quer mais estar; é o lugar que a gente já “tá cheio” e, como dentro desse contexto, a gente consegue ver poesia, fazer poesia. Como, dentro desse contexto, a gente consegue uma brecha lúdica para criar, para respirar, para fazer esse espaço mais criativo, mais humano? um espaço mais crítico... que deveria ser a regra, e não exceção. mas infelizmente, a gente ainda é a exceção...”

Aquilo tudo que eu ouvia fazia piruetas por dentro. Levava-me novamente ao Cerco de Lisboa e aquele certo Raimundo... A Trovadora falava suas experiências e eu sempre ouvia entre aquelas palavras: “sem querer ofender...”. A Trovadora não julgava: contava suas experiências e transparecia suas afetações. Eu ouvia atentamente. Encaminhava-se ao fim aquele diálogo que somente acontecia entre as palavras da Trovadora e meus pensamentos? Sim. Eu ali abria um diálogo que acontecia entre as histórias que ela contava e minhas próprias experiências que não compartilhava em voz alta, pela única decisão de estar em construção deste pensamento que, ao mesmo tempo, quer findar-se, mas que anseia por algo que estará depois da Vila dos Confins.

Nem me dava conta, no entanto, que estavam ali em diálogo, outras mulheres. Estava ali com suas malas, suas bagagens e suas experiências atentas ao que dizia A Trovadora; aquela Trovadora que compartilhava conosco não só suas experiências profissionais, como seus sentimentos acerca do mundo, de seu fazer, de seu habitar este mesmo espaço-tempo; estavam ali atentas outras, que assim como nós duas (A Trovadora e eu), buscavam em suas práticas educativas, habitar o mundo de maneira mais poética e assim, compartilhar este mundo com seus alunos em sala de aula. Ouvi então outra voz. Era a voz de uma

Professora¹⁸⁵. Abriu diálogo e apresentou-se:

“Sou nascida e criada na comunidade do morro dos macacos em Vila Isabel (Zona Norte do Rio de Janeiro). Desde muito pequena, minha família, a do meu pai sempre morou lá nessa comunidade – e ainda tem familiares lá. Só depois que eu casei que eu saí de lá...E assim: tudo sempre com muita dificuldade! Minha mãe queria muito ser professora. Passou para (estudar) no Instituto de Educação na Tijuca, mas na época dela, o uniforme era muito caro - aquele uniforme do (curso) Normal. Ela não pôde concluir por conta dessas questões... família muito humilde, de comunidade...

Passei muitas necessidades. Quando cheguei na fase do Ensino Médio, decidi fazer Curso Normal: porque querendo ou não era um meio de eu ter uma profissão; em meio a tantas dificuldades... a gente não tinha essa facilidade (de curso, de nada: tudo é muito escasso) e eu tenho mais 3 irmãos. Então tudo era dividido; ali tudo era complicado: minha mãe trabalhava um pouco, mas também, depois ficou “Do Lar”; meu pai, desempregado... enfim: eu optei por duas escolas de Curso Normal: uma era o João Alfredo, também em Vila Isabel e a outra era o Instituto de Educação na Tijuca. Passei para as duas, só que, como... (aquela coisa de mãe e filha):era aquele sonho da minha mãe (que ela nunca pôde concluir o Ensino Médio Normal, que era o sonho dela). Então (...) eu já tinha esse anseio de embarcar no Instituto. E eu passei. E fiquei no Instituto de Educação. Comecei a ter essa experiência do magistério, ali naquela instituição (que por sinal é muito maravilhosa: não só um cenário: ele por si só já respira pedagogia).

E aí em 1999 eu me formei. Sabe que quando a gente se forma é muito difícil, né? O ingresso no magistério... Você, se você não tiver conhecimento, você não consegue muita coisa...e assim: eu comecei a dar aula numa escolinha em Andaraí. Uma escola em que eu não ganhava quase nada (quase nada mesmo!). As turmas eram mescladas porque não tinha muito aluno e era uma dificuldade muito grande (porque o diretor não queria pagar!) Era (uma escola) tipo filantrópica. Então, toda vez que tinha dinheiro, não dava! Era aquela dificuldade toda.

Depois saí de lá e comecei a trabalhar dentro da própria comunidade que eu morava, numa creche comunitária. A princípio não tinha vaga de professora e eu iniciei como recriadora pela Secretaria de Assistência Social - na época em que a Educação ainda não

¹⁸⁵ Ethienne possui Curso Normal em Nível Superior pelo ISERJ – Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro; é professora de educação Infantil pela SME- Mesquita e SME- Nova Iguaçu, ambas secretarias municipais de educação de cidades da Baixada Fluminense do Rio de Janeiro. Aparece neste ensaio como a personagem A Professora

gerenciava as creches. Então eu era empregada de uma ONG que oferecia esse trabalho (...) e ali, dentro comunidade, eu comecei a ter contato com a educação popular. Ali, pra mim, foi uma escola realmente. Digo que foi uma escola até os dias de hoje, porque eu tinha uma coordenadora maravilhosa (...). Ela sempre se preocupou com a questão do protagonismo infantil; ela sempre colocava pra gente que o protagonismo tinha que ser da criança; (...) foi ali que eu comecei a ver essa realidade: de começar a fazer um trabalho mais voltado para a criança, com a participação deles (tirando o foco da “folhinha xerocada” - não que fosse uma proibição, uma folhinha...mas dar valor mais ao trabalho feito mesmo pela criança: uma construção diária com a criança).Ali eu comecei como estagiária da turma de 3 anos. Ali fui aprendendo “fazer junto”, (também com a bagagem que eu já tinha desde o curso normal).

Eu achei que era pouco e resolvi fazer a faculdade. Mas eu não tinha condições de arcar com uma faculdade particular - porque eu não tinha mesmo, por conta das circunstâncias! Então prestei vestibular (na época era exame de qualificação)... e é aí eu tinha que fazer todo aquele questionário... de poder pedir isenção do valor da matrícula... Aquela roda: vai para lá, vem para cá...

Então eu fiz (vestibular) para a UERJ¹⁸⁶, para a UNIRIO e para o próprio Instituto de Educação (que na época tinha o antigo Curso Normal Superior). Passei para (estudar pedagogia) na UNIRIO à noite e passei também para cursar o Normal Superior no Instituto de Educação. Não consegui entrar para a UERJ. Mas na época que passei para no vestibular, a comunidade que eu morava era muito “pesada” (violenta). Então para chegar de noite era muito complicado e eu não tinha apoio meu pai: ele não me dava apoio, tipo, para me esperar lá embaixo (na entrada) da comunidade subir. Então eu tive que, praticamente, abandonar a vaga na UNIRIO e ficar no Instituto de Educação, porque mesmo sendo um curso normal superior, (...) era mais próximo da minha casa. Então comecei a fazer o Curso Normal Superior e conclui lá.

Nesse meio tempo, voltando um pouquinho lá onde eu trabalhava, na creche comunitária, a gente tinha contato com muitas formações - que também tinha esse “gancho” do protagonismo infantil. A gente tinha “capacitações” no Morro do Chapéu mangueira; tinha... cursos de formação continuada; a gente tinha, uma escola no Chapéu Mangueira, e uma creche popular também no chapéu mangueira, que a gente fazia vários cursos. (...) Então... por mais que nós não fôssemos, não tínhamos a nossa carteira (profissional de) professora, a gente sempre procurou fazer um trabalho de excelência, de tudo o que a gente

¹⁸⁶ Universidade Estadual do Rio de Janeiro

aprendeu nas capacitações. E foi ali que eu peguei muito desse viés de, até hoje, estar trabalhando com essa questão do protagonismo da criança, de colocar a criança como centro do processo (educativo), da gente ser o mediador e estar construindo, criativamente, a cada dia, alguma coisa junto com as crianças.”

Reconhecer-se em outras.

Ouvir mais este relato, de mais esta mulher, o relato da Professora, que também encontrava-se assim, talvez não tão ao acaso na Vila dos Confins, me faz pensar quantas exceções estão por aí existindo à espreita, sustentando poeticamente a educação e resistindo para o processo de suas próprias formações; faz pensar, além disto, como as histórias se repetem, como se aproximam e como, a partir desta autoidentificação que vamos percebendo através de outras vozes, somos impulsionadas a uma coletividade; retorno assim à história de Canudos; lembro dos “vencidos” que foram “vencendo” a partir de estratégias, ora de fuga, ora de resistência, e, em qualquer das hipóteses, buscando a coletividade. Pergunto-me, portanto, a quem interessam pesquisas que relatam práticas e que debruçam-se muito mais sobre as histórias de “fracasso” da educação (principalmente da educação pública) do que sobre estas histórias da educação que emancipam e que proporcionam aos sujeitos (principalmente aqueles e aquelas das classes populares) uma certa mobilidade social (ou pelo menos a melhoria de sua caminhada em direção a uma vida social e economicamente mais justa).

Existe aí uma linha muito tênue entre a denúncia que busca evidenciar problemas na educação para assim tentar mobilizar as esferas políticas em prol de melhorias para o fazer educativo nas escolas e a denúncia que afunda ainda mais estas práticas criticadas sob o jugo social e que acaba por ascensionar ainda mais a educação privada (e porque não pensar, que acabam por apoiar, ainda que sem pretensão, o projeto de privatização da educação). Por outro lado, ao escolhermos colocar em destaque estas práticas que por vezes apresentam-se como exceções, intencionando, talvez, mostrar que é possível uma educação que se pretende mais justa, mais sensível, criativa e colaboradora (principalmente entre professores e educandos), há de se ter cautela para não despontar num discurso meritocrático, em que acaba-se por entender que “o professor pode, apesar de”.

São questões que caminham juntas, no entanto. O professor, como parte do processo educativo, precisa ter condições de buscar, fazer, viver sua formação que, mais tarde, se desdobrará em sua prática educativa em sala de aula. Pensar este viés significa que, assim como até aqui, principalmente a partir do relato destas duas mulheres professoras, mães, pesquisadoras, evidencia-se o fato de que toda formação e olhar sobre e para a educação é perpassado (ou, pelo menos, precisa ser) por políticas públicas de formação e de acesso (não só a formação acadêmica, mas também de formação humana em geral, nos encontros com outros e com a cultura). Pensar também que o percurso formativo de cada ser humano acontece diferentemente, dentro da história de vida de cada um. Isto também significa dizer que cada um encontrará sua própria maneira de aprender e de relacionar-se com o aprendizado adquirido, bem como, cada um encontrará sua própria maneira de estar em diálogo, compartilhando este conhecimento com o mundo.

Conhecer não precisa ser competitivo, nem doloroso, nem difícil; conhecimento que se mede serve para ingressar em determinados espaços (caros ao mundo capital, como universidades, empresas, concursos públicos) e, por isso também, é necessário estar atento ao currículo de nossas escolas. Dizer que a escola pode ser um lugar de aprendizagem que se faça de maneira mais poética, criativa e protagonista, não significa dizer que os sujeitos envolvidos ali, naquele processo, não incorrerão em aprender habilidades que ainda são cobradas e medidas nos concursos. Sim! Uma incoerência. Mas é preciso que saibamos que, mesmo para parar a engrenagem, é necessário estar na engrenagem.

Ou seja: é necessário falarmos de nossas práticas educativas para que possamos pensar, não só sobre elas (sobre estas práticas), mas sobre como nós mesmos estamos vivenciando estas práticas. O problema da educação (principalmente da educação voltada e que acontece nas classes populares) ainda está para ser identificado: não há como ter certeza de qual problema influencia na prática educativa que desagua no “fracasso escolar”: possuímos indícios. Acreditamos que a valorização profissional influencia (melhores formações, melhores salários, melhores condições de trabalho, que, vão desde o acesso as tecnologias até o quantitativo de alunos em sala de aula); acreditamos que a participação efetiva das famílias no processo formativo do educando faz total diferença; acreditamos que investimentos dos poderes públicos nas escolas também podem auxiliar na melhoria da educação.

Contudo, ainda não vivemos uma experiência utópica na educação. Tudo o que temos são indícios – e isso é muito! Mas o que vamos propondo aqui, a partir destes relatos, e mesmo a partir desta escrita que se pretende fronteira entre pensamento, linguagem, poesia e

arte, é assumirmos que nossas pesquisas não darão conta de resolver os problemas (que ainda estão sendo identificados); nossas pesquisas não resolverão nem mesmo os problemas que porventura, já foram identificados... então, para o que servem nossas pesquisas? Poderá servir para o que dizia Galeano, de sua utopia? Para que não deixemos de caminhar.

Talvez nossas pesquisas possam tocar nas questões profundas da humanidade – questões que estão presentes em cada ser humano e que não são uma abstração; questões que variam sempre entre o real e o subjetivo e que, talvez por isso mesmo, não apresentará resposta única ou solução concreta para os problemas enfrentados (no cotidiano e na pesquisa). Mas talvez nossas pesquisas, ao tocar nestas questões, possam servir para que, quando um sujeito entre em contato com elas, possa pensar de novo sobre o mundo; possa confrontar a si mesmo de maneira que suas práticas retornem para a sociedade pretendendo-se em diálogo com ela; talvez nossas pesquisas possam comunicar a outros que também desejam-se pesquisadores a possibilidade de fazer-se pesquisador dentro de sua individualidade (e isso não tem a ver com o apagamento da disciplina ou do rigor acadêmico, mas sim com tornar possível, também na pós graduação uma educação que aconteça dentro da diversidade, dentro do grande mundo que habita em cada um).

Mas estas coisas são todas suposições deste pensamento que vai findando... são todos apontamentos do pensamento que acontece quando em diálogo com a literatura – que é onde a vida acontece entre a realidade e a ficção; que é onde a vida se faz na poesia e no grotesco; que é onde a vida irrompe as barreiras que nos parecem intransponíveis. O mundo (e a vida) são para se supor... o mundo é onde a História confunde-se com as Estórias; o mundo é onde o sujeito comum faz-se extraordinário; é onde o poeta canta a vida; o mundo é a Linguagem...

As possibilidades do pensar

Vida, ó bela, ó terna ó santa, vida
É breve, é grande, é tanta vida
Ai, de quem não te canta, ó vida

Diante da vida delirante
Ai, de quem, vacilante
Repousa e não ousa viver
Deve passar toda existência

Entre o medo e a ansiedade
Não quero ter calma
Eu quero ser tempestade
Eu quero ser ventania
Eu quero andar pela cidade
Me embriagando de poesia
Bebendo a claridade
Da luz do dia

Diante da vida comovente
Ai de quem, tão somente
Reclama e não ama viver
Deve ter feito dentro d'alma
Um vasto mar de amargura
Não quero ter agonia
Eu quero sim, a loucura
O fogo da fantasia
Um precipício de aventura
A vida vindo como orgia
No vício da procura
De todo dia

Diante do espelho dos seus olhos
Ai, de quem não se vê
Não vê seu destino
Eu quero ver meu desatino
Frente a frente e poder dizer
Você é quem sempre me dá prazer
Entre você e a calma eu quero ser você, ai

Diante do abismo do mistério
Ai, de quem se esconder
Não, não vai saber
Eu quero o salto pra vertigem
De mim mesmo e poder dizer
Eu era o caos e o caos eu quero
Eu quero o nada, o germe
Eu quero a origem de tanto querer, ai

Diante da vida que é sublime
Ai, de quem se reprime
E e ausenta e nem tenta viver
Deve ficar olhando o mundo
E lamentando sozinho
Não quero ter letargia
Eu quero ser rodado
Eu quero ser travessia
Eu quero abrir o meu caminho
Ser minha própria estrela-guia
Virar um passarinho
Cantando a vida assim
Cantando além de mim
E além de além do fim

(Salmo. Paulo Cesar Pinheiro. Rafael Rabelo)

Os pensamentos agora vão me informando que é possível e necessário encontrar e ver beleza na vida. Talvez seja este o intuito de tanto fugir/se retirar: ir em busca de enxergar e viver a vida com certa beleza, mesmo nas “obrigações” cotidianas. Seria treinar o olhar e os

ouvidos para, embora perceber a crueldade do mundo, suas desventuras e injustiças, não abandonar o mundo; não se afastar dele; não se desencantar nele. Seria perceber o mundo mesmo, mas ir ressignificando também a maneira de lutar para modificá-lo; dizer das diversas maneiras de existir e entender que ser combativo é estar atento cotidianamente para que não nos deixemos sucumbir pelas estruturas que nos cercam. Isso significa colocar uma cortina sobre as injustiças do mundo? Não. Mas antes significa encontrarmos maneiras de não sermos nós mesmos os agentes perpetuadores destas injustiças as quais pretendemos combater.

Para isso serve a arte. Para estarmos em contato com o mundo de maneira que possamos olhá-lo para além do que ele se pretende; para olharmos para nós mesmos e identificarmos também nossa arrogância, nossa crueldade, nossos autoritarismos, nossa ânsia pelo poder, nosso racismo, homofobia, misoginia, xenofobia e tantas outras coisas que incorrem na subjugação dos outros. A arte nos coloca vigilantes sobre nós mesmos. A arte nos apresenta uma rota de fuga destes lugares.

Acho que já disse, mas acho necessário repetir eu fugir não é o mesmo que se esconder: fugir é estar em constante movimento, é buscar afastar-se das coisas que nos fazem mal e ir incansavelmente ao encontro de algum Oásis. É escalar montanhas, arranhar-se em meio ao caos, lançar-se muitas vezes no abismo na (in)certeza que existe um lugar mais justo, onde as coisas podem acontecer de forma digna para todos nós. A fuga é o caminho da Utopia de Galeano; fugir é sair do lugar estabelecido por outros para si (e por vezes tomados por nós mesmos como uma verdade absoluta e intransponível).

Sou aquela que corre, que se retira. Sou A fugitiva. Fujo dos lugares a mim destinados. Mas agora percebo que não fujo sozinha: fujo com outras mulheres que, assim como eu, decidiram enfrentar seus fantasmas cunhados nesta sociedade de certezas, de categorias de análises que insistem em enquadrar as pessoas como coisas que podem ser vistas como peças de museu; fujo com outras mulheres destes momentos paralisantes que se apresenta frente ao desconhecido; fujo, assim como muitas outras mulheres, dos estereótipos de mulher, mãe, professora, pesquisadora e tantos outros papéis sociais que vão nos sendo impregnados feitos naftalinas nas velhas roupas que não podemos nos desfazer.

Encontrar-me com as histórias destas mulheres aqui, nos confins, me faz pensar que não há quase nada neste feminino que possa estar isolado do mundo. Não podem estas afetações femininas estar estarem isolados no mundo, mesmo havendo particularidades que se aplicam a cada uma de nós, pois, estas particularidades, nos habitam, mas não se encerram em nós mesmas: avançam como avalanche sobre cada uma e, muitas vezes, nos enterram, sufocam, matam.

Estes acontecimentos avançam sobre cada mulher, mas, é na medida em que se encontram nas vozes de outras mulheres, que também vivem suas experiências situadas num espaço-tempo, que podem ser compreendidos e pensados contextualizadamente, para então, a partir de narrativas próprias (de si, mas que revelam muitas vezes aquilo que também ocorreu com outras) reivindicar outros espaços – sejam eles na sociedade, pensando de um modo mais “macro”, ou na vida acadêmica, pensando num universo mais “micro”, por exemplo.

Bakhtin (1997) em seus estudos sobre gêneros discursivos já trazia para nós importantes ideias sobre dialogismo, estrutura e estilos textuais, o que nos impulsiona a outros lugares: produzir discursos e enunciados só é possível quando situados historicamente. Este lugar histórico, no entanto, não tem que ver somente e exatamente com a linha do tempo, com cartografias e etnografias, mas também com a história de si, com a história de cada indivíduo e de sua subjetividade (ainda que a história não seja algo particular, mas algo que, como um prisma reflete na sociedade na mesma medida em que a história de dada sociedade reflete no sujeito). Existe uma implicação pessoal no registro e na busca pela história. Boaventura de Souza Santos (2004) já nos advertiu que todo conhecimento é na verdade um autoconhecimento.

Então, tenho olhado não só para mim mesma nesta caminhada-fuga – mas tenho me permitido pensar no encontro com outras vozes e experiências (aqui, nos confins, muito especificamente as vozes femininas) e tenho me perguntado o que é que me afeta em relação a estas outras mulheres que me faz necessitar tanto da escrita, quanto da escuta enquanto fujo? Haverá resposta? – os pensamentos que se alongaram são novamente enriquecidos pela voz que primeiro encontrei na Vila dos Confins e que se colocou em diálogo com a voz da Trovadora:

“A utilidade, né, que esse mundo capitalista exige... que tudo tenha uma utilidade, né? Uma utilidade que vai sempre servir ali, as demandas do capitalismo, do mercado de trabalho... então a escola, muitas vezes, opera nesse lugar de formar indivíduos para fazer parte do sistema capitalista; para trabalhar; para gerar lucro e não pensa na formação humana, na formação crítica dessas pessoas, na formação integral. Pensar o indivíduo como como um ser integral, pensar em todas as suas totalidades... muitas vezes não pensa! Então dentro desse pensamento tão pequeno, a arte... ela a inútil! A gente vai ser inútil! E isso é questionado muitas vezes! Por que que tem a ver? Parece recreação... parece festa? E é isso: sempre desprezando o brincar; desprezando a felicidade; desprezando a alegria... como se a recreação não tivesse um sentido; é maravilhoso brincar! E o teatro é a brincadeira também, não é?”

É... mas isso dentro desse sistema, não tem muita utilidade. Então acho que por isso que a gente tem aí na escola uma hierarquia de saberes: você tem mais tempo (de aula) de português, mais tempo (de aula) de matemática e um tempo de Arte, um tempo de educação física... porque é mais importante você saber escrever e ler do que do que fazer teatro, por exemplo. Eu lembro do Krenak também, falando naquele livro dele “A vida não é útil”, que a gente tem que pensar é que as coisas vão ter que pensar utilidades, que eu tenho que pensar em ser, tem que pensar em viver; pensar, experimentar; ser e estar aqui, pensando a sua totalidade. Eu acho que isso é algo que as culturas tradicionais têm muito a nos ensinar: pensar o ser humano como ser humano que é a mente, que é corpo, que é sentimento... que é muita coisa...”

O que a Trovadora trazia em suas entrelinhas era a necessidade de descolonizar o pensamento; a necessidade de pensar nossos fazeres no mundo sob outros pontos de vista; pensar mais a fundo, a partir de outras narrativas. Validar e agir a partir do pensamento daqueles que A História que se pretende única, chama de “vencidos” – mas que não o são, como temos visto até aqui.

O pensamento que se pretende descolonizado pode chegar então ao buraco de tatu. Neste buraco que fui vendo crescer e que parece não ter fundo; neste grande buraco que é pensar. Neste momento, juntando estas falas todas, juntando pedacinhos desta escrita que foi se fazendo de fronteira em fronteira, de buraco em buraco, neste momento pensei assim em todas as metáforas que que nos ajudam a pensar. Pensei no tatu, na mosca, na aranha; pensei no chamurro preso, com sua barriga pegando fogo; pensei no viveiro em que os mil pássaros bebiam da mesma água e comiam no mesmo cocho. Pensei nestes encontros. Decidi não pensar mais. Decidi perguntar. Sentia assim a necessidade de ouvir uma história sobre tatus... Senti que talvez, esta história me ajudasse a encerrar os pensamentos nestes confins de mundo. Só as pedras sabem de suas necessidades...

- Histórias de tatu, A Trovadora conhece?

“Eu não tenho nenhuma história de tatu. Mas eu tenho muitas histórias de bichos. E as histórias de bichos, muitas vezes, elas são histórias para ser contadas para as crianças, mas acho que não. Eu acho que elas podem ser contadas para todas as idades! Inclusive é uma das formas de conhecimento da das culturas tradicionais africanas. Se você for pegar ali os contos etiológicos africanos, os bichos (tem muitos personagens de bichos ali), e, essas histórias, elas são contadas também para os adultos. É uma forma de educação; é uma das

formas de educar. E os bichos eles se comportam como os humanos (nas histórias); eles falam; eles têm... eles trapaceiam; eles são invejosos; eles são maléficos, sabe? Eles têm várias coisas ali que são coisas do ser humano, inerente ao ser humano. E aí, isso é uma maneira da pessoa que está ouvindo aquela história se identificar com aqueles personagens e falar: mas isso a gente também vive! É uma maneira de compartilhar daquele sentimento ali, - daquele personagem que é um animal, mas ao mesmo tempo não é você, porque é um bicho! Você não é um bicho... então, tem, eu acho que é... não sei: tem um autor que fala sobre isso. Que é uma maneira de você passar um ensinamento sem ser é coercivo. Porque você coloca um animal falando aquilo... então ao mesmo tempo que você se distancia (porque é um animal), você se identifica também.

O Câmara Cascudo tem uns contos (que é no livro dele, literatura oral), que ele fala sobre isso, que depois na vida adulta, a gente não vai ter surpresas com certas coisas porque a gente já aprendeu com os contos de animais: os animais já ensinaram para a gente. E Walter Benjamin também tem um livro (Criança, Brinquedo e Educação) que fala das fábulas; que as fábulas elas têm ali um ensinamento moral e são sempre os bichos dando esse ensinamento moral e que, muitas vezes, o adulto conta aquela história na intenção de passar esses ensinamentos, mas que nem sempre isso vai acontecer, porque às vezes, a criança, ela está muito mais preocupada em ver o bichinho falar do que ver o animal ali, se expressar do que com a mensagem moral da estória...

Ou seja: pode realmente até passar aquele ensinamento, ou não, porque é isso: a estória você não controla. Cada um vai fazer a leitura daquilo ali que está ouvindo e você não pode dizer que vai ensinar aquilo ali, através da estória. Pode (ensinar) ou não. E, quanto aos animais, eles são muito presentes na literatura oral...

E as estórias, de bichos ou não, geralmente estão na mala. Sobre a mala, eu acho ela é muito presente ali nos contadores de histórias. Muitos contadores utilizam a mala para contar. Para mim a mala é uma coisa de abrir ali... é como se fosse um viajante, traz ali, naquela

bagagem... estórias (e histórias) de muitas culturas e de muitos lugares do mundo. Então é como se aquela mala, como se ela representasse esse contador que passeia por todas essas culturas, que passeia por todos esses povos e que coloca essas estórias ali, naquela bagagem, um momento em que, quando ele abre aquela mala ali, ele está compartilhando essas visões; ele está



compartilhando essas culturas...

Eu acho que é um pouco do que representa a mala para mim, que é esse viajante, que vai guardar ali, naquela mala, todas essas memórias, todos os ensinamentos, todas essas perspectivas, formas de olhar o mundo, de olhar para si mesmo. E no momento em que ele abre a mala, ele compartilha ali, com aquela plateia de ouvintes, aquilo tudo que estava guardado na mala. Como eu falei: a história, o que está ali na mala, vai chegar para cada um de uma forma diferente. Um ouvinte pode ver: que legal o animal falando! um ouvinte pode falar: nossa que legal a mensagem dessa história! Outro ouvinte pode não se ligar em nada achar tão... estranho e querer pensar em outra coisa.

Mas eu acho que é esse momento, o momento que a gente abre a mala... esse momento de compartilhar ali uma mensagem ancestral que está ali guardada, naquela mala.”

E terminando sua fala, A Trovadora fechou sua mala. Despediu-se. Foi ganhar mundaréu de novo. Eu cá, como diria Raimundo, sem querer ofender, vou conjecturando que as estórias estão sempre comprometidas com a arte, com a invenção e assim fazem-se, muitas vezes, brinquedo. Brinca-se com as palavras e com as variadas linguagens. As estórias nem sempre estarão comprometidas com o que se denomina “verdade” de um fato histórico, contudo, estão sempre comprometidas com seu tempo e é assim que vão atravessando o grande tempo da vida. Nós também estamos atravessando... chegamos já ao final? Como diria Riobaldo: *“uma tristeza que até alegre”*¹⁸⁷

¹⁸⁷ Grande Sertão: Veredas, 2001, p. 42.

IX.

Depois dos Confinos: o reencontro com o poeta



O compromisso ético

O mundo sempre se acaba e o que fazemos? Tentamos continuar nossas vidas. Depois da Vila dos Confins não há outro assunto que não a política. Por aqui há? Não podemos deixar de anunciar que a Rota de Fuga que fomos trilhando esteve sempre situada e atenda aos inúmeros movimentos políticos acontecidos ao longo desta jornada. Nossa escolha de habitar literariamente o mundo, em nenhuma hipótese, sufragou o compromisso de pensar, falar, denunciar e assim, assumir um compromisso responsivo sobre a vida que se faz no coletivo.

Olhar para estas literaturas das secas nos auxiliou, através dos diversos olhares lançados por cada autor sobre seu próprio tempo e, por isso mesmo, embricou-se sempre às questões políticas do nosso país, a perceber e a questionar a grande engrenagem de lutas históricas que vimos (e certamente seguiremos) travando ao longo dos tempos.

Mergulhar nesta literatura acentuou ainda mais o compromisso de anunciarmos aqui que, durante a feitura desta pesquisa, estivemos sempre atento ao fato de que houve, declaradamente, nos últimos quatro anos, um projeto de desmonte social que atingiu prioritariamente as maiorias minorizadas: pretos, pobres, população LGBTQIA+, mulheres, pessoas com deficiência, pessoas em situação de rua e todos os sujeitos que não se encontrem dentro do padrão patriarcal, branco e heteronormativo.

Temos o compromisso responsivo de registrar que, apesar da recente mudança de presidência no país, parte de nós ainda tenta se refazer após o golpe de Estado sofrido (que mais cedo ou mais tarde a História há de reconhecer como tal); outra parte – os brasileiros que se identificaram e ainda se identificam com a política pretensiosamente fascista – regozija-se com o horror e caos implantado após a sabotagem sofrida naquele fatídico 17 de abril de 2016, quando a presidenta eleita Dilma Rousseff foi covardemente destituída de seu cargo, num circo de horror midiático nunca antes visto. A democracia mais uma vez desmoronou à nossa frente. Para a maioria de meus companheiros seguiram-se dias de luto e luta. Vimos horrorizados a notícia do assassinato da vereadora carioca Marielle Franco estampar as manchetes de jornais e ocupar as manchetes das mídias sociais. Tentamos, cada um à sua maneira, denunciar o que nos passava.

A história também há de demonstrar que não obtivemos o sucesso desejado: em outubro de 2018, em meio à turbulentas eleições no país, chega ao poder Jair Messias Bolsonaro, o presidente democraticamente eleito mais anti-democrático que o Brasil poderia vislumbrar subir as rampas do planalto. Chegara ao poder a representação de tudo o que não

queríamos acreditar ser possível existir como ideologia em pleno século XXI: o país retornava a passos largos a tempos fascistas, escancaradamente homofóbico, racista, anti-cultural e colonial. Todos nós que entendemos alguma coisa do que acontecera morremos um pouco e todos nós precisamos encontrar uma maneira de continuar. Foi necessária uma reinvenção para que fôssemos capazes de seguir. A busca por esta reinvenção fez com que em tão pouco tempo levantássemos muitas bandeiras diferentes, embora todas estivessem ideologicamente interligadas. Vivemos em menos de três anos o “não vai ter golpe!”, o “Fora Temer”, o “Marielle Vive”, o “Ele Não”, o “Quem mandou matar Marielle?” e por fim (quando o terror já estava consumado) o “Ninguém solta a mão de ninguém”.

Não sou cientista social – o senhor já sabe. Nem tampouco especialista em política-econômica ou geopolítica – aliás, analisando um pouco do que acho que escrevi até aqui, posso dizer que esta tese é parte mais do que Não Sou e do desejo de um Vir – a – Ser do que a certeza do que me tornei durante a caminhada. Por aqui não há certezas ou verdades absolutas. Contudo não tomem esta escrita como algo surgido de lugar nenhum; se puderem, não a coloquem num lugar vazio: esta escrita aconteceu foi em meio a vida mesma; esta escrita aconteceu da própria necessidade de escrever; aconteceu pela necessidade de dizer as coisas talvez, não como aconteceram cronologicamente, mas como existiram em seus sentidos. Esta escrita surgiu no meio do turbilhão de coisas que acontecem na vida de quem deseja (ou precisa) retirar-se (às vezes de um lugar físico, noutras vezes de um lugar metafórico); esta escrita aconteceu pela disponibilidade de ouvir o mundo em redor; de ouvir principalmente as mulheres que atravessam, cotidianamente, uma longa estrada, equilibrando-se na corda bamba que são seus muitos papéis sociais, as muitas cobranças e inseguranças; esta escrita aconteceu a partir do encontro com a ancestralidade; a partir das histórias de retiradas; a partir do encontro com a literatura das secas. Esta escrita ainda está acontecendo, aqui dentro. Vai se findando, é verdade... porque tudo que virá a partir de agora, está mesmo é depois dos Confins.

Daqui por diante, somente *Os Sertões* (que serão sempre eternos, porém, sempre outros sertões). A dificuldade que é compreendê-lo; a dificuldade que é atravessar este sertão... Mas ainda assim, deseja-lo saber; deseja-lo viver; deseja-lo atravessar. Daqui por diante, mais um passo irresoluto; mais uma ideia inacabada; mais um poema que me chega pelas mãos e pelo olhar do poeta. Este outro a quem chamei EXU mas que antes, como amigo atento e experiente que se apresentou já no início desta trilha, quando a mesma ainda nem se apresentava como uma Rota de Fuga, colocou-me a frente do abismo e também pulou nele, logo em seguida. Este outro que, quando em queda livre, propôs que imaginássemos asas e,

como que por um milagre, as asas imaginárias ampararam nosso voo, e impediram nossa queda.

Daqui por diante, adiante? Daqui por diante é comigo, mas também com cada um e por isso mesmo, é sempre sobre todos nós. Neste texto, apostamos na arte. Na poesia. Na entrega da criação; colocamos como premissa o compromisso de pensar sem corrimão sobre a vida mesma; nos dispusemos a pensar a educação como a possibilidade de formação, mas também de autoformação, que ocorre para cada um em seu Ser-Sendo; colocamo-nos como Riobaldo, Como a cachorra Baleia, como a mosca, a aranha e o tatu. Colocamo-nos como ser vivente, que vive com suas possibilidades.

Registramos as coisas como quem vive e enxerga por dentro do buraco do Tatu; falamos por metáforas; entregamos nosso riso, nosso choro, nossa parte mais frágil e incontável; atravessamos nosso sertão e olhamos para a outra margem do Rio sem saber (sem saber meu deus) se aquilo lá é perto ou longe.

Este texto não tem fim, mas pede já por uma pausa. Precisa agora de outras conclusões – que não hão de ser as minhas mesmas? O senhor acha?

Quem acaso tenha se deparado com este texto, talvez, realmente possa tê-lo lido em espanto diante da grande bricolagem sobre a qual ele foi se fazendo, em retalhos de pequenos capítulos, de coisas pensadas aos bocadinhos, no decorrer dos contos sobre a pesquisa (e por isso da vida mesma) de uma professora mulher, mãe, amiga...

Em contato com alguns autores que trataram em suas obras sobre os sertões, esta tese foi fuga, retirância, educação, arte, vida, filosofia, história, literatura e formação – primeiramente para a autora, que espera, sinceramente, ter encontrado eco em outros, que também se percebam poeticamente entre as encruzilhadas de identidade, raça, classe e gênero.

O (re)encontro.

Naquele dia pertinho dum mandacaru, cujo tamanho não sei precisar ... naquele dia, à espreita duma sombra ia pelas veredas, pelos corredores do sertão, procurando um buraco, um ninho para pensar e me esconder do sol, enquanto aguardava o cair da tarde. Um caminhante silencioso procurava o mesmo. Parou bem ali, diante de meus olhos. Mas nos vimos primeiro foi pelos buracos dos ouvidos: cumprimentamo-nos, à maneira dos poetas. Durante aquele encontro sabíamos dois estrangeiros, dois retirantes recém-chegados aquele sertão. Ele como professor e eu como aluna. Ambos com suas malas, inicialmente recheadas de pensamentos silenciosos ou silenciados (?), depois com suas palavras, e, por fim, com afetos. Nos tornamos amigos para sempre: com silêncios e literatura.

Uma marca de nosso inesperado encontro foi, sem dúvida, nossa estranha dificuldade de nos concentrarmos numa coisa só. Frequentemente nossas conversas (ainda hoje) se espalham: perdemo-nos em variados buracos e como duas crianças curiosas vamos cutucando as miudezas, nos encantando com a diversidade de coisas que vão se desvelando nos diálogos, oriundos de todas as coisas, não importam quais: insetos, livros, poemas, músicas, história, política, silêncios, coisas feias e belas, risos e ranger de dentes.

O fato é que pertinho daquele mandacaru nosso encontro também não tinha tamanho: não sabíamos precisar, mas era certo que havíamos celebrado um encontro excepcional: algo que nos tomou de coragem para apostarmos numa travessia rica de sentidos próprios, que ocorrera também sempre em seu tempo próprio, atravessada pela fé na vida, no conhecimento e na arte – coisas essas que, a nosso ver, só podem ser compreendidas pela linguagem: a linguagem de todas as linguagens. Acostumamo-nos a irmos construindo nosso pensamento assim, também a partir do compartilhamento de nossas viagens pela literatura.

E foi em *Guimarães*, em seu *Grande Sertão: Veredas*, que compreendemos mais a fundo o sentido de nosso encontro: Não éramos nem *Diadorim*, nem *Riobaldo*, mas éramos amigos, à nossa própria maneira; foi em Rachel de Queirós que descobrimo-nos sobreviventes, como os milagrosos meninos da seca, de “O Quinze”; foi em Graciliano Ramos que observamos, nos sentimentos da cachorrinha Baleia, de “Vidas Secas”, o que já dizia Saramago naquela obra em que nos retrata a conversa entre o historiador e o revisor em que conclui-se que: tudo que quanto não for vida é literatura; Em João Cabral de Melo Neto fomos dois Severinos, olhando amiúde a “morte e vida severina” fomos nos dando conta de

que realmente, a história, não era mentira, mas também não era vida real; em José Américo de Almeida, “A Bagaceira” era mesmo ser o que nós somos; Em Mário Palmério fomos devagarinho chegando a “Vila dos Confins” e percebendo que o fim também pode ser o início de muitas coisas...

Para além de nosso encontro, é essencial dizer de nós dois que, assim como Raimundo de Saramago, ambos somos fiéis e respeitadores das obras alheias, porém duvidosos do estilo dos historiadores cujo miúdo, o pormenor, não interessaria em nada. Como Raimundo somos, pela ótica do senhor doutor, “uma interrogação com pernas e uma dúvida com braços abertos”. Foi assim que demos de teimar que aquilo que estava nos livros com os quais apreendemos, sem querer ofender, era tudo, tudinho, literatura.

Então, nosso encontro era também uma urgência: precisávamos contar o que a História não conta, muitas vezes, por encontrar-se mais perto das águias do que das galinhas. Mesmo acostumados às cobranças do olhar de águia, que sobrevoa o mundo e conta o que vê de cima, decidimos ciscar como galinhas: miudezas de todas as ordens, pequeninas coisas, os detritos esquecidos, o miúdo da vida, a minhoca, que por vezes estão à beira de um buraco.

No início era o buraco dos ouvidos. Depois foi o buraco do tatu – pensamento fundo e sem fim; foi também o buraco no dente que fez doer, mas não impediu a caminhada; depois, olhando para cima, avistando o céu, foi o mistério do buraco negro: aquilo que não se pode medir, nem saber, nem contar – mas se pode supor e poetizar; era depois já a hora de ciscar a minhoca. Com cuidado... observar o mais minúsculo de todos os buracos. Aquele buraquinho de minhoca que habitou mentes tão brilhantes, fazendo-as aventar a possibilidade de modificar as estruturas do mundo através dele, numa grande viagem, através do buraco de minhoca. *Mente científica? Mente poética? Mente científicopoética.*

Naquele dia pertinho dum mandacaru, cujo tamanho não sei precisar ... naquele dia, à espreita duma sombra ia pelas veredas, pelos corredores do sertão, procurando um buraco, um ninho para pensar e me esconder do sol, enquanto aguardava o cair da tarde. Um caminhante silencioso procurava o mesmo. Parou bem ali, diante de meus olhos. Mas nos vimos primeiro foi pelos buracos dos ouvidos: cumprimentamo-nos, à maneira dos poetas. Eu disse: estava a tua espera. Quero lhe ouvir. Ele então, generosamente, sentou-se sobre a pedra mais alta. Passando a mão pelo bolso, sacou um papel, em que, de contraluz, podia-se ver as sombras dos versos. Então cruzou as pernas de maneira quase tão poética quanto aquilo que escrevera – uma maneira muito própria, que combina com a delicadeza do tom de sua voz. Ali, naquele corredor de cactos, sua voz viajou para dentro do buraco da minhoca:

A voz do poeta

I

Imortal

é o desejo

Inveja

de todo vivente

que deseja

não ficar morto

nem findo

permanecer entre

céus e terras,

homens e deuses

Permanecer entre

Homens e mulheres?

Entre Trans-homens

Homens-trans-mulheres

Mulheres-trans-homens

nem um nem outro.

Tranzam outros de si mesmos.

Inclassificáveis

Outros de si mesmos

Unos.

Únicos.

Irrepetíveis

fenômenos

humanos

profanos de
divinas possibilidades.

Imortal
é o desejo tolo
doce apego.
amor-mundi
amor-fati
amor fáustico
Amor bêbado de
Um pobre diabo
Que pede a Deus
Clemência
não morrer
sem antes
ter padecido
sem antes
tecido
sua roupa de gala
Sua fantasia
de príncipe
de palhaço desnudo,
sem calças,
chapéu
e botinas.

Pelado nas palavras,
palhaças palavras
os palhaços dizem
palhaçadas pelas vias

O rei está nu.
O rei está nu!
O rei está indisposto,

O rei está exposto:
não faz cocô,
nem faz xixi:
fede como a burguesia

O rei está nu!
O rei está nu,
com tudo de fora:
com as ceroulas
frouxas
saúda o povo roto
arrotando vitórias
fingindo alegrias
que o povo não tem

Viva o rei do povo roto
que não arrota sem comer!
Viva o rei do povo roto
de intestino preso
na bosta sem destino!
O povo roto sem destino,
grita, pula, dança, sapatea
evocando sua fé
– quiçá um destino de bosta
para excelsa majestade.

o poeta, costureiro do reino,
palhaço nu nas horas vagas,
tece lentamente com palavras,
sua fúnebre mortalha:
Tece,
destece,
(re)tece
na linguagem do rei

O poeta,
palhaço nu
nas babas dos escritos,
linha por linha
alinha
o que é possível dizer
nos mínimos detalhes
o assim e o assado
de cada coisa
– coisa por coisa no seu
Ser-Aparecer,
Vir-a-Ser.

O poeta, palhaço nu
finge com palavras:
escreve o que sente e vê,
– ou vice-versa: Depende.
Às vezes vê, mas não sente.
Se não sente, não repara.
Não inventa, registra.
Dá forma: organiza o visível.

O Poeta, palhaço nu
sabe que escrever
é sacro-ofício.
Ofício duro no *aí*.
Missão quase impossível:
acenar ao futuro
a partir do aqui e agora.

O poeta, palhaço nu
sabe que é um ponto
entre vários pontos de interrogação:

É a vista de um ponto,
– e ponto.

O poeta
palhaço nu,
finge
– um apelo vão:
não ser esquecido,
não ser mal interpretado.
Escreve com cuidado:
sabe que morre o homem
mas fica a obra.
O poeta escreve pra sempre.

O poeta, palhaço nu
sabe-se um corpo
vestido de palavras!

O poeta, o palhaço nu e livre,
finge sem álibi,
a sua condenação:
ser o *si mesmo*
de modo *extra-ordinário*,
único,
irrepetível,
fora da ordem,
responsável.
Originário:
noús,
nus,
nu.

Nus
somos

o que somos
– como viemos ao mundo

Nus
somos
o que fomos
– quando partirmos

Noús
somos sendo
no aí...

Noús
só,
somos
em si
para si

Noús
Somos linguagem
entre outros seres vivos
vestidos de palavras.

Palavras que nos despem,
nos velam,
nos desvelam.
Os vícios do corpo na alma:
as dores
os prazeres
os pecados.

Palavras que nos velam
nos desvelam
as virtudes da alma no corpo:

as dores
os prazeres
os pecados.

Um só corpo
Uma só alma
corpo-alma
alma-corpo
razão
sensibilidade
perominia
saekula
saekulorum !!!

As dores;!
Os prazeres,
os pecados!

Do seu amigo poeta...

De volta ao início:

Caderno de Campo
(*pertence à Clara Rohem*)

Dia 01, 20 de março de 2008:

Sinto-me uma estrangeira na Universidade. Prédio grande, recém-inaugurado; aqui tudo me interroga e eu não sei bem o que responder. Escrevo estas coisas num corredor, enquanto aguardo o início da próxima aula. Tomo nota para não esquecer as pequeninas coisas que, quem sabe um dia, tenham algum valor. Qual valor? Quem sabe?

As pessoas estão apressadas. Rostos felizes. Sisudos. Muitas vozes. Ainda estou meio deslocada e tento descrever esta paisagem. Talvez com um pouco mais de treino... Também é um pouco difícil manter a concentração: interesse-me demais por tudo a minha volta. Será defeito?

Vem vindo um homem. Parece tão perdido quanto eu. Anda assim, mais calmo. Parece que vem em minha direção – e se ele falar comigo? Se perguntar algo? Terei respostas? Alguém vem vindo...

(...)

Dia 15 de fevereiro de 2023:

Depois de tudo, naquele dia, cujo onde e quando não esqueceremos...

Referências:

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. O perigo de uma história única. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. A invenção do Nordeste e outras artes. 4ª ed. Recife: FJN; Ed. Massangana; São Paulo: Cortez, 2009. 340 p

ALMEIDA, José Américo de. A Bagaceira. Introdução de M. Cavalcante Proença; glossário de Ivan Cavalcanti Proença e José Américo de Almeida. – 45ª ed. – Rio de Janeiro: José Olympio, 2017.

ARBO, Jade Bueno. A Teoria dos atos de fala: desafios e possibilidades. Revista Lampejo. Vol, 07, n 1. P. 183-194

BAKHTIN, Mikhail. Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. – São Paulo: Editora 34., 2017.

BEZERRA, Priscila. O filho é da mãe? Fortaleza. Ed Substância, 2017. 120 p

BIDIMA Jean-Godefroy. Da travessia: contas experiências, partilhar o sentir. De la traversée: raconter des expériences, partager le sens. Rue Descartes, 2002/2, n.36, p. 7-17. Tradução para uso didático por Gabriel Silveira de Andrade Antunes.

BLANCHOT, Maurice. A parte do fogo. Tradução de A. M. Scherer. Rio de Janeiro: Rocco, 1997, p. 304.

BLANCHOT, Maurice. O espaço literário. Tradução de A. Cabral. RJ: Rocco, 1987.

BONNICI, Thomas, 2005, p 156). BONNICI, T.; ZOLIN. L. O.; Teoria Literária: Abordagens Históricas e Tendências contemporâneas. 2º Edição. Maringá: Editoria UEM, 2005

BOURDIEU, P. O poder simbólico. 10. ed. Rios de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007

CAMBI, Franco. História da Pedagogia; tradução de Alvaro Lorencini. São Paulo: Editora UNESP, 1999 – (Encyclopaideia)

CARNEIRO LEÃO, Emmanuel. Aprendendo a pensar. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1991

CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano: artes do fazer. Tradução de Efraim Ferreira Alves. Petrópolis, Rj. 3ª ed. Editora Vozes, 1998.

CUNHA PAZ, Francisco Phelipe. Memória e Patrimônio desde a travessia: agências das comunidades negras no sítio Cais do Valongo e a produção da memória contracolonial – A pequena África. Brasília, 2019

CUNHA PAZ, Francisco Phelipe. Memória, a flecha que rasura o tempo: reflexões contacoloniais desde uma filosofia africana e a recuperação das memórias usurpadas pelo colonialismo. Problemata: R. Intern.Fil. v. 10. N2, 2019

CUNHA, Euclides da. Os Sertões. 2ª ed. – Jandira, SP: Principis, 2020.

CZEKSTER, Gustavo Melo. o homem despedaçado. Ed. Dublinense, Porto Alegre, 2011. 160p

DELEUZE, G. A lógica do sentido. 2 ed. São Paulo, Perspectiva, 1998

DELEUZE, G.; Partnet, C. Diálogos. Tradução de E. A. Ribeiro. São Paulo: Editora Escuta, 1998, p. 49

DELEUZE, Giles. Guattari, Felix. O que é a filosofia? Tradução Bento Prado Júnior e Alberto Alonso Munoz. Coleção Trans. Editora !34.

DELEUZE, Gilles. Lógica do sentido. São Paulo. Ed Perspectiva. 1975

ELLISON, Ralph. Homem Invisível. José Olympio, RJ, 2020.p 436 – 440

EMERSON, Caryl. Os cem primeiros anos de Mikhail Bakhtin; tradução de Pedro Jorgensen Jr. – Rio de Janeiro: DIFEL, 2003.

FIORIN, José Luiz. Introdução ao pensamento de Bakhtin. 2 ed., 2ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2018.

FOUCAULT, Michel. Vigiar e punir: nascimento da prisão. Trad. Raquel Ramalhete. Petrópolis. Vozes. 1987. 288p.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Esperança: reencontro com a Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1992.

GAYATRI, Chakravorty Spivak. Pode o Subalterno Falar? Belo Horizonte: Editora UFMG, 133p., 2010 [1985]. Tradução do original em inglês: Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa e André Pereira Feitosa

HUGO, Vitor. Nossa Senhora de Paris. Tradução: Ana Rabaça. Publicações Europa América LTDA. Edição 40916/3781. Portugal vol I

HUGO, Vitor. Nossa Senhora de Paris. Tradução: Ana Rabaça. Publicações Europa América LTDA. Edição 40916/3781. Portugal vol II

LEITE, Ilka Boaventura. Terras e territórios de negros no Brasil. In. Textos e debates. Núcleo de estudos e identidades interétnicas. 1991. Ano 1. N 2. UFCS).

LOPES, Nei; Simas, Luiz Antônio. Filosofias Africanas: uma introdução. 2ª ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.

LOPEZ, Luiz Manoel. Teoria do Sentido em Deleuze. An. Filos. São João del-Rei, n. 10. p. 203-220, jul. 2003

MARCONDES, Danilo. Iniciação à história da filosofia. Dos pré-socráticos a Wittgenstein. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004. 298 p.

MELO NETO, João Cabral de. Morte e Vida Severina; e outros poemas. 1ª ed. – Rio de Janeiro: Objetiva, 2007

MORAES, Daniel Silva; Correa jardim, Alex Fabiano. O que é uma linha de fuga? Consideração a partir do conto “A terceira margem do Rio” de João Guimarães Rosa. Minas Gerais. Viso: cadernos de estética aplicada. Nº 20. Jan- jun 2017.

NASCIMENTO, Beatriz. Kilombo e memória comunitária: um estudo de caso. Estudos Afro-Asiáticos, Rio de Janeiro, v. 6-7, p. 259-265, 1982.

NASCIMENTO, Beatriz. Beatriz Nascimento, Quilombola e Intelectual: Possibilidades nos dias da destruição. Filhos da África, 2018.

NASCIMENTO, Maria Beatriz. Por uma história do homem negro. Revista de Cultura Vozes, 68.

ÔRÍ. Direção de Raquel Gerber. Brasil: Estelar Produções Cinematográficas e Culturais Ltda, 1989, vídeo (131 min), colorido. Relançado em 2009, em formato digital. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=r9UuhRC2xk4> Último acesso em: jan, 2023.

PALMÉRIO, Mário. Vila dos Confins. 11ª ed.- Belo Horizonte. Autentica Editora, 2019.

QUEIROZ, Rachel de. O Quinze. – 116ª ed. – Rio de Janeiro. José Olympio, 2021.

RAMOS, Graciliano. Vidas Secas. 155ª ed. – Rio de Janeiro: Record, 2022

RATTS, Alex. Eu sou Atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006

REIS, Rodrigo Ferreira dos. Ori e memória: o pensamento de Beatriz nascimento. Sankofa. Revista de História da África e de Estudos da Diáspora Africana Ano XIII, NºXXIII, abril/2020

ROSA, João Guimarães. Grande Sertão: Veredas. 19. Ed – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

RUFINO, Luiz. Pedagogia das Encruzilhadas. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2019.

SARACENI, Ruben. Orixá Exu mirim: Fundamentação do Mistério Exu na Umbanda. Ed Masdras, 2008. 128p

SIMAS, Luiz Antônio. Umbandas: uma história do Brasil. 1ª ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021.

SIMAS, Luiz Antônio; RUFINO, Luiz. Fogo no Mato: a ciência encantada das macumbas. 1ª ed – Rio de Janeiro: Mórula, 2018.

SODRÉ, Muniz. Pensar Nagô – Petrópolis, Rj. Vozes, 2017

TODOROV, Tzvetan. A literatura em perigo, Rio de Janeiro. Tradução caio Meira, DIFEL, 2009, p. 96

TODOROV, Tzvetan: A beleza salvará o mundo: Wilde, Rilke e Tsvetaeva: os aventureiros do absoluto; tradução Caio Meira – 3ª ed. – Rio de Janeiro: DIFEL, 2018.

TODOROV, Tzvetan: A literatura em perigo; tradução Caio Meira – 3ª ed. – Rio de Janeiro: DIFEL, 2019.

TODOROV, Tzvetan: As Estruturas narrativas; tradução Leyla Perrone-Moisés – São Paulo: Perspectiva, 2013

TODOROV, Tzvetan: Introdução à literatura fantástica; tradução Maria Clara Correa Castello – São Paulo: Perspectiva, 2017